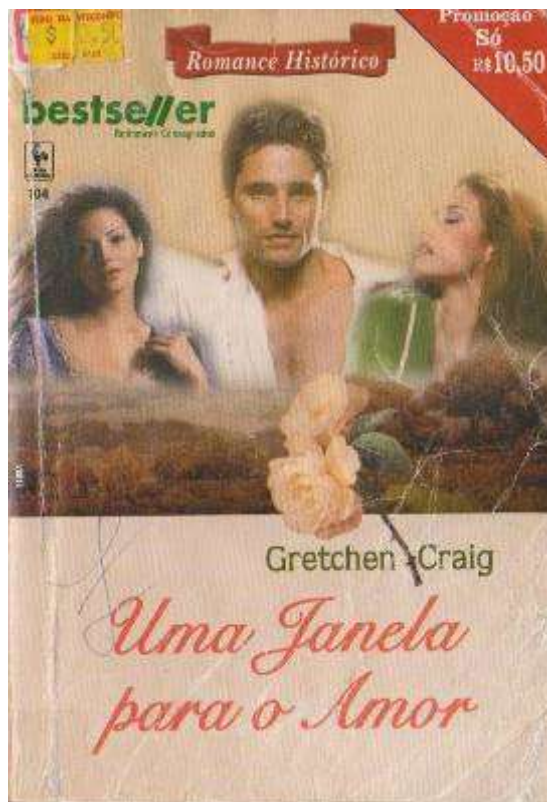


UMA JANELA PARA O AMOR

Always and Forever

Gretchen Craig



Estados Unidos, 1836

CONFLITOS DE UMA PAIXÃO

Desde pequenas, quando corriam descalças pelos caminhos e trilhas da propriedade Toulouse, Josie e Cleo sempre foram ligadas por uma profunda afeição fraternal, um sentimento que ultrapassava e ignorava suas diferenças sociais, sendo filhas, respectivamente, da senhora da propriedade e da escrava que trabalhava na fazenda. As duas meninas cresceram juntas, dividindo segredos e compartilhando alegrias e desventuras. Nenhuma das duas poderia imaginar que, no futuro, partilhariam também a paixão pelo mesmo homem: o elegante, charmoso e sedutor Bertrand Chamard. O amor de Bertrand não só poria à prova a amizade de Josie e Cleo, como também desencadearia uma série de eventos que mudaria a vida daquelas duas jovens, para sempre!

Digitalização: Tinna
Revisão: Nádia Regina





SOBRE A AUTORA

Gretchen Craig nasceu na Flórida. Seus interesses incluem tocar piano, paisagismo e, acima de tudo, ler. Apesar de ter morado na Alemanha, na Inglaterra, no Maine e no Texas, seus romances históricos são impregnados com a sensibilidade do Sul dos Estados Unidos. Para se inspirar, ela visita locais românticos com seu amado marido Steve.

TRADUÇÃO Sulamita Pen

Copyright © 2006 by Gretchen Craig Originalmente publicado em 2006 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY, NY - USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: Always and Forever

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Sulamita Pen Revisão: Agnaldo Alves

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Thomas Schlück

COMERCIAL/MARKETING Silvia Campos

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2007 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10a andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley Moore

Capítulo I

Fazenda Toulouse, Agosto de 1823

Elbow John pôs um pé dentro da piroga e empurrou com o outro a embarcação feita de tronco de árvore. Josie, cinco anos, tinha pavor das cobras que às vezes entravam no bote. Suspirou, aliviada, ao ver John afastá-los da margem.

— Mademoiselle deveria cobrir a cabeça. Josie sacudiu as tiras do chapéu de palha.

— Cleo não tem de usar nada.

— Cleo não fica com sardas. — John deu a Josie um pequeno balde. — Veja se consegue tirar bastante água.

Cleo, de quatro anos, tirou a caçamba das mãos de Josie e as duas começaram a disputar o utensílio.

— Fiquem quietas. Sente-se, mademoiselle. Vamos ver se encontra a primeira armadilha.

Josie obedeceu. Cleo continuou a tirar a água e Josie estreitou os olhos por causa do sol e a observou a superfície da água.

— Ali! Olhe!

As duas meninas puxaram a corda sem conseguir tirar a taquara enterrada na lama. Elbow John trouxe com o braço o emaranhado imundo para dentro do bote.

— O que aconteceu com isso? — Josie perguntou.

— O velho aligátor mastigou tudo. Ele tem mais dentes do que cérebro. — John jogou a armadilha estragada na água e pegou a vara. — Fiquem de olho aberto. A próxima deve estar logo depois da curva.

Tiveram sorte. Esvaziaram as três seguintes em um saco de aniagem.

— Este foi um bom dia — John afirmou. — Deus no céu e lagostins na sacola.

— Veja!

Cleo apontou a nódoa de lama no vestido branco de Josie. Josie passou a mão suja na manga, com receio da repreensão da mãe, e piorou a situação.

— Não se preocupe, mademoiselle, Bibi lavará o vestido e madame Celine não ficará sabendo de nada.

As meninas se recostaram no travesseiro velho e observaram as libélulas que esvoaçavam na superfície da água. Uma garça branca levantou vôo em direção ao braço de rio. Elbow John levou todos de volta à margem, puxou a canoa para cima e jogou o saco no ombro.

— Vamos sair do sol quente.

De mãos dadas, Josie e Cleo caminharam de volta à casa-grande. Josie, com o vestido manchado e com os sapatos sujos de barro. Cleo, com a roupa herdada e pequena e os dedos morenos enlameados.

Os três estacaram, ao ver a confusão no pátio dos fundos da casa. John espiou, escutou o clamor e largou o saco no chão.

— Espero que não seja o que estou pensando.

Três estranhos empoeirados forçavam homens e mulheres a sair das casinhas para entrar em um carroção. As pessoas choravam, discutiam, resistiam e recuavam.

John levou as duas para o outro lado.

— Ninguém precisa ver isso.

— O que aconteceu? — Josie e Cleo perguntaram ao mesmo tempo.

— Nada de importante. Madame Emmeline deve ter vendido alguns escravos.

Josie não acreditou. As mãos e a voz de John estavam trêmulas. Cleo, apavorada, apertou a mão de Josie.

— Soltem-me! — Uma mulher gritou. As meninas se entreolharam.

— Bibi? — Josie sussurrou.

As duas saíram correndo em direção ao pátio. Abriam caminho na aglomeração a cotoveladas e chegaram perto da carroça enorme.

— Bibi! — Josie gritou

Bibi não ouviu. Tentou sair da carroça, mas foi puxada pelo traficante de escravos ruivo. Ela tentou de novo, mais uma vez foi contida e arranhou os olhos do camarada, antes de ser derrubada com um soco.

—Maman!—Cleo gritou e tentou escalar a roda da carroça.

— Quem é essa? — o ruivo perguntou.

—Deixe estar. A menina vai fazer bem a ela.

O homem passou nos joelhos de Bibi uma corrente que foi presa no chão. Ajudou Cleo a subir e deixou-a ao lado da mãe. Bibi tentou desvencilhar-se e abraçou a filha.

— Bibi! Cleo!

Josie tentou seguir Cleo, mas foi impedida de subir pelo capataz, sr. Gale. A menina queria tirar as duas da carroça.

— Mademoiselle Josephine, vamos procurar sua mãe.

O sr. Gale carregou Josie, que esperneava, pela escada dos fundos.

— Seja uma boa menina. Vá procurar sua mãe.

— Maman! — Josie subiu correndo a escada alta que dava acesso à varanda dos fundos. — Bibi e Josie estão na carroça!

A mãe conservou-se ereta, com fisionomia impenetrável. Josie retraiu-se, magoada.

Um chicote estalou. Josie agarrou-se no corrimão, em pânico e soluçando. Bibi acordava-a todas as manhãs com um beijo, cantava para ela dormir às noites, enxugava-lhe as lágrimas. Cleo emprestava-lhe os brinquedos de madeira esculpidos que ficavam guardados na cabana de vovó Tília.

Vovó Emmeline apareceu no balcão, imponente e vestida de preto. As vozes se ergueram no pátio.

— Não me venda, madame Emmeline! — um jovem musculoso suplicou. — Prometo que não tentarei fugir de novo.

— Eu corto duas vezes mais cana-de-açúcar do que os demais! — outro lamentou-se.

— Onde está monsieur Emile? — o velho Henri clamou. — Ele não faria isso!,

— Vovó! — Josie agarrou-se nas saias da avó.

Vovó bateu com as pontas dos dedos nas costas de Josie, procurando acalmar a menina, e cruzou os braços. Josie soluçava e puxava os cabelos. Viu Cleo agarrada no pescoço de Bibi.

De repente o pai chegou montado no garanhão negro, dispersando os escravos. Deteve o corcel de repente e o animal empinou-se.

— Monsieur! — os escravos gritavam. — Monsieur!

— Não permita que nos vendam!

— Ajude-nos!

— Papai! — Josie encostou-se no parapeito da varanda. O pai apeou e subiu correndo a escada.

— Isto é uma barbaridade — ele cochichou no ouvido da mãe. — Não havia por que vender essa gente.

A avó deu de ombros.

— Você tem jogado muito nos últimos meses. E vem perdendo bastante.

— Emile!

O pai viu Bibi e Cleo na carroça. Empalideceu e virou-se para a mãe. A avó inclinou a cabeça para a nora.

Os pais de Josie se entreolharam com ódio. Com o semblante contraído, o pai desceu depressa, foi até a carroça e tentou tirar Bibi de dentro.

— Sr. Gale abra as algemas! — ordenou.

— A venda já foi concretizada, monsieur Emile.

— Vamos embora — um dos traficantes falou e a carroça começou a rodar.

— Parem! — Emile jogou-se em direção do mulo dianteiro. O traficante esporeou os cavalos entre o pai de Josie e os mulos, e derrubou-o.

O cocheiro estalou o chicote e os animais ganharam velocidade. Quando Emile conseguiu levantar-se, a carroça já tomara dianteira.

Agarrada no peitoril, Josie se perguntava por que o pai não os salvava.

Emile subiu a escada, passou pela esposa e abriu a porta da casa com violência, seguida por Celine e por Josie.

No quarto do casal, Emile revirou as gavetas, jogando tudo no chão.

— Onde está a caixa de jóias, Celine?

— Emile, não pode estar pensando em...

— Não tenho dinheiro em casa. Preciso das pérolas!

— Emile, não permitirei que venda minhas pérolas por aquela vagabunda!

Emile segurou-lhe o pulso e Josie, agarrada na saia da mãe, prendeu a respiração.

— Não adianta. Não lhe darei minhas pérolas.

Emile jogou-a na cama e Josie caiu junto. Ele ignorou os soluços da esposa e revistou o guarda-roupa até encontrar a bela caixa de jóias. Sem conseguir abri-la, jogou-a no chão com fúria. Os anéis e os colares espalharam-se no piso de madeira.

Emile pegou o invólucro de veludo contendo as preciosas pérolas compradas em Paris na viagem de núpcias.

— Emile! — Celine implorou.

Josie escutou o pai descer os degraus de dois em dois e o estrépito dos cascos do garanhão no pátio.

Celine empalideceu, levantou-se, deu um grito e ajoelhou-se no chão, com o rosto entre as mãos.

— Pois é, Celine — a avó entrou no quarto. — Seu plano falhou. — Emile tem mais energia de que supúnhamos. Isso não deixa de ser uma agradável surpresa.

Foi um longo dia repleto de murmúrios e Emile voltou ao anoitecer, em meio ao zumbir estridente das cigarras. Cleo vinha sentada na frente dele e Bibi, atrás, abraçava-o pela cintura.

Josie fez menção de sair pela varanda dos fundos e seguir o pai até a estrebaria. Queria abraçar Bibi e rir com Cleo por ela ter vindo no enorme garanhão.

— Josephine — a avó chamou-a, sentada na cadeira de balanço. — Não saia de casa.

— Mas Bibi voltou!

— Vá para a cama. Você a verá amanhã.

Josie nunca dormira sem o carinho de Bibi. Descalça e desanimada no quarto vazio, foi até o gabinete do pai e sentou-se na grande poltrona de carvalho entalhada. Quando ele chegou, Josie havia adormecido. O pai tomou-a no colo, beijou-a e acalentou-a.

— Bibi e Cleo estão em casa.

Aquele era o pai que ela conhecia e não o desvairado que levava as pérolas.

— Eu sei.

— Elas estão na choupana de vovó Túlia, mas Bibi voltará a dormir em seu quarto.

— Acariciou os cabelos loiro-escuros da filha. — Importa-se se Cleo também for dormir com você?

— Claro que não, papai.

— Muito bom. Duas mocinhas precisam ser amigas. Josephine, escute-me com atenção. Vou dar Cleo para você. Tratarei da documentação com a maior brevidade possível. Compreendeu?

Josie anuiu. O pai lhe trouxera de presente de aniversário uma boneca de porcelana de New Orleans. Cleo era muito melhor! Era uma menina de verdade, que andava, falava e brincava.

— Josie, prometa-me que cuidará de Cleo para sempre. Ela é sua propriedade.

— Prometo, papai.

Josie cumpriu a promessa. No inverno deu a Cleo um par de sapatos dos mais bonitos que achou no guarda-roupa. E no Natal, dois lindos vestidos. Assim Cleo não teria de usar as roupas de saco que Celine destinava aos escravos.

Era fácil gostar de Cleo, uma linda boneca morena. Ela sabia brincar e conhecia muitos versos rimados que aprendera com a avó Túlia.

Josie agradava Bibi quando cuidava de Cleo. Por isso Bibi a ninava, enquanto acariciava-lhe os longos cabelos. O pai também sorria ao vê-la brincar com Cleo.

— Onde foi que ela conseguiu isso? — Celine perguntou no dia seguinte ao Natal, ao ver Cleo com o vestido azul bordado. — Onde ela conseguiu isso?

— Fui eu que dei a ela, mamãe — Josie respondeu em voz baixa.

— Ora, mas ela tem de usar roupas de saco como todo mundo.

Cleo estava sentada com uma boneca de palha de milho no colo e não desfitava o rosto pálido de Celine que a levantou pelo braço e sacudiu-a.

— Não me olhe desse jeito! — Celine, com olhar duro e lábios estreitados, soltou de uma só vez os botões das costas do vestido e tirou o braço de Cleo da manga.

Cleo não reagiu e Josie começou a chorar.

— O que aconteceu? — Emile entrou no quarto das crianças, furioso.

Celine soltou o braço de Cleo e virou-se para o marido.

— Veja o que ela está vestindo!

Josie parou de chorar e observou a cena. Desde o verão, quando o pai levava as pérolas da esposa, a tensão na casa havia piorado. A mãe irritava-se o tempo todo e por qualquer coisa. Não era novidade que Bibi e Cleo a desagradavam. Naquela altura, demonstrava o ódio que sentia do marido.

— Isso é intolerável! — Celine gritou.

Emile aproximou-se de Cleo e ergueu a manga para o lugar.

— Isso é apenas um vestido, Celine.

Celine virou-se e saiu, batendo a porta. Emile tornou a abotoar o traje da menina.

— Você está muito linda, Cleo.

Emile endireitou-se e estendeu a mão para Josie.

— Josephine, nunca se arrependa por cometer um ato de bondade.. — Beijou-a na testa. — Agora as duas vão pedir um pedaço de bolo e um copo de leite para Bibi.

Dois anos depois nasceu o irmão de Cleo e as duas já eram inseparáveis. Haviam se tornado hábeis em contornar as normas rígidas de Celine. No momento, o objetivo era fugir para ver o bebê.

Celine proibira a presença do bebê na casa. Bibi passava dia e noite correndo entre a casa-grande e o alojamento dos escravos para amamentar Thibault. Josie não tinha permissão de ir até lá, mas ela sempre encontrava uma forma de sair às escondidas.

— Não existe no mundo criança mais linda do que ele — a avó Túlia garantiu para as duas. — Nem mesmo vocês duas foram tão bonitas.

Elas se divertiam em passar mel na ponta do polegar e deixar a criança chupá-lo.

Em uma das vezes que foram visitar Thibault, Josie sentiu o cheiro do fumo de seu pai. Em outra, viu o cachimbo dele em cima do consolo da lareira.

"Meu pai gosta de crianças", pensou.

Thibault continuou uma criança linda, doce e sorridente. Mas era quieto. Com quase um ano, não demonstrava interesse pelos brinquedos que Josie e Cleo traziam para ele.

Em uma manhã de verão, enquanto Celine dormia, Bibi lavou o rosto das meninas e serviu-lhes o desjejum. Pediu-lhes que esperassem um pouco, pois voltaria em seguida.

As duas aproveitaram a ausência dos adultos, saíram pela escada dos fundos e foram até a choupana de vovó Tília. Abriam a porta e encontraram Bibi chorando na cadeira de balanço, com o menino apertado junto ao peito.

— Ele ficará bom, mamãe — Cleo consolou Bibi e acariciou a cabeça do irmão.

— O que houve? — Josie não entendeu.

Oco vinha para a casa da avó com maior freqüência do que Josie, por isso se inteirava de fatos desconhecidos pela amiga.

— Thibault é simplório — Cleo explicou. — Ele não ficará inteligente. Será como o Nick Risonho. Sabe de quem estou falando? Ele corta cana com os outros.

Quem não conhecia Nick Risonho? Até o sr. Gale o tratava com bondade, pois Nick sorria o dia inteiro. Bibi fitou Josie e segurou-lhe as mãos.

— Sei que é muito pequena, mas tenho de dizer-lhe algo. Terá de tomar conta de Cleo e do menino.

— Eu tenho quase oito anos — Josie disse, orgulhosa,

— Escute bem, Josie. Esse bebê é seu e de Cleo. Se algo acontecer comigo ou com seu pai, terá de tomar conta dele.

Josie anuiu.

Todos lhe pertenciam. Vovó Tília, Bibi, Cleo, o pai e Thibault. Ela amava a todos.

Foi uma infância feliz. Josie e Cleo brincavam de esconde-esconde com os primos negros de Cleo do alojamento. Quando Thibault cresceu mais um pouco, levavam-no para caçar girinos no braço de rio ou para procurar ovos de codorna. Thibault sorria se o enfeitavam com madressilvas ou se enchiam seus bolsos com lagartas.

Elbow John, cujo braço direito era defeituoso por causa de um acidente da derrubada de árvores, acompanhava-os durante o dia. As meninas exploravam o pântano nos limites da fazenda. Procuravam as serpentes venenosas e piscívoras escondidas nas águas escuras. Se o calor da tarde era muito forte, John sentava-se com elas sob o carvalho centenário de trás da casa e contava-lhes histórias da África que escutara de seu avô.

De vez em quando, Josie e Cleo discutiam.

— Sou a princesa — Josie afirmou naquele dia.

— Hoje é minha vez — Cleo irritou-se. — Eu serei princesa e você, o cavaleiro.

Quando elas gritavam e choravam, Bibi as separava. Horas mais tarde, abraçavam-se como se estivessem afastadas uma da outra havia anos.

Josie completou oito anos e Celine mandou John de volta à estrebaria. Estava na hora da menina começar as lições. Teria de manter mãos e roupas limpas, como convinha a uma jovem dama. Terças e quintas, madame Estelle, a terrível, ministrava-lhe aulas de gramática inglesa. Segundas e quartas, mademoiselle Fátima, a de bigodes e marcas de nascença, entusiasmava-se com literatura francesa. Às sextas, monsieur Pierre, também implacável, olhe as costas eretas, não cometa erros, comparecia para as aulas de música e dança, esta última nas barras.

Josie comparecia obrigada, a contragosto. Os tutores contratados pela mãe lhe tiravam os prazeres das brincadeiras. Muitas vezes Cleo lhe fazia companhia, sem participar das lições.

Emile costumava passar na biblioteca e sair rápido, sacudindo a cabeça.

— Monsieur Tassin — madame Estelle chamou Emile de lado, em uma manhã. — Talvez o senhor não saiba que a pequena escrava acompanha Josephine durante as aulas. Eu me sinto pouco à vontade em descumprir a lei. — Ela se referia ao fato de ser proibido ensinar um escravo a ler. Contrariar o costume era considerado crime,

Emile fitou as meninas que aguardavam um pronunciamento. Divertiu-se.

— Eu não sabia, madame, que estava empenhada em ensinar as duas.

— Claro que não! Mas não posso tapar os ouvidos da pequena escrava. Ela é imprudente e usa qualquer pedaço de papel para rabiscar o alfabeto. Se não tomarmos cuidado, aprenderá bem depressa.

— Josephine, não está ensinando Cleo a ler, está?

— Claro que não, papai. — As meninas se entreolharam, com ar de culpa.

— Muito menos eu, madame Estelle. E como tenho certeza de que a senhora também não cometeria esse crime...

— Entendi perfeitamente, monsieur. Não o perturbarei mais a respeito do assunto. — A mestra estreitou os lábios.

Josie continuou aplicada nos estudos, acompanhada pelos progressos de Cleo. A conspiração continuava.

O piano foi o motivo para Josie acabar como aliada de Cleo e adversária da mãe. Josie sempre praticava os exercícios deixados por monsieur Pierre em horários que sua mãe costumava dormir. Quando se cansava, cedia lugar na banqueta para Cleo prosseguir.

Cleo nunca recebera instruções diretas do professor, mas fora abençoada com ouvido musical e muito talento. Tocava tão bem como Josie. Celine, de portas fechadas, jamais notaria a diferença.

E o entusiasmo de Cleo ocasionou um desastre. Lembrou-se de uma melodia cantada pelos cortadores de cana e não resistiu à tentação. Dedilhou as músicas nas teclas que tanto amava. Josie, sentada no sofá, divertia-se com o estereoscópico trazido de New Orleans pelo pai e não percebeu a mãe de imediato.

Cleo viu Celine e parou de tocar, petrificada. A dama chegou perto de Cleo, agarrou-a pelo lenço que segurava os cabelos, virou-lhe a cabeça para trás e deu-lhe um tapa com violência. Cleo perdeu o fôlego, mas há muito não chorava quando era agredida por Celine.

— Sua pequena bastarda!

— Não, mamãe! — Josie correu e tentou segurar o braço erguido de Celine.

— Falaremos mais tarde, Josie! — Desvencilhou-se da filha e preparou-se para agredir novamente Cleo.

— Não! — Josie agarrou o braço da mãe e afastou-a do piano.

— Mandarei chicoteá-la, atrevida! — Celina apontava Cleo.

— Mamãe, ela me pertence. Papai deu-a para mim.

Em um movimento brusco, Celine soltou-se, prendeu Cleo pelos cabelos, levantou-a e jogou-a no chão. Cleo bateu a cabeça no banco ao cair e fez um talho sobre o supercílio direito. Celine não se comoveu com o sangue e tornou a puxar a garota.

— Solte-a, mamãe!

Josie atirou-se de encontro à mãe e as três caíram. Josie procurou abrir os dedos da mãe para livrar os cabelos de Cleo.

— Você é igual a ele! Toma o partido dessa...

— Ela é minha — Josie sussurrou.

A mãe levantou-se, soluçando, e cobriu o rosto com as mãos trêmulas.

Cleo, imóvel, tinha o rosto e o vestido ensanguentados. Apavorada, Josie ajudou a amiga a levantar-se e as duas foram à procura de Bibi.

Celine passou alguns dias trancada no quarto. Quando voltou à sala de almoço, foi

como se nada houvera. Pálida, conversou com o marido e a sogra e perguntou sobre as lições de inglês de Josie.

No sábado pela manhã, Celine resolveu ministrar à filha aulas de costura.

— Traga sua cesta e encontre-me na sala.

Josie pretendia ir com Cleo e Elbow John até o rio. Mas não queria desagradar a mãe, depois de haver ganhado a batalha para proteger Cleo. Sentou-se perto da janela e enfiou a linha na agulha.

Fitava o relógio com impaciência, enquanto dava alguns pontos no vestido da boneca que Celine cortara. Depois de uma hora, os olhos de Josie ardiam.

— Pare de franzir a testa ou ficará com rugas antes da hora. Josie admitiu que não achava feias as marcas do tempo da avó Emmeline e da vovó Tília, mas sua mãe era de longe mais bonita de que elas. Loira, de olhos azuis, chamava a atenção. E passara os traços para a filha. Josie não era morena como pai, primos, tios e sobrinhos dele.

Josie, com as mãos suadas, encontrava dificuldade para manejar a agulha. Cleo deveria estar no rio com John ou no alojamento dos escravos, divertindo-se com Thibault. Tudo mais divertido do que ficar trancada, costurando.

— Deixe-me ver o que fez — a mãe falou, quando o carrilhão soou dez horas. — Ah, Josie, seus pontos não são uniformes. Com nove anos, qualquer menina costura melhor do que isso. Creio que é falta de vontade.

— Eu tentei, mamãe.

— Está certo, pode sair. Estou com dor de cabeça.

Josie guardou os apetrechos de costura na cesta, fez uma pequena medida e saiu devagar. Assim que fechou a porta, correu, sem se preocupar com o ruído que fazia pela casa.

Não havia ninguém na cabana de vovó Tília. Para onde teriam ido? Encontrou Cleo, John, vovó Tília e Thibault, colhendo framboesas.

— Veja quantas apanhamos — Cleo apontou o cesto. — Louella disse que você e eu poderíamos fazer uma torta.

— Mademoiselle, saia do sol. Sua mamãe vai me tirar o couro, se a vir com sardas.

— Eu acabei de chegar. Não colhi nada ainda.

Cleo tirou o chapéu de palha e pôs na cabeça de Josie.

— E agora?

— Bem, creio que alguns minutos não prejudicarão ninguém.

Com os cestos cheios, inclusive o pequeno de Thibault, voltaram para casa. Josie e Cleo foram até a cozinha externa e beberam água fresca do poço. Louella estava com o forno quente.

— A massa está pronta. As meninas podem tirar os cabos, lavar as frutas, acrescentar açúcar e canela. Logo estará pronta a torta de monsieur Emile.

— Mamãe também gosta de torta de framboesas — Josie afirmou.

— Hum — Louella fez pouco caso. — Cleo, não ponha canela demais.

Josie adorava ficar na cozinha com Louella.

Cleo estendeu a massa na fôrma, Josie espalhou os frutos e as duas cobriram a torta. Louella encarregou-se de vigiar o forno, enquanto as meninas iam até o rio com John, atrás das armadilhas que ele deixara. Josie imaginou o orgulho do pai e da avó por ela ter feito o doce. Vovó Emmeline achava que as mulheres creole deveriam ser eficientes. Celine não concordava. Dizia que uma verdadeira dama deveria ter mãos bem cuidadas e cabelos arrumados. Josie preferia agradar ao pai. Ele sorria quer estivesse limpa ou suja e adorava torta de framboesas.

Capítulo II

Primavera, 1836

— Fique quieta — Cleo resmungou, com a boca cheia de grampos.

Cleo às vezes agia com imposição, mas Josie não estava com vontade de discutir. A amiga tentava em vão prender-lhe três botões de rosa nos cabelos loiro-escuros. Usara grampos, fitas e até apelara para arame de corpete.

— Não quero essa coisa verde em meus cabelos!

— Vai querer as flores ou não?

Josie refletiu que ela mesma não teria dificuldade em prender alguma coisa nos cachos negros de Cleo. Endireitou as costas e olhou-se no espelho. A aparência não a desagradou. Teria de ser mais cuidadosa com o sol, por causa das sardas.

— Onde será o grande baile? — Emile apareceu na entrada do quarto.

— Estamos treinando, papai, para os bailes de New Orleans no próximo inverno.

Josie ficou enciumada ao ver o pai fitar Cleo com carinho.

— Tu es três belle, Cleo. Josie já arrumou seus cabelos?

— Oui, monsieur. — Cleo virou-se e mostrou o penteado feito com capricho.

Josie sentiu-se um personagem invisível. O pai dissera que Cleo era bonita e nem reparava nela.

— Gostei de seu penteado, Josie.

— Verdade, papai? — ela passou a mão nos cachos. Emile procurou um charuto no bolso do colete.

— Você é mais bonita que a rainha da França.

Josie riu e refletiu que poderia ser verdade. O pai vira a rainha em Paris e dissera que ela era miúda e morena. Josie já era mais alta de que a mãe e ninguém a chamaria de morena.

O pai mordeu a ponta do charuto e levou-o à boca.

— Vocês duas deixarão os rapazes embasbacados em qualquer baile.

O pai esquecera de novo. Não haveria bailes para Cleo. Josie fitou a amiga de relance pelo espelho. Impassível, como sempre quando era lembrada de sua posição.

— Cleo é sua escrava e não amiga — a mãe a repreendia com frequência.

Josie sabia que a mãe estava certa, mas odiava quando Cleo era humilhada.

Quanto a seu pai, não achava justo ele gostar tanto de Cleo. O pai lhe pertencia. Cleo não era nada dele.

Muito séria, Cleo continuou a fazer o penteado de Josie.

— Não se incomode. Eu mesma farei isso. Você deve ter outras coisas mais importantes para fazer.

Cleo saiu, sem dizer uma só palavra. Josie odiava o silêncio no qual Cleo se fechava quando contrariada. Sentia-se excluída.

— Droga! — Josie arrancou as flores dos cabelos e lamentou ter sido tão ríspida com Cleo.

Recriminou-se por ser ciumenta. Teria de controlar-se ou acabaria como a mãe. Desconfiada e intratável.

Sentiu pena da amiga. Ela jamais teria vestidos de seda nem dançaria com um cavalheiro em salões iluminados.

Josie resolveu procurá-la para desculpar-se pela rudeza. E escutou um minueto. Era a vingança de Cleo. A escrava executava com perfeição a melodia que Josie estudava há semanas.

Continuou sentada. Passou a ponta dos dedos nos botões de rosa. Escutou os passos do pai na sala. E com a bela voz de barítono, ele acompanhou Cleo em mais uma música que ela aprendera de ouvido.

Josie apertou as rosas na mão e os espinhos furaram-lhe a pele da palma. O sangue gotejou e manchou o vestido branco.

Em poucos dias, os rancores foram esquecidos. A primavera prosseguia rumo ao verão. Era uma manhã quente. Josie estava no gazebo em companhia de Celine. O perfume de rosas era inebriante. Largou o bordado e observou a mãe.

— Está com dor nas costas, mamãe?

— Esse é um preço pequeno a pagar por um filho.

— Bibi, por favor traga um banquinho para os pés — Josie pediu.

A paz frágil adquirida entre Celine e Bibi ao longo dos anos estalava no contato pessoal. Josie levantou os tornozelos inchados de Celine e descansou-os no tamborete de veludo.

— Pode despedi-la — Celine pediu.

Josie fitou Bibi de esquelha. A escrava pegou a cesta de cerzidos e afastou-se.

— Deixe-me ver o pano de amostras, Josephine.

Josie suspirou e entregou o quadrado de linho para a mãe. Aos quase dezoito anos, seus bordados eram parecidos com os de uma iniciante. Os pontos diminutos tão prezados por sua mãe não passavam de borões para Josie.

Ler também era difícil. Ficava com dor de cabeça quando se esforçava para fazer a leitura dos livros recomendados por mademoiselle Fátima. Bibi sugerira o uso de óculos como o pai usava na ponta do nariz. Josie rejeitara a idéia com veemência. Damas não usavam óculos, se queriam ser belas. Em vez disso, pedia para Cleo ler os livros para ela.

A mãe recriminou-a e pediu-lhe para refazer o bordado. Providência inútil. Invejou Cleo ao vê-la sair da casa, livre da tirania das agulhas.

Cleo fez uma cortesia para Celine.

— Madame Emmeline mandou chamar mademoiselle.

Josie suspirou. Na certa a avó pretendia examinar novamente os livros de contabilidade. Como única herdeira, esperava-se que, no futuro, substituísse a avó na administração da fazenda. O pai há muito não se interessava em gerir os negócios da família. Mesmo que o tão esperado bebê fosse menino, ainda demoraria muito para estar em condições de assumir os encargos. Enquanto isso, Josie teria de ser responsável por Toulouse. E fazer contas era ainda mais detestável do que costurar. Esperava casar-se logo. Assim o marido passaria a responder por essas tarefas.

Josie dobrou o bordado, guardou-o na caixa, pediu licença à mãe e saiu com Cleo.

— O que ela quer agora?

— Conhece o velho DeBlieux, o cajun!

— Sim, o que traz caudas de aligátor.

— Hoje ele mandou o filho trazer palmitos. Sua avó está ocupada e disse que está na hora de você aprender a comerciar.

Josie inspirou fundo, desgostosa. Aspirava tornar-se uma dama de classe, vestir-se bem, ser anfitriã de grandes festas e ser amada por um homem como seu pai. Comprar e vender não fazia parte de seus objetivos.

As meninas entraram no porão frio onde era feita a maioria dos negócios da fazenda. O jovem estava encostado no pilar de tijolos e o chapéu de palha encobria parte de seu rosto. Calças de trabalho e pés descalços. A camisa limpa trazia um remendo no cotovelo. Josie teve a impressão de que ele dormia em pé.

— Monsieur?

O rapaz levou um susto. Estivera dormindo. Endireitou-se, levantou a aba do chapéu e tirou-o depressa.

— Mademoiselle.

O jovem tinha olhos castanhos e cílios espessos ainda mais escuros.

— Trouxe algo para vender?

— Oui. Um cesto com palmitos.

— Quanto quer por eles?

— Meu pai disse... vinte tostões por tudo.

Josie não tinha dinheiro. Teria de pedir auxílio para Cleo. A amiga fora providente. Sem desfilar o jovem esguio, Cleo tirou do bolso do avental a carteira com o dinheiro das despesas da casa.

— Vinte? — A avó lhe ensinara nunca pagar nada pelo preço pedido. Encarou o jovem e esteve a ponto de perder o fôlego. Ele era muito atraente. — Acho quinze um preço mais justo.

— Está certo, quinze.

Josie refletiu que fora esperta e a avó ficaria encantada. Soltou a tira de couro da algibeira e espiou a coleção de moedas. Xelins ingleses, copeques russos e algumas pesetas espanholas.

Procurou os tostões e deixou-os na palma calosa da mão do jovem. Ao tocar nos dedos longos, Josie sentiu o coração dar um salto.

— Merci, mademoiselle — o jovem agradeceu e cumprimentou as duas antes de dirigir-se à carroça.

Josie e Cleo taparam a boca com a mão, rindo.

— Viu os olhos dele?

Cleo fez uma careta e abanou-se com o lenço, fingindo calor.

— Tão boa aparência, só mesmo sendo filho do demônio.

— Ah, eu deveria ter-lhe perguntado o nome — Josie lamentou-se.

— Phanor DeBlieux. É acadiano. — A avó entrara, sem ter sido percebida.

As duas já tinham escutado a velha dama discursar a respeito dos cajun. Há cinco gerações na Louisiana, ainda habitavam os pântanos. Interessavam-se mais pela pesca e pelos bailes de sábado à noite, do que pelo trabalho pesado. Nada haviam amealhado.

— Uma família acadiana, mas não deixa de ser cajun. Será melhor lembrar-se disso enquanto estiver admirando o filho de monsieur DeBlieux. O que comprou dele?

Josie tirou o pano que cobria a cesta.

— Palmitos, vovó. Tudo isso por quinze tostões.

— Quanto foi que ele pediu?

— Vinte. Obtive uma boa redução no preço, não foi?

— Quantos você come no jantar?

— Um pedaço, eu acho.

— Quantos seremos à mesa?

— Bem, mamãe, papai, a senhora e...

— Depois do jantar, você ajudará Louella na cozinha. Ela terá de limpar tudo isso para evitar que os palmitos se estraguem. Enquanto isso, vamos procurar nos livros o que pagamos por eles no passado.

Josie seguiu a avó para dentro de casa, calculando quando ficaria livre. Tinha grande facilidade para fazer contas de cabeça, mas era terrível enxergar os números pequenos que enchiam os livros de escrituração.

— As despesas variam com as estações — a avó estava dizendo. — Será preciso levar isso em conta no seu próximo planejamento.

Josie era como o pai. Preferia-navegar pelo Mississippi até New Orleans. Ou ficar na cozinha. Se houvesse nascido para outra vida, adoraria ser cozinheira.

Ah, os palmitos ficariam ótimos passados na manteiga com alecrim.

O intenso odor das rosas penetrava pela janela do gabinete. Josie fitou as roseiras

que rodeavam o gazebo como um manto vermelho.

— Josephine!

Josie levou um susto.

— Preste atenção. Você, ao contrário de seu pai, não poderá se dar ao luxo de contar com ajuda de ninguém para administrar Toulouse.

— Desculpe-me, vovó.

Ao meio-dia, a avó liberou Josie. Celine precisava de auxílio para vestir-se. Naquela gravidez, ela não tivera enjôos. Poderia ser um bom sinal. Uma esperança de que a gestação chegasse ao final daquela vez. Celine, apesar do rosto fino e pálido, estava com as pernas inchadas e caminhava com dificuldade.

Na hora do jantar, Josie preparou-se para empurrar a cadeira da mãe, quando Celine foi acometida por uma tontura. Josie e

Bibi ajudaram-na a sentar-se. Bibi molhou um guardanapo na água e limpou-lhe o suor do rosto.

Josie pegou a banqueta para apoiar os pés da mãe e a umidade quente assustou-a. Sangue escorria pelas pernas de Celine e formava uma pequena poça sob a cadeira.

— Chame seu pai — Bibi falou.

Josie não chegou a obedecer. O pai entrou na sala e, ao ver a cena, carregou a esposa para o quarto.

— Bibi, vá buscar a parteira. Josie, peça a sua avó para chamar o dr. Benet. — Ele empilhou travesseiros para erguer os quadris de Celine. — Depressa!

Josie correu até a estrebaria para falar com Elbow John, enquanto a avó escrevia o salvo-conduto para John sair da fazenda. Ela se encontrou com Josie e o escravo na escadaria dos fundos.

— Depois de falar com o dr. Benet, vá até Vacherie e traga o padre Philippe. — Ela estava com três papéis dobrados. — Este com a ponta amassada é sua licença para sair de Toulouse. Este, com a cruz — deu-lhe o segundo —, é para o padre.

Sua mãe poderia morrer!, Josie persignou-se e procurou o rosário no bolso.

A avó entregou a terceira mensagem para John.

— Esta que tem um frasco de remédio desenhado é para o dr. Benet.

— Sim, madame. Irei o mais rápido que este mulo me levar. Josie seguiu a avó para dentro de casa e tocou na pequena pia de água benta da ombreira da porta. Elas andaram depressa, mas a avó não lhe permitiu entrar no quarto da mãe.

Em seguida o pai saiu e Josie viu Ursaline entrar. Nos últimos trinta anos, Ursaline — a parteira dos escravos — fora a responsável pelo nascimento da maioria das crianças da fazenda Toulouse. Com certeza ela conseguiria estancar o sangramento até o médico chegar.

O pai estava pálido. Abraçou Josie com mãos trêmulas.

— Acho que ela perderá novamente a criança.

— Sinto muito, papai. Sei o quanto desejava um filho. O pai não conteve um gemido.

— Vamos até o balcão esperar o dr. Benet.

Na varanda, Emile andou de um lado a outro sem parar, enquanto Josie desfiava o rosário.

— Sente-se, papai, por favor. O dr. Benet vai demorar.

— Vá falar com sua avó.

— Ela não me deixará entrar.

— Pergunte-lhe apenas se a hemorragia parou.

Josie foi e voltou com a notícia de que Ursaline conseguira deter o processo. Emile continuava a fitar a estrada ao longo do rio. Como se a ansiedade adiantasse a nuvem de poeira que traria a carruagem do dr. Benet. Se o médico estivesse em outro chamado, John levaria muito tempo até encontrá-lo.

Emile ficava mais taciturno com o passar das horas.

— Papai, o senhor precisa comer.

Josie foi até a cozinha externa. Pensava em levar um prato de carne fria, pão e um pouco de compota.

— Louella?

— Entre, enfant — Louella ainda a chamava de criança. — Está muito quente aqui dentro com todas essas caçarolas fervendo. Madame Emmeline pediu muita água quente, para agora e para quando lê médecin chegar.

A pele negra de Louella brilhava de suor e o lenço de cabeça estava molhado. Em cima da mesa, uma bacia enorme de cerâmica com todo o palmito cortado em fatias. Só faltava serem acondicionados em frascos com vinagre e óleo.

— Vim buscar alguma coisa para o papai comer. Depois voltarei para ajudá-la com isso — apontou a vasilha.

— Não se preocupe, chérie. — A cozinheira cortou a carne e o pão. — Leve isto para monsieur e venha comer, enfant.

Bibi entrou trazendo uma bacia e Josie assustou-se, ao ver as manchas de sangue nas mangas da serva.

— Não é de agora, chérie. Ursaline conseguiu deter a hemorragia.

Josie percebeu os olhares trocados por Bibi e Louella.

— O que houve?

— Esperemos o doutor — Bibi abaixou a cabeça.

— Bibi, não sou mais criança.

— É verdade, Bibi — Louella concordou. — Mademoiselle Josephine cresceu.

— Bem... — Bibi hesitou. — Ursaline disse que não há nenhum bebê.

— Que absurdo. Ursaline está muito velha. Não enxerga mais direito.

— Ursaline usa as mãos, chérie. Disse que não sentiu movimento e nem formato de um bebê. Sua mãe esteve péssima nas últimas semanas.

— Muitas mulheres passam mal quando estão grávidas. Tia Marguerite vomitava todos os dias e Jean Baptiste é um belo menino.

Bibi não respondeu.

— Vocês verão que estou certa. Esperem o dr. Benet chegar, O padre chegou antes. Alto, magro e com mau hálito. Botas sujas. O traje monástico tinha manchas de suor nas axilas. Beijou a mão de Josie e pediu para ver madame Tassin. A avó Emmeline permitiu-lhe a entrada e mandou Josie ficar no corredor.

O dr. Benet chegou à noite e Emile ajudou-o a descer da carruagem. A única concessão que o médico permitia à sua idade avançada, era ser ajudado a subir e a descer no seu carro de altas rodas com que enfrentava as estradas de terra. A voz era potente como a de um homem bem mais jovem.

— Sinto ter demorado tanto, Emile — ele se desculpou enquanto subiam os degraus da frente. — Eu estava do outro lado da paróquia. Como está ela?

Emile contou o que sabia ao velho amigo e conduziu-o até os aposentos deles, onde padre Philippe rezava com Celine. Voltou para a varanda e recomeçou a andar de um lado a outro, enquanto Josie sentou-se no balanço. Meia hora mais tarde, dr. Benet e a avó vieram até o balcão.

— Como está Celine? E o bebê?

— Sente-se, Emile. É uma situação difícil. Josie cedeu o lugar para a avó.

— Ela perdeu muito sangue.

— E o bebê...?

— Emile, o crescimento do abdome de Celine... bem... foi devido a tumores.

— Mas então...?

— Não seja tolo, Emile — a avó repreendeu-o. — Não há nenhum bebê. O ventre de

Celine está inchado por causa da doença.

Josie recomeçou a desfiar o rosário.

— Os tumores cresceram demais e se romperam — o médico explicou.

Emile não respondeu e Josie agarrou-se no parapeito.

— Continue François — a avó pediu, impaciente.

— Ursaline fez um bom trabalho, mas as hemorragias tornarão a acontecer. E serão fatais.

Emile fitou as sombras do beirai.

— Celine sabe?

— Sabe — a avó confirmou. Josie foi para o quarto da mãe.

Dr. Benet não pode prever o futuro. Mamãe ficará em repouso e seu organismo se encarregará da cura. Ela é muito jovem para ser levada por Deus.

Sob a luz amarela das velas, o rosto de Celine parecia ainda mais pálido. Padre Philippe estava sentado a seu lado, de cabeça baixa. Josie sentou-se em frente.

— Mamãe, como está? — Josie segurou a mão da mãe.

— Cansada. Mas a dor cedeu.

— Mademoiselle, fique um pouco com ela. — O padre levantou-se. — Voltarei em seguida.

Celine fez as preces, passando as contas de marfim do rosário. Josie ajoelhou-se, fechou os olhos e rezou.

Quando seu pai entrou no quarto, os joelhos de Josie estavam doloridos. Celine havia adormecido, com o rosário nas mãos. O pai pediu para falar a sós com a esposa.

Josie deixou-os e foi até a sala contígua, onde Cleo lhe fez companhia. Elas viram o padre Philippe retornar, contrito. Uma hora se passou e os murmúrios do padre cessaram.

— Não estou escutando nada — Cleo sussurrou.

— Vou entrar, quer me deixem ou não.

Josie bateu duas vezes na porta e girou a maçaneta de cristal. A mãe pareceu-lhe uma visão etérea nos travesseiros claros. Os olhos brilhavam no rosto translúcido.

— Mamãe, a senhora parece um anjo.

A mãe ergueu a mão, pedindo para a filha aproximar-se. O padre dobrou as vestes. O frasco de água benta sobre a mesa de cabeceira refletia a luz do castiçal. Emile, que fitava a escuridão pela janela, virou-se. Lágrimas umedeciam-lhe o rosto. Ele trouxe uma cadeira.

— Fique um pouco com sua mãe, Josie. Vou fumar no terraço. Não gostaria de tomar um copo de vinho, padre?

Eles saíram.

— Mamãe, suas mãos estão frias. — Josie puxou o acolchoado para cima.

— Obrigada, Josephine.

— Como se sente, mamãe?

Celine apontou o frasco de láudano sobre a penteadeira, próximo ao vaso com gardêneas, suas preferidas. Na certa, uma lembrança bondosa de Bibi.

— O Dr. Benet trouxe o medicamento do qual eu precisava. — Apertou a mão da filha. — Logo tudo terminará.

— A senhora precisa descansar. — Josie fez menção de levantar-se.

— Não me deixe Josephine. Josie tornou a sentar-se.

— Velarei seu sono, mamãe.

Celine fechou os olhos. A respiração era fraca, mas regular. Josie disse a si mesma que nem mesmo a doença destruíra a grande beleza da mãe.

A mãe arregalou os olhos e fixou-se na escuridão.

— Josephine. Ela vem vindo... — Celine tirou o braço debaixo das cobertas e agarrou-se em Josie. — Eu disse a ele que o perdoava, mas é mentira — sussurrou,

apavorada. — E agora terei de enfrentar Deus.

As mãos da mãe estavam geladas.

— Descanse mamãe. — Virou-se. — Papai! As mãos da mãe soltaram as de Josie.

— Papai!

Emile entrou correndo. Celine estava largada no travesseiro, com o olhar arregalado e os braços estendidos.

— Mamãe está...

Emile descobriu-a. A camisola e a roupa de cama estavam encharcadas de sangue.

— François! François!

O médico veio correndo. Segurou a mão caída de Celine e sentiu a pulsação. Largou o pulso, pressionou os dedos no pescoço e sacudiu a cabeça.

— Ela se foi, Emile. — Cerrou-lhe as pálpebras com delicadeza. — Ela se foi.

Emile agarrou Josie que estava a ponto de desmaiar. Bibi entrou, seguida por Cleo. As duas sentaram Josie e Emile foi até a cabeceira de Celine.

Josie não parava de tremer. Cleo agasalhou-a com um xale e sentou-se junto com ela na poltrona.

A avó Emmeline veio em seguida. Cabelos soltos e penhoar. Pôs a mão no ombro de Josie e pediu o auxílio de Cleo. As duas puxaram o acolchoado para cima, escondendo a poça de sangue. Cruzaram as mãos alvas e sem vida. Escolheram uma gardênia e deixaram sobre o peitilho de renda da camisola. Ajeitaram os cabelos loiros e sedosos.

— Josephine, venha dar um beijo de adeus em sua mãe — a avó falou com ternura inusitada.

Josie procurou forças. Há minutos, a mãe estava viva. A rigidez não deixava dúvidas. A morte a levava.

O silêncio só era quebrado pelo crepitar das chamas. O cheiro das gardêneas mesclava-se ao de sangue. Josie beijou a testa da mãe e ajoelhou-se ao lado da cama, agarrada no rosário.

— Emile! — a avó repreendeu o filho e Josie virou-se.

Emile estava sentado na grande poltrona de veludo. Abraçava a cintura de Bibi e apoiava a cabeça em seu busto. Bibi acariciava-lhe os cabelos.

Josie foi dormir um pouco antes do amanhecer. Os passarinhos começavam a alegrar a humanidade com seus trinados. Era estranho. Parecia que nada tinha acontecido.

Cleo abriu o mosquiteiro, dobrou a colcha e fechou a primeira folha das venezianas.

— Por favor, deixe-as abertas.

Josie deitou-se e viu as primeiras luzes da manhã gloriosa entrarem no quarto. Os últimos momentos de vida de sua mãe passavam e tornavam a passar diante de seus olhos.

Por que a avó se sentira insultada com a atitude do filho? Bibi era como se fosse da família. Não podia consolar o dono da casa? Josie, desde a infância, tivera apenas carinho da escrava bondosa. Por que esse espanto todo?

Mais tarde, Bibi abriu o cortinado e apalpou a testa quente de Josie. Josie abraçou-a, como fazia todas as manhãs, e Bibi sentou-se na beira da cama.

— Havia tanto sangue...

— Não pense mais nisso. — Bibi acariciou-lhe o rosto. Levantou-se e enrolou o filo para cima. — Eu trouxe o bom café de Cleo, com duas pedras de açúcar, como você gosta. Monsieur Emile está com o dr. Benet. Arrumarei seus cabelos e quando o médico for embora, você tentará fazer seu pai descansar.

Depois de meia hora, Josie entrou na sala de jantar. Dr. Benet levantou-se e afastou uma cadeira para ela sentar-se.

— Minha querida, venha tomar café conosco.

— Obrigada, doutor, eu já tomei.

Josie fitou o pai. Acabrunhado, com olheiras, barba por fazer. Precisava descansar.

— Emile, voltarei amanhã para o funeral. — O médico pegou o chapéu. — Sinto muito, meu amigo, por não ter podido salvá-la.

Emile levantou-se e apertou a mão do médico.

— Sei que fez o possível. Obrigado, François. O médico seguiu Bibi até a porta.

— Papai. — Josie segurou-lhe o braço. — Vamos para a cama.

Levou-o até o quarto, tirou-lhes as botas e a gravata e ajudou-o a cobrir-se. Fechou o cortinado e saiu.

— Ele dormiu? — A avó esperava por ela na sala. De luto, impecável, cabelos arrumados, não demonstrava cansaço nem dor pela perda.

Josie anuiu.

— Josephine, agora você é a nova senhora da casa. Terá novas responsabilidades em relação às obrigações sociais da família. Sem herdeiros masculinos, também lhe caberá a administração da fazenda. Sente-se, por favor. Primeira coisa. Teremos de planejar os funerais de sua mãe. Com certeza teremos a presença de umas cinquenta pessoas que precisarão ser alimentadas. Alguns deles ficarão hospedados aqui e nem mesmo são parentes. Você não conhece todos e alguns nem mesmo são creole.

Josie foi encarregada de aprontar as camas para os hóspedes. A avó cobriu os espelhos, supervisionou a cozinha, a louça e escolheu mais escravos para servir a casa.

Josie remendou os mosquiteiros e aprendeu como dobrar as pontas dos lençóis para baixo dos colchões. Cleo e Bibi puseram os acolchoados para arejar. Elbow John, com a ajuda do sobrinho, trouxe as camas estocadas no celeiro. Josie arrumou os quartos, exceto o de sua mãe. Saiu de perto quando Ursaline e Marie, a ajudante, carregavam cestos e bacias. Esse trabalho e mais o de lavar o corpo foi supervisionado pela avó.

Ao meio-dia Bibi trouxe um copo com limonada, fatias de presunto e um pedaço de bolo.

— Sente-se um pouco, mademoiselle. Se não comer, ficará fraca.

— Onde está Cleo?

— Na lavanderia. Fique aqui no terraço. Pedirei que lhe faça companhia. Ela também precisa comer.

— E papai?

— John está preparando o banho dele.

No meio da tarde, todas as camas estavam arrumadas. Alguns lençóis tinham pequenos rasgos, mas todas foram guarnecidas com bons travesseiros e cortinados.

A avó, tão experiente como Louella, de avental e com as mangas enroladas para cima, azafamava-se na cozinha. Apesar do suor na testa e sobre o lábio superior, nenhum fio de cabelo branco escapava da touca engomada.

As ajudantes de Louella corriam de um lado a outro. Lavavam louça e ajudavam no que podiam.

— Vovó, as camas estão prontas — Josie anunciou ao entrar.

A avó mostrou-lhe um cesto com nozes.

— São para descascar e picar.

Louella amarrou um avental na cintura de Josie e entregou-lhe um quebra-nozes. A avó terminou de aprontar unia torta de salsichas e começou a enrolar outra massa.

— Amanhã, Josephine, você será a anfitriã. Virão muitas pessoas além da família, inclusive os Chamard de Cane River.

Muitos dos recém-vindos à região, lês américains, virão prestar homenagens à sua mãe.

— Vovó, meu inglês não é muito bom.

— As mulheres são mais encantadoras quando sabem escutar e não falam demais.
— A avó pediu a vasilha de açúcar com um gesto. — Quero que seja atenciosa com os Johnston. Ele construíram uma mansão no Rénard. Onde está a canela?

— Eu pego — Josie atendeu ao pedido.

— O sr. Johnston precisará de brotos de cana-de-açúcar para a próxima primavera. Quero que ele compre a nossa cana. No inverno passado, Josie, seu pai perdeu dinheiro nas corridas. Precisamos de dinheiro. Por isso temos de agradar os Johnston.

Josie apertou o quebra-nozes com tanta força que esmigalhou o fruto. A avó só pensava em negócios, até mesmo no dia do funeral da nora.

Jamais serei tão insensível.

Cleo entrou e fez uma cortesia.

— Madame, o filho de monsieur DeBlieux está aqui.

— Mandei avisar que precisaria de provisões. Josie, vá ver o que ele trouxe. É carinho com minha bolsa.

Dessa vez Josie garantiu a si mesma desincumbir-se a contento. Estendeu a mão para Cleo.

— Pode deixar, vovó.

Elas encontraram o rapaz sentado na sombra. Phanor, sério, tirou o chapéu de palha ao ver Josie.

— Mademoiselle, s'U vousplait, posso oferecer-lhe minhas condolências?

Josie inclinou a cabeça.

— Minha mãe morreu o ano passado. Sinto muito.

—Merci — Josie agradeceu e inspirou fundo. — Sinto muito por monsieur. — O que trouxe dessa vez?

— A mercadoria está na carroça sob as árvores. Eu lhe mostrarei.

Ele descobriu as cestas. Havia frangos, peixes, feijão preto, ovos e maçãs secas.

— Os peixes são de graça — Phanor assegurou, sem olhar para as duas. — Meu pai disse que cobre muito pelos palmitos.

Apesar da compensação, Josie estava determinada a não gastar em excesso. Pagou cinco centavos pelos lagostins e regateou o preço dos frangos.

— Mademoiselle — ele disse ao subir na carroça —, minha irmã fez um bolo para todas as pessoas que vierem amanhã. — Phanor entregou-lhe um bolo grande coberto com um saco de farinha.

— Sua irmã é muito bondosa. Merci, monsieur DeBlieux. Ele pôs o chapéu e sorriu.

— Phanor.

— Merci, Phanor.

Cleo e Elbow John encarregaram-se de levar as provisões para a cozinha. Josie passou pela alameda dos carvalhos e foi até o desembarcadouro. Sentou-se e fitou o Mississippi deslizar. Lamacento, cheio de toras e detritos, não era bonito como Cane River. Visitara duas vezes os primos Chamard na região do Cane.

Abraçou os joelhos e pensou na mãe. Na manhã anterior estivera com a mãe no gazebo. As pernas inchadas, os olhos cintilantes, os cabelos dourados. Por que ela não perdoara o marido? Qual o crime por ele cometido?

Depois de uma hora, o sol já estava muito quente. A mãe sempre lhe recomendara não se expor aos raios solares. As sardas se multiplicavam da noite para o dia.

Eu deveria ter sido mais obediente e mais aplicada nos bordados.

O cadáver putrefato de um cão bateu na beira e Josie tampou o nariz. Pensou nas tarefas que a esperavam e voltou para casa.

O pai acenou-lhe do terraço. Barba feita, perfumado, beijou-a.

— Está com os olhos vermelhos, Josie.

Josie começou a chorar e o pai abraçou-a. Lembrou-se de nunca ter visto o pai

abraçar a esposa como ele fizera com Bibi. Confusa, decidiu não pensar no assunto.

Sentou-se ao lado do pai e escutou o barulho dos carpinteiros que confeccionavam o caixão. Fingiu não escutar o ruído do carvão que era despejado no fundo. Depois o silêncio. O corpo da mãe fora deitado no leito eterno.

Depois do jantar, Emile, a mãe e Josie levaram um candelabro aceso até a sala de estar onde Celine seria velada. Ursaline e a avó haviam forrado o caixão com seda creme. Havia vestido Celine com o traje azul preferido dela. Ao redor do corpo, rosas e gardênia.

O dr. Benet e o padre Philippe ficaram ao pé do corpo junto com a família e os vizinhos mais próximos, monsieur Cherleu e os Cumming.

— O rosário dela, Josephine.

Josie recuou e coube ao pai a tarefa de deixar as contas nas mãos rígidas de Celine.

Padre Philippe disse uma prece e todos fizeram o sinal-da-cruz. A avó ergueu uma vela e saiu da sala, imponente. Emile ajoelhou-se ao lado do caixão e abaixou a cabeça.

Josie contemplou a fisionomia pálida e serena de sua mãe. Não se irritaria mais com os bordados mal feitos. Não brigaria com o marido. Não odiaria Bibi ou Cleo.

Não queria lembrar-se da mãe sob aquele aspecto. A mãe fora uma dama. Uma bela mulher. Pensou na fisionomia agressiva da avó.

Seria como a mãe!

Mas a mãe não fora bondosa nem feliz.

Mamãe não foi generosa como meu pai. Serei uma lady com o coração de meu pai.

Capítulo III

O vestido preto usado por Josie no enterro de tio Augustine, irmão mais velho de seu pai, não lhe serviu mais.

— Experimente este. — A avó entregou-lhe o traje de seda negra que fora de Celine. Curto e apertado. A avó suspirou com desgosto.

— Espere um pouco.

Emmeline saiu e voltou com uma roupa que lhe pertencera. O tecido de tafetá velho tinha nuances avermelhadas. O cheiro de bolor fez o nariz de Josie coçar quando ela o experimentou. Largo e comprido demais. Josie disfarçou as lágrimas.

— Josephine, depois do café da manhã, você poderá encurtar a barra e fazer algumas pences no busto.

A avó foi cuidar de suas tarefas e Josie caiu em prantos.

— Josie, eu a ajudarei a arrumar o vestido — Bibi compadeceu-se.

— Bibi, como vou ficar perto das pessoas com esta roupa mal-cheirosa?

— Lave o rosto e vá tomar o desjejum. Levarei a roupa para arejar. Falarei com Louella e veremos o que se pode fazer.

Bibi pôs o vestido para ventilar. Louella fez a barra e as pences e Cleo umedeceu o tecido com água de alfazema antes de passá-lo a ferro.

Apesar do empenho das servas, Josie olhou-se no espelho e teve certeza de que nunca estivera com aspecto pior. As sardas do nariz brilhavam sob o pó-de-arroz. Os olhos castanhos perdiam as nuances esverdeadas por causa do reflexo do preto. Pensou por um instante na cabana da avó Tília como único refúgio contra os estranhos que viriam para o funeral de sua mãe.

— Espere um pouco.

Cleo saiu e voltou com o frasco de perfume de Celine. Pôs algumas gotas atrás das orelhas e nos pulsos de Josie. Hesitou antes de espalhar um pouco no vestido.

Josie foi ao encontro da avó na alameda dos carvalhos em frente da mansão. Os servos haviam estendido mesas desde o portão de entrada. O baldaquino fazia sombra no gramado. Thibault espiava por baixo das toalhas das mesas e Elbow John, penteado e de roupa limpa, supervisionava as mulheres que arrumavam louças e talheres.

— Thibault, o que está fazendo? — Josie perguntou e o menino abaixou a cabeça. — Está tudo bem, Thibault. Não se lembra de mim? — Josie não ia ao alojamento há tempos.

O menino levantou a cabeça e sorriu.

— Você é Josie.

— Você tem de dizer mademoiselle Josie, querido. O que estava fazendo embaixo das mesas?

— Caçando cobras. — Ele exibiu o pedaço de pau bifurcado. — Acho a cobra, chamo Elbow John e ele mata o bicho.

— Cuidado, Thibault.

O barco a vapor apitou. Chegaria ao cais em seguida. Em dez minutos, os primeiros convidados aportariam. A avó chamou-a com um aceno. Josie fez uma flexão ao passar diante da estátua da Virgem e foi ao encontro da avó no gazebo coberto de rosas.

— Quero que fique sentada aqui até o almoço ser servido. Os convidados virão cumprimentá-la aqui.

Mais uma vez a avó agia de maneira calculista. Felizmente o mau cheiro do vestido seria mascarado com o perfume das rosas.

A pequena embarcação local atracou. Várias pessoas desembarcaram. Um senhor idoso instruiu o marinheiro para vir buscá-los mais tarde.

— Esses são lês américains dos quais lhe falei — a avó explicou. — Monsieur Johnston e a esposa, aquela de chapéu ridículo. O jovem gordo de cabelos loiros é Albany e a moça é Abigail. Apesar de sua origem inglesa, é uma boa rapariga.

Eles vieram até o gazebo e depois das apresentações formais, os Johnston ficaram ao lado de Josie para apoiá-la naquele momento triste. Josie contou os minutos para que a deixassem em paz. Josie se sentia humilhada diante da elegância de todos, principalmente de Abigail, que usava vestido de seda cinza e toucado combinando.

Marguerite, irmã de Celine, também veio cumprimentá-la. Apesar de bem vestida com traje de renda negra, estava com olhos vermelhos e inchados de tanto chorar.

— Ah, Josephine, pode contar comigo. Tentarei ser sua mãe sempre que precisar de mim. — Ela beijou o rosto de Josie e assoou o nariz.

A dor sincera de tia Marguerite trouxe à tona o sofrimento de Josie e foi difícil contorná-lo.

— Nós, americanos — Abigail trocou de assunto —, pintamos nossas casas de branco. As de vocês são amarelas, verdes, vermelhas. É curioso.

Abigail não desconfia de que a estranha é ela? Era verdade o que se dizia, dos américains!

Na hora do almoço, a avó deu um jeito para que os Johnston fizessem companhia a Josie.

Josie suava. O vestido era pesado. Não conseguiu comer. v Bibi serviu-lhe suco e ela bebeu, mas o frango frito a nauseava.

Abigail agradeceu alguma coisa em um francês pior do que o inglês de Josie. O que deixou Josie satisfeita.

Josie não escutou o que Albany lhe disse. O zumbido das abelhas que sobrevoavam a armadilha de água e açúcar era mais alta de que a voz do mancebo.

O padre Philippe tocou o sino e todos se reuniram no pátio onde fora erguido a altar.

Josie, Emile, a avó e os tios sentaram-se nos bancos da frente.

— Dominus vobiscum — o padre entoou.

— Et cum spiritu tuo — os presentes responderam. Depois da missa, o padre conduziu-os até o campo-santo da família situado no outeiro ao sul da residência. Fazia calor no pequeno cemitério. No ar, cheiro de terra fresca. Padre Philippe e a avó ficaram na única sombra que havia, sob uma árvore solitária.

Emile, ereto e silencioso, chorava. Tia Marguerite soluçava. Josie não podia chorar. De seus olhos inchados e quentes não saiu uma só lágrima. A carpideira mais barulhenta foi Abigail, que precisou ser retirada do local por seu irmão.

Emile e Josie apertaram as mãos. Ela refletiu que, a partir daquele dia, o pai precisaria dela.

Ao entardecer, todos estavam acomodados. As crianças dormiam nos catres. As mulheres trocavam idéias na sala ou no estúdio. As mães mais jovens recostavam-se na cabeceira da cama e as mais velhas ocupavam as poltronas. No terraço do lado do rio, os homens fumavam charuto.

Josie, acompanhada apenas de Elbow John, foi até o cômodo receber as condolências dos escravos. Cleo e Bibi ficaram na casa-grande para atender aos convidados. O pai e a avó ocupavam-se com os Chamard de Cane River.

Josie amargava uma terrível dor de cabeça naquele seu último compromisso do dia. Ainda com o vestido manchado, fitou a tumba recém-caiada. A brisa do rio trazia o perfume das magnólias e a promessa de chuva.

Vieram todos os escravos das cabanas. Homens, mulheres e crianças. Trouxeram buquês de flores silvestres, um colar de conchas e um punhado de contas de vidro. Ursaline, que praticava vodu e ao mesmo tempo ostentava uma cruz de madeira no pescoço, cavou um buraco pequeno na base da tumba, jogou dentro a oferenda e cobriu-a rapidamente. Maria deixou duas penas vermelhas sobre a cripta e os primeiros presentes foram cobertos com mais flores.

Josie cumprimentou e agradeceu a todos

— Que Dieu te bénisse — cada um desejava que Deus a abençoasse.

Depois disso, os escravos agruparam-se em volta da sepultura. Os lamentos e gemidos começaram suavemente. Depois vieram os gritos. Josie pediu a Elbow John que a levasse para casa. Os intensos lamentos fúnebres mexiam com seu parco equilíbrio emocional.

Os trovões vinham do leste quando os dois chegaram em casa. Estava escuro e John segurou o castiçal no alto para Josie não tropeçar.

Josie aproximou-se da cozinha externa e escutou vozes.

—Bibi, você vai pôr um monte de pregos na sepultura dela?

— Eu não farei uma mesquinhez dessas, Louella.

— Nem depois do que ela fez para você e para o pobre menino?

Josie olhou pela janela. As duas moíam milho sob a luz do lampião.

— Isso foi há muito tempo, Jouella. Somente o bom Deus sabe que Thibault é simplório por que ela me bateu. — Bibi ergueu o queixo. — Não importa. Sempre fiquei com a melhor parte de monsieur Emile.

Elbow John quis levar Josie embora dali, mas ela resistiu.

— Apesar do ódio de madame Celine por mim, nem eu nem minha filha colocaremos pregos na sepultura dela — Bibi declarou, convicta.

John assobiou. As duas mulheres se entreolharam e o assunto morreu.

Josie foi até o terraço, desculpou-se com o pai e os outros e correu para seu quarto.

Arrancou o vestido velho e jogou-o para baixo da cama. Tia Marguerite trouxera um outro que certamente não cheirava mal nem estava manchado.

Encalorada, Josie molhou o pano na água da bacia e lavou-se até a toalha sob seus

pés ficar encharcada. Um raio iluminou o quarto e um aguaceiro abençoado começou a cair.

As cortinas balançavam e a água da chuva espirrava para dentro. Josie abaixou a vidraça e escutou os trovões. Lembrou-se do que ocorrera durante outra tempestade, quando era bem mais jovem.

Ela e Cleo brincavam com as bonecas, enquanto o temporal rugia do lado de fora. Josie sentia-se segura ao lado do pai que lia jornais e da mãe que fazia uma gola de crochê.

Josie tentava vestir a nova boneca de porcelana que o pai trouxera de Paris quando ela fizera seis anos. Cleo, com vestido de saco, brincava com a boneca velha. A mãe perguntou se Cleo lavara as mãos antes de brincar e Josie se apressara em dar uma resposta positiva. Era desagradável brincar sozinha.

Bibi entrou trazendo chá. Pesada, andando devagar, por causa da gravidez adiantada. Bibi cantava para ela à noite e a vestia pela manhã. Beijava-lhe os machucados e dormia ao pé de sua cama. Era difícil entender por que Bibi tomava-se quase invisível.

— O chá está pronto, madame.

— Ponha na mesa. Sirva monsieur Emile primeiro.

Josie viu o pai deixar o jornal- de lado. Fitou Bibi de esquelha. Não sabia o que procurava, embora sentisse um constrangimento no ar quando o pai, a mãe e Bibi estavam no mesmo ambiente.

— Merci — o pai agradeceu de olhos baixos.

Bibi serviu mais uma das delicadas xícaras de porcelana e ofereceu-a à madame. Celine, que se levantava, esbarrou no pires e o chá manchou o vestido de seda. As duas peças azuis espatifaram-se no chão.

— Sua vaca imbecil! — Celine esbofeteou-a.

O lenço de cabeça de Bibi voou e a pobre serva ficou com os cabelos à mostra diante de seus donos.

— Celine, foi um acidente — Emile contemporizou.

— Não ouse protegê-la! — a mãe soletrou a frase, lívida.

— Mas, Celine, eu apenas disse...

Emile fitou a escrava que se abaixava, segurando a barriga.

— Foi um acidente — Emile repetiu.

Celine agarrou Bibi pelos cabelos e levantou-a.

Josie começou a chorar. Cleo fitava a mãe ser esbofeteada.

O pai tomou Cleo no colo — sempre Cleo primeiro — e segurou Josie pela mão. Levou as duas para seu quarto.

A cada tapa, Celine chamava a escrava de vadia.

Emile pôs as duas no colo, uma em cada joelho, e cantarolou para abafar o som dos gritos e tapas.

Josie escutou Bibi sair da sala e os soluços de sua mãe.

O pai começou a cantarolar mais alto. Cleo, encostada no peito dele, chupava o polegar. O pai passara pimenta no dedo de Josie no último verão, mas não ficava bravo com Cleo por ela ficar com o dedo na boca. Josie puxou o dedo de Cleo.

Cleo fulminou-a com o olhar e voltou o dedo aos lábios, aconchegando-se no colo de Emile.

— Saia daí! Ele é meu pai! — Josie empurrou-a.

— Não faça isso, Josie! — Emile se levantou. — Fique sentada aí no chão.

Emile sentou-se na cadeira de balanço, pegou novamente Cleo no colo e a menina voltou a chupar o dedo. Josie encolheu-se no chão frio e começou a chorar. O pai acendeu o cachimbo. Do lado de fora, a tempestade batia nas vidraças.

Foi na noite do funeral que Josie entendeu. Sua mãe odiara Bibi e Cleo porque seu marido as amava. Thibault resultará daquela gravidez e o menino era... seu irmão.

Josie escondeu o rosto entre as mãos e caiu no chão, como acontecera naquele dia.

Tarde da noite o raio caiu no carvalho centenário do pátio. Josie abriu o cortinado e correu para a janela. Cleo levantou-se do catre, ergueu a vidraça e abriu as venezianas.

A árvore, a uns cem metros da janela, queimava apesar do temporal.

Emile entrou no quarto, seguido por dois desconhecidos, trazendo um candelabro. Deixou-o sobre a mesa e cobriu os ombros de Josie com um xale.

— Vai se resfriar. Cleo, querida, feche a janela.

Josie retesou-se. Era como se não conhecesse o pai, depois do que descobrira.

— Minha filha. Monsieur Chamard e monsieur Medout. Josie lembrou-se dos pés descalços e de que estava usando camisola.

— Mademoiselle Josephine — monsieur Medout murmurou.

Josie fitou o outro que viera com o charuto aceso.

— Bertrand, lembra-se de sua prima?

— Mademoiselle. — Bertrand Chamard tirou o charuto da boca e inclinou a cabeça.

Josie sentiu-se despida sob o olhar penetrante, mas não abaixou a cabeça.

— Lembro-me de uma garota com palha nos cabelos e sem os dentes dianteiros.

O pai pareceu dar-se conta da impropriedade do traje da filha.

— Perdoe-nos, Josie. Receei pela extensão dos danos. Voltem para a cama, minhas queridas. Mandarei o sr. Gale vigiar as chamas.

Josie corou diante do escrutínio insistente de Bertrand Chamard.

Os cavaleiros se retiraram e Josie voltou à janela para ver o fogo desafiar a chuva. Aquele Chamard era mesmo desagradável. E perturbador. Os cabelos negros caídos sobre a testa.

O pescoço aparecendo sob a gravata solta. Sem saber por quê, Josie sentiu calor. Cleo abraçou-a.

— Quantas vezes nós nos sentamos sob essa velha árvore, não é Josie?

Josie lembrou-se de como o pai tocara em Bibi. Era como desejava ser tocada por Bertrand.

O pecado do pai estava personificado em Cleo. Josie desvencilhou-se e voltou para a cama.

Uma semana depois as chuvas começaram, torrenciais, e provocaram uma grande cheia. Sapos coaxavam pelo pátio e uma cobra invadiu a escada do terraço dos fundos. Bibi deu um grito e por pouco não derrubou o cesto de roupas. Emile veio correndo, deu um pontapé no pobre bicho e Elbow John devolveu-o à mata.

Josie presenciou a cena pela vidraça. Inclusive os gestos de carinho do pai, além do sorriso tímido e feliz de Bibi.

— O que houve? — Cleo perguntou, cerzindo uma meia.

— Apareceu uma cobra nos degraus — Josie relatou com voz impassível. — Bibi ficou com medo e papai espantou o réptil.

Cleo continuou atenta aos remendos. Josie notou que a jovem tinha pele mais clara de que a mãe e a avó. Os cabelos longos eram cacheados. Os da mãe, muito crespos.

Meu Deus! Tudo começava a fazer sentido. O ressentimento de sua mãe e a proteção de seu pai em favor de Bibi e de Cleo. Sua irmã era sua escrava.

O ressentimento queimava o coração de Josie. Como o pai pudera fazer aquilo com a esposa e com ela? A verdadeira filha teria de repartir o pai com a filha de uma escrava. Aventou a hipótese de Cleo conhecer a verdade. Talvez ela mesma fosse a única a ignorar os laços que os uniam.

Temerosos, os fazendeiros ao longo do rio não desfilavam o céu.

A avó Emmeline e o sr. Gale preocupavam-se com as colheitas. Emile temia que a

época de caça estivesse comprometida. Josie só lamentava a mãe e procurava entender o comportamento do pai. Observava-o fumar cachimbo na varanda e tomar um gole de conhaque à noite. O pai a quem adorava era um estranho.

Naquela manhã, a chuva deu uma trégua. Josie foi até o pequeno cemitério da família. Ao longe, o som do grande rio. A fazenda deveria ter sido um local de imensa solidão para a mãe.

As chuvas haviam deixado um buraco em volta da cripta. A lama manchava as pedras caiadas. Ramos e folhas espalhavam-se no chão.

Era preciso limpar a última morada de sua mãe. Elbow John e a maioria dos escravos estavam ocupados. Cavavam valas de escoamento nas trincheiras. Não pediria ajuda a Cleo. A mãe não gostaria de saber que sua sepultura fora limpa por Cleo.

Voltou para casa, calçou sapatos velhos, pegou um monte de trapos, uma caneca e uma colher de jardineiro, voltou ao cômodo e sentou-se no pequeno banco de pedra.

Ah, como gostaria de pedir perdão à mãe por não haver entendido o que ela sofrera. Humilhada durante aqueles anos todos, com Bibi debaixo de seu próprio teto. Não era à toa que às vezes se portasse com crueldade. Nem mesmo se lembrava da mãe sorrindo, feliz. A última imagem que lhe vinha à memória era sua mãe temendo de encontrar Deus.

Josie limpou as lágrimas com as costas da mão. Fez o sinal-da-cruz e pediu à Virgem pela paz eterna de sua mãe.

Levantou-se e enfiou os pés na poça de água que rodeava a tumba. Estremeceu apesar do calor. Procurou limpar as pedras com os trapos. Ao terminar, começou a tirar a água de volta com a caneca. Providência inútil. A água escorria pela depressão que rodeava as pedras e tornava a encher a pequena vala.

Josie desculpou-se com a mãe pelo vestido que ficaria estragado. Ajoelhou-se e encheu de terra os pequenos canais que a atrapalhavam. Josie não se importou com as minhocas que ficavam alvoroçadas. Cleo e ela costumavam apanhá-las. Elbow usava-as para pescar no igarapé. Bibi sempre escondia os vestidos emporcalhados, para que Celine não se zangasse.

Pobre mamãe. Ignorava tantas coisas que eu fiz junto com Cleo e John!

Celine ficava a maior parte do tempo no quarto. Certamente nunca vira o nevoeiro da manhã sobre o rio ou a garça-azul bater as asas, assustada.

— Mademoiselle.

Josie assustou-se. Phanor DeBlieux estava a poucos passos de distância. Vinha com um rifle e um saco nas costas.

— Não pretendia causar-lhe temor.

— Não foi nada. — Levantou-se e afastou os cabelos do rosto com a mão suja. Phanor, apesar das calças enlameadas, tinha um ótimo aspecto. Era um jovem muito atraente. — Esteve caçando?

— Oui. Peguei um gambá. — Apoiou o rifle na árvore. — A chuva também estragou a sepultura de minha mãe. Quer que a ajude? Eu lhe mostrarei como fiz os reparos na tumba de minha mãe.

Com a colher cavou uma vala ao redor da sepultura. Josie sentou-se no banco e observou o trabalho. Na parte mais alta, desviou o escoamento dos canais para a vala. Na parte inferior, abriu um leque de várias fendas menores.

— Se a chuva não parar, terá de pedir para alguém encher isto com terra.

Josie puxou para o lado a saia suja. Phanor sentou-se e limpou as mãos com um dos trapos.

— Sua mãe morreu no inverno?

— Oui. — Ele empurrou o chapéu para trás e engoliu em seco. — Mamãe tinha pulmões fracos. Era uma boa mulher.

— Sinto muito. Ficou sozinho com seu pai?

— Mais, non. — Ele negou com um gesto de cabeça. — Somos em cinco. Papai, eu, minha irmã Eulália, meu cunhado e Nicholas, meu sobrinho.

— É bom ter uma irmã.

Josie viu a avó Emmeline cruzar o pátio. Se ela a visse conversando com Phanor, um cajun, e ainda mais desacompanhada...

— Preciso ir...

— Entendo. — Phanor levantou-se, jogou o saco sobre o ombro e pegou a arma. — Au revoir, mademoiselle. — Nós nos veremos em outras ocasiões.

Ele se afastou para o lado oposto da casa. Indiferente ao decoro e a salvo do olhar da avó, Josie desceu a colina lamacenta atrás dele.

— Monsieur!

Ele se virou e agarrou-a, quando ela escorregou ao aproximar-se.

— Phanor, eu não lhe agradei. — Admirou-se pela coragem de tê-lo chamado pelo prenome, mesmo ele a tendo encorajado.

— Não há por quê... Josephine. Posso chamá-la de Josie, como ouvi Cleo dizer?

Os dois conheciam a impropriedade da situação. Ele não lhe deu tempo para recusar. Com a maior seriedade, tirou uma minhoca da saia dela. Nesse caso, não havia como ser formal e Josie deu uma risada.

— Está bem. Mas se minha avó estiver perto tem de ser mademoiselle Josephine.

— Eu sei. Meu pai conhece sua avó desde criança e assim mesmo usa de formalidade com ela. Meu avô e o seu caçavam juntos os aligatores e costumavam fazer piqueniques grandiosos no lago.

— Cajuns e creoles!

— Isso mesmo. Mas não se preocupe. Não esquecerei, mademoiselle Josephine.

— Gosta de carne de gambá? — Josie não encontrou outra coisa para dizer.

— Bastante. Minha irmã faz a carne assada com batata doce e maçãs. Qualquer dia eu lhe trarei um gambá. Sua cozinheira saberá prepará-lo.

Josie perdeu-se na contemplação dos belos olhos castanhos de Phanor. Ele se aproximou. Iria beijá-la? Ela deu um passo à frente, mas a sola lisa dos sapatos velhos a traíram. Caiu sentada na terra molhada.

Phanor não conteve a risada. Em vez da vontade de beijar, Josie só pensou em matá-lo.

Ele apertou os lábios para não rir mais, largou o rifle e a sacola, e levantou-a pelos braços. Josie sentiu o corpo dele roçar no seu e afastou-se depressa.

Sem fitá-lo, ajeitou a saia com o pouco de dignidade que lhe restava. Era mesmo uma devassa. Estivera a ponto de beijá-lo.

— Desculpe-me, por eu ter dado risada. Mas foi tão imprevisível... Sinto muito.

— De verdade? Phanor levou a mão direita ao coração.

— Juro.

— Então talvez eu possa perdoá-lo... um dia.

— Esperarei ansiosamente por esse momento. — Phanor tornou a apanhar o rifle e o saco. — Precisa que a ajude a voltar para casa?

— Oh, não. — Josie pensou na avó e no pai entregues a seus afazeres. E ela sozinha com um jovem na mata, enlameada e com pensamentos impuros. — Não, obrigada. Não preciso da ajuda de ninguém.

Phanor tocou no chapéu e virou-se. Josie reconheceu que fora grosseira.

— Phanor? Obrigada. Ele sorriu e afastou-se.

Josie chapinhou na lama na volta para casa, refletindo na amizade com um cajun pobre e que talvez nem soubesse ler. Mas ele fora muito bondoso em ajudá-la. Era bonito, forte e inteligente.

Ah, ele me agrada. Não quero ser esnobe como a minha avó.

Ao chegar à casa-grande, parou no celeiro para deixar a caneca e a colher de jardineiro. Estava escuro dentro. Escutou um ruído na carruagem guardada nos fundos. Seria melhor avisar a avó que o galpão servia de esconderijo para esquilos. O ruído transformou-se em risadinhas.

Na certa eram os netos de Elbow John. Laurie deveria estar brincando com os primos. Josie aproximou-se da carruagem de altas rodas.

Era Cleo e um jovem escravo. Josie sentiu o perfume de sua mãe. Se avó Emmeline descobrisse, Cleo levaria uma surra. Josie sempre protegera Cleo de Celine. Seria muito mais difícil ocultar os deslizes da avó.

— Você nos descobriu — Cleo afirmou o óbvio.

O rapaz era bonito e corajoso. Não soltou a mão de Cleo.

— Quem é ele? — Josie perguntou.

— Remy. É neto de Elbow John.

Josie fitou Cleo. Sua irmã era a favorita de seu pai. O que Emile pensaria ao vê-la de mãos dadas com um escravo? Cleo não tinha permissão de namorar. Além do mais, estava desacompanhada.

E não fora o que acontecera com ela há pouco?

— Por que estava falando daquele jeito?

— Que jeito?

— Usando o dialeto dos escravos.

Cleo fitou-a com raiva. Desceu da carroça e saiu correndo.

Josie lembrava-se de Remy. Quando pequena, brincara com ele na casa de avó Tília. Ninguém conseguia agarrá-lo no pega-pega. Ele a ajudara a tirar carrapicho das meias. Tinha ombros largos e pernas grossas de homem feito.

— Eu o conheço.

Remy pareceu petrificado no assento da carruagem e em seu olhar via-se pavor. Na certa tinha receio do chicote.

Josie nunca presenciara um açoitamento nem escutara gritos de agonia de escravos. Mas vira cicatrizes nas costas dos infelizes. Afirmou a si mesma que em Toulouse jamais haveria castigos corporais, quando fosse a senhora da fazenda.

— Está tudo bem. — Josie estendeu a mão e tocou-o com gentileza, antes de sair. — Não há com que se preocupar.

Capítulo IV

Cleo voltou pelo pátio enlameado e refletiu que não deveria ter deixado Remy à mercê de Josie. A bem da verdade, ela nunca fora maldosa com ninguém. Porém, depois da morte da mãe, ficara diferente.

— Cleo, minha filha, onde esteve? Já está na hora de arrumar a mesa. — Bibi fitou a varanda dos fundos que acabara de limpar. — Veja as marcas de barro que deixou no chão!

— Droga — Cleo murmurou depois de espiar o rastro de imundície.

— Não importa. Venha cá.

Cleo tirou os sapatos e enfiou-os atrás das barricas de vinho do porão. Madame Emmeline não se importava se os escravos ficassem descalços, desde que cumprissem com suas obrigações.

Cleo subiu correndo os degraus e foi para a sala de jantar. Pela porta aberta viu

monsieur Emile fumando charuto. Ele ficara abalado com a morte da esposa, mas já se recuperara.

Cleo nunca o chamara de pai, embora soubesse da verdade desde criança. Admirava-se da ingenuidade de Josie. Ela parecia ignorar o que saltava aos olhos de todos. Temeu pela reação da irmã, depois de ela ter descoberto o caso de Remy.

— Ah, isso não é da conta de Josie — Cleo resmungou baixo.

Dobrou os guardanapos, encheu os copos de água, pôs na boca um figo da compoteira e lambeu os dedos.

Emile entrou e pediu uma taça de vinho. Cleo serviu-lhe clarete. Se madame Emmeline visse, ele seria repreendido por beber tão cedo. Aquela chuva incessante devia aborrecê-lo e deixá-lo inquieto.

— Monsieur vai caçar à tarde?

— Non. Os animais devem ter ido à procura de lugares altos e mais secos.

— Cleo — a matriarca chamou-a da porta dos fundos —, traga um capacho para eu limpar os pés.

— Oui, madame.

Cleo imaginou onde Josie estaria. Já houvera tempo suficiente para ter trocado de roupa. Josie vinha se comportando de maneira estranha. Com frieza em um momento e amabilidade no seguinte.

Deve estar planejando como me prejudicar. Como se eu não a tivesse visto com o rapaz cajun no cômodo. E ainda por cima teria de limpar os sapatos dela!

— Bonjour, papai, vovó. — Josie entrou, logo depois de Emile ter acomodado a mãe na cabeceira da mesa.

Cleo serviu a sopa e aguardou enquanto o almoço prosseguia. Madame falou de negócios, como sempre. O sr. Johnston compraria a cana deles conforme o preço pedido. Isso se a chuva não arruinasse os planos.

— Josephine! — A avó percebeu a neta ensimesmada. — Preste atenção. Os negócios da fazenda devem interessá-la!

— Perdão, vovó. A senhora estava falando sobre a chuva?

— Será que sua mente anda ocupada com coisas mais importantes do que a plantação da cana?

Cleo e Josie se fitaram de esquelha.

— Non, vovó. Claro que não.

— Bem, então será melhor ficar mais atenta... — A avó espantou-se ao ver Cleo tirar-lhe o prato com sopa pela metade. — O que está fazendo, sua idiota?

Cleo e Josie se entreolharam e sorriram. Cleo deixou o prato de sopa diante da madame. Tinha por hábito distrair a veneranda senhora sempre que ela ralhava com Josie.

Madame reclamou da ineficiência geral dos escravos e continuou o assunto interrompido.

— Josephine, o sr. Johnston escreveu-me concordando com o preço pedido. Na carta ele mencionou a filha, Abigail. Ela a está convidando para passar alguns dias com eles.

— Ah, vovó, não me sinto disposta...

— Nem pense em recusar, Josephine. Será ótimo fazer novas amizades. A costureira está terminando os trajes de luto. Não há mais desculpa para não sair de casa.

— Papai precisa de mim.

— Sua avó não pretende apenas que faça uma visita social, mas de negócios. — Emile deixou a taça na mesa. — Será interessante fazer amizade com a moça e depois conquistar o rapaz. A riqueza deles é muito conveniente para nós. Não é essa sua intenção, mamãe?

— Emile, eu não o entendo. Você sabe como tudo isso funciona. Mas não se esforçou para fazer amizade com o sr. Johnston e o filho. Eles estão procurando uma aproximação com os creole e você perdeu a oportunidade.

— Eu irei papai.

Josie se sacrificaria para evitar que a avó continuasse atormentando o filho. A senhora idosa estava certa. O filho só tinha interesse por caçadas e pelos livros.

Cleo há muito notara que Emile ficava horas fumando na varanda, sem fazer nada. Se pudesse caçar pela manhã, ficaria contente o resto do dia. Depois do jantar, lia ou jogava cartas com os amigos. Josie era como o pai. Não se entusiasmava pela fazenda. Era preciso admitir que, se não fosse madame Emmeline, os negócios de Toulouse teriam fracassado.

— Eu irei vovó.

— Claro que sim. Sei que vai adorar a viagem. Ainda bem que os vestidos ficarão prontos.

Josie fica horrível de preto!, Cleo compadeceu-se.

Cleo serviu os vegetais e, sem que a matriarca percebesse, não pôs quiabo no prato de Josie. A irmã odiava quiabo e madame não admitia intolerância alimentar.

— Você é um anjo, Josephine. — O pai ergueu um brinde à filha. — Tenho certeza de que se divertirá bastante. — Bebeu o vinho de um só gole e levantou-se.

Madame fitou o prato intocado, na certa lamentando o meio centavo desperdiçado na comida. Cleo, que adorava quiabos refogados, disse a si mesma que comeria todo o prato, assim que a velha senhora saísse.

Cleo teve de lavar e passar toda roupa de baixo de Josie. Dobrou cuidadosamente os vestidos novos e guardou-os dentro da arca. Não iria com Josie, pois Abigail escrevera que tinha várias criadas à disposição. O que agradou muito a Cleo. Assim não teria de separar-se de Remy.

Naquela noite, trocavam impressões como há muito não faziam. Isso porque Josie insistia em manter-se distante, o que deixava Cleo intrigada.

— Sabe que Abigail chamou a nossa casa de pequena? Como se fosse uma cabana ou coisa parecida.

— Este casarão? Como deve ser a dela?

— Papai disse que lês amercains construíram mansões imensas.

— Eles são mais ricos de que os creole.

— Por acaso reparou no vestido que ela usava no funeral? Na certa veio de Nova York ou de Paris.

— Ah, ela fala pelo nariz.

— E o francês dela é horrendo.

— Meu inglês também não é nada bom. Eu me sentirei uma tola.

— Você poderia fingir que não fala inglês. Assim eles teriam de falar francês.

Josie fez pouco caso da sugestão.

— Minhas roupas são todas pretas e de algodão.

— Você fica bem melhor de vermelho.

As duas ficaram sentadas em silêncio. Cleo admitiu que a descrição de Josie fora providencial. Ela poderia ter sido castigada por estar de namoro com um escravo quando deveria estar trabalhando dentro de casa. Remy talvez fosse chicoteado.

Cleo vira seu primo Jean apanhar do sr. Gale com o chicote de quatro pontas, pela tentativa de fuga. O rapaz ficara uma semana sem poder se mexer. Isso fora há muito tempo. Mesmo assim, o fantasma do açoite ainda rondava Toulouse.

Um castigo daqueles deixava marcas indeléveis. No corpo e na alma.

Chovia cada dia mais. Os botões de rosa foram destroçados e as dalias, enterradas na lama.

No cais de Toulouse e sob a tempestade, Josie aguardava os marinheiros carregarem sua arca até a embarcação. Debaixo do enorme guarda-chuva de Elbow John, ela segurava a saia que teimava em subir por causa da ventania. Qualquer pessoa seria levada pela corrente forte do Mississipi. Como acontecera com tio Augustine, um exímio nadador.

— Onde já se viu uma chuva dessas? Parece que o mundo inteiro ficará submerso — o capitão disse.

Emile riu.

— Sr. Hurley, tenho fé na Bíblia. A Terra não mais será inundada.

— Posso estar enganado, sr. Tassin. Mas essas nuvens não sairão daqui tão cedo.

Emile beijou Josie na testa.

— Faço votos para que se divirta bastante, chérie. Abigail me parece uma boa moça e você precisa travar novas amizades. Os anglo-saxões vieram para ficar.

Josie não retribuiu o beijo do pai, enojada.

— Au revoir, minha filha. Eu a verei no final da semana.

Ela subiu no navio a vapor e parou sob a projeção do segundo convés. Emile, debaixo da chuva, atirou-lhe um beijo. Josie não respondeu ao aceno. Seu coração pesava como chumbo.

A correnteza levava rapidamente o barco. O rio estava lotado de detritos. Josie viu um esquife vazio e uma vaca morta. Acenou para os meninos pequenos — postados a cada cento e cinqüenta metros — encarregados pelo sr. Gale de vigiar possíveis rupturas nas barragens. Encaminhou-se para o salão e dali observou a chuva cair nas águas barrentas. Esperava que Elbow John houvesse encontrado um lugar seco para ficar.

Depois de hora e meia de viagem, o navio fluvial fez uma curva e a mansão dos Johnston pôde ser avistada. Imensa, de três pavimentos, branca, esplendorosa. Por isso Abigail achara pequena a residência dos Tassin.

No cais, Elbow John entregou Josie a Charles, mordomo dos Johnston. Com vontade de voltar correndo, Josie despediu-se de John e acompanhou Charles pelo longo caminho de pedras até a casa. Pilares redondos sustentavam o teto do balcão. As janelas da frente brilhavam. Josie endireitou o toucado e a saia. Anuiu e Charles abriu as portas.

Nunca vira um hall como aquele. Toulouse era uma típica residência creole. As portas da frente abriam-se diretamente na sala de estar. Na parede oposta, a entrada para a sala de jantar. O vestíbulo imenso dos Johnston lembrava o grande hall dos castelos antigos. A altura do teto alcançava o terceiro pavimento. No meio do recinto, dois sofás de veludo vermelho ladeados por vasos com palmeiras-anãs.

Charles pegou o manto de Josie e conduziu-a até a sala de estar, onde o fogo crepitava e afastava a umidade.

— Srta. Abigail descerá em seguida, sita. Tassin.

Josie sentou-se na beira do sofá e pediu a Deus que sua saia não pingasse no chão do recinto luxuoso. A mesa de pau-rosa brilhava. O grande espelho sobre a lareira refletia a seda verde das paredes. As cortinas de damasco verde-escuras iam do teto e chegavam ao chão em um excesso de tecido.

Escutou passos. Envergonhou-se da roupa molhada e do desalinho causado pelo vento.

— Finalmente, minha querida! Estou feliz por vê-la! — Abigail pareceu sincera. — Oh, Senhor, como está encharcada! Sente-se perto do fogo. Assim que Suzanne desempacotar suas coisas, subiremos para que possa trocar-se. Deve ter sido terrível navegar com um tempo desses! Sempre chove assim no verão?

— Oh, não. Este ano está chovendo demais — Josie respondeu em inglês com sotaque.

— Meu pai está preocupado. Acha que o rio pode alagar os campos. Você viu as

barragens que foram erguidas? Seu pai deve estar fazendo o mesmo, não é?

Jamais por iniciativa própria. Contavam apenas com os meninos que observavam as margens.

Depois de tomar café, as duas subiram a escadaria e foram até o quarto rosa de Abigail. Conversaram sobre roupas, a respeito das jovens conhecidas e principalmente sobre os rapazes que Abigail conhecera em New Orleans. Abigail logo faria dezenove anos e fora a seis bailes no último inverno. Entre os muitos com quem dançara, ela referiu-se a três — descritos com detalhes — como prováveis pretendentes.

Os jantares dos Johnston eram acontecimentos sociais. As duas horas que antecederam a refeição noturna foram passadas em arranjos de cabelos e trajes. Abigail, a par das últimas novidades da moda, orientou a criada que se esmerou num arranjo sofisticado de cabelos em Josie. Dois rolos laterais que delimitavam os cachos. Ela se recriminou por achar falta das fitas coloridas que o luto não permitia.

Abigail estava deslumbrante. Ela adotara a prática — ensinada pela prima Samantha, de Oxford — de passar uma fina camada de cera de abelhas derretida no rosto. Josie recusou o oferecimento de imitá-la. Temia que a cera rachasse com o frio ou derretesse com o calor. No entanto, o efeito era magnífico. A pele ficava com aspecto de porcelana. Abigail usava um vestido azul que lhe realçava a cor dos olhos.

Josie mirou-se outra vez no espelho e admitiu que o aspecto lhe agradava. As sardas haviam diminuído e o reflexo verde dos olhos parecia acentuado.

Elas desceram e encontraram os outros Johnston no salão.

Albany, alto e balofo, tinha careca incipiente apesar de seus vinte e poucos anos. Sem nenhum atrativo peculiar, recendia a riqueza e refinamento.

Durante o jantar, o rapaz não escondeu o interesse por Josie, mas ela não se sentiu nem um pouco atraída. Mesmo assim sorria para agradecer o esforço de Albany em parecer agradável.

Phanor DeBlieux, de chapéu de palha e pés descalços, parecia muito mais confiável do que Albany com seu terno caro e botas de couro brilhantes. E Phanor também era muito mais atraente, apesar de sua origem cajun e pobre. Para uma jovem creole de boa família, ele nem ao menos seria considerado como pretendente.

— Srta. Josephine — o Sr. Johnston tirou-a dos devaneios. — Estamos esperando a visita de um parente seu. Bertrand Chamard.

O homem que viera a seu quarto no dia em que um raio atingira a árvore. Sob o escrutínio dele, seu corpo adquirira vida. Então, novamente o veria.

— Eu mal o conheço, embora meu pai diga que somos primos.

— De fato, Bertrand esteve na França desde a infância.

Josie calculou que Bertrand devia ter achado Toulouse antiquada e pequena. Exatamente a opinião de Abigail. E a consideraria sem graça diante da exuberância de Abigail.

Depois do almoço do dia seguinte, a tempestade recomeçou. Abigail mostrou-lhe a casa e a coleção de revistas de moda. As duas novas amigas conversaram durante algum tempo, deitadas na cama de baldaquino de Abigail e Josie ficou sabendo do que se passava na capital.

Josie, lembrando-se do calor que a invadira diante de Bertrand, não teve coragem de perguntar se Abigail, o conhecia e se sentia o mesmo ao encontrá-lo.

— Abigail, eu gostaria de conhecer a cozinha. Por que não fazemos bolinhos de canela para o jantar? — Josie reparou no espanto da outra. — Ou uma torta de frutas. Vocês ainda devem ter as maçãs colhidas no outono.

— Você sabe cozinhar?

Abigail provavelmente nunca entrara na cozinha.

— Sei fazer muitas coisas. — Josie sentiu-se corar. — Minha avó insistia para que

aprendêssemos a ser úteis.

— Bem, eu nunca teria tempo para isso. Sempre estive ocupada com aulas de piano e francês, compromissos sociais e em escrever cartas. — Abigail examinou a pele delicada dos dedos e as unhas bem feitas.

Josie escondeu as mãos. Tinha unhas quebradas resultantes da arrumação das camas no funeral de sua mãe.

Ora, quem poderia esperar que Abigail se preocupasse com a administração do lar? Ela e a mãe eram verdadeiras damas, sempre bem vestidas, dispostas e encantadoras. Josie comparou o semblante feliz da Sra. Johnston, as feições sempre tristes de sua mãe e a carranca habitual da avó. A Sra. Johnston certamente não se preocupava com os lucros ou prejuízos da imensa propriedade, nem com as perdas do sr. Johnston no jogo. Muito menos tinha de enfrentar diariamente a presença da amante e dos filhos bastardos do marido dentro de sua própria casa.

O quarto rosa e suntuoso de Abigail não tinha marcas do tempo nos espelhos nem nos móveis luxuosos. O damasco do baldaquino e das cortinas não tinha nenhuma mancha ou cerzido. Josie ansiou tanto pela extravagância material como pelos mimos da damas da família Johnston.

A manhã seguinte apresentou-se radiosa. A criada afastou as cortinas pesadas e Josie teve de fechar os olhos por causa do sol. O céu não poderia estar mais azul.

— Gosta de cavalgar, Srta. Josephine? — Albany indagou, diante do tempo estável.

— Lá em casa, costume montar Beau, meu cavalo.

— Ótimo. As duas poderiam vir comigo. Iremos pela estrada principal, que não está com muita lama.

O passeio foi agradável. A fragrância de terra úmida mesclava-se à das madressilvas. Os três cavalgaram juntos e Josie achou delicioso o frescor da brisa em seu rosto. Resolveu galopar um pouco. De repente, o cavalo relinchou e empinou-se. Um veado cruzara a estrada em grande velocidade. Josie segurou-se, mas o cavalo bateu as patas dianteiras no solo com toda força. Em seguida tornou a empinar-se. Ela perdeu o equilíbrio e caiu de costas.

Abigail gritou e Albany passou correndo atrás do cavalo. Josie, ainda no chão, sentiu a vibração de um quarto cavalo.

O cavaleiro deteve o animal com brusquidão e apeou.

— Espere! — Ele impediu Abigail de levantar Josie. — Ela pode estar mais machucada do que aparenta.

— Isso já aconteceu comigo, minha amiga — Abigail segurou-lhe a mão. Josie lutava para respirar. — O fôlego voltará aos poucos.

O cavaleiro ajoelhou-se.

— Pode mover os pés? — ele perguntou.

Josie voltou a respirar e fitou o recém-chegado de viés. Era Chamard!

— Mova as pernas — ele ordenou.

Josie obedeceu. Bertrand tocou-a em vários lugares.

— Assim dói? E aqui?

Ela corou, envergonhada. Na certa sua saia estava para cima!

Ao ver que nada fora quebrado, Bertrand encarou-a. Josie nunca vira olhos daquela tonalidade. Cor de conhaque sob alguma luz. Profundos. Quentes.

— Foi uma queda grave, chérie.

— Como ela está, Chamard? — Albany se aproximou, preocupado.

— Ficar bem — Bertrand fitou-o com censura —, agora que voltou a respirar. — Piscou para Josie. — Ela não quebrou o belo pescoço nem as longas pernas. Sobreviverá.

Chamard ajudou-a a ficar em pé. Josie arrepiou-se com a pressão do braço dele sob

o seu.

— Srta. Josephine, é preciso ter mais cuidado nestas matas — Albany aconselhou-a.

— Há muitas armadilhas por aqui. Nunca se sabe quando um coelho ou um veado...

— Isso poderia ter acontecido com qualquer pessoa — Abigail interrompeu-o.

— Mas Josie não prestou atenção no caminho e...

— Albany, chega de palpites — Abigail repreendeu-o. Josie nada escutou. Chamard examinava o ferimento na base da nuca.

— Não é fundo nem extenso. Creio que não teremos de mandar chamar o dr. Benet. Mademoiselle teve muita sorte. Devemos agradecer isso à lama ainda macia pela chuva e à habilidade de ter segurado as rédeas o máximo possível. — Ele ergueu-lhe o queixo e Josie corou.

O mundo começou a girar quando Chamard abaixou a cabeça, roçou-lhe os lábios e endireitou-se ao perceber que era observado.

— Johnston, considero uma bênção minha prima não se ter machucado. Poderia levá-la para casa em seu cavalo? Meu garanhão não é apropriado para moçoilas delicadas.

— Estou em condições de montar — Josie protestou.

— Por favor, prima. Ficarei mais tranquilo se for na companhia de Johnston.

Josie cedeu ao apelo do olhar sedutor.

Albany ofereceu-lhe o braço e ajudou-a a montar. Acomodou-se atrás dela, segurou-a com um dos braços e as rédeas, com o outro. Josie não via a hora de chegar.

Albany desceu primeiro, quando pararam diante da cavaleriça. Depois a ajudou a desmontar.

— Fico feliz por nada lhe ter acontecido — Albany sussurrou-lhe ao ouvido.

— Obrigada, monsieur.

Josie fitou Bertrand Chamard de esquelha. Ele se esforçava para não rir.

Na manhã da partida de Josie, o tempo esteve péssimo e Cleo usara dois xales para ir ao cais. Não entendia por que a amiga se mantinha distante desde o funeral. Sentia saudades da velha camaradagem.

Seguiu monsieur Emile e Josie até o portão da frente.

— Volte para casa, Cleo — Emile ordenou. — Não há necessidade de ficar ensopada.

Cleo não protestou e correu para o terraço. Josie nem mesmo se virou. Acenou, mas a amiga fingiu não ver o gesto. Uma semana com os americanos e ela voltaria ainda mais reservada.

Depois do almoço o tempo melhorou um pouco. Cleo terminou as tarefas. Madame ocupava-se com a contabilidade. Monsieur Emile estava no quarto, lendo ou cochilando. Cleo resolveu tocar um pouco de piano. Lembrou-se de que Josie errara muito nos últimos dias. Talvez devesse praticar com maior afinco para tocar melhor. Cleo tinha certeza de que monsieur, apesar de encorajar as duas, preferia cantar com ela. Josie ficava nervosa e cometia vários enganos ao lado do pai.

Ah, como eu gostaria de conhecer as notas musicais!

Na primavera, começara a decifrar os misteriosos símbolos usando um compêndio de iniciação musical que encontrara no gabinete. Não demoraria muito e ela conseguiria ler uma música com facilidade.

Assim que abriu o piano, Laurie, a pequena neta de Elbow John e favorita de madame, entrou correndo. Os cabelos estavam arrumados em pequenos rabinós e os olhos negros brilhavam pela importância da tarefa.

— Cleo, madame disse para você atender aquele camarada, o cajun. Ela está muito ocupada.

— O cajun velho ou o moço?

— Não sei. Ele estava de chapéu. — Laurie estendeu a algibeira. — Aqui tem muito dinheiro. Cuidado, Cleo. Madame contou todas as moedas.

— Ah! — Ela mal conteve a irritação.

Pode ser Phanor. Olhou-se no espelho, ajustou o turbante e a saia.

Phanor estava encostado na carroça, com a calça enrolada até os joelhos por causa da lama. Jogou fora a gramínea que mastigava ao ver Cleo sair do porão.

Ela meneou os quadris e levantou o queixo ao perceber-se objeto de interesse do rapaz.

— Bonjour, mademoiselle.

Cleo não entendeu o olhar caçoiista.

— Bonjour, Phanor — cumprimentou-o com superioridade. Phanor riu e expôs uma fileira de dentes muito alvos.

— Como tem passado, Cleo? Um belo dia, não é? O sol talvez possa secar a lama da estrada.

— O barro não o impediu de chegar.

— Oui. Graças ao velho Gus e ao Toine. — Apontou os mulos. — Estarão bem cansados quando voltarmos para casa.

Phanor abriu a portinhola. A carroça estava vazia.

— Não trouxe nada?

— Hoje eu vim comprar e não vender. Nosso galinheiro foi levado pelas águas ontem. Na verdade, um grande aligátor arrebanhou-o para o rio. As galinhas gritaram como loucas, coitadas. Nada pudemos fazer.

Cleo notou o ar de confiança do cajun e resolveu fitá-lo com sedução.

— Felizmente, nós, os cajun, estamos preparados para as enchentes. Meu avô construiu nossa casa sobre estacas altas. Mais altas de que esta. — Apontou a residência dos Tassin. — Sob ela guardamos nossos barcos quando a água sobe, e a carroça em período de seca.

Phanor acompanhava as frases com gestos. Incapaz de resistir, Cleo imitou-o, fazendo mímica das mandíbulas de um aligátor apanhando as aves.

Os dois riram e depois ficaram em silêncio. Cleo sentia-se à vontade com Phanor. Flertar com ele era engraçado. Se Josie estivesse ali, talvez se sentisse mais alegre.

— Sabia que lês amercains pintam as casas de branco? — ela perguntou.

— Eu já as vi. A nossa casa deve ter sido amarela como a de vocês. Mas agora está cinzenta. O que importa? Ninguém a vê. Mudando de assunto. Eu já a vi acompanhada. — Phanor segurou-lhe a mão.

— Não sei do que está falando. — Cleo fingiu inocência.

— Tem certeza? Creio que a vi com Remy.

— Você o conhece?

— Claro. Ele e outros caçam quatis e gambás com os cachorros. Às vezes, vamos juntos. Eles têm cães e nós temos armas. Dessa maneira, fazemos um bom sortimento.

Phanor hesitou.

— Onde está mademoiselle!

Ele sabia a respeito de Remy, mas ela vira Josie e Phanor juntos.

— Queria ver mademoiselle Josephine? — Notou que ele se envergonhava. — Ela foi visitar lês amercains rio abaixo, onde ficará por uma semana.

— Então você está desocupada? Sabe o que eles dizem a respeito do ócio, não é?

— Tenho outras tarefas — Cleo defendeu-se. — Mas sobra-me tempo, inclusive para tocar piano.

— Você toca piano? Não quer tocar para mim? Ficarei aqui, escutando com atenção. Amanhã poderá vir comigo e eu tocarei rabeca.

— Com prazer. Assim que concluirmos o negócio das galinhas.

Na manhã seguinte de céu azul, o canto do tordo despertou Cleo. Espreguiçou-se na cama macia. A cama de Josie. Bibi dormira em outro lugar e Cleo desconfiava qual fosse. Aproveitara para usufruir o prazer de lençóis imaculados e do travesseiro de plumas.

Louella chamava as galinhas no pátio. Cleo afastou o mosquiteiro. Quando Louella terminava de dar milho para as aves, era hora de começar a preparar o desjejum. Cleo moía os grãos de café e ia buscar água antes de Louella acender o fogo. Lavou o rosto e enfiou pela cabeça o vestido barato.

Depois do desjejum, Cleo fez as camas e esvaziou os urinóis.

Varreu a sala de jantar e enfeitou o vaso da mesa com flores frescas.

Sentou-se na varanda com a cesta de remendos e observou a margem do rio. Phanor não demoraria a chegar, montado em seu mulo.

Verificou se madame e o sr. Gale ainda se encontravam reunidos no gabinete. Calçou um par de galochas velhas de Josie sobre as botas e foi ao encontro de Phanor.

Ele fitou a altura do calçado e riu.

— Parece que você está carregando um porco entre os joelhos!

— Presumido! — Cleo acabou rindo também.

Sentaram-se em um tronco caído na parte inferior da margem. Um dia e meio de sol secara um pouco a terra e foi possível transformar a área em um recanto de recreação. Phanor amarrou o mulo em uma sombra e o animal pastou sem pressa.

Enquanto Phanor tangia a rabeca, Cleo tirou os tamancos e ficou à vontade. No dia anterior, depois de vender-lhe as galinhas, ela tocara as melhores músicas e fora para o balcão. Phanor erguera os braços e a aplaudira em silêncio. Ela o perdoara pelo pecado do orgulho.

Phanor tocou primeiro as melodias favoritas ouvidas nas noites de sábado. Cleo acompanhou batendo os pés. Sem se conter, levantou-se, dançou em volta do rapaz, ondulando a saia.

— Agora pode descansar — O rapaz afirmou, ao ver as gotículas de suor acima dos lábios.

— Tocarei algo mais suave.

Tocou o mesmo minueto de Haydn que Cleo executara na véspera. Com algumas variações. Ele também executava as músicas de ouvido.

— Foi muito lindo, Phanor — Cleo afirmou ao término da melodia.

— Merci. Você canta?

— Adoro cantar. Mas costumo fazê-lo apenas no alojamento. Conhece essa antiga canção do folclore francês?

Sob a luz do luar Meu amigo Pierrô Emprestou-me a pena Para escrever uma palavra. Amor.

Phanor acompanhou a voz de contralto de Cleo, dedilhando seu instrumento. Repetiram o ensaio como se fossem dois músicos experientes da Louisiana.

Cleo preferia que Remy estivesse com eles. Remy adoraria tocar banjo como o velho Jean Pierre que animava as festas dos escravos. Mas um trabalhador braçal jamais teria chance de aprender, apesar de ele ter uma excelente voz.

— Eu gostaria de cantar e dançar para uma platéia. Vestidos bonitos, aplausos e pedidos de bis. — Riu da própria vaidade. — Você poderia fazer isso em New Orleans e ficar rico.

— Pois eu prefiro tocar às margens do rio, ao lado de uma jovem bonita.

Cleo aceitou o cumprimento com um sorriso. Conhecia os rapazes. Nem sempre a fluência verbal revelava os verdadeiros sentimentos. Gostaria que Remy tivesse a facilidade de expressão de Phanor. Porém, o coração do escravo não precisava de discursos fáceis.

— Josie toca tão bem quanto você?

— Ela é muito esforçada, mas pensa demais nas notas.

— Ah. Então ela não é muito expert no piano. Quando mademoiselle voltará?

Phanor não tirava Josie do pensamento.

— No sábado.

— Você poderá dar outra escapadela amanhã?

— Tentarei dar um jeito. — Cleo levantou-se e tirou as folhas da saia. — O que acha de vir depois do jantar? Remy poderia encontrar-nos aqui. Ele canta muito bem.

— Ótimo. Amanhã ao anoitecer. — Ele apontou as galochas. — Quer que a ajude a calçá-las?

Cleo negou com um gesto de cabeça. Segurou o calçado cheio de lama em uma das mãos e as botas na outra.

— É mais fácil lavar os pés. — Desviou-se de uma poça e virou-se em despedida. — Au revoir, Phanor.

Capítulo V

Toulouse

O sr. Gale não conhecia os segredos do Mississippi. No segundo dia de sol, dispensou os meninos que observavam o nível do rio nas barragens.

Emile, como de hábito, deixou as resoluções da fazenda aos cuidados de sua mãe e do sr. Gale. Animado e sem preocupações, saiu para uma caçada seguido pelos cachorros que ladravam felizes.

Cleo trabalhava, cantando, ansiosa pela noite. Levaria comida embrulhada no lenço para Remy, que os encontraria na barragem.

No jardim, o odor das rosas sobrepunha-se ao da terra e do estéreo. Cortou alguns galhos de roseira. Imaginou-se enfeitada com elas nos cabelos e no corpete. Faria um penteado preso de um lado e solto de outro. Passaria ruge na face e carmim nos lábios. Cantaria e dançaria para uma platéia de damas e cavalheiros. Todos admiraram sua beleza e aplaudiriam seu talento.

Cleo subiu a escada e não percebeu de imediato o ribombar ao norte da fazenda. Mas em segundos viu do que se tratava.

— Mamãe! Madame Emmeline!

— O que foi, Cleo? — Bibi veio da sala de jantar. — O que é esse barulho?

— O rio! Madame Emmeline! — Cleo correu para o escritório e encontrou a matriarca no meio do caminho.

Emmeline apressou-se até a varanda, seguida por Laurie, a fiel garota. A torrente vinha pela parte mais baixa em direção ao alojamento dos escravos. A casa-grande estava ilhada com o rio principal a leste e o novo Mississippi a oeste. Apavoradas, Cleo e madame observaram árvores arrancadas pelas raízes, uma cabana tombada e uma vaca ser levada pela correnteza.

Bibi desceu as escadas correndo.

— Volte, Bibi! — Emmeline chamou.

— Mamãe!

Bibi ignorou a todos e disparou em direção às cabanas e à enxurrada.

— Thibault! — Bibi se desesperava.

Cleo foi em direção à escada, mas foi segura por madame e por Laurie.'

— Soltem-me! Mamãe!

— Você não poderá salvá-la! — Emmeline segurou-a com força.

Laurie apontou o bosque de nogueiras. As ondas espumosas e escuras rugiam em direção às cabanas. Bibi sumira da visão delas. Assombradas pela violência das águas barrentas que cobriam rapidamente a fazenda, as três se abraçaram, ajoelhadas na varanda.

O estrondo do rio era tão grande que não se ouviam os gritos das pessoas que flutuavam na enxurrada. Mas foi possível escutar a voz de Louella, que pedia ao Senhor pela salvação deles. Vários gatos e galinhas haviam procurado abrigo no telhado da cozinha externa.

Por volta do meio-dia, a fúria do rio diminuiu um pouco e Cleo retomou as esperanças pelos entes queridos. Ouvira relatos de casos semelhantes em que pessoas tinham sido encontradas a quilômetros de distância, sobre telhados de casas.

O feitor apareceu em um barco a remo levado por dois escravos.

— Olá! Madame? Emmeline foi até a amurada.

— Sr. Gale, viu meu filho?

— Não, madame. Ainda estamos procurando por sobreviventes. — Viu Cleo aproximar-se da matriarca. — Menina, amarre aí a boca. — Ele jogou o cabo. — Ainda não vi sua família. Mas não devemos perder as esperanças.

Emmeline imaginou que o filho poderia estar em um cômodo.

— Sr. Gale, e sua mulher e seus filhos?

— Estão bem, madame, obrigado.

— E os escravos, sr. Gale?

— A maioria está a salvo, madame. Quase todos estavam nos campos do norte, acima do ponto de abertura da barragem.

Então Remy deve ter escapado com vida.

— Os que não estiverem aqui, poderão ser encontrados nas árvores ou telhados. E muitos sabem nadar, apesar da lei.

— Deixe-me ir com o senhor à procura de minha mãe — Cleo implorou.

— De maneira nenhuma — madame negou. — Não quero você naquele aguaceiro por dinheiro nenhum deste mundo. Esta casa agüentará e você está segura aqui.

Cleo ignorou a proibição, balançou a embarcação miúda na tentativa de entrar nela e o sr. Gale disse uma imprecisão.

Cleo caiu na água barrenta.

Um dos escravos agarrou-a pela roupa e puxou-a pelo colarinho. Jogou-a no barco, onde Cleo engasgada, tossiu.

— Volte aqui!

O sr. Gale empurrou-a de volta à varanda, onde ela continuou tossindo, estendida no chão.

— Sr. Gale, assim que encontrar os familiares de Cleo traga-os até aqui. Ou melhor, traga todos os que precisarem de atendimento. Nós cuidaremos deles.

— Sim, madame. Esteja certa de que encontraremos o Sr. Emile.

O capataz deu ordem aos escravos para afastar o barco. Madame entrou. Recuperada, Cleo espiou por sobre a amurada.

— É assustador — Laurie comentou.

A água batia nos pilares de tijolos a apenas trinta centímetros abaixo da varanda. Isso significava que mesmo Elbow John, que era bem alto, morreria afogado, se não soubesse nadar. Cleo apertou a mão de Laurie, neta de John. Os pais e os irmãos de Laurie provavelmente ainda estavam desaparecidos.

— Cleo, Laurie, venham comigo. — Emmeline apareceu na porta. — Preciso das duas.

As três juntaram lençóis e cobertores de lã. Cortaram ataduras e estenderam catres no piso do saguão. Laurie encheu garrafas com toda água potável que encontrou na casa.

Durante a tarde, os barqueiros trouxeram os mortos que foram estendidos na varanda.

Os escravos com vida foram deixados no terraço dos fundos, a maioria em estado de choque. Em silêncio e de olhos fechados.

Os que estavam em melhores condições, cantavam ou gemiam. Uma mulher que perdera três filhos na correnteza lamentava-se em altos brados. Uma anciã acompanhava-a nas lamúrias.

Quatro barcos se revezavam em trazer os sobreviventes. Ao entardecer, Cleo viu o irmão.

— Vovó! — Cleo nem percebeu como chamara madame. — Acharam Thibault!

Emmeline veio correndo.

— Onde está o menino?

— Ali. — Cleo apontou o fundo do bote. — Thibault! Thibault ergueu a cabeça. Ao reconhecer Cleo, levantou-se, mas foi seguro por um dos escravos. Assim que o barco encostou na escada do balcão, Cleo tirou o menino de dentro e abraçou-o com força.

— Cleo, tenho de respirar. — Thibault tentou desvencilhar-se.

Ela riu, soltou-o e limpou as lágrimas com as costas da mão. Emmeline aproximou-se, acariciou a cabeça do neto e foi recompensada com um sorriso luminoso.

Cleo segurou-o pelos ombros.

— Thibault, o que aconteceu com mamãe e com vovó Tília?

— Vovó Tília disse que estava muito velha para nadar — ele disse, ainda sorrindo.

— Thibault, onde foi que o encontraram?

— Em cima de um velho cinamomo. Eu e um galo. cocorocó!

— Mamãe também estava na árvore? E vovó Tília. Pense, Thibault. Você as viu na água?

— Mamãe ajudou o homem me empurrar para cima da árvore e disse para eu me segurar. Eu me segurei com força! — afirmou orgulhoso.

— Que homem? — Emmeline perguntou.

— Monsieur. Aquele que me dá balas de alcaçuz e brinquedos de madeira.

Cleo e madame se entreolharam. Emile enfrentara as águas para salvar o filho. Emile, que sabia nadar, talvez houvesse conseguido manter Bibi na superfície até alcançar um telhado ou outra árvore.

— Eles devem estar esperando por socorro. — Cleo fez-se de valente. — Amanhã nós os veremos.

O Sr. Gale subiu a escada.

— Madame, já está muito escuro para tentarmos mais buscas. Amanhã, aos primeiros raios de sol, os quatro botes reiniciarão a procura. Encontraremos muitas pessoas, com toda certeza. Ficar molhado por uma noite não vai piorar a situação de ninguém.

— Obrigada, sr. Gale. — Emmeline beijou a cabeça de Thibault e foi cuidar dos feridos.

Cleo levou o irmão para dentro e sentou-se com ele no sofá. Estremeceu ao pensar que ela, Thibault e Josie provavelmente haviam ficado órfãos.

Na propriedade Johnston, Albany se manteve solícito depois do incidente com o cavalo. Acompanhou Josie a tarde inteira. Preocupou-se com o sol em excesso na pele delicada da nova amiga e até lhe ofereceu uma dose de conhaque.

Chamard ausentou-se, em passeios pela fazenda enorme. Impaciente, Josie não desfitava a porta. Bertrand era o homem mais encantador que conhecia. E o mais sofisticado. Enquanto

Albany discorria sobre o futuro da cana-de-açúcar, Josie lembrava-se do beijo do primo. Distraída, contornou os lábios com a ponta do dedos. Sentiu calor ao imaginar a boca de Bertrand Chamard de novo sobre a sua.

Abaixou a mão ao perceber que Albany fitava-lhe os lábios. Fingiu grande interesse nas manobras do mercado de New Orleans.

Abigail e a Sra. Johnston bordavam, sentadas perto da janela alta. Muito quietas. A mãe de Abigail fitou-a por cima dos óculos que usava para costurar.

Antes do jantar, o sr. Johnston e Chamard vieram ter com eles na sala de estar. Josie teve esperança de que Bertrand se sentasse a seu lado, mas Albany indicou a caixa de charutos do outro lado do salão.

— Quer fumar? — ele ofereceu.

Bertrand aceitou e elogiou a fragrância do charuto cubano de qualidade.

— O que achou da propriedade, sr. Chamard? Bertrand fitou Albany através da fumaça.

— Extraordinária. As terras deste lado do rio são excelentes. A terra é negra e tem boa drenagem.

— Fique tranqüila, minha querida — o sr. Johnston interveio, ao falar com a esposa. A barragem impede a passagem da água com segurança. — Virou-se para Chamard. — A Sra. Johnston tem medo de inundações. Em New Orleans disseram-lhe que o rio pode cavar um caminho através da barragem. Ela não tem dormido por causa do excesso de chuva.

— Felicity LeRoy disse que é como cortar a manteiga com uma faca.

— Mamãe, eu já lhe disse que fortalecemos toda extensão da barragem. Estamos seguros.

— Obrigada, querido. — Ela levou uma das mãos ao peito. Josie percebeu que a Sra. Johnston não se preocupava com a segurança dos vizinhos.

— Já está recuperada do susto, Josephine? — Chamard perguntou.

Josie corou.

— Completamente.

— Josie não demonstra o que está sofrendo — Abigail afirmou. — Ela tem marcas nas... Está muito machucada.

Josie sentiu o rosto em fogo diante do sorriso malicioso de Bertrand. Phanor tinha a mesma maneira de sorrir, mas Bertrand era mais refinado. Phanor, apesar de seu charme, era inculto e imaturo.

Bertrand cavaria uma trincheira ao redor da sepultura de Celine como Phanor fizera?

Quando foram avisados de que o jantar fora servido, Josie levantou-se com dificuldade. Albany apressou-se. Ofereceu-lhe o braço e Bertrand, com expressão matreira, fez o mesmo com Abigail.

Depois do jantar, foram servidos morangos e creme.

— Sr. Chamard, qual o grau de parentesco que o senhor tem com Josephine? — Abigail interessou-se.

Bertrand largou a colher.

— Sita. Johnston. Entre os creole as relações familiares são bastante complicadas. Em geral temos muitos filhos. Computamos uma relação familiar a cada gota de sangue em comum. — Virou-se para Josie. — Celine era a filha mais nova de René e Marie Louise. É isso? — Chamard pensou, diante da anuência de Josie. — Isso torna Josephine minha prima em segundo grau.

— Beijando primas? — Abigail admirou-se e Josephine não levantou o olhar.

— Oui, mademoiselle — Bertrand admitiu. — Beijando primas.

Josie fitou-o de relance e Bertrand piscou.

— Como sou um homem que aprecia desafios, gostaria de apostar que minha jovem

prima e eu temos uma certa marca de nascença. Não quero ser indelicado — fitou Abigail —, mas creio que todos os descendentes de vovó Helga trazem uma lembrança dela.

Josie torceu o guardanapo no colo e teve a sensação de ficar cada vez mais enrubescida. Ninguém precisava saber que tinha uma marca vermelha no final das costas como sua mãe. Josie vira marca semelhante na pele do pequeno Jean Baptiste.

Apesar de tratar-se de uma verdade, não fora correto tentar envergonhá-la. Até Abigail abaixara os olhos.

— Ah, minha querida Josephine. Sinto tê-la aborrecido. Não tive essa intenção. Perdoe-me.

As damas se levantaram. Josie sorriu para Albany que segurou a cadeira, ignorando Bertrand.

Depois do jantar, todos foram para a sala de música. O piano dos Johnston era um Chickering como o de Toulouse, mas com as teclas de marfim branco imaculadas.

— Gostaria de tocar para nós, Josephine? — a Sra. Johnston pediu.

Josie prendeu a respiração e abaixou a cabeça. Seguiu-se um silêncio insuportável e Albany veio em seu auxílio.

— Não gostaria de tocar um dueto comigo? Sou um péssimo músico, mas se mademoiselle tocar devagar, poderei acompanhá-la.

Comovida pela bondade, Josie sentou-se na banquetta e ajeitou as saias. Tocaram uma sonatina de Mozart com arranjo para quatro mãos. Não foi um sucesso estrondoso. Mas também não foi um fracasso. Josie tocou na mão de Albany em agradecimento e ele a conduziu até a poltrona de damasco azul contígua a da Sra. Johnston.

Em seguida foi a vez de Abigail. Tinha grande facilidade e tocava sem fitar as pausas musicais. Bertrand cantou com ela uma melodia alemã. Os dois formavam um belo casal. Ela, loira e ele, moreno.

Abigail pediu para Josie acompanhá-la. Cantaram juntas e Josie não desafinou.

— Foi adorável, Josie — Albany cumprimentou-a.

Josie agradeceu o elogio com elegância, mesmo sabendo que se tratava de um exagero. À mãe a ensinara a receber os cumprimentos com humildade, acreditando tratar-se de uma verdade.

O sr. Johnston cochilava na cadeira de balanço e a esposa, com o bordado no colo, fitava o infinito com ar romântico. Abigail e Bertrand começaram nova melodia. Josie admirou a postura ereta da amiga. Monsieur Pierre sempre a repreendera pela corcunda enquanto tocava. Mas quando Josie se sentava junto ao piano, já vinha derrotada. Não conseguia ultrapassar a barreira existente entre os dedos e seus sentimentos. Já Abigail, loura e vestida de azul, encantava a todos com sua música.

Josie fitou Bertrand e esqueceu sua pobre musicalidade. A voz sedutora e o sorriso capaz de derreter o gelo deixaram-na encalorada.

Albany chegou por trás da irmã, como quem acompanhava a música, mas movido por um instinto de proteção. A favor dela ou de Abigail? Josie não pôde mais ver Albany.

Abigail terminou de tocar e fechou o piano. Sem olhar para Josie nem para Bertrand, desculpou-se e saiu da sala.

Depois de quatro dias na fazenda dos Johnston, Josie examinou sua imagem no espelho e admitiu estar admirada com as atenções de Albany e Bertrand. Não se considerava uma mulher atraente. Cabelos loiro-escuros e sardas. Certo que tinha lábios carnudos. E as sobrancelhas grossas? Quantas mulheres bonitas Bertrand conhecera em Paris?

Albany planejava um piquenique para aquele dia. Saía logo após o café da manhã. Fora, com alguns escravos, procurar e preparar um lugar adequado para o passeio. Mantas para estender no chão úmido. Cadeiras. Mesa para acomodar o presunto, os bolinhos e as jarras de limonada. Josie esperava que ele se lembrasse das crianças para

segurar os guarda-chuvas. Não queria mais sardas.

Bertrand prometeu a Abigail mostrar-lhe um ninho de beija-flores nos ramos de uma madressilva. Josie entendeu que Bertrand procurava agradar Abigail e evitar o ciúmes que ficara óbvio na noite passada. Admirou o cavalheirismo dele.

No meio da manhã, Abigail e Josie envergaram os trajes de montaria. Tagarelando, foram até a estrebaria, onde estava Albany. Bertrand os encontraria mais tarde, pois tinha ido visitar propriedade com o sr. Johnston.

Por insistência de Albany, Josie montou uma égua velha e quase cega. Aproveitou a marcha lenta da coitada e abriu o guarda-sol preto de babados.

Albany conduziu-as para leste, até um antigo pomar. Charles arrumara um belo local sob um carvalho frondoso. Uma mesa dobrável fora coberta com uma toalha branca. Almofadas adornavam as cadeiras de lona. Mantas azuis cobriam a área. Dois meninos escravos seguravam os guarda-sóis.

Albany ajudou a irmã e Josie a desmontar. O zumbido das abelhas era o único som que poderia perturbar. Charles trouxe limonada em copos altos de cristal. Albany, presunto e pêssegos frescos.

Mas o passeio agradável foi interrompido por um escravo que se aproximou a galope em um cavalo suado. O homem desmontou e Albany conversou com ele afastado das damas.

— Peço que me perdoem — Albany disse, ao retornar. — Mas teremos de adiar nosso piquenique.

— Por Deus, meu irmão! Acabamos de chegar! — Abigail protestou.

— O que houve, Albany? — Josie perguntou.

— Nada que mereça preocupação.

— Por favor, sr. Johnston. — Josie não acreditara na resposta. — Teve notícias de Toulouse?

— Não. Os escravos apenas relataram uma pequena diferença na vazão do rio, o que poderia significar um rompimento da barragem rio acima. Isso pode ter acontecido há mais de cem quilômetros.

— Rompimento de barragem? — Abigail repetiu, agarrada no braço do irmão. — Vamos morrer afogados?

— Abigail, não há com que se preocupar, Mas será prudente voltarmos para casa até sabermos onde ocorreu o acidente e até onde chegou o novo canal.

Albany ajudou-as a montar e todos voltaram para a cavalaria. Charles encarregou-se de desmontar o belo cenário e Josie percebeu que ele apressava os escravos.

Josie disse que iria até o cais, à espera de notícias trazidas por algum barco. Mas Abigail e a Sra. Johnston insistiram para ela ficar em casa. Temiam que um aumento imediato do rio a arrebatasse do desembarcadouro.

Ela voltou para a varanda e encostou-se na balaustrada, apesar do sol inclemente. Albany, Bertrand e o sr. Johnston trouxeram informações antes da primeira barca chegar. Havia cavalgado para o norte para verificar uma possível ruptura daquele lado. A barragem cedera a um quilômetro do lar dos Tassin, na margem superior da fazenda Toulouse.

— Oh, Senhor! — A Sra. Johnston começou a tremer.

— Mary Ann! — O sr. Johnston conduziu a esposa até uma poltrona e a fez sentar-se. — A enchente foi do outro lado do rio. Acalme-se. Estamos em segurança. Charles, traga um xerez para a Sra. Johnston.

Josie ficou pálida. Bertrand levou-a até o outro lado da sala e sentou-se com ela no sofá de cetim.

— Escute chérie. Toulouse está inundada, mas o rompimento foi bem acima da casa e ela está em pé. Pode-se ver isso através do rio.

— Quero ir para casa.

— Não é possível. Em poucos dias...

— Preciso saber como estão todos. — Josie agarrou a manga de Bertrand. — Papai, Bibi, Cleo e minha avó.

Bertrand considerou o assunto por alguns instantes.

— Está em condições de cavalgar?

— Perfeitamente. Poderemos pegar um bote rio acima e atravessá-lo.

— Impossível. — Albany aproximou-se. — Não poderemos permitir uma loucura dessas no momento.

Josie esperou que Bertrand o contradissesse.

— Johnston tem razão. Não será prudente enfrentar as águas até a enchente baixar. Eu a levarei até a margem deste lado do rio. Assim poderá comprovar o que eu lhe garanti.

— Tolice, Chamard. Não há por que levar mademoiselle para perto do rio.

— Não correremos perigo!

— Eu irei! — Josie afirmou.

Acabaram indo os três. Cavalgaram por cima da barragem e evitaram a lama traiçoeira. Bertrand se deteve a vinte quilômetros ao norte.

— Josephine, estamos bem em frente de Toulouse. Veja. Ali está o cais e a fileira de carvalhos. Mais atrás, a casa.

Josie não viu o subsolo nem a altura da água, por causa da barragem do lado oposto. Mas o segundo andar era visível — janelas verdes na construção amarelada —, firme e seco.

— Estou vendo pessoas na varanda — Josie afirmou.

— Vejo movimento — Albany assegurou.

— A visão de vocês é melhor de que a minha — Bertrand cumprimentou-os. — O importante, Josephine, é a casa estar intacta. Não foi atingida pelo impacto das águas. Sua família estará a salvo. Em no máximo dez dias poderemos cruzar o rio.

— Por enquanto, Josephine, terá de contentar-se em ficar com... Abigail — Albany avisou-a com timidez. — Aqui ficará mais segura. Meu pai mandou uma equipe de trabalhadores rio acima para ajudar no que for preciso. Os Metoyer e os Cumming farão o mesmo.

De volta à fazenda dos Johnston, Josie pensou no que teria acontecido à sepultura de sua mãe. Se o alto do cômodo não houvesse escapado da enchente, o corpo de sua mãe poderia ter sido arrastado pelas águas. Afastou a imagem da mente e pediu à Virgem Maria por todos os habitantes de Toulouse.

Na estrebaria, Bertrand ajudou-a a desmontar.

— Não se preocupe. — Beijou-lhe a testa. — Essa não é a primeira enchente que sua avó enfrenta.

Albany chegou, segurou-lhe braço e levou-a de volta para a mansão. Josie fitou por sobre o ombro. Bertrand sorriu e ela entrou.

Na fazenda Toulouse, logo ao raiar do sol, o sr. Gale reiniciou as buscas na segunda manhã após a enchente. Encontraram Elbow John e a esposa, Suzette, a dois quilômetros do alojamento. Haviam flutuado em cima do telhado de sua cabana até ao pomar de Cherleu e acabaram em cima dos pessegueiros. A nova corrente se transformara num afluente largo que tornara a juntar-se no rio principal logo abaixo da propriedade Cherleu.

O sr. Gale encarregou Elbow John, que não parava de tremer, do resgate de outras pessoas e saiu com mais dois botes rumo às terras do norte. Emile ainda não fora encontrado.

Dentro da casa, Emmeline contabilizou os escravos vivos. A maioria estava nos

campos acima da ruptura. Todos evitavam o terraço da frente onde os mortos estavam estendidos.

Cleo fechou as portas da frente e as janelas por causa do mau cheiro. Debruçou-se no parapeito do balcão dos fundos e observou a marca da água nas pilastras de tijolos. O nível baixara uns cinco centímetros.

O próximo bote chegou. Nenhum branco, nem sua mãe.

Emmeline aproximou-se, apressada.

— Ainda não foi nesta leva, madame — Cleo afirmou. Emmeline endireitou as costas e chamou Elbow John, que estava no primeiro barco.

— Amarre essa porca na canoa e largue-a na correnteza. Ela está batendo na casa o dia inteiro.

Nenhum comentário a respeito do filho. Nenhuma demonstração de ansiedade.

Cleo observou John executar a tarefa. Ele, com apenas um braço sadio, sobrevivera. Emile e Bibi eram mais jovens e mais fortes do que ele. Deviam estar empoleirados em algum ramo de árvore mais alto. Era preciso ter esperança.

Ao meio-dia chegou um barco da fazenda Cumming. Dois rapazes fortes entregaram água e comida.

— Voltaremos com outro bote com provisões. Cleo nunca vira pele tão escura.

— Você é africano?

O rapaz magro de dentes alvos fez uma careta para o outro.

— Essas moças mais brancas pensam que não tem sangue africano dentro delas!

Os dois sacudiram a cabeça e se afastaram.

Cleo admitiu ter usado as mesmas palavras empregadas ocasionalmente por Emile e por Josie. Manteve-se de vigília o tempo inteiro, à espera da mãe. Os botes chegavam e nem sinal de Bibi. A cada vez, ela escondia a decepção e ajudava os feridos. Trazia comida e água para os sobreviventes.

Dizia para si mesma que seu pai e sua mãe seriam encontrados. Apesar da fome e da sede, muitos haviam sobrevivido. Por que não os dois?

Cleo pensou em Phanor e na família dele. Deviam estar a salvo com as altas pilastras sob a casa.

Passou o resto do dia ajudando madame Emmeline a cuidar dos mais necessitados. As provisões e a água mandadas pelos vizinhos tivera de ser racionadas. Havia muita gente dentro de casa. Todos evitavam encostar na mobília fina e tratavam Cleo com respeito. Thibault brincava com alguns primos. Ninguém falava em voz alta.

O dia mais longo da vida de Cleo terminou sem notícias da avó nem de seus pais.

Amanhecia. A água baixara mais cinco centímetros. O sr. Gale assegurou que o rompimento poderia ter sido bem pior. Tinham uma boa chance de consertar a brecha. Entulho e pedaços de madeira já bloqueavam a fenda.

Depois da saída do sr. Gale, outro barco aproximou-se. Era a canoa estreita e rasa escavada em um tronco, feita pelos cajun. Dentro, Phanor. Graças a Deus, ele estava bem. Cleo acenou feliz.

Phanor subiu a escada e Cleo jogou-se nos braços dele. Depois de um cumprimento apressado, desvencilhou-se.

— Meu pai mandou recado para madame Emmeline. Cleo levou-o até os aposentos da avó. A um canto, roupas de cama. Em outro, dormia uma velha senhora.

— Monsieur?

— Madame Emmeline, eu trouxe uma mensagem de meu pai. — Phanor virou e revirou o chapéu que havia tirado.

— Cleo, por favor, veja se as crianças não estão brincando na escada — Emmeline ordenou. — Elas podem cair na água. Verifique se não há cobras nos degraus.

Cleo tirou dois meninos da escada e avisou os maiores para manter as cobras

afastadas.

— Cleo, madame disse que você pode vir comigo — Phanor aproximou-se sem ela perceber. — Encontramos sua mãe.

Cleo levou as mãos ao rosto e fez o sinal-da-cruz.

— Graças à Virgem Maria.

Phanor ajudou-a a subir na canoa e a sentar-se na tábua transversal.

— Ela está ferida, Phanor?

Phanor confirmou com um gesto de cabeça.

— Muito?

— Logo chegaremos. — Phanor não respondeu e impeliu a canoa pelo alagado que cobria o alojamento dos escravos.

Imóvel, Cleo rezava. Sua mãe estava ferida. Nem sinal de monsieur ou de sua avó. Phanor afirmou que seu pai e seu cunhado haviam saído em busca de mais sobreviventes, depois de encontrar Bibi. Assim também faziam outros vizinhos, creole, cajun e americanos.

Perto da propriedade dos DeBlieux, as árvores cresciam muito próximas uma da outra, havia muito musgo e os mosquitos zumbiam, ferozes.

— Mamãe disse ter visto monsieur Emile?

— Ela não está falando muito. Perguntou por Thibault e pediu que a avisássemos.

Ao chegarem perto da casa, Cleo horrorizou-se. Ratos e uma serpente venenosa nadavam ao lado da canoa. Como sua mãe agüentara três dias naquela água imunda? Bibi, que tinha pavor de camundongos e pequenos répteis de jardim?

— Pegue este remo — Phanor entregou-lhe um instrumento extra. — Fique atenta.

O rapaz matou um dos ratos de dentes amarelos que tentavam entrar no bote. Histérica, ao pensar no que a mãe enfrentara, Cleo bateu várias vezes com o remo até esmagar a cabeça do enorme roedor.

Phanor segurou-lhe as mãos e procurou acalmá-la.

— Acabou. Eles foram embora.

Logo apareceu a casa cinzenta de Phanor, por entre os ciprestes cobertos de musgo. A canoa bateu levemente no terraço. Ele estabilizou a embarcação para Cleo descer. Uma mulher jovem com um bebê no quadril abriu a porta da frente.

— Eulália, minha irmã — Phanor apresentou-a. — Lalie, esta é Cleo.

— Bonjour, Cleo. Sua mãe a espera.

Bibi estava deitada de costas, com os cabelos desgrenhados e o vestido rasgado. Cleo ajoelhou-se e acariciou-lhe o rosto sujo.

— Maman, sou eu. — Segurou na mão quente. — Está ferida? Oh, Deus, não permita que ela fique com febre.

Bibi respirava com dificuldade.

— Thibault? — Bibi sussurrou.

— Está sem um arranhão.

— Emile? — Cada palavra representava um esforço tremendo.

— Deve estar fumando charuto na varanda de monsieur Cherleu.

— Ele... salvou... Thibault...

— Eu sei, mamãe. Elbow John encontrará monsieur. Ele é um nadador, lembra-se?

Bibi abriu a boca para respirar. Os dentes estavam sujos de sangue.

Oh, Deus. Ela estava com hemorragia.

— Tome conta... Thibault.

— Claro, mamãe. Deixe-me ver onde...

— Josie...

— Tomarei conta dela também.

— Você é... mais forte.

— Está bem. Não fale. Nós a levaremos para casa e madame mandará chamar o médico.

Bibi sacudiu a cabeça e fechou os olhos.

— Por favor, abra uma janela — Cleo pediu a Eulália. Os mosquitos não seriam piores do que a fumaça para afastá-los.

O sol penetrou pelos ramos das árvores e iluminou o catre onde Bibi estava deitada. Cleo afastou o lençol.

Não havia sangue no vestido. Cleo abriu os botões de cima. Um hematoma enorme cobria o peito de Bibi no local onde havia uma depressão. O esterno fora afundado. Por isso a dificuldade para respirar.

— Um tronco... atingiu-me.

Cleo começou a chorar. Bibi segurou-lhe a mão.

— Seu pai... ama você... e a mim.

— Eu sei... não fale, mamãe.

Nenhum médico haveria de curar Bibi. O sol não nasceria mais para ela.

Bibi fechou os olhos e Cleo segurou-lhe as mãos. Durante horas, Cleo falou sem parar. Quem sabe para retardar o momento decisivo.

Lembrou a mãe de todos os momentos felizes. Como ela ajudara as duas meninas a fazer uma guirlanda de margaridas. Como as espancara ao encontrá-las mexendo no pote de ruje de Celine. Depois as beijara, arrependida. Os presentes especiais de Natal para ela e Thibault, depois dos outros terem ido dormir.

Cleo acabou tentando respirar no mesmo ritmo penoso da mãe. Limpava continuamente o fio fino de sangue que escorria pelo canto dos lábios de Bibi.

Pediu emprestado o rosário de Eulália e ajudou a mãe a dedilhar as contas. A respiração da enferma tornava-se cada vez mais difícil.

Que Deus a ajude, Não me deixe, mamãe!

Bibi ergueu um dedo, chamando a filha. Cleo inclinou-se.

— Cante... para mim — as palavras foram quase inaudíveis.

Cleo cantou, lutando para não chorar. Phanor acompanhou-a com a rabeca.

Bibi deu o último suspiro e ficou imóvel.

Não havia dúvida. Ela se fora.

Cleo deu um grito, atirou-se sobre o corpo de sua mãe e soluçou. Sua mãe não merecia morrer. O pecado fora de monsieur Emile, não dela. Sua mãe só tivera um objetivo na vida. Amar. A ela, a Thibault, a Emile e até a Josie.

Exausta de chorar, Cleo permitiu que Phanor a erguesse. Ele limpou o sangue que se colara nos cabelos dela e sentou-a em uma cadeira. Eulália trouxe um copo com água e Phanor levou-o aos lábios dela.

Mais calma, Cleo beijou a testa da mãe e cruzou-lhe as mãos sobre o peito. Phanor ajoelhou-se a seu lado e os dois rezaram. Do outro lado, Eulália chorava.

Tarde da noite, outro bote chegou.

— Deve ser meu pai. — Phanor saiu e fechou a porta.

Cleo ouviu vozes indistintas e não resistiu. Os homens estavam sob a luz amarela do lampião, rodeados pelo pântano escuro. O pai de Phanor e genro obstruíam a visão da piroga.

—... a menos de cem metros onde ela foi encontrada — monsieur dizia.

Cleo afastou os homens para enxergar dentro do bote. Suas pernas amoleceram. Phanor segurou-a e não a deixou cair na água escura.

Era o corpo de monsieur Emile. Seu pai.

Capítulo VI

Josie continuava apavorada pela falta de notícias. Perdera o apetite. Se dormia, tinha pesadelos. Na propriedade dos Johnston, havia um desconhecimento completo sobre a situação real dos mortos ou feridos graves. Com um rosário no bolso, dedilhava-o sem parar. As notícias trazidas pelos passageiros e tripulantes dos barcos que ali paravam resumiam-se em uma só. Emmeline Tassin ainda estava no comando de Toulouse.

Josie sentia remorso pela maneira como se comportara após o funeral da mãe. Os sentimentos do pai por ela independiam do que ele sentia por Bibi. E se nunca mais o visse? Nem Cleo era culpada de nada. Tratara a irmã de maneira cruel e então sentia muito sua falta.

Vestia-se, arrumava os cabelos, sentava-se à mesa com os Johnston, como se estivesse mergulhada em um sonho estranho.

No quarto dia da visita, Josie e Abigail bordavam na varanda superior. O dia estava claro e o sol, radioso. Josie, sem levantar a agulha há mais de uma hora, pressentiu a chegada da barcaça antes de vê-la encostar no cais. Devia trazer o carregamento de guano que o pai de Albany pedira. Porém, não se sentia cheiro do fertilizante.

— Abigail! — o sr. Johnston, a cavalo, chamou de baixo da galeria. — Vá para dentro com a srta. Josephine. Vão para o quarto, arrumem os cabelos, façam qualquer coisa. Mas fiquem lá até o jantar.

— Sim, papai. — Abigail não perguntou o motivo. — Vamos, Josie.

Josie demorou-se para reunir os apetrechos de bordar. Os pacotes brancos e compridos no deque intrigaram-na. Não eram sacos de fertilizante!

Largou tudo na cadeira e disparou em direção ao cais. A saia voava acima dos joelhos. Albany saiu do barco e encontrou-a no meio do caminho.

— Josephine! — Ele a segurou nos braços. — Vá para dentro!

— São pessoas de Toulouse, não é?

— São apenas escravos, Josephine.

— É a minha gente! — Elbow John, vovó Tília ou a pequena Laurie podem estar entre eles. — Solte-me! Quero vê-los!

— Não, Josie! — Albany apertou-a ainda mais. — Seja sensata. Eles estão mortos há dias. Não pode vê-los.

— Bertrand! — Ela o viu em pé na embarcação.

— Vá com Albany, Josephine — ele respondeu.

— Vamos para casa — Albany falou. — Tenho notícias de Toulouse.

Pela expressão dele, Josie deduziu que não se tratava de boas novas.

— O que houve? Diga de uma vez!

— Vamos entrar — o rapaz insistiu e conduziu-a pelo braço. Charles, que os aguardava na porta, foi dispensado com um gesto. Albany levou-a até a sala de estar e sentou-se no sofá com ela.

— O que tenho para dizer... — ele segurou-lhe as mãos. — Seu pai foi trazido pela correnteza.

Josie fez um gesto negativo com a cabeça.

— Deve ser outra pessoa. Papai era um ótimo nadador.

— Sua avó reconheceu o corpo. Josie não conseguia respirar.

— Charles! — Albany gritou.

O mordomo apareceu em seguida com um frasco de sais. Albany passou o vidro sob o nariz de Josie e ela jogou o inalador longe.

Abraçou-se, sem dizer palavra, e balançou-se para frente e para trás.

A Sra. Johnston tomou o lugar de Albany e acariciou-lhe as costas.

— Deus lhe destinou uma carga muito pesada, minha filha. Primeiro sua mãe e agora,...

Josie escondeu o rosto entre as mãos e inclinou-se sobre os joelhos.

Nunca mais o veria.

— Com sua licença, mamãe — Albany desculpou-se. — Preciso tratar dos preparativos para o enterro dos escravos.

A Sra. Johnston levantou-se e tocou no ombro de Josie.

— Venha, minha querida. Será melhor deitar-se. Pedirei chá e Abigail ficará com você.

Ela foi levada para cima como um ser sem vontade. Suzanne tirou-lhe a roupa e a Sra. Johnston ajeitou-a na cama. Ninguém falou. Nem mesmo Abigail que se sentou para ficar a seu lado.

Na mente de Josie, a imagem do pai acenando-lhe no cais de Toulouse sob a chuva. Ela não lhe respondera.

Uma carta da avó trouxe-lhe a notícia de que Bibi morrera na enchente. O Mississipi tirara a vida da mulher que a acalentara muito mais de que sua própria mãe. Nas noites quentes e insones, Josie pedia a intercessão da Virgem pela alma do pai e de Bibi. Na lista de pedidos, um pouco de humildade, pois era impossível não estar zangada com Deus. Ele levara em pouco tempo a mãe, o pai e Bibi.

Apesar da vontade de voltar para casa, os Johnston insistiram na necessidade de esperar as águas baixarem totalmente.

— Será melhor aguardar mais um pouco, srta. Josephine — Albany afirmou, na mesa do café da manhã. — Ainda há muitos alagamentos e bastante lama.

Josie não se sentia à vontade entre estranhos, por mais bondosos que fossem. Ali não podia expressar seus sentimentos, nem mesmo sofrer em paz. Precisava estar perto dos que padeciam como ela. A avó, Cleo, Thibault. A dor compartilhada seria menos sufocante.

— Por favor, sr. Johnston — Josie dirigiu-se ao pai de Abigail. — Tenho de voltar para casa. Não posso continuar no ócio, sendo que há tanto a fazer em Toulouse.

— Não seria... — Albany começou.

— Seguro? Junto de minha avó? — Josie levantou-se. — Por gentileza, queira hastear a bandeira no cais para que o próximo navio pare aqui. Estarei pronta em meia hora.

— Josephine, não poderá ir sozinha — Chamard interferiu. — Eu a levarei de volta.

— Eu a ajudarei a empacotar seus pertences — Abigail ofereceu-se.

Abigail não escondia o ressentimento pelas atenções de Bertrand estarem mais voltadas para Josie. Com sua partida, ficaria com Chamard só para ela.

No começo da tarde um barco a vapor atracou. Josie e Chamard embarcaram. Albany tocou no chapéu e Abigail acenou.

A embarcação subiu o rio contra a corrente. Josie e Bertrand permaneceram no convés debruçados na amurada ao sol. Ela considerou que o primo era tão bondoso como Phanor e teve esperança de que ele se conservasse sempre nas proximidades.

Bertrand falou pouco e a deixou entregue aos próprios pensamentos. Apesar da tristeza, Josie estava alerta quanto à presença dele. As mãos que seguravam o parapeito eram largas e bronzeadas. Na direita, havia uma cicatriz. Segundo Abigail, houvera um duelo em Paris, no Palácio das Tulherias. Teria sido por uma mulher?

— As terras não estão perdidas — Bertrand disse de repente. — São suas e não é pouca coisa.

Josie pensou em Toulouse sem o pai e sem Bibi. Apesar do pai não se dedicar à

administração do latifúndio, ele amava os campos, as matas e os igarapés.

Oh, Senhor, não será nada fácil!

A embarcação parou. O ar quente e úmido substituiu a brisa do rio. O capitão disse que esperaria por Bertrand. Josie e o primo desembarcaram na margem deserta e silenciosa. Nem mesmo se ouviu o canto dos pássaros.

A inundação arrancara o córtex do tronco dos carvalhos, mas elas continuavam eretas, ladeando o caminho até a casa-grande iluminada pelo sol. As venezianas abertas contornavam vidraças escuras e silentes.

Os escravos haviam colocado pranchas em todo o comprimento da aléia dos carvalhos. A madeira rangeu sob os passos de Josie e Bertrand. Em vez do odor de rosas e magnólias, o cheiro de terra molhada, limo e abandono.

Cleo abriu a porta. Josie notou que a irmã perdera peso e adiantou-se com os braços estendidos. Mas parou diante da expressão sombria da outra.

— Olá, mademoiselle Josephine. — Maior frieza, impossível. Pegou o chapéu de Bertrand e mandou Laurie chamar madame Emmeline.

A avó chegou com passo incerto. Josie fez menção de ajudá-la, mas foi impedida por um gesto determinado.

— Josephine. Monsieur Chamard, eu lhe agradeço por haver trazido minha neta para casa

— Eu gostaria de poder fazer mais de que isso para amenizar sua dor, madame.

— Não quer sentar-se, monsieur.

— Peço-lhe que aceite minhas desculpas, madame Tassin, mas não posso deixar o capitão esperando. Vou para Baton Rouge. A parada aqui foi apenas para eu lhe entregar Josephine.

— Nós lhe agradecemos, monsieur.

— Somos primos, por favor. Bertrand, a seu dispor. Permita-me chamá-la de madame Emmeline.

A avó anuiu com um discreto gesto de cabeça.

— Claro.

Bertrand pegou o chapéu de cima da mesa onde Cleo o deixara.

— Josephine, faço votos para que se sinta melhor em sua casa. Au revoir, senhoras.

Josie acompanhou-o até a varanda. Ele parecia a única centelha de vida naquela casa.

— Bertrand...

— O tempo é o melhor remédio. — ele fitou o salão escuro, curvou a cabeça e beijou-lhe levemente os lábios. — Nós nos veremos, chérie.

Toulouse se transformara em uma casa de almas solitárias. Emmeline, Cleo e Josie andavam de um lado a outro como fantasmas. Parecia nem se ver, quando passavam uma pela outra. As águas haviam recuado, o sr. Gale reconstruíra a barragem e as gramíneas brotavam da terra ensopada. Porém, não havia nenhum botão de rosa ou pé de cana intacto.

Josie e Cleo viviam na mesma casa e continuavam a dormir no mesmo quarto. Mas o sofrimento as deixara tão amortecidas como a avó. Nada encontravam para dizer.

O sol aquecia a terra inundada e vapores dela se desprendiam, trazendo cheiro de podridão. Enxames de moscas pousavam na sujeira, na comida quente e nos jarros de água.

Dr. Benet preocupava-se com a cólera. As pessoas enfraquecidas pelo sofrimento e pelo excesso de trabalho eram um campo de cultura apropriado para a doença. O bondoso médico mudara-se para dentro da casa-grande e esperava.

Ursaline, a velha parteira, foi a primeira atingida. Dr. Benet examinou-a dentro da minúscula cabana escura e voltou para relatar o caso.

Josie levou um das mãos aos olhos. Lera no jornal a respeito da cólera na Ásia. Era uma doença nova no continente, pelo menos na última década, mas seu grau de virulência era conhecido.

Santo Deus, mais mortes, não.

Ela foi para o quarto com mais uma de suas então freqüentes dores de cabeça. Cleo trocava de roupa. Separara as mais gastas para as tarefas mais grosseiras.

— Ainda está usando esse vestido velho? — Josie perguntou com indiferença.

— Dr. Benet disse que tratar da cólera é um serviço sujo. Josie virou-se, alarmada.

— Vai descer?

— Meu povo precisa de mim. — Cleo abotoou o corpete puído e procurou os sapatos mais velhos.

— É a minha gente também — Josie sussurrou, sentada na cama.

Cleo sentou-se ao lado de Josie.

— Não posso discordar.

— Irei com você.

— Josie, fique aqui com madame Emmeline.

— Laurie fará companhia à vovó — ela vestiu um traje surrado e calçou sapatos furados.

As duas apertaram as mãos e entraram juntas na área do contágio.

Nos dias que se seguiram, Josie e Cleo acompanharam o dr. Benet nas cabanas, trouxeram água para os doentes e trocaram lençóis das camas. Misturavam água e melaço em galões e seguiam as instruções do médico.

— Isso os salvará? — Josie perguntou.

— Minha querida, eu não conheço a cura para essa doença. Espero ter encontrado um remédio que ajude o organismo a sarar por si mesmo.

Cleo foi atender os doentes que ficaram no pátio e Josie visitou a cabana vizinha a Ursaline. Ali três crianças viviam com o pai, Luc e com a avó Bella. Tansy estava sempre com o dedo na boca, Valjean, com os joelhos arranhados e Josephine recebera o nome em sua homenagem. As três crianças eram as favoritas de todos. Iam com a avó na leiteria, na cozinha e voltavam no alojamento para levar o leite. Josie examinou cada uma delas como o dr. Benet lhe ensinara a fazer. Seria terrível vê-los morrer.

Apesar das doses de melaço, a cólera se alastrava. A cada morte, a descrença de Josie aumentava. Pouco dormia. Passava as noites em vigília junto aos doentes. Não se lembrava de ter comido nem de ter tomado as porções do remédio empírico do dr. Benet. Ao ver o rosto abatido de Cleo, mandou-a de volta para casa, mas a irmã continuou atendendo os doentes.

Josie desvelou-se em cuidados, mas Tansy acabou morrendo, para desgosto de todos. A dor de Josie foi intensa e ela ficou-se durante algum tempo em estado de sonambulismo.

Ursaline, a primeira a adoecer, também foi a primeira a mostrar sinais de recuperação. Josie, Cleo e o médico continuavam a administrar o melaço aos doentes. Alguns morriam, enquanto outros se recuperavam. Finalmente chegou o momento em que não se viu casos novos nem mortes. Dos vinte e seis atingidos pela cólera, apenas sete haviam morrido.

Josie sentou-se na varanda da cabana da avó Bella. A pequena Josephine estava em seu colo. Valjean, encostado em suas pernas. Ele cantava uma música sacra e a ladainha fez Josie adormecer.

Avó Bella pediu ao filho Luc para carregar apauvre demoiselle de volta à casa-grande.

No dia seguinte, Josie acordou e viu Cleo deitada no catre do outro lado do quarto.

Depois da tragédia, a vida começava dar sinais de normalidade. Madame Emmeline

tirou os nomes dos mortos da lista de moradores. Desesperou-se ao supor como trabalhar no ano seguinte com mão-de-obra tão desfalcada.

Por duas vezes Albany Johnston veio fazer uma visita, mas Josie tinha pouco o que dizer a ele. Ela e a avó haviam perdido a energia tanto para superficialidades assim como para assuntos mais sérios.

Cleo continuou a encontrar-se com Remy e voltava cada vez mais tarde para casa. Tinha sua própria vida.

Josie perdera o entusiasmo por tudo. Uma carta para tia Marguerite demorou dias para ser concluída. Dormia muito e dava longos passeios solitários. O dr. Benet disse para si mesmo que a jovem parecia uma velha. Ombros caídos e cabelos em desalinho.

O mesmo acontecia com sua avó. A fadiga, a preocupação e o sofrimento minavam-lhe as forças. Dr. Benet prescreveu-lhe uma poção para dormir, na esperança de restaurar-lhe a energia. Nada adiantava.

— Bom dia, Emmeline — Dr. Benet entrara no gabinete para despedir-se. — Antes de ir embora, gostaria de ter uma conversa consigo.

A matriarca indicou uma poltrona de couro e fez sinal para Laurie manter as moscas afastadas.

— Emmeline, a melancolia nesta casa vai acabar com sua vida e a de Josephine. Sei que a situação é muito difícil, mas estou preocupado com ela. A pobre menina não saiu do torpor nem mesmo quando recebeu a visita de Albany.

— Ah, ele é um jovem tolo.

— Não é por isso. Josephine está perdida, imersa em sofrimento.

A velha senhora suspirou.

— François, cada um de Toulouse perdeu alguma coisa. Essa é uma verdade inquestionável. Não posso trazer meu filho nem Celine de volta.

— O que acha de mandá-la para New Orleans durante a temporada? Ela se sentiria melhor longe do silêncio opressivo desta casa. Josephine já deveria ter sido apresentada à sociedade. Marguerite irá passar p inverno em New Orleans. Ela ficará contente de poder cuidar da sobrinha.

— Está bem. — Emmeline fitou os ramos desfolhados das pervincas.—Já reparou que o jardim está sem flores, François?

— Mandarei mudas dê camélias e o jardineiro poderá plantar novas roseiras. No próximo verão o jardim estará florido outra vez.

— Nós gostamos de rosas vermelhas — Laurie disse, orgulhosa.

— Darei um jeito nisso, minha pequena.

Dr. Benet despediu-se da amiga e foi até a margem onde Elbow John e mais três homens o aguardavam para a travessia do rio.

Durante o jantar a avó comunicou a intenção de mandar Josie para New Orleans. Após alguma incerteza, a jovem acabou por aceitar a proposta.

Phanor desmontou no pátio. Viera a pedido de madame. Sentou-se no degrau inferior, limpou os pés descalços, calçou meias e as botas que carregava no ombro.

— Olá, Phanor — Cleo saudou-o. — Gostaria que Thibault alimentasse o coitado do Toine?

— Ah, este mulo está sempre pronto para comer. — Ele a abraçou. Depois da cólera dominada, Phanor encontrara-se algumas vezes com Cleo, Remy e outros na margem para tocar e dançar. — Você precisa engordar um pouco.

— Nós estamos comendo melhor agora. Inclusive Josie.

— Ela está bem? Eu poderia cumprimentá-la?

Na missa em intenção de Emile Tassin, Phanor sentira um aperto na garganta ao ver o rosto lívido de Josie. Gostaria de confortá-la, apesar da diferente posição social que ocupavam na vida. Admitiu que ultimamente pensava demais naquela jovem solitária e

triste.

Cleo levou-o até a sala de estar onde Josie estava com o bordado no colo e olhava sem ver pela janela.

— Mademoiselle. Josie assustou-se.

— Não o ouvi entrar. — Ela dobrou o tecido e levantou-se. As sardas haviam sumido. De preto, parecia ainda mais magra, pálida e infeliz.

— Sinto muito por seu pai, Josie.

— Agradeço seu interesse, Phanor. — Não o via há dois meses. — Como está sua família?

— Bem, obrigado. — o rapaz bateu o chapéu no joelho. — Vim falar com sua avó. Algumas vezes Cleo, alguns escravos e eu temos feito um pouco de música à noite. Se quiser, poderíamos tocar para alegrá-la.

O sorriso de Josie foi luminoso e o olhar esverdeado o fascinava.

— Eu gostaria muito.

— Agora vou falar com madame. Que tal amanhã, Cleo? — Esperou Cleo anuir. — Estamos combinados, Josie.

Cleo acenou para Phanor entrar no gabinete e fechou a porta. Ficou de ouvido atento para escutar o que diziam. Em seguida, aproximou-se de Josie.

— Madame disse alguma coisa a respeito de monsieur Cherleu. E também sobre New Orleans. Será que ela vai mandar Phanor para lá?

Depois de algum tempo a porta foi aberta e Phanor apareceu com um grande sorriso. Olhou para trás para ver se Laurie isolara novamente os dois recintos e aproximou-se das duas jovens.

— Serei o comerciante de vinhos de monsieur Cherleu em New Orleans! O que acham disso? Foi madame quem conseguiu!

— Parabéns, Phanor! — Cleo disse. — Eu sabia que você acabaria indo para New Orleans.

— Josie — Phanor abaixou o tom de voz —, isso significa que não poderei tocar rabeca amanhã. Esta noite, talvez.

Emmeline abriu a porta.

— Ainda está aí, Phanor DeBlieux?

— Eu estava de saída, madame. — Ele piscou para Cleo e fez uma medida de cabeça para Josie. — Au revoir, mademoiselle Josephine.

A avó sentou-se depois da saída do rapaz e pediu para Cleo trazer-lhe um copo com água.

— Monsieur Cherleu está ficando velho, Josephine, e muito cansado para começar de novo depois da inundação. Ele depende de seu negócio de importação de vinhos e precisa de alguém para representá-lo em New Orleans. Phanor é um rapaz inteligente e aprenderá rápido.

Phanor ficaria em New Orleans durante o inverno inteiro! Poderiam encontrar-se!

Depois do jantar, Josie e Cleo saíram de casa e pegaram Thibault na cabana de Louella. Um bom acompanhante em virtude das circunstâncias. O mais importante era a voz afinada e doce do garoto. Uma promessa de alegria e esperança.

Thibault correu na direção do mulo de Phanor que pastava na margem. Esfregou o focinho do animal e arrancou um punhado de grama para oferecer-lhe.

— Toine, um bom camarada. Você é meu amigo.

Phanor arrumava a lenha no centro da clareira para atear fogo.

— Olá, Cleo. Bon soir, Josie.

Confusa, Josie não sabia o que fazer. O rapaz apontou para um lugar no tronco perto dele. Ela sentou-se, insegura. Achava ter sido convidada por causa de Cleo

— Onde está Remy? — Phanor perguntou.

— Ficaré no campo até escurecer — Cleo explicou. — Virá depois de comer e de jogar um balde de água na cabeça.

Phanor tocou uma melodia country conhecida e Cleo puxou Thibault para dançar.

— Venha, Josie — O garoto chamou-a.

Cleo estendeu a mão e Josie aceitou o convite. Os três se divertiram com os passos intrincados que monsieur Pierre trouxera para Toulouse. Rindo, Josie deu-se conta que há muito não se sentia tão descontraída e livre do peso dos problemas.

Continuou a dançar ao som do violino de Phanor até o sol desaparecer no horizonte, deixando apenas os reflexos alaranjados. No céu, tons róseos e azul arroxeados. Logo depois, Remy chegou.

— Vejam o que eu trouxe — ele disse e recuou ao ver Josie.

— Perdão, mademoiselle. Eu não sabia que estava aqui. Perdão. Abigail ficaria horrorizada de saber que Josie passava a noite com um cajun e um escravo.

— Remy, Cleo me disse que você tem uma voz maravilhosa. Eu gostaria de escutá-lo cantar. Remy hesitou.

— Suba até aqui — Phanor chamou-o e Remy decidiu-se.

— O que traz nesse saco?

— Amendoins.

— Josie e eu adoramos amendoins — Cleo assegurou.

Os cinco acomodaram-se ao redor da pequena fogueira.

Comeram amendoins e conversaram. Josie descobriu que Phanor era um talentoso contador de histórias, além de um jovem sedutor.

Observou Cleo e Remy abraçados sobre um pedaço de lona esticado no solo. O pai delas certamente iria preferir uma coisa melhor para a filha do que um escravo. Talvez um ferreiro ou um homem liberto. Suspirou, sentindo-se ainda mais solitária ao ver as atenções de Cleo voltadas inteiramente para Remy.

Josie recolheu as cascas e fez uma pilha no colo. Thibault ensinou-a a jogá-las por sobre o ombro como todos faziam. No lusco-fusco as inibições eram mais facilmente esquecidas e ela imitou os demais. A reunião tornou-se mais alegre e Phanor começou a tocar.

Dessa vez foi uma melodia ligeira do folclore cajun. Josie dançou com Thibault e Cleo, com Remy. Quando a música terminou, o menino abraçou Josie com força.

— Eu a amo, Josie.

Lágrimas vieram aos olhos dela. A fisionomia do menino lembrava a do pai deles. Ela se ajoelhou e apertou-o nos braços.

— Eu também o amo muito.

— Ela é minha irmã — o menino falou com Remy, por cima do ombro de Josie.

— Thibault! — Cleo admoestou-o. — Eu já lhe disse... Josie levantou-se, envergonhada pelos outros.

— Não se preocupe, Cleo. Eu já sabia.

O momento constrangedor se arrastou até Remy começar a bater palmas e a bater os pés em um ritmo complicado. Phanor acompanhou a batida com as mãos e os pés em um ritmo cada vez mais rápido.

Os cinco passaram mais uma hora sob o luar, cantando, dançando e rindo. Phanor tirou uma flauta de cana de dentro da caixa do violino. Tocou uma música suave e os demais ouviram em silêncio.

— Tente — Phanor estendeu o instrumento para Josie.

— Mas eu nunca...

— Tente — ele insistiu.

Josie levou a flauta aos lábios esperando tirar algo pior de que o grasnar de um corvo. No entanto, conseguiu um som claro e harmonioso.

— Nada mal. Use os buracos.

Ela assoprou e correu o dedo para cima e para baixo. Experimentou um trinado de poucas notas. O resultado foi tão melodioso que lembrou o gorjeio de um pássaro. Continuou a tentativa enquanto os outros comiam os amendoins restantes.

Podia tirar sons de uma flauta! Em mais um ensaio, executou o minueto contra o qual lutava no piano. A música alegre tinha uma leveza contagiante.

— Eu tinha certeza de que havia musicalidade em seus ouvidos. — Phanor estava radiante. — Você nasceu para tocar flauta.

Josie tocou mais uma melodia que fluía do coração direto para o píforo. Sem receios nem restrições.

— Eu não imaginei que conseguiria — ela estendeu o instrumento para Phanor.

— Claro que pode. Flauta não é como o piano. Caberá em seu bolso. — Phanor fechou-lhe os dedos sobre o instrumento. — É sua, Josie.

— Mas...

— Eu a entalhei para você, depois de estragar quatorze pedaços de cana. É sua.

— Pegue, Josie — Cleo disse e tudo foi resolvido.

A noite estava quase no fim. Remy começou a cantar um spiritual, a canção religiosa dos negros do sul. Cleo acomodou-se no chão e encostou-se nos joelhos dele. Thibault cochilava com a cabeça em seu colo. As cigarras, os grilos e os sapos fizeram silêncio para escutar a voz de tenor de Remy. Cada nota representava a ânsia, o amor e a esperança.

Josie sentou-se ao lado de Phanor. Inalou o cheiro de fumaça em seus cabelos e do suor de sua camisa.

— Josie... — O rapaz fitou-a sob a luz fraca das chamas que se apagavam e passou a ponta dos dedos nos lábios carnudos.

Ela desejava beijá-lo e sentir a textura da pele sob a camisa fina.

— Acorde, Thibault. — Cleo interrompeu-lhe os devaneios. — Não vou carregá-lo até em casa.

Remy já sumira na escuridão, de volta ao alojamento.

Na manhã seguinte, Josie tomou sozinha o café da manhã. Escutou a música através da janela. Correu até o terraço da frente. Embaixo, Phanor com o violino.

Ele tirou o chapéu e fez uma reverência exagerada.

— O que deseja ouvir, mademoiselle.

— Algo bem animado, sir.

Phanor decidiu-se por uma música cajun bem alegre.

No meio da canção eles escutaram o apito do barco a vapor.

— É a embarcação que me levará a New Orleans.

— Espere. Vou descer.

O rapaz guardou a rabeca e pegou a valise. Alto e elegante, apesar da roupa simples. Ele se tornaria um homem de negócios. Não passaria mais os dias a pescar e a caçar. Nem contaria histórias. Não perderia um minuto para escutar o canto dos pássaros.

Josie caminhou com ele pela alameda dos carvalhos até o cais. Desejou-lhe felicidades com o coração apertado por vê-lo partir.

— Tocaré como se fosse para mim algum dia? — Josie segurou-lhe o braço, tímida.

— Com certeza. E mademoiselle tocará a flauta para mim.

O capitão fez soar o sino para apressar os passageiros. Phanor apertou a mão de Josie e embarcou. Ficou em pé no convés, acenando e sorrindo.

Josie retribuiu o aceno até a curva do Mississippi impedir-lhe a visão do navio fluvial. Permaneceu no cais por algum tempo. Admirou as libélulas e escutou o coaxar de um sapo escondido entre os ramos de junco. Voltou para casa cantando uma melodia cajun.

Os dias que se seguiram à partida de Phanor foram de grande monotonia. Final de verão úmido e quente. O silêncio da casa-grande era opressivo sem as idas e vindas de Emile, sem os amigos de Celine, sem o cantarolar suave de Bibi. Toulouse voltava ao normal e Josie pensava com maior animação sobre a temporada na cidade.

Abigail veio visitá-la duas vezes, acompanhada do irmão. Albany conversou sobre negócios com a matriarca. As jovens foram para o quarto de Josie e folhearam as últimas revistas de moda de Nova York.

Albany Johnston também veio sozinho com a desculpa de falar com Emmeline, mas estendeu a visita para ficar com Josie na sala de estar. As idéias de ambos eram bem diversas. Ele se interessava por comércio e política, assuntos que não cativavam o espírito de Josie.

Finalmente os ventos do golfo do México afastaram o ar pesado e úmido, e Josie começou a planejar o guarda-roupa de inverno. Escreveu para as primas, avisando-as de que estaria em New Orleans para a temporada.

Imaginava bailes e banquetes, sem esquecer de Phanor, a quem, infelizmente, só poderia dedicar amizade. Ele era um cajun. Ainda assim...

O primo Bertrand também lhe ocupava a mente. Os beijos dele haviam-lhe despertado sentimentos nada fraternos como convinha a uma prima. Ele seria convidado para as recepções de tia Marguerite e poderia ensiná-la a bailar a valsa, a nova dança a que Abigail se referira.

Bertrand a beijaria novamente?

A vida de Cleo também assumia novos contornos.

Ninguém reclamava mais de suas ausências noturnas, nem mesmo Josie ou madame. Algumas vezes ela ia visitar Thibault e Louella na cabana que ficava atrás da cozinha externa. Com maior frequência, encontrava-se com Remy após o término do trabalho dele. Remy vinha cansado e ferido. Cleo passava unguento nos arranhões, tirava os carrapichos da calça, enquanto ele comia a ração de broa de milho e toucinho. Ela sempre trazia alguma coisa da mesa de madame.

— O que é isso? — Remy perguntou.

— Geléia de laranja.

Ele experimentou e revirou os olhos.

— É mais doce de que a cana-de-açúcar. Você vai me estragar com tantos mimos.

Remy dormia na cabana dos solteiros. Por isso os dois iam até a clareira secreta, estendiam a manta velha e faziam amor com a proteção da fumaça que afastava os mosquitos.

— Será preciso cuidado, Cleo. Não podemos ter um filho agora. Primeiro quero ser alforriado. Assim poderei libertá-la e nosso filho nascerá livre.

Nos últimos dias de novembro, algum tempo depois da partida de Josie para New Orleans, Cleo aconchegou-se em Remy na cama de folhas sob as árvores.

— Encontrei um mapa no quarto de monsieur Emile.

— De que me serve isso, Cleo? Não sei ler.

— Eu lhe ensinarei a consultar um mapa. Senão como irá até os estados onde não existem escravos?

— Está bem. Traga o bendito mapa. Poderei sair na época de Natal, quando terei dois dias de folga.

Eles se abraçaram e observaram por entre os ramos das árvores o caminhar lento da lua.

— Sentirei sua falta — Cleo sussurrou.

— Eu também, chérie, mas temos de tentar. Para que nossos filhos nasçam livres.

— Temos novidades, Remy.

— Boas?

— Não sei.

— O sr. Gale comprou uma fazenda no Texas. Madame contratou um novo capataz.

— Se não for pior do que o sr. Gale... Nesse caso, será melhor eu ir logo.

— Antes do Natal?

— Esse camarada vai querer mostrar energia para madame. Será mais conveniente eu fugir antes que ele me conheça.

Cleo sempre escutara histórias de escravos fugitivos que se perdiam nas matas ou nos pântanos. Eram trazidos de volta esfomeados, febris e inchados pelas mordidas dos mosquitos. Os açoitamentos que deixavam ossos expostos não eram os piores castigos. Um feitor escocês de outra paróquia cortava os dedos dos pés com um machado.

— O homem poderá ser humano como o sr. Gale.

— Ou então selvagem como McGraw rio acima que, segundo o velho Sam, adora o ferro de marcar.

— Madame jamais permitiu o uso de ferrete. Você não será queimado.

Remy afastou-se.

— Você fala como se soubesse que serei apanhado. Cleo sentou-se.

— Remy, não duvido de que saberá enfrentar a charneca. Mas as patrulhas vasculham a região dia e noite. Lembra-se quando trouxeram o velho Sam de volta acorrentado e quase morto?

Ele levantou o queixo de Cleo.

— Tenho de tentar, minha querida.

— Eu sei.

Fizeram amor no esconderijo que lhe propiciava a segurança da escuridão.

Mais tarde, sob a luz do luar, Cleo ficou parada no terraço até Remy desaparecer em direção ao alojamento.

Ela foi para o quarto de Josie que continuara a ocupar após a partida da irmã. Aproveitou para estudar o mapa sob a luz do candelabro. O rio seria o caminho mais fácil para o norte, mas também o mais perigoso. Traficantes de escravos ficavam à espreita de fugitivos. Remy não chegaria a Iberville se não abandonasse o Mississippi com maior brevidade possível.

Ah, como gostaria de falar sobre isso com Josie. Sentia muito sua falta. Nem mesmo o luxo de ter a cama e o quarto só para ela alivia-lhe a solidão. Chegava a ouvir os passos do pai ou sentir o cheiro de seu charuto. Falava com a lembrança de sua mãe e confidenciava-lhe o tamanho de seu amor por Remy. Fantasmas nunca respondiam e ela se sentia cada vez mais só.

Se o pai estivesse vivo, poderia pedir-lhe para conseguir a liberdade para Remy. Era um procedimento comum. O escravo continuava trabalhando para o homem branco em troca de um pequeno salário. Madame jamais consentiria isso. Desde a morte de monsieur Tassin há vinte anos, não se faziam acordos desse tipo. Nem seriam feitos depois da enchente e da cólera, com a diminuição da mão-de-obra.

Remy não deixaria de tentar. O frio afastaria os mosquitos e deixaria as cobras sonolentas. Cleo furtaria trajes decentes do guarda-roupa de monsieur Emile. Também poderia conseguir comida da cozinha de Louella ou da mesa da casa-grande.

A maior proteção seria o passe forjado. O maior crime de todos era falsificar um salvo-conduto. Maior ainda do que saber escrever. Mas Cleo não permitiria que se amado ficasse sujeito às patrulhas ou aos mercadores de escravos. Caso fosse apanhado, ele não tinha desembaraço suficiente para convencer ninguém de que não estava fugindo.

A madrugada chegou cinzenta e fria. Cleo pôs um xale sobre o vestido e calçou as velhas botas de couro de Josie. Disse a si mesma que madame certamente a deixaria descalça, se os pés de Josie não fossem maiores de que os dela.

Moeu o café. Depois de Louella preparar o desjejum de madame, avisou-a de que a

primeira refeição do dia estava pronta.

Desde a tragédia da inundação, os passos de madame haviam se tornado menores e menos enérgicos. A matriarca caminhava com os ombros caídos e a expressão dura fora suavizada.

Cleo serviu-lhe o café quente e ficou em pé a seu lado.

— Não tem geléia de laranja?

— Não, madame. Foi perdido na enchente. Exceto o pouco que ela salvara para Remy.

As pequenas faltas constatadas diariamente não permitiam que esquecessem o ocorrido. Não havia manteiga. O café, só os dois quilos que a tia Marguerite mandara para madame.

Emmeline terminou de comer a morcela e a broa de milho. Limpou os lábios com o guardanapo e fez sinal para Cleo ficar à sua frente, enquanto tomava café.

— Você deve saber que o sr. Gale vai nos deixar. — Era uma insinuação de que a jovem escutava atrás das portas. — Monsieur LeBrec chegará hoje. Ele ficará alguns dias com o sr. Gale para inteirar-se de nossa rotina. Até a família do sr. Gale desocupar a casa deles, os LeBrec precisarão de um alojamento provisório. Quero que arrume o galpão das carruagens para eles. Não posso ocupar os escravos com essa tarefa para não afastá-los de seus serviços.

— Deixar os coches do lado de fora? E se chover?

— Ficarão molhados.

— Sim, madame.

— Diga a Louella que os LeBrec e os Gale jantarão comigo hoje. Estou cansada de ficar sozinha nesta mesa.

— Sim, madame.

— Direi a ela qual deverá ser o cardápio. — Emmeline fez um gesto de pouco caso. — Esqueça. Diga a ela para preparar o que quiser.

Naquela noite, os dois feitores e suas esposas sentaram-se à mesa de madame. A Sra. LeBrec e a Sra. Gale usaram os melhores trajes e passaram a noite vangloriando-se dos próprios méritos.

Cleo, parada junto à mesa, observava LeBrec. Era cajun e usava brilhantina nos cabelos negros. O paletó marrom era de boa qualidade e as aplicações de couro dos cotovelos eram bem feitas.

— No meu último emprego, não tive problemas com preguiçosos — disse LeBrec. — O remédio? Uma punição rápida e segura. Uma faca de bolso, um ponta de orelha cortada e os escravos são mantidos na linha.

— Poderá comprovar por si mesmo, sr. LeBrec, que temos bons trabalhadores em Toulouse — o sr. Gale retrucou. — Tome como exemplo os camaradas que estavam erguendo as cabanas hoje à tarde. Garanto-lhe que não havia nenhum lerdo entre eles. Um bom tratamento resulta em cooperação.

O sorriso de LeBrec foi tão arrogante quanto o bigode negro cuidadosamente aparado.

— O senhor diz isso até algum deles tentar fugir.

— Não temos uma fuga há quanto tempo? — Gale fitou madame.

Em outras épocas, ela nem mesmo teria tolerado à mesa uma conversa sobre escravos.

— Há mais de seis anos — Emmeline respondeu.

— Não lhe disse? — Gale entusiasmou-se.

A Sra. Gale cutucou o marido de leve e sorriu para madame, desculpando-se.

— Os dois passaram a tarde toda conversando e ainda sobrou assunto. — A Sra. Gale deu uma risada nervosa.

LeBrec não se mostrou interessado em conversas triviais e não desfilava um só instante de Cleo. Ela entendeu o significado daquele olhar e suas mãos tremeram. Vez por outra, monsieur Emile tinha convidados que, ignorando o parentesco daquela casa, olhavam-na dessa maneira.

Cleo recolheu os cálices e quando chegou perto de LeBrec, ele passou a mão por baixo de sua saia. Cleo deu um pulo para trás e deixou o cristal espatifar-se no chão.

Ela se ajoelhou depressa e começou a catar os cacos.

— Menina idiota — A Sra. LeBrec irritou-se. — É muito difícil treinar um escravo para trabalhos delicados.

Cleo saiu correndo depois de reunir os fragmentos do cálice no avental. Entrou no velho gabinete do pai, fechou a porta, sentou-se na poltrona de couro e abraçou os joelhos.

Quem a protegeria dali para frente?

Naquela noite, a esposa de LeBrec manteve Cleo ocupada com mil tarefas. Faltava uma luminária. O pequeno Yves precisava de mais um travesseiro. A cama de Sylvie era muito dura e seria preciso mais um colchão. Quando os LeBrec a dispensaram, o alojamento estava escuro e silencioso.

Na manhã seguinte, Cleo atravessava o pátio rumo à lavanderia com as roupas da madame em um cesto sobre a cabeça. A Sra. LeBrec interceptou-a no meio do caminho.

— Bonjour, madame.

— Espere um minuto, garota.

Cleo imaginou se a mulher iria pedir-lhe para transformar o celeiro em palácio.

— Monsieur LeBrec é um homem atraente — afirmou a mulher, com semblante carregado.

Cleo conteve a respiração por um instante.

— Eu a vi olhando para ele.

— Não, senhora — Cleo protestou.

— Entre outras coisas, mandei marcar com ferro quente a última vadia que ousou atraí-lo — A mulher virou-se e falou por sobre o ombro. — É só para você ficar sabendo.

Naquele dia Cleo trabalhou com fúria causada pelo desespero. Lustrou todos os móveis. De joelhos, esfregou o assoalho da sala de jantar. Subiu em uma cadeira e poliu o lustre da sala de estar.

O que poderia fazer? Não adiantaria contar para Remy. O que um escravo poderia fazer contra um feitor? Madame Emmeline acabaria por entender, mas certamente tarde demais.

Cleo sacudiu a toalha sobre o corrimão do terraço e viu o sr. Gale sair do gabinete de madame. Ela deu um passo à frente e o homem se deteve.

— Sr. Gale — ela sussurrou. — O novo capataz... Gale anuiu e pôs o chapéu na cabeça.

— Será melhor não se afastar daqui, menina. É só o que posso lhe dizer. Fique perto da casa-grande.

A lua brilhava no alto quando ela foi ao local de encontros secretos. Esperou. Remy demorava. Às vezes ele se atrasava ou ela se retardava. No último caso, não raro encontrava Remy adormecido de cansaço. Doze horas diárias de trabalho duro esgotava qualquer um.

Cleo voltou para casa, desanimada, andando devagar. Ao escutar o ruído, apressou a caminhada.

— O que está fazendo fora de casa a essa hora? — Era LeBrec. — Procurando encrenca?

Ele se aproximou e agarrou-a pelo braço. Cheirava a bebida.

— Será que tem algum camarada interessado nessa formosura?

— Não, monsieur. Solte-me, por favor.

— Ah, como ela é educada — LeBrec caçoou. — E se dá ar de grande dama, não é? Você não passa de uma negrinha mimada. Darei um jeito nisso!

Cleo desvencilhou-se e correu para casa. A risada de LeBrec ressoou no pátio.

Cleo não dormiu. Escutou madame levantar-se, andar de um lado a outro durante uma hora e tornar a deitar-se. Ainda estava acordada quando madame foi sentar-se na cadeira de balanço da varanda para ver o raiar do sol.

No meio daquela manhã, o sr. Gale acomodou a família em uma carroça e deixou Toulouse para uma nova vida no Texas. Cleo seguiu o conselho dele e manteve-se em casa. Depois do almoço, LeBrec reuniu-se no gabinete a portas fechadas com madame Emmeline. Era uma oportunidade para ver Remy durante alguns minutos.

Correu até onde os homens construíam uma nova moenda de cana. Remy não estava lá. Tentou o alojamento onde novas cabanas eram erguidas. Não o encontrou. Perguntou por ele ao velho Sam que martelava as tábuas do assoalho.

Sam sentou-se nos tornozelos e limpou o suor da nuca com um lenço. Hesitou bastante antes de responder.

— Cleo, ele foi embora.

— Embora? — Cleo ficou-se estupefata. — Eu tinha uma encomenda para ele.

— Ele saiu na hora certa. Gale despediu-se e não sabemos quem é o novo feitor. Na hora certa — ele repetiu, levantou-se e abraçou-a. — Não quero vê-la chorar, minha criança. Preocupação não leva a nada. Remy é um garoto inteligente. Tudo dará certo.

Cleo sentiu-se protegida nos braços de Sam. Segurança ilusória. Ele não a protegeria de LeBrec nem poderia ajudar Remy.

— Cleo, vê aquela nuvem? — Ele apontou. — Não parece uma borboleta branca? É um bom sinal. Tenho certeza de que tudo dará certo para vocês dois. — Limpou-lhe as lágrimas com o polegar. — Demonstre bom humor na casa. Ninguém deve desconfiar de nada.

Cleo anuiu, na ponta dos pés, beijou o rosto enrugado de Sam. Disparou para a casa-grande. Queria estar atrás da porta fechada do quarto de Josie quando LeBrec saísse do escritório de madame.

Capítulo VII

New Orleans era uma cidade festiva no inverno. Estavam em novembro. Josie deparou-se com uma vertiginosa vida noturna onde sobravam danças, jantares e teatros musicados. Adorou participar da vida de tia Marguerite, das reuniões e dos concertos. Porém, as tardes frias e chuvosas eram melancólicas. Josie deixou o livro de lado. As letras eram muito pequenas e Cleo já lera o livro para ela.

O relógio do hall deu três badaladas. Era o horário em que Abigail prometera vir. Une américaine não costumava atrasar-se. Josie apresentara Abigail a seus primos creole e eles a receberam com agrado. Ainda assim Abigail preferia a companhia de Josie. Talvez por acreditar que pudesse contar com a proteção de Albany sempre que a presença de Josie fosse garantida.

Escutou o mordomo atender à batida na porta. Pegou o manto e o chapéu e foi até a sala de estar. Albany viera sozinho.

— Abigail pede desculpas. Ela se encontra indisposta. Mas não quis desapontá-la. Talvez madame Lambert pudesse acompanhar-nos em um passeio.

Como de hábito, Albany pensava no que seria melhor para ela. Josie se aborrecia por ele a tratar como uma criança.

Josie mandou chamar a costureira da tia. Madame Lambert era uma viúva idosa que vivia na casa por caridade e em troca de serviços de costura. Uma excelente pessoa, embora fosse um pouco surda. Ela se mostrou encantada de tomar um café com monsieur e com mademoiselle, e correu para buscar o toucado.

Do lado de fora, Albany ofereceu o braço para Josie. Madame Lambert caminhou atrás deles, como convinha a uma acompanhante. Josie compadeceu-se do vestido de luto da pobre mulher. Lembrava a roupa que vestira no funeral de sua mãe. Embora ainda usasse a cor negra, naquela altura seus trajes eram mais modernos.

Jackson Square fervilhava. Eles pararam para ver dois meninos negros que cantavam e dançavam. No chão, um chapéu velho com um centavo solitário no fundo para atrair a boa vontade dos espectadores. Os garotos terminaram a apresentação e sorriram par Josie.

— Eles são encantadores — ela comoveu-se. Albany atirou uma moeda no chapéu e levou-a dali.

— Merci, monsieur! Merci, jolie mademoiselle.

Nas primeiras semanas, Josie esperava encontrar Bertrand Chamard em cada evento ao qual comparecia. Desapontada, soubera que ele não estava na cidade. Algumas vezes seu coração disparava diante de um homem parecido com Phanor. Com certeza ele ainda estava em New Orleans, depois dos elogios que monsieur Cherleu ouvira de madame Tassin. Phanor DeBlieux tinha juízo e era confiável. Qualidades raras em um cajun, segundo ela.

— Eu gostaria de mostrar-lhe algo, Josephine — Albany disse.

Josie desanimou. Eles se dirigiam ao rio. Na certa Albany retomaria novamente o discurso cansativo a respeito do comércio fluvial de New Orleans.

— Espere um pouco, Albany. — Passavam por um ambulante que fritava fatias de banana em óleo fervente. — Madame Lambert e eu gostaríamos de um cone com bananas fritas.

Albany sorriu com indulgência e não teve alternativa. Parou e comprou para elas a fritura polvilhada com açúcar mascavo.

— Vai estragar as luvas.

— Não vou. — Josie tirou as luvas de pelica e pediu-lhe para guardar no bolso.

Josie estava certa sobre o sermão comercial que se seguiria. Albany apontou as barcaças que subiam o rio lotadas com fardos de algodão, as barricas de melado sendo levadas para um navio, os tonéis de vinho e de cerveja que eram descarregados. Ele nem mesmo se importava com o vento frio que levantava a anágua de Josie.

— O açúcar e o melaço de sua avó provavelmente vieram parar neste porto no ano passado.

Josie estava certa de que Toulouse não produziria nada naquele ano.

Albany levou Josie e madame Lambert a um bar onde os três pediram café au lait bem quente. Sentaram-se nas mesas do lado de fora, abrigados do vento. Um malabarista de rua procurava ganhar alguns trocados. Ele se esforçava em manter três bolas no ar, mas uma delas sempre caía. O rapaz era ruivo, um dos novos imigrantes irlandeses dos quais Josie já ouvira falar. Eram muito pobres. Quase como os negros, madame Lambert dissera por trás do leque.

Albany conduziu Josie e a dama de companhia pela rue Esplanade de volta à casa de tante Marguerite. Recomendou a Josie para fazer repouso antes do jantar.

Ela teve vontade de dizer-lhe que poderia caminhar duas vezes mais e com o dobro da rapidez se ele não houvesse insistido em admirar as embarcações do rio.

— Obrigada, Albany. Foi um passeio adorável.

Subiu a escada e tirou a coifa rumo a seu quarto. Deteve-se ao ouvir o chamado da tia.

— Josie, venha cá, chérie.

Entrou nos aposentos da tia e deixou o toucado sobre a escrivaninha.

— Fez um passeio agradável com lê américain! Ele é muito simpático. Você é uma jovem de sorte.

Josie suspirou.

— A senhora poderia imaginar que encontraria um navio vindo de Madagascar, uma ilha da costa leste da África que exporta especiarias, café, baunilha e sisal?

A tia sorriu.

— Não seja tão rude com ele, minha querida. Nem todos podem ser poetas. — Marguerite segurou um vestido enfeitado diante de si. — O que acha? Amanhã à noite deverei usar este de seda creme?

Marguerite convidara alguns amigos para um jantar informal. Mesmo assim, luz de velas e vinho não eram favoráveis a damas de certa idade. Por isso o cuidado na escolha do traje e das jóias.

Josie pensou se Alphonse, sobrinho de Marguerite por parte do marido, onde Sandrine, viria à reunião. Da última vez que o vira, ele se mostrara um jovem animado que usava roupas vistosas. Esperava também que monsieur Breton, irmão mais velho de Sandrine não viesse. Os dentes amarelos dele eram tão repulsivos quanto o cheiro de sua eau de toilette.

No dia seguinte, Josie escolheu um de seus dois melhores vestidos de festa. Apesar do tecido preto, fora feito segundo as últimas tendências da moda e era enfeitado com laços de seda. Um penteado de cachos e faces com um pouco de ruge transformaram-na em beldade.

O salão de recepções de Marguerite brilhava com os candelabros acesos. A sala de estar menor fora esvaziada para as danças. Os músicos tocavam uma melodia suave enquanto a anfitriã recebia os convidados. Na sala de jantar pequena demais para acomodar tantas pessoas sentadas, as iguarias tinham sido dispostas sobre a mesa de mogno. Os convivas se serviram à vontade no transcorrer da noite.

Josie sentou-se no sofá de damasco amarelo e arrumou as saias com graça. A prima Violette lhe faria companhia. Dois anos mais velha de que Josie, não escondia a aflição para encontrar um noivo. Com vinte anos e sem um pretendente em vista, os cavalheiros mal a notavam. Poderia ser o nariz comprido demais, porém outras menos bonitas de que Violette encontravam maridos.

Alphonse chegou e, assim que viu Josie, veio a seu encontro. Com uma mesura refinada, cumprimentou as duas. Puxou uma cadeira para perto dela e explicou detalhes sobre as corridas de cavalos daquela manhã. Fez ela rir ao descrever como seu favorito se distanciara cada vez mais do primeiro colocado.

Violette abanava o leque, sem esconder o enfado. Josie refletiu que o problema talvez fosse a moça considerar monótonos todos os rapazes.

Contou a Alphonse sobre o capão que tinha em casa e como fora derrubada pelo cavalo de Abigail. Ele garantiu que a teria arrancado do dorso do animal antes de ela chegar ao chão. A graça com que falava anulava a gabolice. Era um rapaz encantador.

Monsieur Breton aproximou-se com seus dentes amarelos e seu perfume exagerado. Sem outra opção, sentou-se ao lado de Violette. Ela fez o possível para não bocejar. Mas as risadas estridentes atrás do leque, a cada comentário de Breton, eram terríveis.

Os músicos iniciaram o baile ao som de uma quadrilha. Alphonse levantou-se.

— Vamos dançar? — ele estendeu a mão.

Começava então a magia da noite. Os violinos, as luzes bruxuleantes, a fragrância

frutífera que procedia do pátio e entrava pelas janelas abertas. Josie deslizava no chão encerado, sem se importar com o vestido negro que rodava entre as saias azuis, rosas, verdes e roxas.

O calor da dança levou os dois até a mesa de ponche. Um criado de paletó branco servia a bebida doce e espumante em taças de cristal.

— Uma pouca vergonha — alguém sussurrou atrás de Josie. — Nem seis meses de luto e já em uma pista de dança.

Ela corou da cabeça aos pés. Alphonse também ouvira o comentário.

— Sinto muito. Não tive intenção de ofendê-la.

— Não foi culpa sua. Eu deveria ter-me lembrado disso. Alphonse levou-a até outra sala e sentou-se a seu lado em um sofá.

— Não se incomode. Aquelas são duas intrigantes contumazes bem conhecidas.

O encanto da noite fora desfeito.

— Elas estão certas.

Marguerite desculpou-se com um círculo de convidados e aproximou-se. Alphonse ficou em pé indeciso entre assumir a culpa ou dar apoio a Josie.

Marguerite sentou-se e sorriu para Alphonse

— Poderia trazer-me um cálice de vinho, meu querido? Alphonse afastou-se e Marguerite bateu de leve na mão de Josie.

— Não dê importância a elas — apontou as duas. — São damas severas que se acham donas da verdade. Tenho certeza de que minha irmã ficaria feliz em vê-la sorrir de novo. E seu pai também não se importava muito com o que os outros pensavam, não é verdade?

Alphonse retornou com uma taça de champanhe. Marguerite aceitou e deu uma piscadela.

— Aproveitem a festa em minha casa. — Beijou Josie e afastou-se.

Sem coragem para sugerir outra dança, Alphonse acompanhou-a até o bufê onde se serviram de camarões, ostras, pickles e bolo de gengibre. Encontraram dois lugares vagos na varanda que dava vista para a rue Royale e jantaram sob a luz do luar.

Outro criado de paletó branco recolheu os pratos vazios e eles se encostaram na cerca de ferro trabalhado para observar o movimento da rua. Alphonse apontou os bêbados que voltavam dos bares da beira do cais. Josie imaginou o que a mulher de vermelho estaria fazendo parada sob o lampião da rua.

Uma carruagem parou embaixo da varanda. Um homem elegante desceu, conversou com o cocheiro, bateu com a ponta da bengala no coche e entrou na casa de Marguerite.

— Oh. — Josie reconheceu o cavalheiro que usava capa debruada de cetim.

— Mademoiselle o conhece? — Alphonse perguntou.

— É meu primo.

— Gostaria de falar com ele?

— Lá dentro está muito quente.

Josie riu com a história contada por Alphonse sobre um episódio de sua infância quando se perdera no canavial. De repente, ela não escutou mais nada. Lembrou-se apenas do sorriso e dos beijos leves de Bertrand. Jamais fora beijada antes. Passara muitas horas solitárias sonhando com os lábios dele.

Naquela altura, Bertrand deveria tê-la esquecido completamente. Josephine Tassin nada significava para um homem mundano.

Marguerite veio até o balcão, comentou com outros convidados sobre a temperatura agradável da noite e sentou-se ao lado da sobrinha.

— Bertrand chegou. Atrasado como sempre. Mas não se pode criticar um homem

tão encantador. Alphonse, prometa-me ser mais pontual de que os demais quando se tornar um solteiro independente.

— Como poderia ser de outra forma quando se está em tão agradável companhia?

— Josephine, não deixe monsieur Alphonse arrebatá-la. Ele tem o charme dos homens creole e nenhum de seus vícios.

— Então ele é o modelo de perfeição por quem todos anseiam.

— Meu querido, seu pai está se queixando novamente do reumatismo. Parece-me que ele quer se retirar.

Alphonse levantou-se e fez uma mesura.

— Queria desculpar-me, mademoiselle Josephine. Meu pai não tem passado bem nos últimos dias. Espero vê-la em breve. — Curvou-se sobre a mão de Josie e foi embora.

Marguerite puxou uma cadeira para perto da sobrinha.

— Seu primo perguntou por você, chérie.

— Bertrand?

— Ele mesmo. Por que não entra para cumprimentá-lo? Josie, com as mãos suadas, acompanhou a tia até a sala de estar. No salão, a banda continuava tocando. De costas, Bertrand conversava com um senhor idoso de suíças brancas.

— Aqui está minha sobrinha, Bertrand. Encontrei-a no terraço, cativando o jovem Alphonse.

Bertrand virou-se e Josie esqueceu o mundo.

— Gabriel — Marguerite falou com o homem idoso. — Não gostaria de sentar-se comigo na varanda? Lá fora está muito mais fresco.

A tia afastou-se com o cavalheiro e deixou Josie sem fala diante de Bertrand.

— Josephine — ele beijou-lhe a mão —, nunca a vi tão adorável.

Josie sentiu o busto entumecer diante do olhar fixo do primo em seu decote discreto. Um casal levantou-se para dançar e Bertrand acenou para os dois lugares vazios.

— Vamos nos sentar um pouco?

Eles se acomodaram e Bertrand tirou uma carta do bolso do colete.

— É de sua avó. Fique à vontade para ler. Irei à procura de um drinque.

A avó escrevera que os feijões e as couves cresciam bem, mas que as batatas haviam apodrecido. No alojamento, uma criança havia morrido de diarreia. Tratava-se da pequena Angelite, neta de Louella. A avó tratara as outras crianças com alho e arruda. O novo feitor propusera fazer um viveiro de peixes, o que ela considerara um absurdo com o rio na porta.

LeBrec confiscara todas as facas dos escravos. A avó não sabia como eles podiam cortar a carne. Um dos escravos fugira. Um tal de Remy. Valia pelo menos oitocentos dólares, mas LeBrec havia levantado um clamor público. A avó estava confiante de que o escravo seria capturado pela patrulha.

Josie perguntou-se como ele tivera coragem de deixar Cleo. Ela devia estar apavorada sabendo o perigo que Remy corria.

— Más notícias? — Bertrand chegou com duas taças de ponche.

— Houve uma fuga. Nem me lembro da última vez que um escravo fugiu de Toulouse.

— Ele será apanhado ou voltará doente, faminto e exausto.

— Trata-se do amado de minha criada.

— Você é muito apegada a ela.

— Meu pai deu-a para mim. Cleo e eu crescemos juntas. Somos quase irmãs.

— Eu entendo. — Bertrand observou os dançarinos no salão. — Também tenho um homem que me acompanha desde a infância. Ainda não lhe contei como a carta veio parar em minhas mãos.

— Você esteve em Toulouse, é claro.

Josie admirou a alvura da camisa, as unhas manicuradas, o perfume discreto.

— Sim. Eu comprei a propriedade de Cherleu. Seremos vizinhos.

— Então poderemos ver-nos todos os dias. — Josie arrependeu-se de imediato do que dissera.

Duas beldades elegantes sorriram para ele do outro lado do salão. Josie sentiu-se uma idiota.

— Certamente, chérie. Sempre que as obrigações me permitirem. Monsieur Cherleu abandonou a propriedade nos últimos anos. E ainda tivemos a inundação. Teremos muito trabalho pela frente.

— Certamente — ela confirmou em voz baixa.

— Minha querida — Bertrand ergueu-se —, vou deixá-la com sua tia. Tenho outro compromisso para esta noite. Fiquei muito feliz em vê-la.

Josie sentiu-se abandonada. Infeliz pelo encontro romântico que não se realizara, passou o braço no dele e sentiu novamente o olhar nos ombros desnudos.

Marguerite espantou-se e estendeu a mão, indicando um lugar a seu lado para Josie.

— Irá deixar-nos tão cedo?

— Sim, para meu grande pesar. Espero que me convide outra vez quando sua adorável sobrinha estiver presente.

— Eu o farei. — Marguerite aceitou um beijo na face. — Boa noite, Bertrand.

— Josephine.

Josie sentia-se confusa. Em um momento, Bertrand parecia desinteressado. E quando a fitava, a impressão era totalmente oposta.

A música e a iluminação perderam a graça depois da partida de Bertrand. Ela desejou voltar para seu quarto e escrever no diário — seu único confidente — que iniciara quando deixara Toulouse.

Nos dias que se seguiram, nos poucos momentos em que Josie não sonhava com Bertrand, suas preocupações centravam-se em Cleo. Rezou para que ela não houvesse ajudado Remy a fugir ou Cleo também se encontraria em perigo. Ninguém conhecia os costumes do novo feitor e a avó seria uma proteção muito frágil para a moça. Isso, se a avó resolvesse interceder. Josie nunca vira uma simpatia especial da matriarca por Cleo.

Josie desejava voltar para casa. Somente ela poderia ajudar Cleo. Mas como fazer isso?

Recordou-se da noite de música às margens do rio e do sorriso de Phanor. A avó não o mencionara na carta. Ele poderia estar em New Orleans.

Abigail e Albany vieram buscá-la sábado à tarde. Os três caminhavam por Lê Viex Carré, quando deram de frente com um jovem bem trajado e com botas de couro reluzentes.

Josie não o reconheceu de imediato.

— Excusez-moi, monsieur — ele se dirigiu a Albany. — Sou Phanor DeBlieux, sócio de monsieur Cherleu. Conhece-o?

— Ah, sim, claro.

— Permite-me apresentar meus cumprimentos à mademoiselle Josephine, minha conhecida de longa data?

— Está bem — Albany concedeu, mas segurou o cotovelo de Josie, com intenção de protegê-la de um estranho.

Josie conteve a vontade de atirar-se no pescoço de Phanor. Estendeu a mão e ele cumpriu com elegância o ritual de beijar-lhe a mão.

— Encantado em encontrá-la, mademoiselle. Monsieur Cherleu precisará de mim em New Orleans durante o inverno.

— Ainda está vendendo vinho? — Josie perguntou.

— Ah, o senhor é um representante comercial — Albany interessou-se. — Tenho ouvido Cherleu fazer ótimos comentários a seu respeito no clube.

Phanor agradeceu com um gesto de cabeça.

— Monsieur e eu nos entendemos bem. — Phanor voltou-se para Josephine. — É um prazer tornar a vê-la. Nos sábados à tarde costumo ficar perto da catedral. Para minha sorte, resolvi passar hoje pela rue Royale. — Tocou o chapéu depois de alguns minutos de constrangimento. — Mademoiselle Josephine. — Anuiu para Albany e Abigail. — Monsieur, mademoiselle.

Phanor afastou-se, girando a bengala negra.

Abigail encostou-se no irmão e ergueu as sobrancelhas, admirada. Josie fez uma careta e ficou séria, como convinha a uma jovem acompanhada pelo ilustre Albany Johnston.

Imaginou se poderia encontrar Phanor na praça da catedral em alguma tarde.

Depois de uma semana cinzenta e chuvosa, o sol amanheceu glorioso no domingo. Onde Sandrine propôs aproveitarem para ir à missa.

As velas que iluminavam á catedral não afastavam o frio. Josie rezou pela alma de seus pais e pela proteção de Toulouse. Quando terminou o ofício religioso, seus pés estavam gelados.

Do lado de fora, piscou por causa do sol e manteve-se calada enquanto os tios conversavam com amigos. Na praça ao redor, muitos ambulantes vendiam castanhas e amêndoas cobertas com açúcar. O irlandês ruivo fazia malabarismos com cinco pelotícas, o chapéu virado de boca para cima no chão. Ele melhorara muito o desempenho.

— Amendoins! Balas de açúcar! — gritavam.

No meio da algazarra, Josie escutou o som de um violino. E a mesma melodia que Phanor executara para ela naquela manhã. Levantou-se na ponta dos pés. Nada conseguiu ver pelo excesso de pessoas na sua frente. Eram apenas onze horas da manhã, mas poderia tratar-se de Phanor.

Não pensou duas vezes. Esgueirou-se por entre a multidão, rumo ao som. Se a tia a procurasse, diria que fora raptada por marinheiros portugueses. Marguerite sorriria e perdoaria a mentira.

Era Phanor. Com um pé na caixa do instrumento, os cabelos negros brilhantes sob os raios solares, dedilhava as cordas com maestria. Impaciente, teve de esperá-lo terminar de tocar.

Phanor não a viu e ela pôde observá-lo. O traje elegante da semana passada fora substituído por um casaco simples e usado, com mangas acima dos punhos. Não parecia próspero como no dia em que o encontrara. No chapéu de palha a seus pés, várias moedas.

Phanor tocava por dinheiro!

Os circunstantes acompanhavam o ritmo com os pés e batendo palmas. Um senhor idoso com um furo na calça adiantou-se e dançou com agilidade. O homem ao lado de Josie fedia a urina e a uísque.

Nenhum dos espectadores tinha aspecto decente. Ela escondeu-se atrás de uma mulher que carregava uma criança no colo. Teve de apertar o nariz pelo mau cheiro da calça do bebê. Recuou para não se encostar àquelas pessoas malcheirosas.

Aquele não era seu mundo. Retrocedeu mais um pouco e correu de volta para as portas da catedral. A música seguiu-a como um estigma. A tia nem percebera sua ausência.

Durante o trajeto de volta para casa, ela caminhou atrás dos parentes, com o coração pesado. Acabava de perder um bem muito precioso.

Josie e Phanor ignoravam que a patrulha retornara aos portões de Toulouse

trazendo os negros amarrados uns aos outros com correntes.

Remy engoliu em seco. Era onde nascera. Sua mãe estava enterrada no cemitério atrás das cabanas. Sentiu cheiro de fumaça de nogueira amarga. A oficina de ferreiro que ajudara a erguer fora terminada. Cleo devia estar à sua espera. Fora apanhado há uma semana.

Por dois meses e onze dias, ele fora um homem livre. Correrá e se escondera. Fora atacado por um camarada ruivo. Fugira de uma matilha de cães. Passara fome quando não pudera roubar uma abóbora ou uma espiga de milho do depósito de algum fazendeiro. Mas nunca fora tão feliz. Sentira-se vivo a cada momento em que respirava.

Os fugitivos seguiram o traficante de escravos para dentro do pátio. Remy escutou a voz de Cleo antes de vê-la.

— Madame! — ela gritou e desceu correndo a escadaria do terraço da frente.

Fraco e envergonhado, não a chamou. Cleo o viu e segurou-lhe o braço. Ele cambaleou e Cleo amparou-o. Na sobancelha, uma ferida supurada.

— Você ficará bem — ela sussurrou e acariciou-lhe o rosto inchado.

O homem branco chicoteou as costas de Cleo. Rasgou-lhe a blusa e a pele.

— Afaste-se, menina — o homem que montava a égua preta falou em tom monocórdio.

Remy fitou-o com desafio, apesar de exaurido, mãos amarradas nas costas, tornozelos acorrentados, colar de ferro no pescoço que o atava a outro por uma corrente pesada de metro de meio.

— O que está olhando? — O traficante ergueu o chicote contra Remy.

Cleo jogou-se contra o lado da égua e foi atingida com vários golpes com a extremidade mais grossa do chicote. O cavalo recuou. Ela pendurou-se nele e continuou a ser golpeada.

Remy deu um pulo. O homem acorrentado a ele caiu de joelhos e o seguinte cambaleou. Os outros mercadores praguejaram e acorreram em auxílio do companheiro, distribuindo golpes e chicotadas nos escravos.

Remy puxou Cleo. Ela se soltou da crina do cavalo e Remy procurou escondê-la com o próprio corpo.

LeBrec veio correndo de sua cabana, pistola empunhada. Emmeline interceptou-o e tirou-lhe a arma da mão. Ereta, deu um tiro para o ar.

Homens e mulheres se assustaram, um cavalo empinou-se e relinchou. A confusão terminava.

De joelhos e zozinho, Remy não conseguiu levantar-se. Cleo arrastou-se pelo chão e ajudou-o.

Os escravos acorreram, Louella vinha na frente.

— O que houve? Quem está ferido? Madame devolveu a arma para LeBrec.

— Ninguém foi ferido. Traga água para esse povo. — Emmeline virou-se para o homem montado na égua preta.

— Vejo que encontrou um que me pertence, sr. Hayes.

— Sim, senhora.

— Solte-o. Monsieur LeBrec, leve-o até o depósito. — Falou de novo com o líder da patrulha. — Espere um pouco. Vou buscar o dinheiro da recompensa.

Os escravos sentaram-se de uma só vez. Estavam no sol e a cozinha externa evitava o vento frio. Louella distribuiu água para as pobres almas e pediu para Thibault trazer mais conchas. Os escravos haviam caminhado descalços por poças imundas e congeladas. Tinham os pulsos e os tornozelos feridos pelos grilhões.

Um dos homens brancos desamarrou as correntes que prendiam Remy aos outros. Empurrou-o de encontro a Cleo e os dois caíram no chão. O homem riu e deu um pontapé na perna ferida de Remy.

Ele levantou-se e ajudou Cleo. LeBrec afastou-a de Remy e empurrou-o rumo ao galpão, impedindo que Louella lhe desse água.

A matriarca entregou um envelope ao chefe e ele nem ao menos desmontou.

— Ficarei de olho nele, madame Tassin. Ele é perigoso.

— Nós sabemos lidar com nossa gente, Sr. Hayes. Um bom dia para o senhor.

Hayes tocou na aba do chapéu antes de passar o chicote pela cabeça dos que estavam sentados. Sinal para se pôr em marcha.

— Madame — Cleo tremia. Receava por Remy —, por favor, não permita que monsieur LeBrec...

Remy escutou e virou-se.

— Não faça isso, Cleo! Emmeline fitou-o com frieza.

— Vá para casa, Cleo.

LeBrec empurrou-o. Remy sabia que, naquele estado, nada conseguiria fazer. Exausto, febril, com tontura e faminto.

Entrou no depósito escuro, mas seco. No ar, um cheiro agradável dos grãos que os vizinhos haviam mandado depois da enchente. LeBrec tornou a empurrá-lo e ele caiu no chão duro.

LeBrec abriu a janela que mal passava de uma fenda e um pouco de luz entrou no recinto. Remy viu o brilho da faca nas mãos do feitor antes do homem atacá-lo. Desmaiou.

Pouco tempo depois, despertou, sozinho no celeiro.

— Remy! — Cleo batia na porta.

Ele segurou o toco de orelha e sentiu forte zonzeira.

— Saia daí, garota — LeBrec gritou.

— Remy!

Remy sabia o que os feitores faziam com as escravas bonitas.

— Cleo, está tudo bem — ele respondeu com a maior energia que pôde reunir. — Vá embora, não crie mais problemas!

— Ah, então esse é o seu amado! — LeBrec resmungou. Remy sentiu o impacto na parede e espiou pela fenda. LeBrec tentava beijar Cleo.

— Presumo que você sabe como evitar o machado não é, menina? — LeBrec não continha sua fúria.

— Cleo, você não tem de fazer nada. Vá embora! — Remy gritou.

— Monsieur LeBrec.

LeBrec virou-se e por um momento ficou estático. Emmeline não estava para brincadeiras. Ele teria de encontrar alguma explicação.

— Esta escrava tentou fugir. Ela somente parou depois de algumas pancadas.

— Cleo, vá para casa — a matriarca ordenou.

Louella chegou com um balde de água e algumas roupas.

— Monsieur LeBrec, eu mesmo vou cuidar do rapaz. Abra a porta e entregue-me a chave. Pode voltar ao trabalho.

LeBrec não teve alternativa. Deu a chave a Emmeline e retirou-se. Cleo subiu a escada do terraço com a blusa manchada de sangue colada nas costas. A matriarca entrou no depósito e insistiu para Remy deitar-se.

Emmeline lavou o ferimento na orelha e estancou a hemorragia com uma pasta medicinal que ela mesma desenvolvera ao longo dos anos. Remy lembrou de ter tido dor de ouvido quando criança. Sua mãe mandara chamar madame. Ela pingara azeite momo em sua orelha e ele conseguira dormir. Naquela altura, fechou os olhos e entregou-se às mãos experientes de sua dona.

Na casa-grande, Cleo tirou a blusa e espiou as costas no espelho de Josie. A marca era funda e tinha uns quinze centímetros de comprimento. A cicatriz seria a marca da

escravidão.

Louella entrou para limpar o ferimento. Cleo deitou-se no chão e fechou as mãos em punhos quando Louella passou vinagre na ferida. Mas a pomada trouxe um pouco de alívio.

— Fique em repouso, Cleo. Caso contrário poderá abrir ainda mais a chaga. Eu lhe trarei o jantar.

— Louella, o que acontecerá com Remy?

— Não sei, minha filha. Talvez LeBrec se satisfaça em ter-lhe cortado metade da orelha.

Cleo ficou no quarto o dia todo.

"Ah, se Josie estivesse aqui", pensou pela centésima vez. Ela o salvaria de ter o pé cortado e o protegeria, com toda certeza.

Thibault entrou, deitou-se ao seu lado e ela segurou-lhe a mão.

No final da tarde, escutou as botas pesadas de LeBrec na escada do terraço. Madame recebeu-o pessoalmente e pediu que fosse a seu gabinete.

Thibault adormecera. Cleo levantou-se e rangeu os dentes para não gritar de dor. Caminhou descalça até a porta do escritório e pôs o ouvido no buraco da fechadura.

Emmeline não se mostrou satisfeita com LeBrec. Além de ter marcado duas pessoas de sua propriedade, arriscara a vida de uma delas ao cortar a orelha de um corpo debilitado. Ordenou-lhe que, no futuro, teria de consultá-la antes de aplicar qualquer castigo fora do normal.

Cleo respirou mais aliviada. Madame não permitira que o pé de Remy fosse mutilado. Isso diminuiria o valor dele, mas

Cleo supôs que o interesse de avó Emmeline não fosse apenas o pecuniário.

— Madame, temos de mostrar aos outros escravos o que acontecerá quando tentarem fugir. Se relaxarmos, outros tentarão o mesmo.

— Entendo a necessidade do castigo. Mas as mutilações estão abolidas em Toulouse. Além do mais, um escravo açoitado até desfalecer não servirá para trabalhar no campo por muito tempo. Encontre um castigo que não traga danos à minha propriedade, monsieur LeBrec.

Cleo espiou pelo buraco da fechadura. LeBrec não fora convidado para sentar-se. Nervoso, ele girava o chapéu entre os dedos.

— Sim, madame.

— Pode retirar-se, monsieur.

Ela correu de volta para o quarto. Da janela, viu LeBrec dirigir-se à forja.

Quando escureceu, saiu para levar alguma comida da mesa de madame para Remy. Espiou o pátio. LeBrec apareceu, de arma e lampião nas mãos, seguido por um cachorro. Foi até o celeiro, verificou a fechadura, iluminou a fresta e deu-se por satisfeito. Cocou a virilha, cuspiu no chão e voltou para sua cabana. Pendurou o lampião em cima da porta e entrou. O cão enrodilhou-se na soleira para dormir.

Cleo disparou,

— Remy — sussurrou na janela estreita —, você está acordado?

Ele pôs a mão para fora e Cleo beijou-lhe os dedos.

— Está muito ferida? — Remy acariciou-lhe o rosto.

— Foi apenas um vergão. Não se preocupe. — Cleo tirou um guardanapo do bolso. — eu lhe trouxe uma coxa de frango. Sei que está com fome.

O rapaz engoliu a carne em três bocados.

— Louella mandou isto. — Cleo entregou a ele um pequeno frasco. — É para beber de uma vez. Assim sua orelha não vai doer de noite.

— Isso será uma bênção.

— Até onde conseguiu chegar?

— Não sei dizer, mas creio que estive perto do norte.

— Madame disse a LeBrec que não admitirá mais mutilações em Toulouse.

— Ele encontrará outros meios. Conheço aquela espécie de homem.

— Você não vai fugir novamente, vai?

— Chérie, eu já lhe disse que serei um homem livre. Assim que recuperar minhas forças, tentarei outra vez.

— Remy... — ela segurou-lhe a mão.

— Estou fazendo isso por nós, Cleo. Teremos filhos livres. Ela encostou o rosto na abertura e beijou-lhe os lábios.

— Primeiro terá de fortalecer-se. Terá de comer e ficar fora do alcance de LeBrec.

— Você também, Cleo. Entendeu bem?

— Entendi.

— Agora vá para dentro. Estou muito cansado e não quero que fique aí fora sozinha.

No dia seguinte, o ferreiro trabalhou o dia todo na encomenda que LeBrec desenhara. Antes do jantar, fundiu as peças finais. Quatro pequenos sinos. Mandou o auxiliar avisar LeBrec que terminara o trabalho.

O capataz reuniu todos os escravos, inclusive as crianças, para que presenciassem a humilhação de Remy. O velho Sam e seu filho foram encarregados de trazê-lo para o meio do círculo de espectadores apavorados. LeBrec forçou-o a ajoelhar-se.

— Agora vejam o que faremos com os fugitivos de Toulouse. Ele ergueu o artefato que o ferreiro fizera. Fazia questão de que todos o vissem. Chocalhou a peça, os quatro sinos tocaram e ele gargalhou. Abriu o anel da base e enfiou na cabeça de Remy na gaiola oval. A peça atingia os ombros. Os sinos ficavam na parte mais alta. Ao menor movimento, badalavam.

— Agora tente correr — LeBrec ordenou. — Vamos, faça o que estou dizendo!

Ele empurrou a perna de Remy. Sam e o filho ajudaram-no a ficar em pé e a sustentar o peso da invenção de LeBrec. O aparelho caiu para frente e os sinos dispararam.

— Corra!

Remy cambaleou dentro do círculo. Os sinos tocavam e o peso do ferro o desequilibrava. Parentes e amigos presenciavam a cena. A expressão do velho Sam endurecera. Tia Liza chorava. O primo Jean fitava-o com pesar e receio.

Remy não viu mais nada. Começou a rodar, levado pelo peso do ferro e pela tontura.

Os sinos tocavam sem parar.

Exausto, caiu de joelhos. LeBrec gritou para que se levantasse. Ele obedeceu, cambaleou e tornou a cair. Seus ombros ficaram feridos no ponto de contato do colar de ferro.

Os sinos tocavam.

Satisfeito, LeBrec cuspiu no chão e foi embora.

Sam e os outros ajudaram o pobre rapaz a se levantar. Levaram-no à cabana dos solteiros e deitaram-no.

Os sinos tocavam.

Pegaram uma manta velha e enfiaram dentro da gaiola para servir de travesseiro e disseram-lhe para dormir.

Finalmente os sinos pararam de tocar.

Remy escutou uma criança chorar. Homens conversavam nas proximidades. O vento soprava as folhas dos carvalhos. Ficou imóvel para evitar o tanger dos sinos amaldiçoados.

Resolveu não esmorecer na presença de Cleo. Mostraria a ela que era um homem de verdade.

Capítulo VIII

New Orleans

No dia de Ano Novo, as nuvens do golfo do México cobriram New Orleans. Um vento frio e úmido soprava no rio. O calor da lareira pouco esquentava o salão. Para Josie fora uma semana triste, apesar de estar na casa acolhedora da tia. O primeiro Natal e Ano Novo sem os pais. Quando tio Sandrine cantou músicas natalinas ao piano com as crianças, ela recordou-se da voz de barítono do pai.

Quando a campainha da porta tocou, Josie foi para o terraço ver se era Abigail. Albany viera sozinho e entregava o chapéu para o criado.

— Abigail está doente? — Josie perguntou, de cima.

— Não. — Albany subiu a escada e ela pressupôs problemas. Albany seguiu-a até a sala de estar, seguido pelo escravo.

— Por favor, diga a minha tia que o sr. Johnston está aqui. O camarada deixou a porta aberta, apesar da correnteza. Não seria conveniente deixar uma jovem solteira sozinha com um cavalheiro.

— Está frio, não é? — Josie indicou-lhe a poltrona ao lado da lareira.

— Por favor. — Albany insistiu para que ela ocupasse o lugar mais quente.

— Abigail está bem?

— Está. Na verdade, Josephine, pedi permissão a ela para vir sozinho. Queria conversar sobre... bem... Hoje me pareceu um dia apropriado e...

— Sr. Johnston, que prazer em vê-lo — tia Marguerite entrou, afobada. Estendeu a mão e Albany levantou-se.

— Pode ver que levei os conselhos de seu marido a sério. Josie arrepiou-se. Do que estavam falando?

— Ah. — Marguerite fitou-a de viés. — Mandarei providenciar um chá para nós. — Saiu e fechou a porta.

Albany passou a mão nos cabelos ralos e tornou a sentar-se.

— Josephine — ele iniciou, solene. — Falei com seu tio e depois escreverei para sua avó.

Ela não disse uma só palavra.

— Entendo que ainda é muito jovem para casar-se. Sei que os creole casam-se mais cedo de que os americanos. Não pensei num matrimônio neste ano... Creio que aos vinte anos seria uma idade ideal. Daria tempo para eu construir nossa casa e poderíamos iniciar nossa família.

Josie não se moveu. Era horrível. Como Albany pudera pensar que ela o aceitaria?

— O surto de desenvolvimento tem sido muito rápido. Nós ficaremos ricos, se a demanda da cana-de-açúcar continuar aumentando no mundo. Penso em aliviar-lhe o encargo de administrar Toulouse. Como estamos perto, não haverá dificuldade em gerenciar as duas propriedades. Juntos, os dois latifúndios se tornarão fonte de influência na Louisiana.

Não era por acaso que a avó e Albany haviam passado tantas horas conversando durante o verão. Ambos tinham o mesmo estofo.

— Trata-se de uma proposta comercial? — Josie finalmente encontrou a voz.

— Bem... Eu lhe asseguro que protegerei sua fortuna com o mesmo empenho que usarei para a minha. Nesta altura dos acontecimentos, os negócios não podem ser desprezados. Eu mandarei construir uma casa em Toulouse com as mais recentes

novidades e será mobiliada a seu gosto. — Albany levantou-se e começou a andar de um lado a outro. — Poderá contar com a presença de Abigail a seu lado até ela se casar. Meus pais serão seus pais.

Josie esforçou-se para conter a irritação. Uma proposta indesejável era ruim. Mas transformar um pedido de casamento em uma transação econômica era um horror. Era como considerá-la uma extensão da propriedade.

— Sr. Johnston, se está interessado em uma sócia, tenho certeza de que a encontrará sem que seja preciso casar-se.

— Mademoiselle — Albany mostrou-se abalado—, em hipótese alguma estou tratando de um acordo monetário. Minha querida Josephine, creio que deve imaginar o teor de meus sentimentos a seu respeito.

— Ora, sr. Johnston — ela não se conteve —, não reconheci nenhum tipo de sentimento de ambas as partes.

Albany não escondeu que fora atingido. Virou-se de costas e apoiou-se no consolo da lareira.

Virgem Maria, eu não poderia imaginar.

Teria ficado tão absorta em suas tristezas a ponto de não perceber o que se passava com Albany? Como fora cega e tola! E egoísta.

— Eu não... Confesso que me sinto muito honrada e lhe agradeço o pedido com humildade.

— E...? — Albany não desfilava as chamas.

— Sinto muito, mas não posso casar-me com você.

— E por que, Josephine?

Por que ele a pressionava? O que poderia dizer-lhe? Que não o desejava? Que jamais o beijaria e não queria filhos dele? Que ele era mais enfadonho de que um bordado? Mais gordo de que o porco de Louella? Que era sério demais e não tinha senso de humor?

— Eu não o amo, Albany.

O rapaz afastou-se da lareira, mais animado.

— Josephine, isso é muito natural em jovens de boa família que não conhecem o mundo. O amor vem com o tempo. Eu posso esperar.

— Albany, eu me conheço. — A brusquidão fez ele retraindo-se. — Perdoe-me. Valorizo muito nossa amizade, mas não desejo casar-me com você.

— Fui muito precipitado, Josephine. Acabou de perder seus pais e não tem a quem pedir opinião. Depois de falar com seu tio e sua avó, poderá reconsiderar a decisão.

— Minha juventude não é sinônimo de incerteza, sr. Johnston.

A porta da sala foi aberta e Marguerite entrou.

— Eu trouxe chocolate. Sei que estou interrompendo, mas os dois já ficaram tempo demais a sós. — Ela deixou a bandeja de prata sobre uma mesa lateral e pôs chocolate nas xícaras. — Quando seu tio chegar, abriremos uma garrafa de champanhe!

Marguerite sentiu a tensão no ar e olhou de um para outro.

— Oh, Deus.

— Desculpe-me, madame. Preciso ir. — Formal, ele beijou a mão de Josie. — Adieu. Virou-se e saiu.

Josie pretendeu fazer o mesmo, ao ouvir a porta da rua ser fechada.

— Josephine, o que significa isso?

— Recusei a proposta do sr. Johnston — declarou de cabeça erguida.

— E por que cometeu uma loucura dessas?

— Por que não quero ficar com ele para o resto da vida.

— Ora, Josephine, não vai me dizer que é por não amá-lo! Mesmo na sua idade, idéias românticas são absurdas. Matrimônio não tem nada a ver com amor, poesia e

beijos ao luar.

Para ela teria de ser.

— Escute, chérie. Albany Johnston é um excelente rapaz. É educado, vem de boa família e é rico. Além disso, ele se propõe a assumir as perdas de Toulouse no ano que passou. É muito incerta a perspectiva de Toulouse voltar a dar lucros, pelo menos em curto prazo.

Josie podia esperar esse discurso da avó, mas de tia Marguerite?

— Minha avó tem a determinação de um homem e fará Toulouse produzir em pouco tempo! — ela não se preocupou em esconder a indignação. — Eu me recuso a ser usada como garantia de alguns pés de cana-de-açúcar e de milho!

Subiu correndo para seu quarto. Todos estavam contra ela, até mesmo a avó! Queriam que se casasse por dinheiro!

Mais tarde, encheu várias páginas do diário. Fez uma lista de motivos por que não se casaria com Albany. Desde a careca que aparecia até a papada que não podia ser escondida. Não o queria nem com um palácio!

Era tão simples.

Ela desejava roubo, fogo, imprevisibilidade.

Dois homens a encantavam. Phanor DeBlieux e Bertrand Chamard. Encerrada em Toulouse, não se dera conta da profunda diferença de posição social entre Phanor e ela. A sociedade creole era sofisticada e restrita. Só entendera a realidade quando o vira tocar no parque a troco de alguns centavos. Ele parecia não se incomodar com a sujeira e a quase mendicância das pessoas.

Entretanto reconhecia que o rapaz, embora fosse um pobre cajun, tinha ambição e energia. Lamentou não lhe ter feito companhia no parque naquela ocasião. Era um homem sincero, bonito e entusiasmado com a vida. E a atraía.

Porém as convenções não poderiam ser ignoradas. Mesmo assim, não aceitaria um casamento forçado. E, com certeza, sua família a impediria de casar-se com um homem como Phanor, cajun e pobre. Ele só poderia ser seu amigo.

Bertrand era elegante. Maduro e sofisticado. Pertencia a seu mundo.

Em meio a sentimentos tão conflitantes, ela fechou o diário, assoprou a vela e deitou-se. Tinha pena de Albany, mas não se culpava. Nunca o encorajara.

Imaginou-se em um grande baile, vestida de cetim verde, a cor que realçava seus olhos. A porta se abria e Bertrand entrava. Damas em trajes luxuosos comentavam, atrás dos leques, sobre o homem que cruzava o salão a seu encontro. Ela, Josephine Tassin.

Bertrand levou-a até a pista de dança e eles começaram a dançar a valsa.

Minha saia rodará, envolvendo as pernas dele e as minhas.

Continuaremos a dançar, olhos nos olhos, mesmo depois da música terminar.

Da próxima vez em que o encontrasse, não permitiria que a tratasse como uma criança. Era uma mulher e pretendia fazer com que Bertrand Chamard sucumbisse a seus encantos.

Bertrand se encontrava em Cherleu. Verificou o estado da propriedade que fora abandonada nos últimos doze anos. Cherleu, velho e cansado, se desinteressara da administração das terras. Bertrand admitiu que fora uma boa compra, pois ele mesmo tinha energia suficiente para fazer a fazenda produzir. Deixou de lado os trajes caros, vestiu calças grossas, botas rústicas e foi para o campo.

O solo era negro e argiloso. A nova camada do lodo da inundação aumentara a profundidade de solo arável na metade setentrional da propriedade. Bertrand contratara um homem experiente para cuidar da plantação e dos escravos e aprendera com ele como calcular o potencial das terras antes de plantar a cana.

O excesso de boa comida e de vinho em New Orleans deixara-o preguiçoso. Agora exercitava os músculos carregando sacos com feixes de cana que seriam cortados em

pedaços para o plantio. Ajudou no corte e a desenroscar um boi de uma moita de urzes. Encilhou os mulos que puxavam as carroças. Aprendeu o nome dos escravos e observou a capacidade de trabalho de cada um.

No final do dia voltou para a casa-grande, cansado, sujo e feliz. Tomou banho na bacia e foi dormir com as unhas sujas. Cora, a escrava da casa, era uma mulher idosa. Fora trazida ainda jovem da costa oeste da África para a Louisiana. Sem dentes e enrugada, valera setenta e cinco dólares no mercado de escravos. Trabalhava sem descanso, cozinhava e lavava as roupas imundas de Bertrand, sempre com boa disposição.

Cora falava o tempo todo. Com ele, enquanto o servia e sozinha, em qualquer lugar. Bertrand acostumou-se com o tagarelar incessante e aprendeu a decifrar o dialeto que ela empregava com frequência.

Jantava sozinho na mesa de mogno manchada em pratos de madeira como os dos escravos. A filha de Cherleu levava toda a louça, roupa de cama e mesa, quando o pai vendera a propriedade.

Naquele dia, Cora trouxe-lhe uma carta. Emmeline Tassin convidava-o para almoçar na quinta-feira. Nada formal, apenas os dois como bons vizinhos.

— Amanhã você levará a resposta para Toulouse. Sabe ir até lá?

— Sim, monsieur. Irei após o café da manhã e estarei de volta para fazer seu almoço. Gosto de andar e de ver o rio correr a meu lado.

Na quinta-feira, ele foi para Toulouse, vestido como um cavalheiro, embora com a camisa não passada de maneira impecável. Esperava que a escrava de Josie viesse abrir-lhe a porta. A moça tinha olhar amendoado e pele morena aveludada. Era uma garota muito bonita.

Mas foi a pequena favorita de madame que o convidou para entrar. Laurie pegou o chapéu e disse-lhe para esperar na sala enquanto ia chamar a senhora. Bertrand entreteve-se com o estereoscópico até madame entrar. Levantou-se e beijou-lhe a mão.

— Madame Emmeline.

— Bertrand, fico feliz por ter vindo.

A matriarca tocou um sino de prata e sentou-se. Falavam sobre o inverno da Louisiana, mais quente e úmido de que em Paris, quando Cleo trouxe uma bandeja com uma garrafa de xerez e dois cálices de cristal. Bem vestida, usava sapatos de couro. Na certa, eram herdados de Josephine.

Foi uma reunião agradável. Naquela altura, Emmeline e ele tinham interesses em comum. O trabalho dos escravos, a plantação, a colheita, os cuidados com a terra. Emmeline não se incomodou em dividir seu conhecimento e experiência. Bertrand lhe parecia um homem com senso comercial atilado.

Ele observou Cleo que esperava, muda, ao lado da mesa. Pareceu-lhe menos infantil. Era uma mulher e na certa tinha um amante.

Falou sobre o encontro que tivera com Josie na cidade. Cleo, atrás de Emmeline, prestava atenção na conversa. Bertrand sentiu o poder do olhar intenso que o observava. Admirou-se diante do interesse que a garota lhe despertava.

Dali para frente, ele e Emmeline adotaram o hábito de almoçar juntos duas vezes por semana, à uma hora. Admirava a inteligência da veneranda senhora e ouvia seus conselhos. Madame conhecia a capacidade das cisternas e sua duração durante o tempo da seca. Avisou-o também para não confiar demais no feitor. Um descuido do sr. Gale fora responsável pela devastação da enchente.

— A melhor administração é a do dono — ela comentou. — Meu erro foi ficar dentro de casa em vez de cuidar pessoalmente da propriedade.

No final de janeiro, a cana fora toda plantada. A partir daí, teriam de esperar que brotasse no calor. Bertrand tirou os escravos do campo e levou-os para trabalhar nas

construções externas. Uma nova ferraria foi erguida. As cisternas foram consertadas. Fizeram um pombal e um galinheiro novo. Até mesmo as cabanas dos escravos foram restauradas para torná-las mais habitáveis.

No primeiro domingo de fevereiro, ele verificava gastos e lucros na mesa de seu quarto, satisfeito com o andamento da propriedade. Cora entrou, gesticulando, aflita.

— Monsieur, monsieur! Chegou um homem aqui! Desmontou de um cavalo grande e vem vindo para cá.

— Cora, é só abrir a porta e mandá-lo entrar. Pegue o chapéu dele e faça-o esperar na sala.

— Sim, monsieur!

Bertrand olhou-se no espelho e verificou a camisa. Apresentável. As mãos, limpas. Abotoou o colarinho e saiu para ver de quem se tratava.

— Albany, meu amigo! — ele estendeu a mão. Lembrou-se de que os americanos não gostavam do hábito creole de beijar o rosto.

O rapaz aceitou o cumprimento com entusiasmo.

— Cora, por favor, acenda a lareira. Sente-se, Albany. Não repare no estado da mobília. As poltronas deixadas aqui ameaçam romper-se toda vez em que me sento.

Albany riu e acomodou-se com cuidado em um sofá velho que rangeu diante do peso excessivo.

— O resto da casa está do mesmo jeito. Precisa de reparos e pintura. O embelezamento vai esperar até que eu tenha uma boa colheita e a promessa de algum lucro no investimento inicial.

— Eu entendo. Madame Emmeline contou-me que você teve de erguer quase tudo do zero. Por falar nisso, acabo de vir de Toulouse.

— Vai voltar para New Orleans?

— Na verdade vou tratar de negócios para meu pai. Mais tarde pegarei o barco a vapor em seu cais. O navio pára aqui?

— Claro. Deixarei a bandeira pendurada.

Os dois passaram a manhã cavalgando pela propriedade. Discutiram os méritos de conceder para os escravos meio período de folga aos sábados, de permitir que fossem à missa aos domingos, além da expectativa de perdas durante a epidemia de febre amarela. Voltaram para um almoço tardio.

Cora, acostumada a serviços grosseiros, esfregara a mesa de mogno até tirar todo o verniz. Congratulou-se por haver removido as manchas. Serviu carne de porco e repolho. Maçãs cozidas e batatas doces. Falou o tempo inteiro na vantagem de colher legumes e verduras no mesmo dia do preparo. Ficavam muito mais saborosas.

Bertrand não se incomodou com o olhar espantado de Albany. Gostava de Cora como ela era. No dia em que tivesse uma esposa e uma mesa para dar boa impressão, traria Valentin para dentro e deixaria Cora a vontade na cozinha externa. Por enquanto seu fiel criado de longa data continuaria cuidando dos cavalos e dos mulos. Valentin preferia cuidar de uma casa, mas teria paciência mais um ano ou dois.

— Eu diria, Albany, que madame Emmeline é uma das melhores fazendeiras desta região do rio — Bertrand afirmou, enquanto fumavam charutos. — LeBrec, o novo capataz, já está com os campos quase totalmente plantados. Logo Toulouse estará dando lucro. Ela não se deixou abater por uma enchente.

— Toulouse é um belo latifúndio. Mas QUVÍ dizer que madame Tassin teve de hipotecá-la. As despesas excessivas de reconstrução acabaram com as reservas financeiras. Mesmo endividada, a propriedade me interessa. Falei com madame a respeito de sua neta.

— Verdade? — Bertrand estreitou os olhos.

— Os resultados foram desapontadores, tanto com a avó quanto com a neta. —

Albany tornou a acender o cigarro. — Sou um homem paciente. Sei esperar. Ela acredita que Josephine lhe sucederá no comando da fazenda.

— Deus me livre de mulheres independentes — Bertrand fingiu-se horrorizado.

— Além do mais eu não sou creole. — Albany bateu a cinza do charuto.

Fazer negócios com americanos era uma coisa. Aceitá-los na família era outra bem diferente.

No final da tarde ambos estavam no cais, segurando a gola do casaco fechada. Fazia frio. O navio atracou e o marinheiro estendeu a prancha de embarque. Despediram-se e Bertrand disse que em poucas semanas voltaria a New Orleans e mandou lembranças para a prima. Albany embarcou. Bertrand observou a roda propulsora de pás que espumava a água lamacenta e acenou. Voltou para casa pensando na sopa de feijão, arroz, pimentão e cebola que Cora prometera fazer.

Teve esperança de que não chovesse durante alguns dias. Assim poderia arrumar o telhado. A casa-grande estava em pior estado de que as cabanas dos escravos. Os únicos quartos habitáveis eram o dele e o de Cora. No dia seguinte mandaria trocar alguns caibros e colocar as telhas que estavam faltando.

Na quinta-feira, como de hábito, visitou Emmeline. Admirava a coragem que ela demonstrara depois de perder o filho. A velha senhora lhe revelara a facilidade em atender as queixas usuais dos escravos, como impor disciplina sem crueldade e a necessidade de racionar a comida no inverno. Quando não falavam sobre negócios, Emmeline mostrava-se inteligente e encantadora. Lia muito e sabia das novidades até de Paris. Davam risada a respeito do que viam nos jornais de New Orleans e especulavam sobre o que fariam os pilantras de Washington.

Naquele final de manhã fria de inverno, Bertrand chegou em Toulouse pensando em Cleo. A moça parecia sempre pronta para recebê-lo com atenção. Servia-lhe xerez antes de madame chegar, ficava a seu lado na hora da refeição e prestava atenção à conversa. Sorria no momento certo e anuí-a imperceptivelmente a concordância em determinado tema.

Ele desmontou e entregou as rédeas para Elbow John. O velho escravo viera acompanhado de um menino simplório parecido com Cleo. Devia ser parente dela.

— Bonjour, monsieur.

— Bonjour, John. Quem é esse belo garoto?

— Thibault.

O sorriso largo do garoto encantou Bertrand.

— Quer tomar conta de meu cavalo?

— Pode deixar, monsieur. Farei o melhor possível.

— Ótimo!

Subiu a escada e Cleo abriu antes de ele bater.

— Bonjour, monsieur. — ela estendeu a mão para pegar o chapéu.

— Bonjour, Cleo. — Bertrand tocou na mão dela e sorriu.

Cleo fitou-o sem enrubescer, sem coqueteria. Com franqueza. Retribuiu o sorriso com cordialidade. Não seria nenhum alvo fácil.

Madame recebeu-o com cordialidade. Tomaram o xerez costumeiro enquanto Cleo arrumava a mesa. Sentaram-se perto um do outro e Cleo serviu sopa de tartaruga.

Terminado o almoço, foram para a sala de visitas.

— Os Johnston habituaram-se à vida na beira do rio. O senhor os conhece bem?

— Sim, encontrei o sr. Johnston em Nova York quando voltava de Paris. Seu filho Albany foi meu cicerone na cidade.

— O que acha dele como pessoa?

— Um homem confiável, honesto, às vezes formal demais. Quer saber? Um bom caçador e jogador.

— Ele lhe disse que pediu Josephine em casamento? Bertrand anuiu, pôs a mão no bolso, mas não tirou o charuto.

— Recebi uma carta de Josephine, informando que não quer se casar com ele.

— Madame pretende entregar-lhe a administração da propriedade antes do casamento?

— Não necessariamente.

Ainda com uma das mãos do bolso, Bertrand tirou uma poeira imaginária do casaco.

— Fume esse charuto de uma vez, Chamard!

— Obrigado, Emmeline.

— Desde que Albany esteve aqui, tenho pensado muito na relação de Josephine com Toulouse. Eu gostaria que minha neta se envolvesse com os assuntos da fazenda. Nem sempre os homens são administradores capazes.

Bertrand acendeu o charuto.

— Entendo seu receio, mas posso assegurar-lhe que Albany é um homem de negócios competente. Ele e o pai já estão pensando em adquirir mais terras.

— Não quero que o rapaz se case com Josephine só por causa de Toulouse.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Quando Josie e eu fomos hóspedes dos Johnston, Albany pareceu-me sinceramente interessado nela.

— E quanto ao senhor?

— O que está insinuando, madame?

— Ficarei muito satisfeita se estiver interessado em Josephine. Sua família é creole e eu a conheço há muitos anos. Estou lhe perguntando se está interessado em minha neta.

— Ela é encantadora, mas penso nela como uma criança.

— Josie completa dezenove anos em agosto, dois meses antes de Cleo.

Bertrand não soube ler nas entrelinhas. Emmeline era muito inteligente.-

— Josie virá para casa em maio. O senhor terá o verão inteiro para conhecê-la melhor.

Cleo esperou o silêncio da noite se prolongar. Às vezes, LeBrec saía de casa para patrulhar a área. Aguardou mais meia hora. Não queria arriscar-se a ser encontrada por ele no escuro.

Pegou o pacote e saiu sem fazer ruído. Agasalhou-se melhor com o xale e prosseguiu no caminho de cascalho de ostra.

Destrancou a porta da cabana de Remy. Ali também dormiam o velho Sam e dois de seus netos. O catre de Remy era o mais próximo da porta.

— Cleo? — Ele se mexeu e os sinos tilintaram.

— Sou eu.

Os companheiros dormiam, já acostumados ao barulho. Cleo ajoelhou-se ao lado dele e beijou-lhe os dedos. Enfiou a mão na gaiola e acariciou-lhe o rosto. Ficarem em silêncio no escuro até ela desembrulhar o que trouxera.

— Um pedaço de presunto, um pote de geléia e uma jarra com leite.

— Comerei pela manhã. Já estou me sentindo mais forte. No verão, estarei pronto para partir.

— E isto? — Cleo tocou na gaiola.

— Quando chegar a hora, darei um jeito.

Ela passou a mão na face de Remy. Se fosse apanhado uma segunda vez, seria vendido aos traficantes e nunca mais o veria. Encostou o rosto nas barras de ferro e beijou-o.

— Fique quieto.

— Não posso.

— Claro que sim. Deite-se e deixe o resto comigo.

Cleo abafou os sinos com uma manta e cobriu a si mesma com outra.

Após alguns momentos de carícias mútuas, um dos rapazes se mexeu e o silêncio voltou a imperar.

— Cuidado na volta para casa.

— Eu sei andar no escuro.

Saiu da cabana e acariciou as orelhas do cachorro de Sam.

— Fique aqui, Boots.

O animal abanou o rabo e obedeceu. Prosseguiu o trajeto sob a sombra das nogueiras. Escutou um ruído.

— Volte, Boots. Silêncio.

Olhou para trás e a sombra de um homem apareceu entre ela e a clareira. Tentou correr, mas ele a alcançou. O cheiro de álcool inconfundível de LeBrec. Ele a agarrou e Cleo lutou como uma leoa para desvencilhar-se. LeBrec era corpulento e forte. Conseguiu dominá-la. Agarrou-a pela cintura. Ela arranhou, mordeu e bateu o quanto pôde. LeBrec deu-lhe um soco no rosto. E mais outro. Zonza, perdeu o equilíbrio e LeBrec jogou-se por cima dela.

Nisso LeBrec deu um pulo. Boots lhe mordera o traseiro.

— Isso mesmo, Boots, pegue-o!

O cão era grande e assustava qualquer um. Cleo rastejou e levantou-se, deixando LeBrec entregue ao fiel animal que não parava de rosar, mostrando os dentes.

Quando chegou na escada, escutou um tiro e um ganido. LeBrec matara Boots.

Entrou depressa, foi para o quarto e fechou a porta. Se Remy descobrisse o que acontecera, iria atrás de LeBrec e o feitor o mataria.

Se Louella, Thibault e Elbow John vissem os hematomas, teriam de ser avisados de que nada poderiam comentar. Também não poderia ver Remy até desaparecerem as marcas do rosto.

Encheu uma bacia com água fria e lavou o rosto inchado e ferido. Tirou as folhas e a sujeira dos cabelos. Vestiu pantalonas velhas de Josie e enfiou pela cabeça um vestido limpo.

Deitou-se na cama e se cobriu.

Não conseguiu dormir. Quando amanheceu, foi para o quarto de Celine. Abriu a maçaneta de cristal e hesitou na entrada. O pano preto ainda cobria o espelho. A poeira estava por cima de tudo.

A cama de baldaquino onde Celine Tassin morrera. Um dos travesseiros estava amarrotado. Seria onde Celine deitara a cabeça até a morte? Ou ela voltara?

Precisava afastar da mente as conversas dos escravos. Muitos deles eram ignorantes e tolos. O sofrimento fazia com que vissem infortúnio e pavor em cada canto. Ursaline, recuperada da cólera, continuava a relatar as histórias de vodu e incentivava-os a procurar sinais do outro mundo. Absurdos. Cleo confiava em Deus e sabia que ele não enviaria mensagens que dependiam de pés de galinha e sangue fresco.

Tocou na pequena pia de água benta do batente, fez o sinal da cruz. Entrou e foi até a penteadeira. Achou um pote de ruge já seco, um frasco com creme de rosto rançoso e uma caixa com pó de arroz.

Levou o último item para o quarto de Josie,

Cleo tinha pele mais clara de que o dos escravos. Mas o tom café-com-leite ainda era mais escuro de que fora a de Celine. O pó não escondeu os hematomas nem os arranhados. Fez com que o nariz inchado aparecesse ainda mais. No fim, lavou tudo.

Mais tarde, serviu o café e o creme para madame. Enquanto Emmeline, ensimesmada, mexia o líquido, Cleo cortou o chouriço. A matriarca mencionou a geléia. Ela satisfez-lhe o pedido sem se aproximar muito. Nisso, Emmeline levantou a cabeça.

Cleo abaixou os olhos diante da inspeção, imaginando o que poderia acontecer.

Se contasse o que ocorrera, receberia um castigo?

— Eu a avisei para não sair de casa — Emmeline falou depois de algum tempo.

Ela anuiu, sem levantar a cabeça. Emmeline afastou o prato.

— Fique em casa.

Cleo fitou o olhar de madame e viu a mesma expressão de dor que presenciara nos dias da enchente, quando as duas haviam perdido entes queridos. Madame importava-se com ela.

Emmeline levantou-se.

— Tomarei café no gabinete.

Cleo ocupou-se em limpar o chão que limpara na véspera. Com Laurie, Emmeline e ela em casa, não havia muito trabalho para ser feito. Mesmo assim, limpou e lustrou com energia. Pediu permissão à madame para abrir as venezianas dos aposentos de Celine e também ali fez uma limpeza. Tudo normal, nada fantasmagórico no quarto. Afastou o cortinado e alisou a colcha de cetim. Nenhum arrepio. Nem sinal de Celine. Tudo não passava de imaginação exacerbada.

No fim da manhã, monsieur Bertrand chegou pela estrada do rio. Cleo viu-o pela janela o quarto de Celine. Ele era observador. Notaria as equimoses.

Foi para o quarto de Josie, com esperança de não ser chamada pela matriarca. Laurie tinha idade suficiente para ajudá-la na sala de almoço. Escutou Elbow John e Thibault saudarem o visitante.

Laurie abriu a porta e convidou-o para entrar. Mais tarde escutou Louella e Laurie preparando a mesa e servindo o almoço. Madame a compreendera.

Deitou-se na cama de Josie. Enquanto estivera ocupada, a dor fora suportável. Naquele momento um olho, o nariz e o queixo latejavam. Depois do almoço pediria a Louella um pouco de tafiá que era guardado na cozinha. A aguardente era forte e serviria para aliviar a dor.

Quando escutou a anfitriã e o visitante conversarem na sala de estar, abriu a porta do quarto que dava na sala de almoço. Louella tirava os pratos.

— Não precisava levantar-se, chérie. Já terminei.

— Está doendo, Louella. Você traria um pouco de tafiá para mim?

— Eu lhe disse hoje de manhã que seria preciso pôr um pedaço de carne no ferimento. Quanto antes desinchar, mais depressa poderá ver Remy. Eleja sabe que Boots foi enterrado. Não adiantará eu ficar de boca fechada, se ele a vir desse jeito.

— Fizeram um enterro decente para Boots?

— Elbow John e o velho Sam providenciaram tudo. Louella a fez sentar-se na poltrona próxima ao aparador.

Pegou um cálice e pôs um pouco de uísque.

— Você não vai querer tomar tafiá, quando tem um vinho tão bom como esse aqui. Madame não se importará nem ficará sabendo. Volto já com o pedaço de carne. Não saia daí.

Louella deixou a sala com a bandeja de pratos. Cleo encostou a cabeça no espaldar da poltrona e fechou os olhos. Nisso a porta da sala de estar foi aberta. Bertrand entrou para pegar a garrafa de vinho.

Ela não teve tempo de fugir.

— Meu Deus, Cleo.

Ele tocou o rosto inchado com a ponta do indicador. A compaixão do olhar dele deixou-a comovida e ela abaixou a cabeça. Bertrand espiou a porta da sala de esguelha.

— Quem lhe fez isso?

Cleo negou com um gesto de cabeça e procurou escapar dali. Bertrand bloqueou-lhe a passagem.

— Por favor, monsieur. — Ele não podia imaginar como a fragrância de lã, tabaco e

dele mesmo a atraía.

Bertrand hesitou. Tocou-lhe novamente a face com ternura e afastou-se. Cleo correu para o quarto.

Ele voltou para a sala com a garrafa de vinho. Depois de servir os dois cálices, resolveu não fazer comentários sobre o que vira. Emmeline poderia ofender-se pela intromissão em problemas domésticos.

Conversaram sobre o mercado de ações e sobre alguns corretores de conhecimento comum. Bertrand estava inquieto. Não podia esquecer o rosto marcado de Cleo nem seu olhar resignado.

Por um instante pensou que a responsável pela barbárie fosse Emmeline. Todavia aquelas não eram marcas deixadas por uma mulher, mas sim por um homem furioso. Ocorreu-lhe, pelo que já ouvira contar na região da cana-de-açúcar, que pudesse ter sido obra do feitor. Teria de dar uma lição em LeBrec.

Levantou-se e disse que iria embora mais cedo por causa das nuvens escuras a oeste.

— Laurie — Emmeline chamou. — Avise Elbow John para trazer o cavalo de monsieur Chamard.

— Não será necessário. Eu o pegarei.

— Claro que não. De qualquer forma Laurie teria de chamar LeBrec. Mande avisá-lo de que precisava falar com ele. Corra, Laurie.

— Problemas? — Bertrand tentou.

— Sei que viu Cleo na sala de almoço.

— Vi. Bateram nela.

— Eu a avisei para ficar fora do caminho dele. Ela não me escutou.

— Posso ajudar?

— Não se preocupe. — Emmeline entregou-lhe o chapéu. Bertrand cruzou com LeBrec no pátio. Pegou as rédeas de

Thibault e despediu-se do garoto.

LeBrec estava com a mão esquerda enfaixada. Arranhões em uma das faces e uma marca de mordida perto do olho. Cleo não fora submissa. Bertrand admirou-a.

— Como tem passado, monsieur Bertrand? Ele agarrou o braço de LeBrec.

— Essa garota me interessa, LeBrec. Se eu vir outra marca nela...

— Sobre o que está falando?

— Sabe muito bem do que se trata. — Bertrand viu medo nos olhos do capataz. Não o surpreendia que o homem fosse um covarde. — Nunca mais encoste um dedo em Cleo.

Virou as costas e montou. Quando passou em frente à casa, viu as cortinas de um aposento se mexerem. Ela o vira conversando com LeBrec.

Capítulo IX

A nova vida de Phanor em New Orleans era cheia de desafios, mas ele saudava cada momento com alegria. Como comerciante de vinhos de monsieur Cherleu, sabia quais os navios atravessavam mais depressa o Atlântico e quais os capitães confiáveis para entregar um carregamento intacto. Decifrava marés e, sobretudo, aprendera a conhecer os vinhos. Apresentava-se aos chefes nos portos, aos mattres dos melhores clubes e restaurantes, aos responsáveis pelo transporte fluvial do Mississippi.

No início seu paladar era o de uma criança. Não distinguia um vinho doce de um seco. Os fregueses, via de regra, queriam discutir o sabor, a consistência e a idade da

bebida. Phanor desesperava-se com aquela nova linguagem até começar a distinguir o buquê dos vinhos.

No famoso restaurante Lês Trois Frères, na rue Dauphine, fez amizade com Jean Paul Rouquier, o principal degustador de vinhos de New Orleans. Jean Paul adorava vinho e também falar sobre isso. Ele ensinou-lhe como se inalava suavemente e sem pressa a fragrância de um vinho.

— É preciso calma. Essa não é uma bebida para acompanhar arroz com chouriço.

Phanor fechou os olhos, girou o vinho no cálice de cristal e cheirou.

— Flores.

— Muito bem. Agora, o arôme de bouche, ou seja, o sabor. Um gole mínimo. Franza os lábios, inspire um pouco de ar na língua e role o vinho na boca.

Depois de algumas semanas, Jean Paul deu-se por satisfeito.

— Logo, logo, meu amigo, será um grande conhecedor de vinhos. Um connoisseur que ameaçará meu trabalho.

Phanor ergueu o cálice.

— Nada tema de mim. Sou e sempre serei um cajun da zona rural. Eu lhe agradeço por ter-me tornado um pouco menos grosseiro. A votre santé. À sua saúde.

Nos primeiros meses, ele procurou integrar-se à cidade com suas paisagens e seus sons. Não era mais um homem que vivia à margem do pântano. Era um cidadão de New Orleans, de bom gosto e elegante.

Com as remunerações iniciais — muito mais dinheiro de que ele e o pai haviam visto de uma só vez — comprou peças de algodão e mandou para a irmã. Serviriam para fazer roupas para ela e para o pequeno Nicholas. Para o pai e o cunhado, comprou fumo e cachimbos de urzes-brancas.

Passou a preocupar-se com a própria aparência, pois encontrava mercadores importantes quase todos os dias. Foi nessa época que se encontrou com Josie no parque. O que não se constituiu numa surpresa. Recebera uma carta de Lalie, sua irmã, que sabia ler e escrever um pouco, relatando as novidades. Nicholas dava os primeiros passos sozinho, o pai estava com reumatismo, os vizinhos de Toulouse haviam reconstruído quase tudo. Um fugitivo — o pobre Remy — fora capturado e Josephine estava em New Orleans com a tia.

Nunca a vira tão linda. A palidez cedera lugar a um tom de pele rosado e quando Josie o vira, o olhar se iluminara. Dissera a ela que estaria na praça aos sábados à tarde. Depois disso comparecia ao local aos sábados e domingos religiosamente, fizesse chuva ou sol.

Josie jamais viera. Nessas ocasiões ele usava as roupas velhas e remendadas. A nova ficava para lavar e passar, pronta para mais uma semana de trabalho. As pessoas gostavam de ouvi-lo tocar e ele adorava uma platéia. O dinheiro que lhe atiravam nada significava diante do que recebia de Cherleu.

No final do inverno, resolveu fazer uma visita à sua família. Desembarcou no cais de Toulouse, acenou para o capitão e subiu a margem. Diante dele a aléia de carvalhos e a casa-grande dos Tassin que, nessa oportunidade, pareceu-lhe menor.

Lembrou-se de quando tocara para Josie pela primeira vez e na última, quando também estavam Cleo, Remy e Thibault. Quase a beijara. E lamentava não tê-lo feito.

Parou em frente da escada do terraço. Já não era mais o pobre garoto cajun descalço que vinha oferecer ovos e nozes. Era um homem de negócios.

Não chegou a puxar a corrente do sino. Cleo abriu a porta.

— Monsieur DeBlieux, queira entrar por obséquio. Dê-me seu chapéu.

Phanor achou graça da formalidade, tomou-a nos braços e girou-a no ar. Quando a deixou no chão, Cleo mostrou-se agradavelmente surpresa.

— Esse é o mesmo garoto que conheci? Ele endireitou o casaco.

— Exatamente. Mas daqui para frente jamais andarei descalço, Cleo.

— Senti sua falta, Phanor. Lalie trouxe uma carta para ser enviada junto com os despachos de madame. Ela lhe falou sobre Remy?

— Sim.

— Contarei tudo mais tarde.

Phanor passou mais de uma hora conversando com Emmeline que sugeriu melhores métodos para incrementar a intermediação. Ele explicou que fazia pesquisa entre os atacadistas para conseguir preços mais altos para os carregamentos de vinhos de Cherleu.

— Conheço vários comerciantes. Muitos aceitam pagar um pouco mais por um vinho de boa qualidade.

— A persuasão é essencial nesses casos. — Emmeline aprovou. — Phanor, por que não fica para jantar?

— Obrigado, madame. Não vejo minha família desde agosto. Voltarei outra hora.

— Eu o aguardarei.

Despediu-se e pegou o chapéu de cima da mesa da sala. Cleo varria o terraço dos fundos e, ao escutar passos, veio correndo.

— Tem alguns minutos antes de ir embora?

— Quero estar em casa antes do escurecer.

— Não vai demorar.

— Teremos de ir até o campo. Elbow John me trará de volta.

— Desde quando você precisa de escolta?

— Isso não importa. Voltarei num instante.

Voltou com o xale e eles foram até os campos do sul onde os escravos terminavam de plantar a cana. Cleo parou de repente. Homens e mulheres curvados sobre o solo faziam seu trabalho. Um homem branco a cavalo observava o progresso da tarefa. Cleo fez sinal para se esconderem na mata.

— Está com medo do feitor?

— Não é por mim. Ele já me machucou bastante. É por causa de Remy. Se ele souber o que LeBrec fez...

Phanor entendeu.

— Escute.

Um tanger contínuo e irritante de sinos veio de longe.

— Está vendo Remy na última fileira?

— O que ele tem na cabeça? — Phanor estreitou os olhos ao perceber os contornos da estranha gaiola apoiada nos ombros.

— É para humilhá-lo e para ele não fugir de novo. Você precisa ver as marcas que o pobre tem nos ombros de tanto carregar aquele peso. Quando aquilo escorrega para frente, bate na cabeça dele. Os sinos tocam o tempo inteiro.

Phanor não imaginou como o amigo podia manter o equilíbrio. Positivamente não era humano.

— Por quanto tempo ele terá de usar aquilo?

— Ninguém sabe.

LeBrec não poderia estar mais tranquilo em seu cavalo. Mas o olhar atento não se desviava dos escravos.

— Remy tentará fugir outra vez.

— Com aquilo na cabeça?

— Creio que ele pensa em pedir ajuda ao ferreiro. Mas Smithy não vai se arriscar a um castigo.

Remy curvou-se e o peso da gaiola o fez perder o equilíbrio. Phanor refletiu que era preciso ser um homem de verdade para agüentar aquilo.

— Pensarei sobre o assunto.

Phanor avistou a pequena casa cinzenta entre os ciprestes. O lar onde nascera parecia flutuar no nevoeiro que vinha do braço de rio.

As tábuas do piso da varanda estavam empenadas. O forro curvava-se para um lado e no telhado, faltavam telhas. Antes de ir para New Orleans, nem mesmo se dera conta do abandono do local.

A chaminé exalava um aroma de toucinho frito. Ouvia-se o planger da citara do pai. Um grito e uma risada de Nicholas. Phanor correu para o aconchego da família.

Os dias se passaram entre cantos, duetos de citara e violino e muitas histórias. Ele, o pai e Louis, seu cunhado, ficavam conversando e bebendo licor até tarde. Phanor trouxera duas garrafas do excelente vinho da Borgonha.

— Que nada, meu rapaz — o pai disse. — Esse pode ser um bom vinho mas não se compara ao meu licor de milho.

Phanor carregou Nicholas para todo lado. Mostrou-lhe a árvore oca onde viviam as abelhas e só o devolvia para a mãe quando era preciso trocar-lhe os cueiros. Na canoa com Louis, foi atrás de rãs. Era bom estar em casa, mas logo começou a sentir falta do burburinho de New Orleans.

Pensou em Remy. Era considerado crime grave ajudar a fuga de um escravo. Além disso, ele não podia esquecer que seu futuro dependia da boa vontade de madame Tassin. Seu pai também não gostaria de romper uma amizade que datava de três gerações.

Mas Remy precisa livrar-se daquele horror e Louis poderia ajudá-lo. No passeio pelo igarapé, Phanor explicou-lhe o caso. Louis argumentou com lógica. Remy era uma propriedade e não lhes pertencia.

— Ele pertence a madame Tassin. O moço não é seu escravo.

— Sei disso.

— Então. O problema desse escravo não é seu.

— Mas é de Cleo. Ela não quer ter filhos escravos.

— Eu entendo. Aquela garota passou por momentos difíceis. Perdeu os pais na enchente. Diga-me, Remy é o namorado dela?

Phanor anuiu e contou que LeBrec a perseguia. Se Remy soubesse disso, tentaria agredi-lo. Toulouse ficava cada vez mais perigoso para ele.

— Cleo também precisa sair de Toulouse.

— Ela saberá cuidar-se até a volta de Josie.

A lua cheia lançava luz prateada no igarapé. Louis pôs um pé na beira da canoa e espetou o arpão na água. Levantou-o com uma rã que esperneava.

— Lalie fará um belo jantar com uma porção destas. Eles apanharam mais algumas e limparam-nas. As tripas atraíram um aligátor que logo foi embora com o petisco.

Mesmo à noite, no igarapé travava-se uma luta pela sobrevivência. Predador e presa. Pássaros, répteis, peixes, árvores e plantas rasteiras.

— Bem, Phanor, como faremos? — Louis perguntou enquanto remavam de volta.

O plano teria de ser executado com precisão. Remy precisava de ajuda para tirar a gaiola. Phanor seria visto embarcando sozinho no cais de Toulouse. Louis levaria Remy pelos afluentes até um ponto em que os dois pudessem pegar um barco para New Orleans. Louis não era conhecido. Ninguém estranharia um homem branco acompanhado de um escravo. Se planejassem com cuidado, o rapaz estaria fora de perigo quando fosse dado o alarme.

Em New Orleans, Louis entregaria Remy para Phanor e voltaria para casa. Se perguntassem onde estivera, diria que fora à caça de aligatores no pântano.

Quarta-feira à noite, dois dias antes de voltar para a cidade, Phanor aceitou o convite de Emmeline para jantar. Vestiu o melhor casaco e camisa, e a calça mais longa

como estava na moda.

Cleo abriu a porta e, diante de tanta elegância, fingiu não saber a quem anunciar.

— Eu, é claro. — Abaixou a voz. — Partirei na sexta-feira. Remy tem de estar pronto antes disso.

— Eu o encontrarei no bosque das nogueiras.

— Não. Será melhor na adega. É preferível não se arriscar a sair.

A porta do gabinete foi aberta e Cleo recuou.

— Boa noite, Phanor.

— Madame. — Ele beijou-lhe a mão com a graça dos bem-nascidos.

Foi uma noite agradável. Conversaram a respeito de New Orleans, barcos a vapor, veleiros e vinhos. Escutou os conselhos de Emmeline sobre os meandros do mercado financeiro.

Ao final da visita, Emmeline aconselhou-o a procurar um curso para melhorar a escrita e a dicção, se pretendia mesmo ingressar no mundo dos negócios. Phanor admitiu a razão de madame. A mãe lhe ensinara a escrever e ele aprendera rápido. Mas faltava muito para atingir o nível desejado de cultura.

— Eu lhe darei uma grammaire française para estudar.

— Muita bondade sua, madame, em emprestar-me uma gramática francesa. Prometo que em empenharei na matéria com afinco.

— E também terá de aprender inglês.

— Oui, madame. Eu já comecei a folhear uma gramática.

— C'est bon. Desejo-lhe boa sorte. Eles iriam precisar, e muito,

Phanor despediu-se com o compêndio no bolso. Cleo entregou-lhe o chapéu e abriu as portas duplas do terraço.

— Cinco minutos — ela sussurrou. Ele esperou entre as barricas de vinho.

— Aqui — ele falou em voz baixa ao ver a silhueta de Cleo. Ela tropeçou em um barril e estendeu a mão para encontrá-lo. Ele a guiou até onde estava.

— Você vai ajudar Remy?

— Nós vamos. Louis, você e eu. Me cunhado concordou em assumir a parte mais perigosa. Acho que a idéia de arriscar-se o atrai mais de que a noção de ajudar a Remy.

— E você?

— Conhece os cajun, não é Cleo? Adoramos desafios.

— Como faremos?

Phanor explicou os detalhes e Cleo ofereceu uma sugestão.

— Perdoe-me a indelicadeza, mas se Louis tiver de parecer o dono de Remy, não pode aparentar ser um pobre cajun.

— Pensei nisso. Eu lhe darei uma de minhas camisas novas.

— Não será preciso. Monsieur Emile deixou muitas camisas no guarda-roupa. Pegarei uma delas. Talvez Louis tenha uma blusa velha para Remy vestir. Assim não ficarão à vista os ferimentos dos ombros.

— E LeBrec? Você conseguirá tirar Remy do alojamento à noite?

— Estou pronta para LeBrec. Nunca mais fará nada comigo.

Essa era a Cleo que ele conhecia. Assim mesmo, LeBrec era corpulento demais para ela.

— Acho melhor eu ir com você.

— Não. Esse trabalho é meu. Primeiro teremos de tirar a gaiola da cabeça de Remy.

Phanor não quis confessar de que não tinha a menor idéia de como fariam aquilo. Todas as idéias lhe pareciam desastrosas.

Durante semanas, Cleo não pensara em outra coisa. Desesperada, fora novamente falar com o ferreiro.

— Não lhe peço para fazer nada — ela implorara. — Só me mostre como foi feita

aquela fechadura.

O negro alto, musculoso e suado por causa da fornalha sacudira a cabeça. Por mais forte que fosse, tinha medo de LeBrec. Mas Cleo acabara por convencê-lo em troca de algumas provisões trazidas da casa-grande. Óleo, tecido, velas e carne.

— Sei como funciona a tranca. Phanor fitou-a no escuro.

— Sabe?

— Sei e posso abri-la. Mas isso não seria o suficiente. Se o apanharem outra vez... Bem, isso não acontecerá. Por isso tive de esperar uma ocasião que fosse mais garantida.

Phanor suspirou, aliviado. Aquela maldita gaiola era a pior parte.

Quinta-feira à noite, Cleo entrou na cabana guiada pelas estrelas. Tirou do bolso uma pelota de cera de abelhas e abafou com ela os sinos da gaiola. Sam e os netos dormiam. Sam não ressonava. Talvez nem estivesse dormindo. Mas ele nada revelaria sobre a fuga de Remy.

Cleo e Remy saíram na noite fria e úmida, passaram por trás das cabanas em direção à fronteira oeste onde Phanor e Louis os aguardavam na mata.

— Ninguém os viu?

— Creio que não — Remy respondeu. — Pelo menos não LeBrec.

— Muito bem. Seguiremos Louis.

Os poucos raios de luar que se infiltravam pelas copas das árvores não foram suficientes para impedir que tropeçassem nos tocos e nas raízes. Remy perdia o equilíbrio com frequência e Phanor o endireitava.

Eles se aproximaram do pântano. As cigarras pararam de cantar e os sapos, de coaxar. Os únicos sons eram o dos próprios passos e de alguma ave migratória. Um guaxinim passou correndo e Cleo rezou para não atravessar o caminho de nenhum animal mais feroz.

Foram até um cômodo que se destacava no pantanal. Havia percorrido três quilômetros e passado por milhares de carvalhos, ciprestes, liquidâmbares e nissáceas. Louis acendeu e ergueu uma lamparina. Não acreditou na monstruosidade que o pobre rapaz carregava nos ombros.

— C'est inhumaine.

— Não é humano — Phanor concordou. — Cleo, as ferramentas.

Remy sentou-se no chão. Phanor aproximou a lamparina e criou um oásis de luz na mata escura. Cleo tirou uma fina lâmina de metal do bolso, fez o sinal da cruz e rezou. Enfiou e girou o pequeno instrumento no buraco da fechadura. Nada. Virou a lâmina estreita para o outro lado e não conseguiu destrancar. Smithy a avisara para não forçar. A ponta da lâmina poderia quebrar-se dentro da fechadura. Recomendou paciência a si mesma e sentou-se. Tentou novamente.

— Teremos de usar a marreta — Louis disse.

— Dê-lhe mais alguns minutos — Phanor recomendou. Uma mamãe gambá passou carregando os bebês nas costas.

Ignorou os humanos, a lanterna e subiu na árvore.

Cleo fitou Phanor que sorriu, confiante. Ela abaixou a cabeça e fez nova tentativa. Devagar. Com cuidado.

Em meio ao silêncio e à tensão, o pequeno estalo surpreendeu a todos. Cleo riu alto, nervosa.

— Muito bem!

Phanor entregou a lanterna para Louis e ajoelhou-se para abrir a parte de trás. Segurou a peça para Remy desamarrar as tiras de couro que ele mesmo colocara para ajudar no equilíbrio. O escravo puxou a cabeça para trás e para fora da gaiola. Pela primeira vez em meses, Remy viu-se livre da humilhação e do horror da armadilha de

ferro.

Levantou-se, esticou os braços, mexeu os ombros e rodou a cabeça.

— Meu Deus, como é bom. Acho que poderia correr até New Orleans.

— Non. — Louis afirmou. — Não será necessário. Iremos na minha piroga e aqueles cães não poderão alcançar-nos.

Remy e Cleo se abraçaram.

— Cleo, serei um homem livre. Eu lhe prometo. E virei buscá-la.

Ainda abraçado com Cleo, Remy estendeu a mão para Phanor.

— Meu amigo, muito obrigado.

— Nós nos veremos em New Orleans. Não esqueça de representar sua parte. Enquanto estiver no barco terá de parecer um escravo e agir como tal.

— E o que mais sei fazer, amigo.

Cleo entregou-lhe um pacote com camisas limpas, uma lâmina de barbear, sabão e esfregão para banho. Beijou-o e agarrou-se nele.

— Cleo, eles precisam ir embora — Phanor preveniu-a. —i Terão de sair do pântano e entrar nos afluentes antes do amanhecer.

Louis e Remy desapareceram na floresta. Estavam a uns quatrocentos metros de onde fora deixada a pequena embarcação. Durante o dia eles se esconderiam no labirinto de córregos e lagoas. À noite remariam até o rio onde esperariam por um barco a vapor. Louis levava no bolso o dinheiro ganho por Phanor nos últimos meses. Trouxera comida e dois charutos.

No cômodo, Cleo tremia. Perscrutava a escuridão. Phanor ergueu o mais que pode a gaiola odiosa e atirou-a no charco com toda força. Se tivessem sorte, a lama sugaria a peça para baixo da água escura antes do amanhecer.

— Vamos embora. — Cleo não parava de tremer.

Sem Louis para guiá-los, tiveram de usar a lanterna para achar o caminho. Perto de Toulouse, Phanor apagou a lamparina.

As cabanas e a casa-grande estavam escuras e silenciosas. Phanor supôs que fossem quatro horas da manhã. Esperou até Cleo subir a escada do terraço dos fundos. Não a viu acenar um adeus.

Correu para casa. Teria de lavar-se, despedir-se da família e voltar para o cais. Naquela hora, LeBrec já teria descoberto a fuga de Remy.

Capítulo X

- Por hoje chega! — Bertrand Chamard irritou-se, enquanto Valentin fazia suas unhas. — Estou barbeado e de cabelos arrumados. É demais para um dia só. Valentin não lhe soltou a mão até terminar o trabalho.

— Amanhã eu terei de conviver outra vez com essas palmas calosas?

— Isso mesmo, monsieur Valentin.

Bertrand e Valentin estavam juntos desde a infância e sentiam-se à vontade na companhia um do outro. Nos últimos meses em Cherleu, Valentin não deixava de lembrar a seu senhor que preferia polir prata a esfregar óleo no couro. Entretanto trabalhara duro tirando excrementos das baias e consertando arneses. O serviço pesado deixara as mãos de Valentin tão grosseiras quanto as de Bertrand. Com uma diferença fundamental. Bertrand não se importava com tais asperezas.

Ele fitou-se no espelho e deu-se por satisfeito para enfrentar a noite de New

Orleans. Atirou a capa debruada de cetim vermelho por sobre o ombro. Recebeu o chapéu e a bengala das mãos do criado.

— Não espere por mim. Talvez eu chegue tarde.

— Então procure entrar em silêncio para não me acordar — Valentin rezingou.

Bertrand sorriu. Faria exatamente o contrário. A bengala de ébano fazia grande ruído quando caía no chão.

O salão de jogos no Blue Ribbon estava enfumaçado. Bertrand conhecia quase todos os que estavam às mesas. A maioria era creole do baixo Mississippi ou de Cane River do norte. Nos últimos anos acadianos prósperos e muitos amercains vinham tendo acesso às mesas de roleta.

Sentou-se com os amigos, dois deles seus primos e acendeu o primeiro charuto da noite. LaSalle dava as cartas e os homens olhavam-nas com indiferença planejada.

Perto da meia-noite, eles se levantaram para esticar as pernas. Bertrand levou o copo de uísque para o terraço. Queria respirar ar puro. Nunca dera muita importância à preocupação feminina sobre os miasmas venenosos da noite. Em Paris seus maiores divertimentos tinham sido noturnos. Muitas vezes subira no telhado da casa de Lafrènnière para observar Vênus através do telescópio. Por que a noite de New Orleans não o satisfazia?

— Chamard, é você?

Bertrand estreitou os olhos. O homem estava na sombra.

— Johnston? Que prazer, meu amigo!

Albany aproximou-se e os dois estenderam as mãos em um cumprimento efusivo.

— Quando chegou à cidade? — Albany quis saber.

— Há três dias. Acabo de livrar-me de meus compromissos e procurei um pouco de descontração. Como estão sua mãe e sua irmã?

— Muito bem.

Os dois se inclinaram na balaustrada, fumando.

— E Josephine?

— Um pouco difícil. — Albany soltou uma baforada. — Como a maioria das mulheres.

Bertrand nada comentou.

— Então é aqui que se realizam os famosos bailes?

Blue Ribbon era um estabelecimento conhecido onde os rapazes creole entravam para a maturidade. Nos bailes tocavam os melhores músicos de New Orleans e eram empregados os mais famosos fornecedores. Ali também ficavam à disposição dos cavalheiros brancos, as mulheres mais belas da Louisiana. Eram quadruns em sua maioria, ou seja, tinham um quarto de sangue negro. O futuro mais almejado por elas era tornar-se amante de algum cavalheiro creole. Se um homem era flechado no coração por uma delas, em geral ficava com a mulher e os filhos.

— Na parte de cima — Bertrand afirmou. — Na próxima semana haverá um baile. Poderei trazê-lo como meu convidado.

— Achille Dumont, amigo de sua prima Marguerite, insistiu para que eu o acompanhasse. Dizem que um homem não experimentou a Louisiana, se não conheceu a exuberância de suas mulheres.

— Sou obrigado a concordar.

— Mas este não é um bordel.

— Não deixe as senhoras mães dessas damas ouvirem esta palavra! — Bertrand deu uma risada. — Essas moças fazem carreira de amantes e a virtude delas é lendária, dentro de certos limites.

— São virgens?

— Não exatamente. Se os amantes morrem ou se cansam de tanto amor, elas

voltam ao salão de baile com um encantador ar de maturidade.

Bertrand pensou em Philomene. O pai dele e ela foram amantes por vinte anos, até ele morrer. Ela era ainda uma mulher bonita. Monsieur Chamard deixara-lhe uma herança generosa e Philomene resolvera não voltar ao Blue Ribbon.

— Ah, finalmente o achei, Johnston.—Achille aproximou-se. — Vamos jogar? Olá, Chamard.

— Olá, Achille. Como tem passado?

— Bem, obrigado. Johnston já lhe disse que pretende arriscar-se ao encantamento das belas damas daqui? Vou apresentá-lo à mais tentadora garota do salão. Ele se tornará um verdadeiro cidadão da Louisiana se conhecer uma das belas moças locais.

Bertrand sempre considerara Achille Dumond um fraco de caráter, embora fosse uma companhia divertida. Imaginou se Marguerite não insistira em apresentá-lo a Albany com um propósito. Fazer o rapaz interessar-se por uma das beldades, para esquecer de Josie.

Não muito longe dali, Josie espiou as crianças. Pierre ressonava, tranqüilo. André ainda dormia com o polegar na boca. Fitou o pequeno Jean Baptiste e lembrou-se do que a avó Túlia afirmava. Nada mais doce de que uma criança dormindo. Pensou nos filhos que teria no futuro. Um deles poderia parecer-se com Jean. Enfiou um pezinho gorducho para baixo do acolchoado e beijou-lhe a testa. Refletiu na maravilha de ter uma família.

No dia seguinte, sentada na sala de estar, observou a agitação de sua tia. Marguerite afligia-se com os preparativos para a festa do final da Quaresma. Depois disso, todos deixariam New Orleans para evitar o calor do verão. A tia queixava-se de dor de garganta há dias.

Marguerite bebericava chá com limão e mel.

— Você não tem idéia do que ainda tenho para fazer — ela comentou com voz rouca. — Venho me estafando há semanas e não sei se ficaremos prontas até o dia dezoito. Terei de valer-me de seus préstimos, Josephine.

— O que deseja que eu faça, minha tia? Posso supervisionar a casa ou as crianças. Quer que eu a ajude com os quitutes?

— Ah, eu adoraria se tomasse conta da cozinha. Sua avó tem costumes familiares antigos. Ela deve ter-lhe ensinado a fazer bolos e massas. Na certa, será capaz de preparar o cardápio inteiro.

— Claro que não. — Josie riu. — Farei o que estiver a meu alcance. A organização, o planejamento, as encomendas...

— O vinho! — Marguerite engasgou. — Com essa tosse horrível, fiquei muito tempo na cama e acabei esquecendo de encomendar o vinho!

— Conheço um comerciante de vinhos. Phanor DeBlieux. A tia levantou as sobralcelhas. Estranhou o fato de ela mesma não o conhecer.

— Ele é o vendedor de monsieur Cherleu e vovó gosta muito dele.

— Verdade?

— Poderei entrar em contato com ele através de monsieur Cherleu. Vovó escreveu-me que ele está hospedado na rue Dauphine, caso eu precisasse de companhia para voltar para casa.

— Já está facilitando minha vida, chérie. Mande buscar DeBlieux imediatamente.

Josie subiu e foi até seus aposentos. Procurou na caixa de cartas a referência da avó quanto ao endereço de Cherleu. O mordomo de Marguerite pediria a ele a localização de Phanor.

Assim a carta seria entregue sem demora. Desceu correndo a escada com uma mensagem para Thomas levar.

Enquanto aguardavam a volta do mordomo com notícias, Josie e a tia estudavam o cardápio. Decidiram-se por medalhões de filé, lombo de porco e camarões. Ostras frescas

e fritas. Batatas sauté, brancas e amarelas, tortas de espinafre. Panquecas de geléia, torta de maçã, laranjas e limas carameladas. Para os que ficavam até de madrugada, sopa de quiabo e galinha e pão fresco.

Thomas voltou com uma anotação feita com letra bem feita em uma folha de papel creme. Phanor DeBlieux viria às quatro horas. Traria uma lista completa de vinhos disponíveis no estoque.

— Excelente — Marguerite tornou a tossir. — Agora terei de deixá-la, chérie. A modista quer fazer nova prova no vestido. É muito cansativo, mas pelo menos ficará bem feito. — Marguerite foi até a porta e virou-se. — O que vai usar na festa?

Josie deu de ombros.

— O mesmo que usei no outono, o preto.

— Não se preocupe, ma petite. Mais alguns meses e poderá guardar os trajes de luto. Providenciarei algo bem mais alegre. Digamos, um rosa. Ou um verde para realçar seus olhos.

Marguerite arrumou o penteado perfeito na frente do espelho.

— Tenho de correr. Diga à cozinheira para encomendar as carnes no açougueiro.

Josie olhou o relógio cuco do vestibulo. Faltavam duas horas para a chegada de Phanor. Foi para seu quarto. Escovou os cabelos e refez o penteado. Os cabelos pareciam ter escurecido. Gostava deles mais claros. Quando voltasse para casa, dali a três semanas, Cleo a ajudaria a voltar os fios para a cor normal.

Passou pó de arroz e ruge. Fez uma pinta junto ao canto esquerdo da boca. Analisou o resultado no espelho de báscula da tia. Pôs as mãos na cintura fina. Satisfez-se como resultado, apesar da roupa preta.

Admoestou-se. Estava ficando vaidosa demais.

Voltou para o salão, pronta para deslumbrar. Phanor não seria pontual, mas pontualidade era uma preocupação dos americanos. Pegou a sacola de crochê. Ao contrário do bordado, no crochê os detalhes não eram tão pequenos.

Foi para o terraço e ficou atenta ao movimento da rua. Phanor bateria na porta da frente? Em Toulouse, quando vinha descalço e com mercadorias, sempre chegava pelos fundos. Naquela altura e na qualidade de vendedor citadino, usava botas polidas e casaco da mais fina lã. Ela o receberia na sala de estar e pediria chá. Ou talvez café. Muitos homens preferiam café.

Dez minutos depois das quatro, bateram na porta da frente. Josie não resistiu. Correu até o terraço.

— Phanor!

Ele tirou o chapéu e fez uma medida exagerada. Os dois sorriram, partilhando um segredo. Embora estivesse usando belas roupagens, continuavam sendo a Josie e o Phanor da margem do Mississippi.

Thomas abriu as portas duplas e Phanor entrou. Na sala, Josie ajeitou-se, aflita. O mordomo trouxe DeBlieux à presença de Josie que levantou-se e estendeu a mão.

Phanor beijou-lhe a mão com formalidade. Ela adorou o roçar dos lábios dele.

— Mademoiselle.

A formalidade foi encerrada naquele instante.

— Você está maravilhosa.

Josie deu uma volta no mesmo lugar.

— Não pareço uma grande dama? E devo ser mesmo, pois demoro o dobro do tempo para vestir-me.

Os dois deram risada. Ela tocou um pequeno sino de prata e pediu café. Depois sentaram-se na entrada do terraço para aproveitar o sol.

— Tive esperança de vê-la na Jackson Square num domingo à tarde.

— Tenho estado ocupada — Josie corou ao mentir —, não pude sair.

— Estive em Toulouse. — Ele contou-lhe sobre a avó e sobre o plantio.

— Soube que Remy fugiu? Phanor hesitou por um segundo.

— É mesmo? Pois eu o vi trabalhando com uma gaiola monstruosa na cabeça.

— Gaiola?

Ele descreveu o castigo imposto por LeBrec.

— Minha avó permitiu isso?

— Segundo Cleo, ela fez a exigência para LeBrec não açoitar nem mutilar os escravos. A gaiola foi a resposta dele.

— Pobre Cleo. Deve estar arrasada.

— Josie, sei que não devo me intrometer, mas eu gostaria de dizer-lhe algo.

— Se é sobre Toulouse, preciso saber.

— LeBrec, o novo capataz, é um homem muito cruel e está perseguindo Cleo.

— Não se preocupe, Phanor. Minha avó jamais permitirá que as escravas de nossa casa sejam importunadas por nenhum homem. Ainda mais sendo... Cleo.

— Melhor assim. — Ele pensou entender o pragmatismo de madame. — Você irá para casa depois da Quaresma?

— Dizem que após a Páscoa, a cidade fica vazia. — Josie percebeu que o amigo não desfilava da pinta que ela fizera. — Você voltará nos próximos dias?

— Não. Esperamos um carregamento em junho. Talvez depois de estocar a mercadoria e fazer um inventário, eu possa fazer uma visita a meu pai.

— Ah, o inventário. Então vamos falar de negócios como nos velhos tempos.

Phanor sorriu e tirou uma lista do bolso. Josie fez uma relação do cardápio e eles discutiram quais seriam os melhores vinhos para a noite. Champagne e caixas de brancos e tintos.

— Tenho um Chenin Blanc, com sabor de maçã fresca. Creio que será preciso também um demisec mais suave.

Quanto aos tintos, ele sugeriu um Bourgueil das uvas Cabernet Franc da região do Loire.

— O gelo já foi encomendado?

— Oh, não! Esqueci-me do gelo. Espero que não seja muito tarde.

— Smithfield recebe carregamento dos lagos do norte. Tenho encomendas de dois restaurantes. Poderia incluir seu pedido no deles.

— Ah, seria ótimo.

Phanor fitou de novo a boca de Josie e, de repente, limpou a pinta com a ponta do polegar.

— O que é isso? — Ele fitou o dedo escurecido. — Ah, perdão. Josie. Eu pensei que fosse... Não imaginei que...

Ela levantou-se, constrangida.

— Josie, não se aborreça comigo. Você é muito bonita. Não supus que isso fosse maquiagem.

Confusa pelo elogio, ela não soube o que dizer. Olhou para a parede.

Phanor inclinou a cabeça de lado e curvou-se um pouco para ver-lhe o rosto.

— Je suis desole, Josie.

Apesar de ele estar desolado, ela não se comoveu.

— Josie? Mademoiselle Josephine?—Phanor chamou, cantando com ternura.

Ela tentou não ceder à vontade de achar graça.

— Ah, finalmente descontraí a testa. Josie virou-se e sorriu.

— Perdoe-me. Sou um cajun sem nenhum refinamento, mas sincero. Você é muito bonita. Não precisa de artifícios.

Eles se entreolharam e Josie sabia que dificilmente ficaria com raiva dele.

Vozes e passos do lado de fora chamaram a atenção do casal.

— Deve ser minha tia Marguerite. Espere um momento. Quero que a conheça. — Josie limpou a pinta com o lenço.

Como de hábito, Marguerite irrompeu na sala como um furacão. Saudou Phanor com certo exagero que lembrava uma jovem coquete.

— Monsieur é de Toulouse, não é?

— Uns três quilômetros atrás da propriedade, madame. Josie encarou com pouco caso a tentativa de sua tia, com mais de trinta anos, em despertar a atenção de Phanor.

O que lhe causou maior estranheza foi o fato de ele não se aborrecer. Sorridente, retribuiu as atenções com a gentileza de um cortejador. Josie sentiu-se uma sombra entre os dois.

— Tenho enorme prazer em conhecê-lo, monsieur. — Marguerite pestanejou. — Eu ficaria muito feliz se pudesse contar com sua presença na noite da festa. Tenho receio de errar na distribuição dos vinhos.

— Não se preocupe. Tomarei conta de tudo — cumprimentou as duas formalmente, com beija-mão. — Mademoiselle. Madame.

— Mas que jovem atraente! — Marguerite falou assim que a porta foi fechada. — Ombros largos, físico perfeito! E encantador. Esse DeBlieux vai longe, apesar de ser cajun.

Josie detestou a animação da tia. Totalmente inadequada.

— Vou subir, tia. — Pegou a sacola com o crochê. — Prometo ler para André e Pierre.

Jean Baptiste, André e Pierre jantavam na pequena mesa do hall superior. Josie sentou-se ao lado deles e Jean, o caçula, pulou em seu colo. Puxou o prato e continuou a comer tranquilamente, derrubando migalhas no chão e na roupa de Josie. Os dois mais velhos contaram, orgulhosos, que haviam feito pequenos barcos a vela com papel e varetas.

Ela passou uma hora divertindo-se com os meninos. A babá entrou para anunciar a hora de dormir. Josie abraçou Jean Baptiste e o garoto segurou-lhe o rosto entre as mãos gorduchas.

— Josephine.

Josie beijou André. Pierre, o mais velho, afirmou que já era grande para receber beijos. Estendeu a mão com a testa franzida e ela cumprimentou-o com seriedade.

O quarto de Josie era contíguo ao das crianças. Escutou o tagarelar delas enquanto a babá arrumava os brinquedos e ajudava-os a vestir a camisa longa de dormir. Uma casa com crianças era muito agradável. E deveria ser ainda mais com uma menina para enfeitar e arrumar os cabelos.

Acendeu a lamparina a óleo e observou o próprio reflexo no espelho. Molhou o lenço e tirou o resto da mancha próxima dos lábios. Sabia que não era uma beldade, embora não fosse feia. E sempre que estava com Phanor, sentia-se bonita.

Bertrand jamais teria agido como ele, mas poderia ter pensado que a pinta era uma tolice. Felizmente Phanor evitara que ela aparecesse com a marca diante de Bertrand.

Imaginou como seria a festa. Bertrand viria com a capa debruada de cetim vermelho. Talvez não pudesse cumprimentá-lo, se estivesse ocupada com outros convidados. Ele a veria de longe e se aproximaria assim que ela estivesse sozinha.

— Josephine, você está encantadora — ele diria. Ela abriria o leque, afogueada.

— Mera.

E veria no olhar de Bertrand a vontade de beijá-la.

Os músicos tocariam uma valsa e Bertrand a convidaria para dançar.

A fantasia teve fim. Josie estava de luto e seria criticada por dançar.

Suspirou. Mesmo sem ter uma beleza arrebatadora, tivera uma temporada inteira para aprender a comportar-se com encanto e graça diante de cavalheiros. Era capaz de

cativar homens bonitos como Alphonse.

Bertrand veria que Josephine Tassin amadurecera.

Pela primeira vez na vida, Remy não passou fome. Nos primeiros dias, gastara cada centavo ganho em comida, sem noção do preço das mercadorias. Um prato de arroz e feijão podia custar três vezes mais em um estabelecimento de que em outro. Sem saber disso, pagava o que lhe pediam.

A fuga transcorreria sem incidentes. Louis o aconselhara a mudar de nome e ninguém estranhou um cavalheiro cajun que viajava com o escravo Alain. Em New Orleans, encontraram

Phanor que esperara a chegada dos barcos a vapor durante três dias. Ansioso, escondia-se para não chamar a atenção. Saudara Louis com beijos no rosto e, de modo intencional, ignorara Alain.

Phanor passou com eles pelas ruas da cidade onde ficava o comércio de importados franceses. Sedas, cetins, vinhos, mobílias, louças, cristais e livros. Caminharam por travessas sujas de estêreo e sem pavimentação. Passaram por bares barulhentos lotados de marinheiros bêbados. Na porta de um dos bordéis baratos uma mulher magra e ruiva acenou para eles. Na rue Boucher o cheiro de carne estava por toda parte e enxames de moscas se banqueteavam com o sangue e as vísceras.

No dia seguinte, Louis embarcou rio acima e Remy não saiu do quarto alugado que ficava na parte superior de um dos muitos açougues da rua. Phanor foi em busca de um documento para ser preenchido para a posse de um escravo. Soubera disso pela conversa entre dois escravos que trabalhavam nas docas. Eles ficavam com quarenta por cento da remuneração. O restante ia para os donos. Os dois tinham sido provocados tantas vezes por homens brancos que o proprietário lhes permitira carregar uma cópia dos documentos.

Remy não tinha experiência urbana. Se o libertassem, poderia ficar à mercê de algum traficante que o venderia de novo como escravo. Esse era um risco para os homens negros mais ingênuos. Seria mais seguro, por enquanto, ter a proteção de um dono.

Na papelaria, comprou três folhas de papel parecido com o oficial e uma pena nova para a caneta. Voltou a seu quarto, usou uma das folhas como rascunho para esboçar a falsificação. Satisfeito com o cabeçalho, escreveu o certificado de posse.

No ano de 1832, um homem chamado Phanor De-Blieux comprou um escravo de nome Alain pela quantia de oitocentas libras.

Experimentou envelhecer uma das folhas. Um banho de chá fraco nas duas páginas foi suficiente. Mas a tinta manchou e Phanor teve de usar o papel sobressalente. Com areia fina, conseguiu o efeito desejado. Dobrou e desdobrou a folha várias vezes. Deu-se por satisfeito.

Remy guardou o documento no bolso, dentro de uma carteira de couro. Apresentou-se nas docas para trabalhar como estivador. O encarregado fez algumas perguntas, examinou a prova de que ele não era um fugitivo e mandou-o levar fardos de algodão para um navio que tinha Nova York como destino.

À noite, na rue Boucher, Remy aprendia com Phanor a lidar com o salário recebido. Descobriu que poderia guardar pelo menos a quarta parte do que ganhava. As economias seriam empregadas para comprar a liberdade de Cleo.

Phanor comprou giz e uma lousa. À noite, ensinava o rapaz a ler e a escrever. Enquanto Remy exercitava as letras na ardósia, Phanor estudava a gramática francesa que madame lhe emprestara. Na primeira vez em que abrira o compêndio, vira a letra de Josie ainda menina. Passou o dedo sobre os garranchos e sorriu. Ela se divertiria se soubesse que ele estudava naquela gramática antiga. A primeira página tinha manchas do que parecia ser chocolate.

Phanor recebera o recado de Marguerite depois de três semanas de estudo da língua francesa. Pensou um pouco, escreveu uma resposta, rasgou-a e escreveu a mensagem final. As duas horas antes do encontro foram gastas em escovar o casaco, lustrar as botas e lavar-se em uma bacia que ficava guardada em um canto.

Chegara na casa de Marguerite Sandrine meia hora antes do combinado. Passou o tempo caminhando pela margem do rio. Naquele trecho o rio estava emporcalhado. As toras de madeira misturavam-se as carcaças e ao lixo da cidade. Phanor pensava que se o rio fosse mais estreito, o ar das proximidades seria irrespirável. Mesmo a visão do progresso — navios entrando e saindo das docas — não era suficiente para esquecer o mau cheiro. Deixou o porto, tomou um café e observou as pessoas caminharem. Em New Orleans via-se de tudo. Mais à frente, chineses esbaforidos caminhavam com seus trajes largos e chapéus cênicos de abas largas.

Pensou no que acontecera depois. O sorriso adorável de Josie. A pinta e sua falta de jeito. A exuberância da encantadora Marguerite. A expressão mal-humorada de Josie ao notar que a tia flertava com ele.

Céus, ela estava com ciúme!

Phanor passou mais algum tempo calculando quantas garrafas de vinho seriam necessárias para o jantar. Tinha o número de convidados e o cardápio. Cherleu teria um belo lucro e ele também, pois recebia uma comissão sobre as vendas. Para encorajar, segundo seu patrão.

Passos na escada anunciaram que Remy estava de volta do trabalho. Deixou os cálculos de lado para saber como fora o dia do rapaz. O escravo sempre lhe pedia opinião como se comportar em determinadas situações. Uma vez fora observado atentamente por dois brancos grandalhões. Um deles trazia algemas amarradas no cinto. Remy temera que eles houvessem reparado na orelha cortada. Embora esse fosse um castigo comum entre os escravos e não uma exclusividade dos fugitivos.

Remy dissera a si mesmo que não era um foragido, que se chamava Alain e tinha documentos para provar que seu dono era Phanor DeBlieux, um morador da rue Boucher.

Os dois homens se aproximaram do encarregado, mas este acabou salvando-lhe a vida. Sacudiu a cabeça e apontou para a cidade, pedindo para se retirarem. Traficantes de escravos não eram benquistos no cais. Os sujeitos foram embora.

Desde aquele dia, Remy escondia a orelha mutilada com um lenço xadrez que Phanor comprara em uma das barracas próximas da margem. Haveria de recompensá-lo por tudo. A fuga, as aulas de leitura e de escrita, a ajuda em todos os sentidos. Algum dia seria independente. Phanor poderia contar com sua lealdade para o resto da vida.

No dia dezoito de abril Phanor levantou-se cedo. Certificou-se de que o gelo seria entregue na residência dos Sandrine ao entardecer. Providenciou o transporte das caixas de vinho para ser feito antes da temperatura aumentar. A encomenda lotou uma carroça. Alugou dois cavalos para puxar o veículo do depósito até o pátio dos fundos dos Sandrine. Supervisionou o desembarque e separou as caixas de acordo com o horário em que seriam servidos. Ajudou os camaradas contratados a estender uma lona sobre o vinho para proteger a bebida do calor do dia. Quando terminou o trabalho, o suor já aparecia na camisa e os moradores da casa ainda dormiam.

Phanor trabalhou normalmente depois disso, atendendo fregueses. Antes do entardecer voltou para seu quarto. Tomou banho e trocou de roupa. A perspectiva de trabalho no pátio não o impediria de ficar bem apresentável. Talvez Josie aparecesse para cumprimentá-lo.

Voltou à casa dos Sandrine ao mesmo tempo em que chegava a carroça com gelo. Supervisionou o corte do gelo e o armazenamento em barris. Os pedaços maiores foram guardados em caixas de serragem. Deitou as garrafas de champanhe no gelo. Até a hora de estourar a primeira rolha, a bebida estaria no ponto ideal de ser servida.

Liza, a cozinheira, veio conversar com ele. Era alta, gorda e bonita.

—Monsieur, eu o aconselho a descansar um pouco. Quando os convidados chegarem, não haverá tempo nem para respirar. Quer que lhe traga o jantar?

— Liza, você é um anjo. Estou faminto.

Abriu uma garrafa de Cabernet e pôs uma pequena dose em um cálice para degustar. Liza chegou trazendo uma bandeja com camarões, carne, batatas, broa de milho e pudim.

— Um banquete! Liza, nem sei se poderei comer tanto!

— Vai precisar de muita energia para o trabalho. Coma isso, depois lhe trarei ostras.

— a cozinheira piscou e Phanor deu risada.

Quando terminou de comer, teve de desabotoar a parte superior da calça.

Em cima, os músicos começavam a tocar. Phanor sentiu pesar de estar entre eles. Nas últimas semanas nem encostara no violino. Seu tempo era ocupado com o trabalho, com Remy e com os estudos. Resolveu que iria até Jackson Square no domingo para tocar. Permitiu-se imaginar que Josie viria com a flauta e Remy, para cantar. Tolice. Levantou-se e levou um cesto com garrafas para a despensa.

Lisa estivera certa. Ele não teve um minuto de descanso. Subiu e desceu o tempo inteiro. Levava caixas, anotava o tipo de vinho e o número de garrafas abertas. O mordomo o manteve informado sobre a progressão dos pratos quentes que eram servidos. Assim apenas a bebida a ser servida chegava à despensa. Escutava a orquestra tocar e imaginou com quem Josie estaria dançando. Ela teria feito outra pinta no rosto?

Um pouco depois da meia-noite, a porta da despensa foi aberta e Marguerite apareceu. Ela usava um vestido verde-esmeralda com mangas bufantes. O decote generoso revelava parte do busto. O pingente de esmeralda do colar aninhava-se entre os seios.

—Monsieur DeBlieux, vim para dizer-lhe o quanto apreciei seus esforços esta noite. O sucesso do jantar deveu-se ao uso correto dos vinhos.

Marguerite sabia que era uma mulher atraente e a autoconfiança aumentava o encanto.

— Posso chamá-lo de Phanor? O senhor é amigo de infância de minha sobrinha?

Ele levantou o olhar do busto alvo.

— Sim, morávamos perto e tínhamos a música em comum.

— Interessante. Nunca imaginei que Josephine se interessasse por música.

O tom de malícia de Marguerite desabonou-a.

— Eu gostaria que fôssemos amigos. — A dama abriu o leque e encostou a renda negra nos lábios vermelhos.

Ela se aproximou com um ruje-ruje de tafetá verde. Do outro lado da porta uma multidão falava alto e ria. Marguerite deu mais um passo em sua direção.

— Eu também.

A dama estava muito perto. O perfume caro de Paris inundou as narinas de Phanor e ele teve certeza de que nunca estivera tão perto de uma divindade.

Ela passou a ponta do leque no queixo dele.

— Você é um homem muito atraente.

Phanor arfava. O perfume dela era inebriante. Os acordes da valsa, irresistíveis e sensuais.

Mais tarde, não saberia explicar por que não resistira à tentação de beijá-la.

O beijo foi quente e ele apertou Marguerite contra si mesmo.

A porta foi aberta.

— Thomas, onde está minha... — Josephine parou na entrada.

Phanor estacou. Marguerite afastou-se devagar e fitou a sobrinha. Sem corar. Sem demonstrar culpa. No olhar, um traço de triunfo.

— O que é, Josephine?

O que Josie estaria pensando dele?

— Josie.

Ela fitou-o, recuou e fechou a porta. Marguerite tornou a roçar o busto no peito dele e abraçou-o pelo pescoço. Phanor afastou-a com delicadeza.

— Tenho de supervisionar o vinho. Marguerite ficou séria e corou.

— Você não passa de um rapazelho. — Ela segurou a saia e voltou para dentro da mansão.

Ele passou a mão nos cabelos e gostaria de poder voltar uma hora no tempo.

Um pouco antes da recepção, a tia elogiara a sobrinha.

— Está linda, Josephine. Não é à toa que o sr. Johnston não a esquece, apesar dos esforços de Achille. — Marguerite arrumou a renda do decote e borrifou seu melhor perfume no pescoço de Josie.

— Que fragrância deliciosa, tia.

— Você terá ainda mais trabalho para manter o sr. Johnston à distância.

— Eu preferia que ele a perseguisse, minha tia.

— Não é uma má idéia, chérie. — Marguerite ajeitou o busto por cima do corpete apertado que lhe ressaltava ainda mais a pujança. — Ele tem mãos enormes.

Josie nunca reparara nelas.

— Vamos, chérie!

Junto aos convidados, Josie disse a si mesma que na próxima temporada não perderia uma só dança.

Alphonse Bardot veio com o pai. Sentou-o em uma poltrona e em seguida fez uma reverência diante dela.

— Que prazer em revê-la, mademoiselle Josephine. Sentada no sofá, Josie estendeu as duas mãos.

— Sente-se a meu lado, monsieur.

Ele trouxe uma cadeira de damasco amarelo.

— Mademoiselle está encantadora. Josie deixou o leque no colo e sorriu.

— O senhor tem jogado nos cavalos nesta temporada? — Ela fez a pergunta olhando a porta.

Bertrand estava atrasado como sempre. De vez em quando, quando Thomas vinha da despensa, via Phanor abrindo garrafas. Gostaria de mostrar a ele que não fizera nova pinta e dizer-lhe que ele tocava bem melhor de que os músicos de New Orleans ali presentes.

Albany Johnston chegou com Abigail pelo braço. Apesar da recusa, Albany não recuara. Procurava acompanhar Josie em todas as ocasiões possíveis. Talvez fosse um homem paciente.

Albany e Abigail se aproximaram. Josie apresentou-os a Alphonse. Ele fez uma mesura diante de Abigail e estendeu a mão para Albany. Josie achou interessante os creoles adotarem o aperto de mãos e os americanos não se acostumarem com os beijos de rosto em uma saudação.

Abigail usava um vestido azul com uma infinidade de babados. Pestanejou os olhos azuis para Alphonse que logo a tirou para dançar. Josie ficou a sós com seu pretendente e procurou algo para dizer.

— Qual será o desempenho da cana-de-açúcar neste ano?

— Sei muito bem que não está interessada em cana, Josephine.

— Mas deveria interessar-me — admitiu.

Albany não se fez de rogado. Explicou-lhe alguns detalhes técnicos de mercado a futuro. Ela prestou atenção nos primeiros dez minutos.

Por que Bertrand não chegava?

O pai de Alphonse interrompeu a preleção de Albany.

— Mademoiselle, deixarei meu filho entregue a seus encantadores cuidados. Gostaria de despedir-me de madame Sandrine.

— Um momento, monsieur. Vou chamar minha tia. Josie não a encontrou no salão de baile, nem na sala de estar, nem no terraço. Talvez estivesse na despensa com Thomas.

Josie fechou a porta da despensa, trêmula de indignação.

Como Phanor pudera fazer uma coisa daquelas? Marguerite era uma mulher casada e tinha três filhos. Então era verdade o que se comentava a respeito da voracidade dos cajun em relação às mulheres. Esforçou-se para não chorar. Afinal, nada tinha a ver com as atitudes do amigo.

Não pensaria mais na cena chocante dos dois agarrados e aos beijos. Voltou para a festa. Tinha deveres a cumprir.

Desculpou-se com monsieur Bardot por não haver encontrado a tia e foi com Albany acompanhá-lo até a porta. De longe viu a prima Violette, a de nariz comprido e expressão de enfado. Levou Albany até lá e apresentou-os.

— Vocês devem ter muito em comum. O pai de Violette passou vários anos em Nova York. Agora ele é um corretor em New Orleans.

— Verdade? — Albany sentou-se ao lado de Violette. — Nova York é meu lar. Ou melhor, era. Agora sou louisiano. Seu pai negocia com cana-de-açúcar?

Violette voltou a falar e os dois se empenharam em uma conversa sobre o mundo de negócios de New Orleans. Josie imaginou se a prima apagada atrairia Albany mais do que as belezas do Blue Ribbon.

A porta foi mais uma vez aberta. Dessa vez era Bertrand.

Ele chegou como se fosse dono do mundo, certo de que atrairia a atenção de todas as mulheres. Presumido, sorriu levemente por causa do silêncio momentâneo da sala. Sandrine ofereceu-lhe uma taça de champanhe e os dois se reuniram com um grupo de homens que gostavam de jogar.

Josie circulou pelo salão, atendendo os convidados, sem perder Bertrand de vista. Parado na porta do terraço, ele conversava com os amigos. Emagrecera. O rosto mostrava a vitalidade de dias passados ao sol. Aquele era um verdadeiro homem, bem distante do garoto dos pântanos.

Josie parou para conversar com o irmão mais velho de tio Sandrine, fitando Bertrand de esguelha. Nada mais distinguiu nem ouviu. Queria que Chamard a olhasse.

Bertrand levantou os olhos e fitou-a. Mesmo de longe, Josie sentiu a alma deixar o corpo para entrar naquelas íris cor de mel.

Ele desculpu-se com os companheiros e caminhou até Josie. A graça felina de seu andar fazia as mulheres virarem a cabeça.

— Prima Josephine.

Ela estendeu a mão e Chamard apertou-a e roçou os lábios nos seus dedos e pressionou o polegar na palma, deixando-a arrepiada.

O que seria aquilo?

No salão, passaram a existir apenas os dois. Ele a segurou pelo braço e afastou-a do salão de baile. Parou debaixo de uma palmeira que fora colocada num dos cantos da sala de estar. Fitou-a com olhar franco e constrangedor.

— Como está, ma chérie!

— Muito feliz em vê-lo — ela respondeu com a coragem de quem tomara champanhe.

Bertrand ergueu uma sobrancelha.

— A adorável mademoiselle vive rodeada de pretendentes. Assim mesmo ficou feliz em rever seu velho primo?

— Você não é tão velho nem eu sou tão jovem. — Encarou-o, desafiadora. Sentiu que o primo a desejava.

— Nem tão jovem para casar-se com Albany Johnston?

— Não.

— Então está resolvido.

— Está. Não serei a esposa do sr. Johnston — respondeu, de queixo erguido, sorridente.

Capítulo XI

Toulouse, Junho de 1837

- Pronto? — Bertrand perguntou. Josie pôs as mãos em seus ombros e o pé nas palmas em concha.

— Pronto.

Bertrand levantou-a por sobre a sela sem fazer esforço. Ela sentiu-se zozza pelo toque do primo.

Com Bertrand à frente no grande cavalo ruano, seguiram pelo caminho do rio. O orvalho da manhã suavizava o verde do verão. Um nevoeiro leve cobria as copas das árvores. Josie observou as pernas musculosas dele e imaginou como seria acariciá-las. Também gostaria de sentir a textura dos cabelos negros.

Na estrada principal Bertrand acelerou o passo. Trotaram por um quilômetro, lado a lado, falando sobre tudo.

— Vamos correr? — ele sugeriu.

Josie incitou Beau e saiu na frente. Apertou o joelho na parte mais alta da sela e pressionou o pé esquerdo no estribo. Olhou por sobre o ombro e sorriu para o primo. Esporeou seu cavalo.

Galoparam a toda velocidade sob os carvalhos. Os animais deixavam nuvens de poeira para trás. O chapéu de Josie caiu para trás. Os grampos se soltaram e os cabelos esvoaçaram como um manto. Ela fitou Bertrand de esguelha. Ele parecia tão feliz quanto ela. Alegria e libertação. Os dois tinham os mesmos gostos e se satisfaziam com as mesmas coisas. Tinham sido feitos um para o outro.

Bertrand apontou para o pomar de pêsegos que crescia entre as duas propriedades. Ela diminuiu a velocidade de Beau e dirigiu-o até a sombra onde os pêsegos ficavam mais maduros a cada novo dia de sol. Inalou o cheiro de cavalo, grama e da negra terra fértil. Era como se a terra respirasse no mesmo ritmo de seu coração, aguçando-lhe os sentidos. Cheiro e visão. E principalmente o tato.

Bertrand soltou as rédeas e deixou o cavalo pastar entre as árvores. Antes de tirá-la da sela, segurou-lhe o tornozelo e fitou-a.

— Uma jovem tão respeitável... até não vê-la sobre um cavalo. — Virou a cabeça de lado para observá-la. — Vejo que é corajosa. Aceitou cavalgar e caminhar a meu lado em um pomar, sem acompanhante e sem olhos atilados para vigiá-la.

Josie prendeu o fôlego. Segurou-se no arção para que o primo não lhe visse as mãos trêmulas.

— Eu iria com você para qualquer lugar. Sabe muito bem disso.

Ele sorriu e tirou-a de cima do cavalo. Quando a deixou no chão, ficou algum tempo a seu lado e depois recuou. De mãos dadas foram até os pessegueiros. No meio das gramíneas verdejantes, minúsculas flores brancas espalhadas. As folhagens eram

exuberantes. Os pêssegos, perfeitos, redondos e dourados prometiam prazer. Um tordo passou voando. O bater das asas e o trinado dele impressionaram os sentidos de Josie. A brisa arrepiou-a.

Bertrand colheu um pêssego maduros segurou para que ela o mordesse. O suco da fruta encheu-lhe a boca, escorreu pelo queixo e entrou no corpete. Ela limpou os lábios que Bertrand não desfilava. Desejou ser beijada por ele. Em vez disso, o primo levou-a para o interior do pomar.

Josie não notou que suas saias varreram o orvalho remanescente da grama alta. Seu coração batia forte a ponto do babado do corpete se mexer. Ao mesmo tempo ela se sentia contente e calma. Chegara a hora. Era somente isso. Josie Tassin estava pronta. Bertrand jamais precisaria de outra mulher. Faria tudo para ele e seria tudo o que ele quisesse. Por um motivo simples. Ela o desejava.

No centro do pomar um carvalho imenso sombreava uma pequena clareira. Seus ramos caídos e cheios de musgo criavam uma câmara escondida do mundo. Bertrand virou-se e afastou-lhe uma mecha de cabelos do rosto.

Josie disse a si mesma que o momento tão esperado chegara.

O primeiro beijo foi terno. Ela pensou que derreteria no mesmo instante. Perdeu o equilíbrio e Bertrand abraçou-a com força. Quando ele a beijou com maior ardor, Josie esqueceu que havia um mundo do lado de fora. Segurou-lhe a nuca e retribuiu o beijo.

Bertrand carregou-a até onde a grama formava um colchão macio. Deitou-a e ajoelhou-se a seu lado.

— Não está com medo?

Ela respondeu com a boca colada na dele. Bertrand deslizou a mão para dentro do corpete e sentiu-lhe o peso do busto.

As carícias se sucederam. A princípio ternas, depois ansiosas. Beijou-lhe os lábios, o pescoço e o colo. Josie gemia mais alto à medida que a tensão aumentava.

Devagar, o mundo voltou novamente a fazer sentido para Josie. A grama que picava a pele, as abelhas zunindo entre os pêssegos, os raios de sol por entre os ramos da árvore. Paz. Perfeição. Promessa. Eles pertenciam um ao outro.

Abriu o colarinho da camisa de Bertrand e beijou-lhe o pescoço.

— Será melhor levá-la para casa — ele afirmou, mais uma vez rouco de desejo.

Eles tiraram as folhas coladas nas roupas.

— Não vai arrumar os cabelos?

— Perdi todos os grampos enquanto galopávamos. Bertrand tirou um graveto dos cabelos dela.

— Terá de dar um jeito nisso. Mas aposto que sua avó já deve ter perdido os grampos em alguma corrida secreta.

Josie deu risada e segurou-lhe a mão. Encontraram os cavalos pastando nas proximidades. A volta para Toulouse foi mais lenta.

Na estrebaria, entregaram os cavalos para Elbow John. Josie subiu para arrumar os cabelos e ajeitar o vestido. Mirou-se no espelho. Era uma outra mulher. Lábios inchados e o rosto vermelho de tanto roçar nas suíças de Bertrand. Embora não houvessem chegado a uma consumação, ela atingira o êxtase e sentia-se como a mulher dele. Seria a mãe dos filhos de Bertrand Chamard.

Bertrand chegou ao terraço onde Emmeline lia o New Orleans Picayune publicado há dois dias.

— Já viu isso, Bertrand? — ela sacudiu o jornal, irritada.

Ele encostou-se em um dos balaústres.

— Ainda não. O que houve?

— Um acre de terra para cima do rio está valendo três vezes mais de que há dois anos. Todos estão ansiosos para comprar, o que aumenta a especulação. Isso terá

péssimas conseqüências.

— É uma época de valorização. Posso? — Tirou um charuto do bolso. — Esta é uma nova era. Enquanto a Europa comprar açúcar e algodão em quantidades cada vez maiores, o mercado se expandirá. — Inalou a fumaça e soprou-a em direção ao forro.

Josie aproximou-se. Cabelos penteados, vestida de maneira adequada e o rosto lavado.

— Josephine. — Bertrand endireitou-se e beijou-lhe a mão. Emmeline fitou-os com astúcia. Acreditava que haveria um casamento no outono. Sua negligência em permitir que os dois saíssem sem acompanhantes tinha um motivo. Estava com pressa. Bertrand pretendia casar-se.

— Agora terei de retirar-me. Tenho muito trabalho a minha espera.

Josie detestava quando ele ia embora. Queria ficar o tempo inteiro em seus braços. Mas sua fisionomia continuou impassível. Ou pelo menos era o que ela esperava.

Chamard se despediu e foi para o estábulo. No caminho, viu Cleo cortando flores. Nas últimas semanas mal a vira. Era como se ela o evitasse. Cleo sentiu-se observada. Levantou a cabeça, abaixou depressa o olhar e continuou a colher flores.

Cleo arrumou as rosas e os cravos em um vaso da sala de estar. Reservou as camélias para a mesa de jantar. As mudas cedidas pelo dr. Benet floresciam no solo novo. Ela passara a cuidar do jardim. Os escravos, em número reduzido, ficavam nos campos. A enxada lhe deixara calos nas palmas, mas ela fazia o trabalho com gosto. Era uma maneira de minorar a saudade que sentia de Remy. As notícias trazidas por Phanor aumentavam a ansiedade e diminuía a paciência.

Carregava as três cartas secretas escondidas no corpete. E quase rasgadas de tanto ser abertas. A primeira delas revelava o esforço do aprendizado e uma escrita incerta como a de uma criança. Nela, Remy contava que trabalhava duro, sem nenhum arrependimento. A segunda demonstrava um grande progresso e dizia que ele economizava dinheiro—já contava com quatro dólares — para comprar a liberdade dela. Na terceira, Remy marcara um "x" no lugar onde beijara a folha de papel. Pedia-lhe que continuasse esperando, pois ele trabalhava para os dois.

Quatro dólares. Cleo não imaginava como Remy conseguiria juntar a quantia necessária para uma alforria.

Josie entrou na sala e admirou o ramalhete.

— São lindas — afirmou e saiu.

Cleo sentia o alheamento de Josie que ficava horas na varanda ou na janela do quarto olhando o rio. Nem mesmo se entusiasmava quando Phanor vinha visitar Toulouse. Ela não entendia. Na noite anterior à partida de Phanor para New Orleans, Josie fizera de tudo para ficar ao lado dele. Naquela altura, mal o cumprimentava. O rapaz parecia desapontado, mas não surpreso.

Entretanto não era mistério para ninguém que Josie sucumbira aos encantos do sedutor Bertrand Chamard.

Josie acreditaria que Chamard a amaria para sempre? Seria Bertrand o oposto de Emile que enganara a esposa a vida toda? Cleo sabia que a verdade era outra.

— Madame pediu para mademoiselle não esquecer os óculos. Os malditos óculos que ficavam escondidos na gaveta da cômoda, embrulhados em um lenço. Josie não podia ler sem eles. Nunca permitira que Bertrand os visse. Na certa a avó queria que examinassem a contabilidade.

— Sente-se, Josephine. — A avó cobrira a mesa com os cadernos de contas e um copo com lápis apontados.— Leu o jornal conforme eu lhe pedi que fizesse?

— Sim, vovó — ela mentiu.

Lera um pouco e a vista começara a arder. Os óculos estavam em seu quarto. Também nada a interessava naquelas páginas onde se falava sobre o presidente Van

Buren, a economia e o Congresso. Preferia ficar escondida — por causa dos óculos

— em seu quarto perto da janela, lendo Victor Hugo.

— O que acha da opinião de monsieur Beaufort? Ele insiste que nossa economia é saudável e que é uma tolice pensar o contrário.

Como se poderia saber? Ela nem queria perder tempo em refletir sobre isso. A avó administrava Toulouse e, quando se casasse, Bertrand tomaria conta de tudo.

— Vovó, eu...

— Você não leu a página financeira, não é?

— Não, mas...

— Laurie, vamos querer chá — Emmeline interrompeu-a.

— Josephine, eu gostaria de fazê-la entender a importância de inteirar-se das novidades financeiras. Começaremos com o livro razão de três anos atrás. Pegue um de 1834 e verifique as despesas daquele ano.

Josie ajustou os óculos na base do nariz e começou a leitura. Alimentação e vestuário para os escravos. Fertilizantes. Reparos no telhado. Salário do sr. Gale. Vinho. Provisões. Honorários do dr. Benet. Donativos para a igreja. A lista continuava.

— Escreva o total em uma coluna à parte. Vamos comparar os gastos nos últimos três anos.

Com má vontade, Josie fez tabelas com os ativos e débitos de cada ano. Pouco lucro no ano anterior por causa da enchente. Havia perdido quase toda colheita. Além disso, houve gastos com replantio e reconstrução. As perdas de Emile no jogo tinham sido substanciais. Balanço final. Estavam afundados em dívidas.

— Qual a conclusão, Josephine? Ela avaliou as tabelas.

— Antes da inundação, íamos bem.

— Isso mesmo. E agora?

— Estamos endividados. Mas talvez só até a próxima colheita. É isso?

— Você comparou os números do caixa antes da inundação com os de agora?

Josie passou o dedo pelas colunas. Iriam precisar de cinco ou seis anos de bons lucros para liquidar as dívidas, mesmo com a nova refinaria em funcionamento.

— Bem...

— Otimismo infundado não resolve o problema. Você entendeu que as dívidas crescem, não é?

A avó continuou com a arenga financeira que não interessava a Josie.

— Vovó, por que não me diz o que vai acontecer?

— Como se eu soubesse... Estou falando de possibilidades, é tudo. Eu não gosto dessa nossa economia aquecida. As pessoas estão devendo mais dinheiro de que o valor de seus ativos atuais. Assim como nós.

— E o que se pode fazer?

— Nada, eu creio. Mas temos de ficar atentas aos acontecimentos. Usar o cérebro que Deus nos deu.

— Quando eu estiver casada com...

— Josephine, ninguém ainda me pediu sua mão, a não ser o rico americano que você desdenhou. A única certeza é de que você, no futuro, será responsável por Toulouse e por todos os que trabalham aqui. Casada ou não.

Josie corou diante da verdade.

— Monsieur Chamard também está endividado. Ele comprou mais escravos, desbastou terras, replantou muitos campos. Eu lhe asseguro que Bertrand lê as páginas financeiras e tem uma noção exata dos números de suas anotações contábeis.

A avó podia imaginar que Bertrand só pensava em dinheiro. Mas os beijos dele eram uma prova de que ele a desejava, mesmo atolada em dívidas.

— Só isso? Preciso aprontar-me antes de Bertrand chegar.

— Pode ir. Da próxima vez que falarmos de negócios, espero que tenha lido as páginas financeiras.

Cleo arrumou o vestido ao escutar o cavalo de Chamard bater os cascos no pátio. Não pensava em encorajar suas atenções. Seria uma traição contra Josie. Mas os olhares intensos dele a agradavam.

No almoço, serviu frango assado, quiabo frito e rocambole recheado. Imaginou que Josie, apaixonada, entenderia seu sofrimento por causa de Remy. Mas Josie esquecera de todos. Pensava apenas em si mesma.

Bertrand dividiu as atenções entre a matriarca e Josie. Com ela falou sobre cavalos e a respeito dos costumes do continente. Com Emmeline, sobre as últimas flutuações do mercado. As três precisavam das atenções dele. Emmeline ficara muito só depois da morte do filho, da nora e de Bibi. Bertrand parecia entendê-la. Cleo sentia a presença dele, mesmo quando ele parecia ignorá-la.

Há muito havia decidido ficar com Remy. Não se sujeitaria ao papel que a mãe representara naquela casa. Dividir o amor do homem amado com a esposa legítima, sem direito a seu amor e a sua proteção. Admitia sentir-se atraída por Chamard e estava consciente de que ele a admirava. Mas não procuraria nem aceitaria suas atenções.

— Está muito quente hoje. — Emmeline levantou-se. — Espero que me perdoe, Bertrand, mas vou deitar-me um pouco.

Ele segurou-a pelo braço.

— Está se sentindo bem? Quer que eu chame o médico?

— Não, não. Estou apenas cansada. Exagerei no pão-de-ló recheado de Louella. Aproveitem a correnteza da sala de estar. Josephine, peça a Louella para fazer um pouco de limonada.

Cleo levou madame até o quarto e desabotoou-lhe o vestido quente. Despejou água na bacia e passou-lhe um pano molhado no rosto e pescoço.

— Obrigada, Cleo. O calor está me derrubando. Peça a Laurie para servir Josephine e monsieur.

Ela entendeu o recado e evitou o olhar penetrante de Emmeline.

— Sim, madame.

Laurie tirava a mesa do almoço. Cleo avisou-a para servir limonada na sala de estar. Acrescentou que a menina não deveria falar com eles, limitando-se a servi-los.

— Acha que sou estúpida? Sei muito bem como me comportar.

Laurie fora muito mimada por Emmeline. Cleo beliscou-lhe o braço magro.

— Nem uma palavra, Laurie. Madame está descansando. Agora faça o que estou mandando.

A garota mostrou-lhe a língua, mas obedeceu.

Enquanto Bertrand contava para Josie histórias de sua vida de estudante em Paris, o barco que trazia correspondências apitou. Elbow John apressou-se até o atracadouro. Em geral, o barco diminuía a velocidade o suficiente para o malote ser pendurado no gancho fincado na margem. Se o garoto não conseguia executar a tarefa, tentava atirar a sacola no cais. Várias vezes John tivera de entrar no rio a fim de apanhá-la.

Daquela vez, tudo transcorreu conforme o esperado e o menino acenou para John à medida que a embarcação voltava para a correnteza. Emmeline, que escutara o apito, levantou-se e acenou para John trazer-lhe as encomendas postais.

Desamarrou o pacote, olhou as cartas e deixou-as de lado. Abriu o jornal. Nem precisou chegar à seção de economia. Na página frontal, em letras garrafais, as últimas notícias.

Primeiro banco de New Orleans fecha as portas. Nova York em pânico, investidores tumultuam as ruas.

Acontecera antes do que ela esperara. Emmeline era uma garota quando sobreviera

a depressão de 1792. Sabia muito bem o que os aguardava. Seu pai perdera metade das terras antes da economia endireitar-se. Toulouse estava em grande risco.

Zonza, foi até a sala e entregou o jornal para Bertrand. Ele a segurou imediatamente, fez com que se sentasse e, com o olhar, pediu limonada.

— Leia. — Emmeline afastou o copo.

Bertrand leu a primeira página e sentou-se ao lado de da senhora.

— Madame estava certa. Curiosa, Josie também leu.

— Sabe o que é pânico, Josephine? — Bertrand indagou.

— Vovó explicou. Não poderemos mais tomar dinheiro emprestado.

Bertrand e Emmeline trocaram olhares entendidos. Josie não tinha idéia do alcance da tragédia que poderia afetá-la.

O silêncio deles apavorou-a tanto como a palidez que via em seus rostos.

— Terei de ir para New Orleans — Bertrand afirmou, com cenho franzido, e apanhou o chapéu.

— Quanto tempo vai ficar fora? — Josie perguntou. Ele hesitou.

— Não sei quando a verei novamente, Josephine.

Josie seguiu-o até o terraço, ansiosa por um toque de mão ou qualquer gesto de intimidade. Bertrand desceu a escada, apertou a barrigueira do cavalo, montou e afastou-se sem olhar para trás.

Parecia ter havido outra morte na família. O silêncio incomodava. Cleo mandara Laurie até o terraço, abanar as moscas que sobrevoavam madame. Sentada na sombra, observava os carvalhos, a margem e o brilho das águas.

O jantar, carne fria e pão, fora comido sem ninguém dizer nada. Cleo lera a manchete do jornal que estava sobre o sofá. Sem entender muito do assunto, sabia que Toulouse estava com muitas dívidas.

Remy não poderia juntar mais dinheiro e talvez nem pudesse arrumar mais emprego nas docas de New Orleans. Se Phanor viesse para ver a família, poderia trazer-lhe notícias dele. A saudade e a solidão a consumiam.

Ao entardecer, madame pediu para Cleo acender o lampião do gabinete. A gaze grosseira de algodão na janela impedia a entrada de mosquitos e de moscas.

— Não precisarei mais de Laurie. Pode mandá-la dormir. Cleo trouxe uma jarra com água, uma taça de cristal e saiu.

Entrou no quarto e não interrompeu Josie que escrevia no diário à luz de uma vela. Foi até o terraço dos fundos e espiou. Nem LeBrec nem o cão feroz que o acompanhava desde que Boots o atacara. Depressa, atravessou os trinta metros que separavam a casa-grande da cozinha externa.

Louella e Thibault ocupavam o recinto anexo. Louella descansava em uma cadeira de balanço e Thibault dormia.

— Entre, chérie — Louella chamou. — O que está acontecendo? A casa está muito silenciosa. Madame está com dor de cabeça?

— Péssimas notícias de New Orleans. Os bancos estão fechando e as pessoas estão preocupadas com seu dinheiro.

— Essa é uma preocupação que nós não temos.

— Madame está preocupada conosco.

— Sobraram dois limões na cozinha. Vamos tomar limonada como os brancos. Pegue água fresca da cisterna enquanto corto os limões.

Cleo foi para o pátio e inspirou o ar refrescante. Encheu a jarra com água e afastou as moscas com a mão. Quando se virou, sentiu o cheiro de cachorro, homem e uísque.

O cão rosnou e Cleo apavorou-se.

— Atreveu-se a sair, garota? — LeBrec deu uma risada cínica.

Cleo enfiou a mão no bolso onde guardava a lâmina de barbear retrátil de Emile.

— Vim buscar água para Louella. — Não demonstrou o medo que sentia.

— Pois eu gostaria de outra coisa. — LeBrec aproximou-se, ameaçador.

— Afaste-se, monsieur. — Cleo puxou a lâmina do bolso.

— Vadia. — LeBrec não se intimidou e avançou.

— Bonsoir, monsieur. — Louella saiu da cozinha com um lampião seguro no alto. —

Talvez eu possa oferecer-lhe um copo de água fresca.

Ela considerou a altura e a corpulência da escrava por alguns segundos. Virou-se e foi embora, seguido pelo cão que não parava de rosnar.

— Vamos entrar, chérie e tomar nossa limonada.

Uma hora depois Cleo voltou para casa acompanhada por Louella que a esperou subir os degraus. Entrou e viu luz por baixo da porta do quarto de Emmeline. Bateu na porta para ver se ela precisava de mais alguma coisa. Não houve resposta.

Abriu a porta, supondo que a matriarca houvesse adormecido em cima da mesa. A postura da velha senhora era estranha e rígida. Não parecia dormir.

— Madame?

Cleo escutou um grito surdo e correu até ela. A face de Emmeline estava retorcida para a esquerda e o olho, quase fechado.

— Madame, o que houve?

Emmeline fixou em Cleo o olho sadio que refletiu pavor. Gemeu e Cleo amparou-a.

— Voltarei num instante. — Correu até a sacada dos fundos. — Louella!

Louella apareceu na porta, com o castiçal na mão. Cleo tornou a gritar o nome da cozinheira e ela veio correndo.

Cleo ajoelhou-se ao lado da cadeira de Emmeline.

— Olhe para o rosto dela! Madame não pode falar!

— Deus misericordioso! Já vi isso antes. Chame mademoiselle. Depois deitaremos madame.

Cleo disparou até o quarto e afastou o mosqueteiro.

— Josie, acorde. — Cleo sacudiu-a.

Suada, Josie sentou-se com fisionomia de espanto.

— O que houve?

— Vovó teve um ataque.

As duas correram para os aposentos de Emmeline. Louella desabotoava a gola do vestido da matriarca.

— Vovó! — Josie afastou-se ao ver a face retorcida e o olho caído.

— Vamos deitá-la — Louella disse.

— Arrume a cama — Cleo disse para Josie.

Cleo e Louella tiraram o vestido grosso da doente e carregaram-na até a cama. A senhora idosa gemeu e levantou o braço direito na direção de Josie.

— Estou aqui, vovó.

Emmeline tentava falar, mas os sons eram deturpados. Ninguém a entendia.

— Cleo, vá buscar Ursaline — Josie pediu. — Acorde Elbow John. Se ele sair agora, poderá encontrar o dr. Benet em casa logo cedo. — Abaixou a voz. — Mande avisar o padre.

— Cleo, deixe que eu vou. — Louella lembrou-se da ameaça que ficava à espreita no escuro. — Você não sabe qual é a nova cabana de Ursaline. Traga papel para Josie escrever o salvo-conduto de John.

— Corra — Josie desesperou-se. — Diga a ele para montar Beau e não o mulo. — Limpou o rosto suado da avó com um pano úmido.

Cleo voltou com papel e uma pena.

— Escreva você — Josie ordenou.

Sonolento, Elbow John apareceu na porta e Cleo entregou-lhe a permissão para

deixar a fazenda. E com a maior urgência. Ursaline voltou com Louella.

— Pode ajudá-la? — Josie afastou-se para o pé da cama.

— Vou tentar. Preciso de água quente para as ervas.

A parteira tirou um chocalho enfeitado com penas de dentro de um saco de aniagem. Começou a cantar a agitar a peça sobre o corpo de Emmeline. Cleo arregalou os olhos diante da sacerdotisa vodu. Sempre ouvira falar sobre os poderes de Ursaline, mas nunca a vira agir.

— Não queremos ritos de superstição nessa casa — Josie advertiu-a

A escrava semicerrou as pálpebras. Cleo pensou no olhar de uma serpente venenosa.

— Pensei que pudesse dar-lhe alguma infusão — Josie prosseguiu. — Pegue suas coisas e saia daqui.

— Sua avó não me mandou embora, mademoiselle. Ela conhece os poderes de Loa.

Emmeline chamou Ursaline com a mão direita. A mulher que não passava por uma pia de água benta sem ali mergulhar o dedo e fazer o sinal-da-cruz. A mulher que desfiava o rosário dia e noite. A mulher que mandava donativos para a igreja. Ela queria o ritual vodu?

— Josie, são só penas e ervas. — Cleo tocou no braço dela. — Não haverá de piorar nada. Temos de respeitar a vontade de madame.

Josie saiu do quarto e ficou andando no corredor. Cleo afastou-se e observou durante uma hora a cerimônia de cura. A parteira amarrou no pescoço de Emmeline um pequeno saco de flanela vermelha contendo ervas. Mostrou-lhe uma cabeça seca de filhote de aligátor e deu para Emmeline segurar com a mão direita. Era para afastar os maus espíritos, segundo Ursaline.

A matriarca fechou os olhos. Ursaline tirou da sacola uma embalagem com farinha de milho e espalhou um pouco no chão. Cleo persignou-se, mas não saiu do quarto. Ursaline invocou Guede, a divindade da cura e fez um desenho no chão. Um ataúde com uma cruz grande sobre um pedestal de três partes e uma estrela encimada dos dois lados. A cruz era enfeitada com "x" e arcos.

Enquanto Ursaline trabalhava, Cleo rezava para a Virgem Santíssima, crença na qual fora criada. Pediu perdão ao sacrilégio que se cometia naquela casa. Ela se confessaria ao padre e pediria um castigo por haver presenciado o ritual pagão.

Ursaline terminou o cerimonial africano e esperou. Cleo entregou-lhe uma moeda da algibeira de madame e a mulher foi embora.

Josie entrou e fez o sinal-da-cruz.

— Madame está dormindo — Cleo afirmou. — Nada aconteceu.

Josie arrumou o mosqueteiro, entrou na cama e deitou-se ao lado da avó.

— Ficarei com ela. — Segurou a mão da matriarca entre as suas. — Deixe uma vela acesa, por favor.

De manhã, Louella trouxe chá preto e mingau. Josie fez a avó beber o chá às colheradas, mas Emmeline afastou o mingau e derrubou-o sobre o lençol. Josie não deixou que avó lhe visse as lágrimas.

O dr. Benet chegou mais tarde. Ao ouvir a carruagem, Josie correu a seu encontro. As roupas amassadas e os olhos vermelhos do médico eram sinais de que não dormira.

— Ela não pode falar, dr. Benet — Josie tornou a desesperar-se. — O lado esquerdo parece paralisado. Do rosto aos pés.

— Deixe-me examiná-la. Depois conversaremos. Eles foram até o quarto.

— Vovó, o dr. Benet está aqui.

— Emmeline, minha amiga.

Emmeline levantou a mão direita e o médico apertou-a com carinho.

— Vamos ver o que está acontecendo. — Ele deu a volta na cama, viu a farinha no

chão e fitou Josephine com olhar acusatório. — Você permitiu um ritual vodu?

Irritado, apagou o desenho com a ponta da bota. Tirou o bisturi da maleta e cortou o amuleto pendurado no pescoço de Emmeline. Foi até o terraço e jogou fora o pequeno saco de flanela.

Josie percebeu que a avó escondera a cabeça de aligátor debaixo do quadril. Cleo ajeitou a colcha e o lençol.

Dr. Benet sentou-se ao lado da paciente e segurou-lhe a mão direita. Examinou a pulsação e o olho caído. Apertou a mão esquerda fria.

— Emmeline, pode mover estes dedos?

O esforço resultou em uma careta sem nenhum movimento.

— Sente minha mão em seu rosto? O grunhido foi de concordância.

— Ela comeu?

— Nada. Tomou apenas um pouco de chá.

— Farei uma sangria e depois veremos se ela consegue tomar um caldo.

Cleo trouxe uma bacia. Dr. Benet passou a lâmina na calça para limpá-la e fez uma pequena incisão na parte interna do cotovelo da matriarca.

O sangue começou a escorrer e Josie apoiou-se na parede. Lembrou-se dos últimos momentos de sua mãe. Imagens e cheiros. Controlou-se para não vomitar.

— Josephine. Vá para outro quarto — Dr. Benet aconselhou-a, ao notar a palidez. — Irei vê-la assim que terminar.

Cleo se portava com coragem, pronta para intervir. Uma enfermeira nata, ele pensou.

Deixou-a encarregada de um sedativo para madame e foi à procura de Josie.

Na sala de estar, ela se abanava. Depois de tudo o que passara no verão passado, Josephine Tassin teria de suportar mais aquele baque.

— Vovó vai sarar?

— Josephine, ela teve um ataque. Não se pode prever a evolução neste caso. Algumas vezes o cérebro se regenera e a paralisia cede. Em outras, há pouca mudança. Só nos resta esperar.

— Ela ficou muito preocupada com a ruína financeira.

— O choque deve tê-la afetado. Emmeline é uma mulher forte. Acredito que irá se recuperar.

Os sons de pratos e talheres chegaram até eles.

— Estou sentindo cheiro de almoço — ele disse.

— O senhor deve estar cansado. Depois do almoço, será melhor repousar um pouco. Espero que possa ficar conosco.

— Até amanhã, com certeza. Depois veremos o que fazer. Dr. Benet almoçou, tornou a examinar a paciente e foi descansar no estúdio.

Josie levou uma cadeira de balanço para o quarto da avó e acabou por adormecer, enquanto Cleo ocupava-se em tirar a mesa.

— Acorde! Mademoiselle! — Laurie puxou-lhe a manga.

Josie acordou, assustada.

— O que houve?

— Cleo disse que monsieur LeBrec está na porta. Ela pergunta o que fazer.

— Falarei com ele na sala de estar.

Josie encontrou-o parado rio meio do recinto, em roupas de trabalho e chapéu na mão. Parecia deslocado em meio ao mobiliário de boa qualidade.

— Monsieur LeBrec.

— Ouvi falar sobre madame Tassin. Como está ela?

— Não muito bem, mas temos esperança de melhoras.

— É que... Bem, precisaremos de mais madeira para a nova refinaria de açúcar.

Ora, é só cortar a madeira da mata!, Josie pensou.

— Madame disse para cortarmos dois acres de árvores. Talvez ela quisesse comprar o restante de outra pessoa e não mexer nas demais árvores.

Josie não teve certeza de ter sentido odor de álcool. Era difícil saber junto com o cheiro de suor e de cavalo.

— Talvez mademoiselle pudesse perguntar-lhe se é para cortar ou comprar.

— Não poderemos esperar até vovó melhorar?

— Não sei. Ela queria a refinaria pronta para a colheita do outono. Ainda há muito para ser construído.

Josie teria de tomar uma decisão e lembrou-se dos débitos que vira na contabilidade.

— Monsieur terá de cortar mais madeira de nossas terras.

— Está bem. Sairemos com uma turma de escravos à tarde para o trabalho. Até logo, mademoiselle.

Ele saiu pelo terraço dos fundos, onde Cleo sacudia a toalha de mesa. Josie seguiu-o e viu quando ele agarrou o busto de Cleo. A escrava largou a toalha, empurrou-o e pôs a outra mão no bolso. Josie chegou depressa na varanda. LeBrec escutou passos e recuou. Josie fitou Cleo e teve certeza de que nunca vira ninguém com tanta fúria.

— Mademoiselle tem uma menina muito atrevida aqui — LeBrec falou. — Ela precisa de uma lição.

— Monsieur LeBrec — Josie imprimiu grande desprezo na voz —, espero que nunca mais encoste um dedo em um escravo de minha casa.

Ele estendeu as palmas para cima.

— Eu estava apenas tentando impor um pouco de disciplina. Mas será como mademoiselle quiser.

LeBrec desceu a escada sem olhar para trás. As duas ficaram alguns momentos em silêncio.

— Isso já aconteceu antes? — Josie perguntou. Josie diria para ela não sair de casa?

— Já.

— Ele não pode tratá-la dessa forma.

O que Josie faria se LeBrec continuasse a importuná-la? Atiraria nele? Ela o mutilaria? LeBrec nem mesmo se importaria com o aviso de uma jovem.

Josie leu a dúvida no olhar de Cleo. Não dera atenção quando Phanor contara que LeBrec estava atrás dela. Não acreditara que isso pudesse ter ocorrido sob os olhos vigilantes de sua avó.

— Não permitirei que ele a importune de novo. Pelo menos Josie se importava com ela.

— Louella matou uma galinha e já fez o caldo para madame.

Josie anuiu e voltou para o lado da avó.

Naquela noite, o padre apareceu. Sujo e cansado. Viajara o dia inteiro no lombo do mulo e aceitou com sofreguidão o copo de água que Cleo lhe serviu. Felizmente os sinais do vodu de Ursaline haviam sido apagados. Quando padre Philippe entrou no quarto, a avó escondeu de novo a cabeça de filhote de aligátor.

Padre Philippe vestiu a sobrepeliz manchada e declamou os últimos sacramentos da Igreja. Por precaução.

Capítulo XII

Durante as três semanas seguintes, as melhoras no estado de saúde de Emmeline foram quase imperceptíveis. Josie rezava e tinha esperança na recuperação da avó. Dr. Benet vinha com frequência e uma tarde chegou com uma cadeira de rodas amarrada em cima da carruagem. Elbow John ajudou o médico a descarregá-la.

Josie, Cleo e Laurie admiraram a novidade.

— Agora, minha querida Emmeline, não terá de ficar deitada dia e noite — dr. Benet afirmou. — Precisamos manter seu sangue circulando.

A avó murmurou qualquer coisa que ninguém entendeu, mas Cleo, que passara a compreendê-la até por gestos pouco significativos, percebeu a pouca vontade de cooperar.

— Cleo, segure o breque — ordenou o médico. — John, pegue madame pelo lado direito e eu a apoiarei pelo esquerdo. Prontos?

Apesar da resistência, eles conseguiram sentá-la na cadeira. Emmeline tombou para a esquerda.

— Josephine, teremos de amarrá-la.

Josie trouxe uma faixa de cetim de seu penhoar. Seguiu as instruções do médico e prendeu a avó na cadeira.

— Vamos dar um passeio, Emmeline. Ficar dentro do quarto tanto tempo deixa qualquer um depressivo. John, por favor, leve-a até o terraço.

John empurrou a engenhoca e o dr. Benet ensinou Cleo e Josie a manejar o freio. Josie ajeitou o lenço de musselina ao redor do pescoço da avó.

— Laurie, não esqueça do leque.

Dali a pouco, soou o apito do barco postal. Elbow John correu para o cais, a fim de recolher a correspondência.

Durante aquelas três semanas, Josie não recebera nenhuma carta de Bertrand. Em uma atitude nada digna, resolveu que lhe escreveria nos próximos dias.

Josie trouxe a mesa dobrável para perto da cadeira da avó e abriu a sacola trazida por Cleo. Havia cartas de Marguerite, Abigail, do advogado de nova Orleans e uma da prima Violette.

— Vovó — Josie espantou-se. — Uma carta de Bertrand dirigida à senhora.

A avó resmungou e anuiu.

— Ela quer que você a abra — Cleo traduziu.

Josie soltou o lacre de cera com a unha do polegar e leu a carta. de julho, 1837

Querida Emmeline,

Como todos na Louisiana, sei que está ciente da situação em New Orleans. Conto com seu entendimento, embora não espere sua aprovação. Terei de fazer certos sacrifícios para manter minha solvência. Estou arrasado por comprometer nossa amizade,, mas não há outro meio de salvar Cherleu. Vou me...

Josie deixou cair a carta. Cleo pegou-a e continuou.

Vou me casar com Abigail Johnston no final do mês. Por favor, explique isso a Josephine. Sou muito covarde para falar com ela pessoalmente.

Sinto muito,

Bertrand Chamará

Josie continuou sentada, fitando o infinito, emudecida. Levantou-se e, com dignidade

apesar dos passos incertos, deixou a varanda em direção a seu quarto. Não derramou uma só lágrima nem percebeu as que rolavam pelo rosto contorcido da avó.

Josie pouco falou nos dias que se seguiram. Cleo insistia para ela comer, com poucos resultados. Dr. Benet recomendara vinho antes de dormir. Mesmo assim, Cleo a ouvia caminhar de um lado a outro durante a noite.

Ela perambulava pela casa como um fantasma, exceto quando falava com LeBrec. Levava para ele as ordens da avó que tinham sido interpretadas por Cleo.

Não escreveu mais no diário, nem desabafou com Cleo. Evitava qualquer assunto pessoal. Limitava-se a conversar sobre a administração da casa e da cozinha. Pálida, emagrecia a olhos vistos.

Escutara boatos sobre infidelidade e convivera com o pecado de seu pai. Mas nunca imaginara que pudesse ser traída. Esperara uma vida de alegrias e satisfação ao lado do homem a quem amava. Tivera esperança de ser amada por ele.

Bertrand nunca a amara. Ele, como Albany, também pretendia apenas anexar Toulouse ao próprio patrimônio. Dobrar o tamanho de seu latifúndio.

Recordou todos os momentos desde que o conhecera. Naquela noite em que o raio atingira a árvore, já deveria ter desconfiado que ele não era um cavalheiro confiável. Nenhum homem que se prezasse olharia daquela maneira para duas meninas de camisola.

Via os olhos dele em toda parte. No conhaque que o dr. Benet bebia à noite, no chá, na mesa polida da sala de jantar. O riso de Bertrand vinha com a brisa do rio. O vestido que usara da última vez em que estivera com ele ainda cheirava a charuto.

Como seria possível agüentar aquele sofrimento? Via diante de si apenas uma vida solitária, interminável. Imaginou-se velha, caquética, rezando pela morte.

— Aqueles dois fedelhos não são de muita serventia, mas achei que mademoiselle deveria saber que estamos com doenças nas cabanas — LeBrec avisou-a.

— São filhos de quem? — Josie quis saber.

— Há muitos pequenos bastardos soltos por aí. Não posso saber de quem são filhos.

— O sr. Gale conhecia todos moradores da fazenda, inclusive as crianças pequenas — Josie irritou-se. — Se pretende ser tão bem-sucedido como ele foi, sugiro que procure saber quem é quem.

LeBrec continuou a sorrir, mas estreitou os olhos. Ele na certa esperava maior liberdade com a doença de Emmeline. Josie dera a entender que ele estava enganado.

Durante um longo período após a carta de Bertrand, as conversas quase sempre ásperas com LeBrec eram os únicos momentos em que Josie se sentia viva. Ela se encerrara em uma concha com sua amargura e dor. Isolava-se de todos, mesmo quando estava acompanhada. Sentava-se ao lado da avó, trocava algumas palavras com Cleo a respeito dos cuidados com a doente e pouco falava com Louella sobre o cardápio. Não percebia que a cana-de-açúcar crescia nos campos e que a vida continuava.

O fato de Josie não gostar de LeBrec acabou por trazer-lhe a percepção de que a fazenda precisava dela. Admitiu que o capataz caprichava no vestuário. A senhora LeBrec escovava-lhe o casaco e entregava ao marido uma camisa limpa todas as manhãs. Mas Josie não suportava a arrogância dele. O orgulho de um homem era sempre desproporcional ao seu real valor. Além do mais, era um homem sem moral.

Sob o comando de LeBrec, a paz abandonara Toulouse. Na época do sr. Gale, açoitamentos eram raros. Cleo passara a relatar a frequência desses castigos. Todos os dias alguém era amarrado no tronco e açoitado.

Josie dissera a si mesma que estava na hora de assumir o controle de Toulouse.

A primeira providência fora desativar os troncos para castigos. LeBrec afirmava que não se devia acobertar indolentes e Josie argumentava que não havia preguiçosos antes

da chegada dele a Toulouse. Proibira açoitamentos indiscriminados. LeBrec teria de pedir-lhe autorização prévia. Desconfiava de que ele castigava as jovens escravas que recusavam suas atenções.

Ela tornara-se, literalmente, a senhora de Toulouse.

Pediu licença a LeBrec e foi para o quarto da avó, à procura do guia de medicamentos. Emmeline fora uma estudiosa de infusões e pomadas e chegara a descobrir novas fórmulas. Era preciso encontrar uma poção que combatesse a febre no alojamento. Ela mesma ministraria o remédio para as crianças, assim como sua avó sempre fizera.

Levou o livro até a varanda. A avó estava sentada na cadeira de rodas e Laurie a abanava. Limpou os óculos na saia e expôs o caso. As crianças estavam com febre e dor de ouvido. Não havia erupção nem narizes escorrendo.

A avó apontou a mesa onde Josie devia deixar compêndio que versava sobre o uso de ervas medicinais. Com a mão direita — trêmula embora não paralisada — encontrou a página desejada. Na margem, anotações do próprio punho. Algumas manchas devido ao manuseio dos produtos.

— Este?

Josie considerava um milagre Cleo entender-lhe os grunhidos, mas aquele fora enfático.

— Chá de casca de salgueiro para febre — Josie leu em voz alta. — Azeite morno para dor de ouvido.

Havia uma anotação onde conseguir as ervas e onde estava o salgueiro.

— A senhora conhece todos esses remédios, vovó?

O olho direito de Emmeline brilhou. Encadeou várias palavras ininteligíveis e apontou o indicador magro para a neta.

— Ela disse que isso é responsabilidade da senhora da fazenda — Cleo explicou. — E agora, o encargo é seu.

Josie fitou a avó. O olho caído, a boca torta, a faixa que a mantinha mais ou menos ereta na cadeira de rodas. Suspirou. Não passaria a próxima temporada de invernos em New Orleans. Não se tornaria esposa de ninguém. Teria de administrar Toulouse. Ninguém mais poderia fazê-lo.

Fez uma marca no livro e levantou-se.

— Vou tratar da dor de ouvido dos meninos.

Josie ficava acordada até tarde, pensando no que lhe acontecera. Se a amasse, Bertrand não desistiria dela com tanta facilidade e teria encontrado outra maneira de salvar Cherleu.

As traições acompanhavam sua vida. Seu próprio pai insistira em ficar com a esposa e com Bibi. Intolerável. Imperdoável. Além do mais ele dedicara mais amor a Cleo de que a ela.

Haveria homens fiéis? Marguerite sabia que Sandrine tinha uma amante no Blue Ribbon. E ainda por cima ela contava o caso sorrindo. A própria Marguerite não era confiável. Beijara Phanor na casa de seu marido.

Josie irritou-se. Embora não houvesse nenhum compromisso entre eles, sempre sentira que ele lhe pertencia. O que, na verdade, era um contra-senso. Mesmo assim, sentira-se traída.

Depois de mais uma noite insone, levantou-se decidida a agir. Teria de deixar os sentimentos de lado e cumprir com as tarefas que a aguardavam naqueles dias de calor intenso. Leu as cartas dos banqueiros de New Orleans e debruçou-se nos livros de contabilidade. Com a ajuda da avó — que se fazia entender por intermédio de Cleo — escreveu aos credores pedindo prazo maior para pagar os empréstimos. Teve de tomar cuidado para que a transpiração das mãos não borrasse a tinta.

Depois passou dias esperando a resposta temível. Um após o outro os homens sem rosto que tinham o destino de Toulouse nas mãos viraram-lhe as costas. Nisso, chegou uma carta de monsieur Moncrieff que havia emprestado a maior quantia de dinheiro.

Josie amassou a carta e atirou-a a um canto.

— É o que penso de sua oferta, monsieur — resmungou.

O banqueiro recusava-se a prorrogar o prazo de vencimento do empréstimo, mas oferecia-se para comprar uma parte de

Toulouse no valor da dívida. Josie disse a si mesma que teria de conseguir o dinheiro de outra maneira.

Já apelara para tia Marguerite, mas os Sandrine estavam tão sem dinheiro como os demais. Os únicos que pareciam não ter sofrido com o crash eram os americanos. Os Johnston, em vez de endividados, haviam feito empréstimos a meia dúzia de fazendeiros da região. Josie afirmou para si mesma que preferia morrer de que se humilhar diante de Albany Johnston.

Enquanto Josie tentava calcular quanta cana-de-açúcar Toulouse produziria no outono, Cleo observou um barco a vapor padejar rio acima e atracar no cais de Toulouse. Um passageiro desembarcou. Era Phanor. Cleo chamou Laurie para ficar ao lado de madame e desceu a escada correndo ao encontro dele.

Phanor na certa trazia mais uma carta de Remy. Ao se aproximar, diminuiu a velocidade. O amigo não sorriu nem respondeu ao chamado com a alegria costumeira.

— O que houve? — Cleo perguntou, pressentindo algo errado.

Phanor segurou-a pelo braço e levou-a até o banco de ferro sob um dos carvalhos.

— Fale, por favor.

Ete insistiu para Cleo sentar-se.

— Não tenho boas notícias.

— Remy...?

— Houve uma briga nas docas. — Ele segurou a mão de Cleo. — Foi entre os trabalhadores irlandeses e os negros libertos. Tudo começou por uma questão de direito de trabalhar. Um deles puxou uma faca e os outros o imitaram. Remy foi esfaqueado.

— Ele está muito ferido? Precisa de um médico?

— Ele morreu no cais.

Cleo abraçou-se e começou a balançar o corpo para frente e para trás. Tremendo em uma sucessão de convulsões, chorava alto e puxava os cabelos.

Phanor ainda sofria pelo acontecimento e não encontrou nada para dizer. Sentou-se ao lado de Cleo e abraçou-a pelos ombros. Quando o choque inicial cedeu, ela se encostou no peito dele e chorou como uma criança.

Enquanto a segurava, Phanor pensou em como Cleo faria para esconder a dor. Os Tassin não tinham idéia de que ela sabia do paradeiro do fugitivo, nem de que se correspondera com Remy. Perguntariam o que a fizera sofrer tanto depois do encontro com Phanor.

Ele ofereceu-lhe o lenço.

— Cleo, por favor, você não pode deixar que a vejam dessa maneira.

— Ninguém vai prestar atenção em mim. Madame teve um ataque.

Phanor fitou a casa. Josie, no terraço, os observava. Durante a viagem, imaginara se veria Josie ou não. Nem tivera oportunidade de desculpar-se. E o que poderia ter dito? Beijara Marguerite e fora um beijo quente. Admitiu que o perfume da dama não lhe saíra da mente.

Mesmo que Josie não desejasse vê-lo, teria de ir de qualquer maneira até a casa-grande saber de madame Tassin. Devia-lhe muito mais de que uma visita de cortesia. Emmeline fora muito bondosa com ele. Talvez pudesse fazer alguma coisa pela veneranda senhora. Antes, levou Cleo até a cozinha externa e explicou a Louella o que

acontecera. Louella apressou-se a dar um copo com tafiá para Cleo.

— Pode ir, monsieur. Cleo tomará a aguardente e dormirá.

Phanor subiu a escada dos fundos e bateu na porta da sala de jantar. Josie o recebeu e convidou-o para entrar.

— O que houve com Cleo? — ela perguntou sem cumprimentá-lo.

— Remy... morreu.

— Remy? Ele fugiu há meses. Como ela soube? Phanor não respondeu. Ele cometera um crime ao ajudar um escravo a escapar. Ainda maior por tê-lo escondido durante todo esse tempo.

— Você sabia do paradeiro dele?

— Sim.

Josie endireitou-se.

— Você não ignorava que ele era um fugitivo.

— Josie...

— Ele pertencia à minha avó. Depois de tudo o que ela fez para ajudá-lo, como pôde fazer uma coisa dessas?

— Josie, você não imagina o que ele estava sofrendo. Você estava em New Orleans.

— Sofrendo? Apenas o que um escravo... — ela admitiu que nada soubera do que se passava em Toulouse.

Phanor passou a mãos nos cabelos.

— Vou lhe mostrar.

Ele foi até a escrivaninha de jacarandá e pegou uma folha de papel. Em rápidas pinceladas desenhou a gaiola idealizada por LeBrec que Remy levava na cabeça.

— Os sinos tocavam dia e noite, ao menor movimento. Se ele respirava mais forte enquanto dormia ou se virava na cama. Era de ferro e muito pesada. O pobre coitado foi obrigado a trabalhar o dia inteiro com aquilo. Tinha de equilibrar-se, carregar aquele peso e ainda manejar a enxada.

— Nós nunca fizemos nada parecido com nenhum escravo — Josie comentou de ombros caídos, olhando o desenho.

— Pois foi o que LeBrec fez, depois de cortar metade da orelha de Remy.

— Meu Deus — Josie murmurou, engasgada pela emoção e abaixou a cabeça.

Phanor desejava tomá-la nos braços, confortá-la e beijar-lhe as lágrimas.

De repente, ela empertigou-se, ignorando as faces úmidas.

— Uma coisa dessas jamais tornará a acontecer em Toulouse — afirmou, furiosa.

Pela primeira vez, Phanor notou a semelhança de Josie com a avó.

— Porém o fato principal permanece. Remy era propriedade de Toulouse. — Ela ergueu o queixo, certa de que Phanor não tivera o direito de interferir.

Ele, com o coração apertado, imaginou que não haveria perdão. Indignada, Josie ficava ainda mais atraente. Pôs o chapéu na cabeça, despediu-se e foi embora.

Josie andou de um lado a outro. Ao se virar, as saias giravam com ruído.

Como ele ousara ajudar um escravo fugitivo?

Apesar da raiva que sentia, não esquecia a orelha cortada de Remy e o desenho que Phanor fizera.

De repente, começou a soluçar e largou-se no sofá. Revoltada, chorou por todo o sofrimento que a angustiava desde que soubera da traição de Bertrand..

Pareceu-lhe que no mundo só havia padecimento.

Virgem Santa, por que uma mãe perde seu filho e um filho, seus pais?

A injustiça e a dor não paravam de rodeá-la.

Virgem Maria, tenha piedade de seus filhos. Abençoe a alma de Remy, em atenção a Cleo.

Durante alguns dias, Josie e Louella se dedicaram aos afazeres de Cleo. Deram

banho e comida para a avó, enquanto Cleo dormia ou simplesmente olhava para suas mãos.

Quando ela recobrou o ânimo, começou a dar longos passeios pela fazenda. Josie supôs que fosse para lembrar os lugares onde estivera com Remy.

Naquele dia Cleo apareceu na sala de jantar. Josie dava comida na boca da avó e reparou que ela estava com aparência mais animada.

— Pode deixar. Eu farei isso.

Josie levantou-se e cedeu o lugar para ela ao lado da cadeira de rodas.

Cleo deu nova colherada de chá e Emmeline empurrou-lhe a mão.

— O que houve? — Josie admirou-se. — Ela estava tomando chá até agora.

A avó grunhiu qualquer coisa. Cleo sorriu, pela primeira vez em muito tempo.

— O chá está doce demais. — Cleo virou-se para a enferma. — Madame, Josie gosta muito de açúcar.

— Mas eu...

— Vou preparar um chá a seu gosto. Após o desjejum, vou dar um trato nesse chão. Pode ficar sentada aí mesmo e ficar brava se eu esfregar as rosas da pintura.

A avó tentou rir e Josie achou que sua responsabilidade começava a pesar menos.

Cleo cuidava de madame e empurrava a cadeira de quarto em quarto para Emmeline apreciar o que era feito. Nas poucas horas em que ficava acordada, a matriarca melhorava o humor. Podia supervisionar o serviço da casa. Contava com a boa vontade e o entendimento de Cleo.

Josie começou a cavalgar nos finais de manhã. Os dias mais frios de outono deixavam cavalo e sua dona com maior disposição. Naquele dia foi até a fronteira de Toulouse com Cherleu. Viu os pessegueiros e o carvalho. As memórias ficaram mais nítidas e pungentes.

Voltou para casa. Deixou Beau com Elbow John e entrou.

— Laurie?

A menina atendeu ao chamado em instantes.

— Cheguei. — Laurie veio descalça e com o vestido de saco batendo nos joelhos. Crescera demais.

— Como está madame? Ela almoçou?

— Madame não quis nada. Só quer dormir.

— Peça a Cleo para me trazer um prato e fique com madame.

— Mademoiselle, Cleo não vai querer trazer-lhe nada.

— E por quê?

— Bem, ela está deitada.

— Cleo está doente?

— Não é bem uma doença. É por causa daquele horrível LeBrec.

Josie correu para o quarto e empurrou a porta. Cleo estava sobre o catre, joelhos encolhidos e a cabeça coberta.

Josie ajoelhou-se e afastou o lençol. O lábio de Cleo estava ferido e sangrava. O olho esquerdo inchado, não abria. Uma mecha de cabelos fora arrancada da têmpora. A testa estava manchada de sangue.

Josie não conseguia conter seu ódio. Segurou o ombro de Cleo e ela se encolheu.

— Cleo, sou eu.

— Josie? — ela piscou para focalizar melhor a imagem. — Josie, ele me machucou e...

Cleo começou a chorar e Josie fez-se de forte.

— Eu lhe prometo, Cleo, você nunca mais o verá. — Por sobre o ombro, pediu a Laurie para chamar Louella. — Diga-lhe que precisaremos de água quente. Antes me traga o conhaque.

Josie cobriu Cleo novamente. Deitou-se a seu lado e abraçou-a, enquanto Cleo chorava.

— Limparemos toda essa sujeira. Eu lhe garanto que tudo vai melhorar.

A culpa é minha. Eu deveria ter me livrado dele há muito tempo.

Josie pegou o copo de uísque que Laurie trouxera.

— Sente-se, Cleo, e beba isto.

Dali a pouco Louella entrou com uma chaleira e uma bacia.

— Cleo, por que não me disse que estava machucada? — Louella balançou a cabeça, inconformada.

Cleo tossiu e tentou mais um gole.

— Dei uma facada nele.

— Deus a abençoe, minha filha. — Virou-se para Josie. — Ela carregava no bolso a faca de seu pai.

Josie imaginou o que o pai sofreria ao ver Cleo naquela situação. Pediu perdão a ele e engoliu as lágrimas. Choraria mais tarde. Teria de ser forte para vingar Cleo.

Com ajuda de Louella, deu banho em Cleo e vestiu-lhe uma camisola macia. Tirou a terra e os detritos dos cabelos negros. Somente cuidou dos ferimentos quando ela pareceu ficar zozza e sonolenta. Consultou o guia de medicamentos. Com mãos trêmulas aplicou cataplasma nos hematomas e pomada nos cortes e esfoladuras.

Enquanto Cleo dormia, Josie pesquisou no precioso livro da avó. Quase no final, encontrou fórmulas para interromper gravidez. Terebintina, água de quinino onde se deixava de molho um prego enferrujado, gengibre ou mesmo raiz-forte eram conhecidos como abortivos de fetos recentes. De acordo com o livro, a gravidez não era instantânea. Levava um certo tempo até o milagre ocorrer. Cleo fora violada há poucas horas.

Ah! Prevenção. Logo após as páginas dos abortivos. Duchas. Água com vinagre ou xarope feito de formigas fervidas. Na margem havia uma anotação. Chá de raiz de samambaia para ser tomado antes da lavagem interna.

Ursaline deveria saber qual a planta correta. Enquanto Cleo dormia, elas se encarregariam de protegê-la de uma gravidez mais do que indesejável.

A raiva de Josie não tinha limites. Antes de fazer a ducha, deixou Cleo aos cuidados de Louella e foi direto para a casa do feitor.

Encontrou a senhora LeBrec na porta com as crianças agarradas na sua saia. Um menino de seis anos e uma menina de dois.

— Bonjour, mademoiselle Tassin. — Sorriu, afetada. — Muita bondade sua em fazer-nos uma visita.

— Vim falar com seu marido.

— Mademoiselle deve ter ouvido boatos a respeito daquela garota que feriu meu marido. E feriu muito. Ele me contou que já teve problemas com a mesma moça. Ela é atrevida, vive perturbando e provocando os outros.

Quantas vezes aquela mulher acobertara os crimes de LeBrec?

— Eu mesma a vi meneando os quadris diante de meu marido. Ela não passa de uma vadia.

— Onde LeBrec está trabalhando hoje?

— Meu marido é um bom homem. Mademoiselle não encontrará melhor capataz por aqui.

A mãe se chamava Bettina. Josie fitou Yves e Sylvie. Eram crianças bonitas. Sentiu-se uma deusa vingadora. Sentia muito por eles, mas teria de acertar contas com LeBrec o mais depressa possível.

— Yves, sabe onde seu pai está trabalhando hoje?

— Ele disse no café da manhã que iria para Coon Corner, campo do sul. Falou também que eu poderia ir com ele qualquer dia.

— É uma longa caminhada, mademoiselle — Bettina mudou o tom. — Será cansativo. Por que não espera até a noite? Meu marido poderá falar com mademoiselle na casa-grande.

Josie não se preocupou em responder.

— Não se pode acreditar no que aquela vadia diz — Bettina gritou, perdendo a compostura.

Josie foi até a estrebaria. Mandou um cavaleiro arrear Beau e pediu a outro para chamar Elbow John. E seguida pelo fiel escravo no lombo do mulo, Josie cavalgou para Coon Corner.

Assim que viu LeBrec, montado no cavalo e observando o trabalho dos escravos, o ódio de Josie atingiu o clímax. Ele jamais tocaria em outra moça de Toulouse. Gostaria de castrá-lo, para que ele nunca mais encostasse em mulher nenhuma. Aproximou Beau bruscamente. O cavalo de LeBrec empinou-se. Josie permaneceu imóvel e enfrentou-o de cabeça erguida como uma rainha.

O corte no rosto de LeBrec ia do nariz à orelha. Ele amaldiçoou o cavalo e chicoteou-lhe a cara. Josie notou, satisfeita, que o ferimento sangrava no curativo mal feito.

— Por que mademoiselle chegou desse jeito?

— Para chamar sua atenção, LeBrec.

— O que está pretendendo?

— Monsieur deve arrumar suas coisas e sair desta propriedade até o anoitecer.

— Não aceito ordens de uma menina! Resolverei isso com madame Tassin.

LeBrec virou o cavalo e tornou a chicoteá-lo. Josie teve vontade de voltar para casa e denunciá-lo para a avó. Não faria isso para não aborrecê-la ainda mais. Anuiu para os escravos que haviam parado para observar a cena. Foi atrás de LeBrec, seguida por Elbow John.

Quando chegou ao pátio dos fundos, viu que o capataz tinha deixado o cavalo amarrado sob um sol inclemente.

— Isso não é maneira de tratar um animal — Josie comentou em Elbow John. — Amarre-o na sombra e dê água ao coitado. Depois venha comigo para dentro de casa.

Josie encontrou a avó, excitada, apontando o dedo nervoso para LeBrec. Pôs a mão no ombro de Emmeline para acalmá-la.

— Não se preocupe, vovó. Monsieur LeBrec acredita que não tenho autoridade. Agora ele perceberá o erro que cometeu. Vou lhe dizer novamente, monsieur. Farei uma nota promissória relativa a seus honorários e terá de deixar Toulouse até o anoitecer.

— Ora, vejam... — O capataz fitou Emmeline e o olhar gélido da vista direita foi o suficiente para ele entender que a matriarca não o ajudaria.

— John — Josie falou com calma —, se monsieur não sair por vontade própria, peça a Sam e aos filhos dele para que o ajudem a encontrar a saída.

Josie sustentou o olhar furioso de LeBrec. Após alguns instantes ele bateu o chapéu imundo na perna e deixou a sala.

Foi só então que Josie sentiu os joelhos trêmulos. Rodeou a cadeira de rodas e largou-se no sofá. Agora teria de enfrentar a carranca da avó. A velha senhora ficaria indignada. Se pudesse falar, perguntaria o que fariam sem um capataz diante da proximidade da colheita?

Josie preparou-se para o pior e fitou a avó, disposta a escutar, ou melhor, tentar entendê-la. E a boca torcida da avó levantou-se nos cantos e a fisionomia iluminou-se com satisfação.

Emmeline apontou a mão para Josie e esforçou-se para falar.

— Você... senhora... Toulouse.

O sol ainda não havia desaparecido no horizonte quando LeBrec passou a corda por

cima da mesa, das cadeiras, camas e caixas que estavam em cima da carroça. Seus movimentos eram calmos e eficientes. O único sinal de ódio estava em seu olhar. Ignorava a aglomeração de negros liderados por Elbow John que o observavam em silêncio.

Na varanda, Bettina se conservava em silêncio, enquanto lágrimas deslizavam por seus olhos. Yves, ao lado da mãe, parecia um soldado. Ereto e imóvel. Sylvie, agarrada nas saias de Bettina, chupava o polegar.

LeBrec, enfurecido, refletia que a esposa e os filhos teriam de dormir ao relento como vagabundos. Sylvie acabava de superar um período de tosse.

Josephine era mesmo uma vadia. Nem lhe dera prazo até o amanhecer. Se Sylvie adoecesse...

Tocou no curativo que Bettina fizera há pouco. Sangrava muito e doía mais de que dente inflamado. Seriam precisos pontos para cicatrizar.

Jogou um saco de aveia pertencente a Toulouse dentro da carroça. Josephine lhe pagara o salário, mas não o que fizera com sua família. Ficariam ao leu por alguns dias. Tudo por culpa daquelas duas de nariz empinado. Uma pior de que a outra. Haveria de encontrar trabalho em Baton Rouge. Seus filhos não passariam fome.

Amarrou a barrigueira com força e a égua gemeu. LeBrec não tomara uma gota de álcool durante o dia. Sua cabeça estava a ponto de explodir. Tratou de soltar a tira de couro. Depois de uma hora ou duas, montaria acampamento e poderia beber.

Ajudou os filhos e a mulher a subir na carroça. Entregou as rédeas para a mulher e montou na égua.

De braços cruzados, Elbow John, o velho Sam e os filhos Etienne e Laurent não saíram de perto. LeBrec teve de acrescentar a falta de auxílio deles à sua lista de humilhações.

— Ela pagará por isso! — ele resmungou para si mesmo, enquanto o comboio se afastava de Toulouse.

Três noites mais tarde, sob a luz do luar, LeBrec voltou a Toulouse, montado na égua. Amarrou-a em uma árvore, disse-lhe algumas palavras carinhosas e foi a pé até Sugar Hollow. O primeiro campo ao norte. O coro das cigarras cessou. O canavial estava quase pronto para a colheita.

Nenhum ruído, todos dormiam. A refinaria erguia-se, escura. Do lado, uma pilha de taboas que seria usada no dia seguinte na obra do telhado.

Pegou alguns galhos secos e preparou uma pequena pirâmide junto a uma das paredes. Riscou a pederneira e ateou fogo.

LeBrec fugiu em meio ao crepitar das chamas que se espalharam rapidamente e ao estalar do madeiramento que despencava.

As madeiras da refinaria ainda fumegavam quando Josie saiu para inspecionar o canavial, como fazia diariamente após a partida do capataz. Beau resfolegou por causa da fumaça e ela se afastou um pouco. Desmontou ao ver uma porção de jovens reunidos na ferraria. Laurent martelava com raiva um artefato de ferro.

Josie reconheceu a gaiola de Remy que Phanor desenhara. Aproximou-se e avaliou o peso da engenhoca. Os sinos achatados por Laurent tocavam em sua mente. Arrependeu-se de ter sido tão ríspida com Phanor. Antes de tudo, ele fora bondoso. Fez sinal para Laurent fundir a peça. Toulouse jamais precisaria de nada parecido.

Suspeitava da culpa de LeBrec no incêndio, embora não tivesse provas. Quando Sam sentira o cheiro e dera o alarme, o fogo já estava por toda a parte. Os baldes de água trazidos pelos escravos de nada adiantaram.

Cleo se recuperara e tomara os remédios para evitar a concepção. Mais tranqüila, Josie poderia concentrar-se em salvar Toulouse. Não se tratava de uma vingança por estar com o coração em pedaços ou com o orgulho ferido. Sem refinaria, os lucros seriam

ainda menores e a dívida cresceria. Teria de apelar para Albany Johnston.

Na manhã seguinte, embarcou na doca de Toulouse, acompanhada de Elbow John, seu fiel escudeiro. John tinha pavor do rio. Josie recomendara para ele ficar atrás dela, afastado da amurada. Os primeiros sinais de outono mostravam-se nas folhas amareladas das árvores. O padejar da roda levava uma garoa gelada para o convés, mas Josie recusava-se a entrar. Bem penteada, com pintura discreta e o melhor vestido, pensava impressionar, mesmo supondo que o interesse de Albany houvesse minguado.

Desembarcaram no cais dos Johnston e Charles conduziu Josie até a casa. Admirou-se mais uma vez com a imponência do Ivall. Toda aquela opulência e segurança poderiam ter sido dela. Passou a ponta do dedo em um vaso de Limoges que enfeitava a mesa lateral. Charles conduziu-a até a sala de visitas. O relógio marcava minutos intermináveis. No dia anterior, mandara uma mensagem pedindo para ser recebida. A mãe de Abigail respondera de imediato. Abigail e Bertrand estavam em Paris, mas ela seria bem-vinda. Josie não imaginava qual a recepção que teria e preparou-se para uma certa frieza. Previsível, por certo.

A porta foi aberta e Violette — a prima de nariz comprido — irrompeu na sala.

— Josephine! Que maravilha encontrá-la. — Ela beijou-a no rosto. — Não esperava encontrar-me aqui, não é verdade?

— Eu nem mesmo sabia que você conhecia os Johnston.

— Ora, você mesma me apresentou ao sr. Johnston.

— Ah, é verdade. Na festa de tia Marguerite...

— Alguém poderia supor o que aconteceria?

— Você e Albany?

— Não é romântico? Claro, havia um outro jovem. Mas qual a moça que não iria preferir Albany?

— Parabéns, Violette. Espero que seja bastante feliz.

A Sra. Johnston apareceu e Josie soube das novidades. O tópico principal foi a viagem de núpcias de Abigail. Josie suportou tudo com heroísmo e um sorriso costurado no rosto.

— Eu precisava falar com o sr. Johnston a respeito de negócios — Josie conseguiu finalmente dizer.

— Meu marido está em New Orleans — a Sra. Johnston disse — mas Albany deve voltar logo. Aceita mais um café?

Violette aproveitou para detalhar todos os trajes para a próxima estação. Josie imaginou por quanto tempo teria de agüentar aquilo.

— Estou sentindo cheiro de café — Albany entrou, falando alto, depois de limpar a sola dos sapatos no capacho.

Josie levantou-se para cumprimentá-lo e Albany estacou. Bronzeado, perdera a flacidez corpórea. Estava com boa aparência. O momento foi constrangedor.

— Minha prima veio visitar-nos, Albany — Violette comentou o óbvio. — Não é maravilhoso?

— Como está, srta. Tassin?

— Venha tomar café conosco, meu filho — a Sra. Johnston convidou. — Pedirei outro bule.

Albany sentou-se com as mãos no colo. Josie brincou com uma flor bordada da saia. Violette olhava de um para outro, desconfiada.

— Sr. Johnston — Josie disse, depois de um suspiro —, tenho de pedir-lhe alguns momentos de seu precioso tempo.

— Claro, srta. Tassin. — Albany levantou-se. — Mamãe, tomarei o café no escritório.

Josie seguiu-o. A crise não parecia ter afetado o lar dos Johnston, enquanto Toulouse lutava para sobreviver.

Albany indicou-lhe a poltrona de couro. Andou de um lado a outro e pigarreou.

— Fiquei surpreso de encontrá-la aqui.

— Sua mãe não lhe avisou que eu viria?

— Não. Deve ser por ela não gostar muito de Violette.

— Ah. Parabéns pelo seu noivado.

— Foi o que Violette lhe disse?

— Foi. Isso não é verdade?

— Creio que é. — Albany passou a mão nos cabelos e sentou-se na cadeira giratória da escrivaninha. — Tive receio... bem, quando Chamard... Ele se comportou de maneira intolerável.

— Imagine — Josie disfarçou. — Somos apenas bons vizinhos. Ele e minha avó são grandes amigos. Nós nos encontrávamos sempre que ele ia visitá-la. E como está Abigail?

— Em êxtase, por enquanto.

Josie engoliu em seco, antes de decidir-se a falar.

— Albany, estaria disposto a fazer um negócio comigo? Com um olhar, ele revelou que seu coração ainda era de

Josie.

— Sem dúvida.

— Foi o crash. Depois da enchente, fizemos empréstimo para a reconstrução. Agora temos de pagá-lo.

— E não há dinheiro.

— Albany, não vim mendigar nada.

— O que me propõe?

— Uma parceria limitada.

— Sabe o que isso significa, Josephine?

— Você financiaria a reconstrução da refinaria, pagaria os juros do empréstimo e participaria dos lucros até a situação melhorar. Nessa ocasião, eu poderia comprar sua parte. Você ganharia dinheiro na colheita e no refino do açúcar e eu não perderia a propriedade.

— Essa é a mesma jovem que não queria ouvir falar em bancos e mercados? — Albany sorriu com tristeza.

— A necessidade é um grande tutor, era um dos lemas de minha avó.

— Ouvi dizer que ela teve um ataque. Já se recuperou?

— Creio não voltará a ser o que era — Josie lamentou.

— Então a neta tornou-se a administradora de Toulouse.

— Mudei muito, Albany. Não havia outro jeito. Ele levantou-se e foi até a janela.

— Josephine, sua proposta é válida. Mas eu não tenho dinheiro para tudo o que está me pedindo. Fiz um acordo semelhante com três outras propriedades. Nenhuma delas dará lucro por algum tempo.

— Eu entendo. — Envergonhada, levantou-se. O ruído das saias foi o único som audível na sala. — Albany, não vou mais tomar seu tempo. Obrigada por me escutar.

— Por favor, Josephine. Sente-se. Ainda não terminei.

— Haverá outra solução?

— Se você fosse minha esposa, eu poderia salvar Toulouse. Será impossível fazer a propriedade dar lucro imediato, mas você não a perderia.

— Quer dizer...?

Albany chegou perto da cadeira de Josie e ajoelhou-se.

— Josephine, quer casar-se comigo?

— E Violette...

— Sou um homem livre e compromissos unilaterais podem se romper.

Ele era bondoso e rico. Estava sendo sincero.

— Eu também mudei, Josephine. Não a tratarei mais como uma criança.

— Albany, não se trata disso.

— É por causa de Chamard?

Josie não podia dizer-lhe que não imaginava passar dias e noites a seu lado.

— Josephine, você vive em um mundo et fantasias. Você poderia ter meu amor, minha fortuna...

— Sinto muito, Albany. Minto mesmo. Josie saiu e fechou a porta do escritório.

Capítulo XIII

Os dias mais curtos e frios de outubro assinalaram o amadurecimento da cana. Josie encarregou o velho Sam de organizar os trabalhadores para a colheita. Os camaradas ficavam até tarde amolando os machetes no reboio. Antes do amanhecer, Josie tocava o grande sino e permanecia ao lado de Sam para a distribuição dos serviços do dia.

Josie preparou vários jarros grandes de ungüento de acordo com as instruções do livro de Emmeline. Pedira a Louella que mantivesse água fervente o dia inteiro no fogão. Os ferimentos eram inevitáveis. Os remédios contra mordida de cobra foram providenciados. Aloe vera tanto para tomar como para tratar da ferida. Equinacea é uma pomada feita de óleo de rícino e suco de papaia direto na mordida.

O canavial exuberante propiciou uma colheita excepcional. Carroças e mais carroças abarrotadas de cana foram levadas para a refinaria de outro fazendeiro rio abaixo. Josie anotou em um caderno o número de veículos que se dirigiam para as docas. Depois de pagar pelo refino da cana, ainda sobraria dinheiro para pagar os juros dos empréstimos.

Cleo, que ficava em casa para cuidar de Emmeline, supôs que outro ataque acometera a doente. A matriarca perdera o interesse pelo esforço em comunicar-se e seu olhar se tornara mais opaco. Cleo retomou os passeios diários nos períodos em que a paciente dormia. Nesse tempo, Laurie vigiava madame, enquanto aproveitava para fazer os trabalhos de remendos.

A fumaça na propriedade Cherleu indicava o fim do corte de cana de Chamard e a queimada dos campos.

Cleo, num de seus passeios costumeiros, sentiu uma atração inexplicável e caminhou até a divisa. Parou para observar as chamas do campo mais próximo. Um pouco adiante, Chamard montado no garanhão malhado parecia ensimesmado diante do fogo.

Perguntou-se se ele esquecera Josie e ela mesma.

Bertrand acordou de seus devaneios e virou-se. Cleo encarou-o por um momento e voltou para a mata.

Ao término da colheita Josie pagou os juros, mas Moncrieff mandou avisar que executaria a hipoteca se mademoiselle não comesse a pagar o principal.

— Terei de achar um jeito. Não perderei a fazenda!

Josie montava seus planos até altas horas da noite. Pela manhã, descartava todos como impraticáveis.

Cleo se sentida apartada dos problemas da fazenda, como se uma escrava bastarda não tivesse direito de opinar. Afinal Toulouse pertencia a Josie.

Apesar do sofrimento pela perda de Remy, não perdera a energia nem a vontade de viver. Os sonhos de liberdade tinham sido afastados, mas o amor de Remy fora completo.

Não houve nenhum momento de dúvida sobre a sinceridade dele.

Uma hora antes do entardecer, Cleo saiu para outro de seus passeios solitários que tanto a agradavam. Dessa vez resolveu caminhar pela margem do rio.

Um barco a vapor passou e ela acenou para um negro de cabelos grisalhos. O barulho da roda propulsora não a permitiu ouvir um cavaleiro aproximar-se.

Cleo estava no alto da encosta e Chamará teve de tirar o chapéu para vê-la.

— Bonsoir, Cleo.

— Bonsoir, monsieur—ela respondeu, bem mais à vontade, pois Bertrand não era mais o pretendente de Josie.

Chamard desmontou e subiu até onde ela estava. Os olhos falaram por eles. Ele a abraçou pela cintura e puxou-a de encontro a si.

Josie nada desconfiou nos primeiros vômitos matinais de Cleo. Pensou em comida deteriorada. Os mal-estares se sucederam dia após dia. Cleo estava grávida.

— Os remédios de nada adiantaram. — Josie voltou a consultar o guia de ervas. — Vamos dar um jeito nisso! Não permitirei que tenha um filho daquele infeliz do LeBrec.

Cleo contara os dias. O filho não era do feitor.

— É pecado fazer um aborto.

— Não quando se trata de estupro. Padre Philippe pedirá a Deus que nos perdoe.

Cleo negou com um gesto de cabeça.

— Se for menino, se chamará Gabriel, como Remy e eu planejávamos.

— Cleo, você não pode querer um filho daquele homem!

— É meu filho, Josie. Só meu.

Os meses prosseguiram e a silhueta de Cleo transformou-se a olhos vistos. Ela se encontrava com Chamard em um pequeno chalé nos fundos de Cherleu. Bertrand se extasiava ao escutar a batida do coração de seu filho ainda no ventre da mãe. Embora ele aceitasse o filho, Cleo secretamente desejava a criança só para si.

Passaram-se o inverno e a primavera. O perfume das magnólias impregnava o ar. As abelhas zumbiam ao redor das rosas e a cana crescia nos campos.

Josie vendeu madeira das matas para satisfazer o pagamento mínimo exigido por Moncrieff. Josie teve de fazer cálculos, pois havia um limite permitido para a derrubada.

A chuva e o sol favoreceram os plantadores do baixo Mississippi. Sem LeBrec e o pavor que ele inspirara, os escravos liderados por Sam trabalhavam com entusiasmo na horta-comunitária. Tinham milho suficiente para o próximo ano e um excedente para vender. Puseram feijões para secar. Colheram pêssegos, goiabas e framboesas. Fizeram conserva de pepinos.

Na metade de junho, Josie lembrou-se de que vira Bertrand pela última vez há um ano. Por volta do meio-dia, saudosa e triste, caminhou pela estrada do rio. Olhou na direção de Cherleu, sacudiu a cabeça e voltou para casa.

Cleo daria à luz nos próximos dias. LeBrec partira de Toulouse há dez meses e o parto não acontecia. Uma nova pesquisa no livro da avó e alguns remédios para incentivar o nascimento foram empregados. Louella deu risada e afirmou que bebês só nasciam quando estavam prontos. Não adiantaria fazer nada.

Cleo não parecia preocupada. Caminhava de maneira desajeitada, tinha dificuldade para levantar-se de uma cadeira e sentia muito calor. Chamava Laurie e Louella para sentirem os pontapés da criança. Uma vez fez o mesmo com madame.

— Louella garante que é um menino, pois as batidas têm muita força — Cleo declarou.

Emmeline concordou com um ligeiro aceno e, com a testa franzida, apontou a barriga de Cleo num gesto de indagação.

— Lembra-se, madame — Cleo disse como se Emmeline esquecesse alguma coisa — do capataz que Josie mandou embora?

A matriarca suspirou e Cleo teve certeza de que Emmeline desconfiava da verdade.

A bolsa se rompeu no final de agosto. Cleo parou na varanda com uma bandeja nas mãos e o olhar arregalado. Josie apressou-se em socorrê-la.

Cleo empalideceu. As contrações eram violentas.

— Virgem Maria, como dói — queixou-se quando o sofrimento amainou.

— Laurie, avise Louella que está na hora — Josie ordenou. — E corra para chamar Ursaline.

Josie sentou Cleo em uma cadeira, correu para o quarto e tirou a roupa da cama. Pôs uma lona sobre o colchão e por cima, lençóis velhos. Amarrou na cabeceira uma corda de pano para Cleo puxar e apressou-se até o terraço.

— Você teve outra contração?

— Ainda não.

— Estão demorando demais. Imaginei que elas viessem mais rápido.

Josie ajudou Cleo a deitar-se e nova contratura sobreveio. Ela gemeu alto.

Louella irrompeu no quarto, sorridente.

— Vamos ter novamente um bebê nesta casa. Nada como uma criança para alegrar o espírito.

Ursaline chegou em seguida, trazendo a sacola de ervas. Preparou uma infusão para diminuir a dor e arrumou os lençóis para receber o recém-nascido. De tempos em tempos examinava Cleo. Disse para Josie sentar-se num canto e ela obedeceu. O trabalho de parto durou a tarde toda. Quando o sol se escondeu o intervalo entre as contrações diminuiu ao mínimo. Cleo suave e seus cabelos colavam-se no rosto.

— Está vindo — Ursaline disse. — Louella, segure o lençol. Josie desobedeceu Ursaline e foi para a cabeceira da cama.

Limpou o suor do rosto de Cleo e consolou-a diante do inevitável.

— É um menino — Ursaline anunciou logo depois e levantou-o para que todas o vissem.

O menino berrou com vontade. Cleo ria e chorava ao mesmo tempo. Ursaline entregou-o para Louella limpá-lo e cuidou de Cleo.

Josie arrumou os travesseiros para que a mãe visse melhor o bebê.

— Louella, quero ficar um pouco com meu filho.

Cleo desembrulhou-o. Um menino perfeito. A mãozinha agarrou os dedos da mãe.

— Gabriel...

Josie inclinou-se para ver melhor. O menino tinha cabelos negros.

— Ah, como ele está vermelho. Veja, Cleo, ele está olhando para mim! — Josie alegrou-se e acariciou-lhe o rosto com a ponta do dedo.

Ursaline preparou uma poção para prevenir hemorragias. Cleo adormeceu. Louella lavou melhor Gabriel e entregou-o para Josie. Há muito tempo não havia um momento alegre naquela casa.

Feliz, Josie ninou Gabriel. Apaixonou-se pela criança e teve certeza de que ele sorria enquanto o embalava.

— São gazes — Louella explicou. — Bebês tão pequenos não sabem sorrir.

Cleo recuperou-se depressa e repartiu a felicidade com todos. Deixava Gabriel no colo de madame e segurava-lhe a cabeça. Emmeline cocava-lhe a barriga e balbuciava resmungos de ternura.

A jovem mãe voltou às suas tarefas, sem descuidar do filho. Carregava-o nas costas por meio de uma tipóia ou na frente quando era possível.

Josie continuava encantada. Descrevia com emoção o momento em que Gabriel descobrira o polegar, o chocalho pela primeira vez ou virará a cabeça para escutar o canto de um passarinho.

Cleo sentiu que a amiga e irmã estavam de volta. Conversavam muito, trocavam

idéias sobre a avó, Toulouse e a horta. Especulavam como Gabriel seria bonito.

Josie passava grande parte do dia cuidando da fazenda, orientada por Sam. Fazia contas e preocupava-se com o tempo. Cleo interessou-se pelo livro de receitas medicinais de madame. Josie ficou com maior número de horas livres para atender aos interesses de Toulouse. A frieza e a distância entre elas foi afastada.

Em setembro fez bastante calor e todos evitavam esforços exagerados. Nos campos, era época de limpar as ervas daninhas. Na casa-grande, portas e janelas ficavam abertas para ventilação.

Josie passava as horas supervisionando o trabalho dos escravos. Em dez dias venceria outra duplicata do banco e ela ainda não tinha o dinheiro. Naquela tarde, voltou mais cedo para casa por causa de uma dor de cabeça.

— Sente-se no terraço da frente — Cleo aconselhou. — A brisa do rio lhe fará bem. Trarei água fresca. É do que precisa.

"Preciso de dinheiro para pagar Moncrieff", pensou, angustiada, sem nada dizer. Carregava os encargos de Toulouse nas costas e a responsabilidade não a abandonava nem de dia nem de noite. Nas poucas ocasiões em que se descontraía, era por causa de Gabriel.

Em uma sombra da varanda, o menino estava deitado de costas no berço, agitando as mãos e observando as pernas. Josie tomou-o no colo. Molhou o lenço na água e passou-o no peito do garoto para refrescar. Cleo sentou-se do lado, com a barra do vestido nos joelhos por causa do calor, enquanto costurava um camisão para o garoto.

— A assadura de calor voltou. — Josie passou o pano úmido nas costas de Gabriel para aliviar o calor. Pôs os óculos para ver melhor a pequena mancha vermelha na base da espinha dorsal.

Não era assadura. Era uma marca de nascença. Igual à dela, à de Celine, à das tias e dos primos. A dos descendentes da bisavó Helga.

Josie fitou Cleo sem entender. Como poderia ser aquilo?

— O que isso tem de mais?

Josie apertou Gabriel junto ao peito.

— Cleo... você — Josie não acreditou. — Gabriel é... Cleo largou a costura e fitou Josie.

Virgem Santa, Josie sabia!

— Ah, Josie...

— Ele é filho de Bertrand, não é mesmo? — ela recuou até a porta.

— Josie! Espere!

Ela saiu correndo do terraço com Gabriel nos braços. Trancou-se no quarto e sentou-se na beira da cama. Balançou-se para a frente e para trás sem deixar Gabriel. Durante o tempo em que sofrera e ansiara por estar nos braços de Bertrand, Cleo se deitara com ele.

O gosto amargo de ciúmes e traição deixaram-na com vontade de vomitar. Primeiro fora o pai e então Bertrand. Os dois amavam mais a Cleo de que a ela.

Como suportar aquela situação? Bertrand a abandonara e Cleo, sangue de seu sangue, a traía. A autocomiseração inundou-lhe a alma. Nunca se sentira tão solitária.

— Josie! Deixe-me entrar! — Cleo sacudia o trinco. Gabriel deveria ser filho dela e não de Cleo.

— Josie!

Gabriel sentiu a tensão de Josie e começou a agitar-se. As lágrimas de Josie molharam o rosto do bebê e ela beijou-lhe o a face.

Ele deveria ser meu!

Gabriel começou a chorar.

— Josie, abra a porta! Você está assustando o garoto! Gabriel reconheceu a voz da

mãe e gritou, faminto.

— Deixe-me entrar, Josie! — Cleo repetiu esmurrando a porta.

Depois de alguns minutos Josie abriu a porta, segurando a criança. Sem ceder aos apelos de Cleo, desceu a escada do terraço dos fundos.

— Aonde vai, Josie? — Cleo correu atrás dela pelo pátio e conseguiu agarrar-lhe o ombro. — Devolva meu filho!

Josie deu-lhe um tapa. Cleo recuou, cobrindo a face com a marca vermelha da mão de Josie.

As duas se encararam, atônitas. Josie jamais encostara um dedo em Cleo.

— Oh, Cleo, sinto muito. — ela começou a soluçar e largou-se de joelhos no chão.

Cleo adiantou-se, tirou Gabriel dos braços de Josie e voltou para casa.

Elbow John encontrou Josie no mesmo lugar. Ela não se dera conta do sol escaldante sobre si mesma.

— Levante-se, mademoiselle. Desse jeito, acabará doente. — O fiel escravo levantou-a e levou-a para casa.

Laurie ajudou-o a deitá-la na cama e a fez beber um copo de água. Josie recomeçou a chorar.

— Pode cuidar de madame, Laurie. Ficarei aqui com mademoiselle.

Elbow John sentou-se no chão e segurou-lhe os dedos trêmulos. Josie agarrou-se nele como se John fosse sua tábua de salvação.

John esperou os soluços ficarem mais fracos e tornou a dar-lhe água. Depois mais um copo e deitou-a.

— Chérie, para onde pretendia ir com o menino de Cleo?

— Não sei, John. Eu estava fora de mim. — recomeçou a chorar. — Cleo jamais me perdoará, depois do que eu fiz.

John nada disse. Limitou-se a segurar-lhe a mão e deixá-la desabafar a amargura. Ficaram assim até o entardecer.

Louella entrou com um frasco de água fresca da cisterna e cacho de uvas. John foi jantar e Louella o substituiu.

Josie adormeceu e logo um pesadelo a fez chorar. Louella acordou-a, mas o pranto continuou.

— Chérie, procure controlar-se. Ficaré doente desse jeito.

— Fiz uma coisa terrível. Por favor, diga a Cleo que eu não sabia o que estava fazendo. Diga a ela.

Josie teve febre durante a noite. Delirava, gritando para que a perdoassem. I

Por volta do meio-dia, suou muito. Só então mergulhou em um sono tranquilo. Louella ficou a seu lado a tarde toda. Josie acordou ao anoitecer. Louella lavou-lhe o rosto, o pescoço e ajudou-a a vestir uma camisola limpa. Abriu as vidraças para entrar a brisa da noite e serviu-lhe um cálice de vinho.

— Beba isso, mademoiselle. Talvez se sinta melhor e possa comer um pouco.

— Obrigada, Louella. — Josie sentiu-se mais aliviada, mas restava o remorso e a vontade de reparar o erro. Se fosse possível.

— Onde está Cleo? Peca-lhe para que venha falar comigo.

— Coma alguma coisa primeiro.

— Comerei, mas quero falar com Cleo. Por favor.

— Precisa fortalecer-se. Seus problemas estão longe de terminar.

Josie antecipou o que Louella pretendia contar-lhe.

— Cleo foi embora com o bebê.

— Para Cherleu?

— Não. John esteve lá. Cleo sumiu.

Ninguém fez perguntas a Cleo. Nem mesmo se tinha salvo-conduto. Ela pagou a

passagem da barcaça com as moedas que furtara da bolsa de Emmeline. Levara poucas roupas e alguns cueiros para Gabriel.

Em New Orleans indagou sobre a localização de Butcher Lane, o local onde Phanor recebera Remy. Caminhou pelas ruas imundas, olhando para ver onde pisava. Sob o sol, o cheiro era insuportável. Fezes de cães, cavalos, couve estragada e até a carcaça de um gato. Cobriu o nariz de Gabriel com o xale e encontrou logo a rua dos açougueiros.

Não tinha idéia de onde Phanor morava. Perguntou a um senhor de aspecto bondoso onde morava Phanor DeBlieux. O camarada olhou para a criança de pele clara e aconselhou-a a sair dali. Cleo dirigiu-se a uma negra que descascava milho em frente a uma tenda.

— Conheço, madame — a mulher desdentada sorriu. — Ele é bem bonito e algumas vezes vem aqui para tomar gombô, a sopa de quiabo e galinha. Acho que ele mora ali. — Indicou a loja com um porco desenhado em cima.

Cleo ficou enojada ao entrar no local apontado pela mulher. O açougueiro tinha sangue e cartilagem na barba. Os braços estavam ensangüentados até os cotovelos. Ele limpou as mãos no avental.

— Vai precisar de alguma coisa? Pé de porco hoje tem preço especial.

— Estou procurando Phanor DeBlieux. Minha senhora tem um recado para ele — mentiu

O homem fez pouco caso.

— É mesmo?

Uma negra entrou com um cesto.

— Olá, Emily Jane — o homem esqueceu Cleo. — O que vai querer hoje?

— Pode atender a moça primeiro. Eu espero.

O homem indicou a escada no fundo da loja e despediu Cleo com um gesto.

— Lá em cima.

Cleo subiu e virou o trinco. Trancada. Sentou-se, encostou-se à porta e esperou. Apesar da sombra, estava muito abafado e quente. Cansada, cochilou.

Escutou passos bem depois da loja ter fechado e sua fome ter vindo e ido várias vezes.

— Phanor?

Os passos cessaram.

— Quem é?

— Sou eu, Cleo. Não houve resposta.

— Phanor, é você?

Ele subiu os degraus de dois em dois e encontrou a mão estendida de Cleo no escuro.

— Cleo, o que está fazendo aqui?

— Posso entrar?

— Lógico. — Tirou a chave do bolso e abriu a porta. Acendeu o castiçal. Observou o bebê adormecido e as olheiras da mãe.

— Ele se chama Gabriel — Cleo disse em voz baixa.

— Sente-se. Tenho pão e chouriço, se os ratos não comeram. Está com fome?

— Com fome e com sede.

Phanor abriu uma garrafa de vinho e um saco de tecido onde estava o alimento. Sentou-se diante de Cleo e esperou-a terminar de comer.

— Agora conte-me o que houve.

Ela fez um relato do que acontecera desde que soubera da morte de Remy.

— Josie amava Chamard, não é?

Cleo sentiu-se culpada por ter sido imprudente diante dos sentimentos de Josie.

— Amava.

Phanor afundou na poltrona velha.

— Sei que você gosta de Josie — Cleo murmurou.

Ele tomou o restante do vinho.

— A Josie que agiu dessa maneira com você não pode ser a mesma Josie que eu conheci.

— Ela teve um ano difícil — Cleo defendeu-a, sem arrepender-se de ter fugido.

— Você está com aparência cansada. Por que não se deita?

— Onde você vai dormir?

Phanor fitou o chão duro, a cama e fez uma careta.

— Eu não a incomodarei, se você não me incomodar. Cleo riu.

— Gabriel pode ficar naquela caixa?

— Claro.

Phanor tirou de dentro do caixote vários livros, seu melhor chapéu e forrou o fundo com algumas camisas. Cleo acomodou ali o filho. Gabriel dormiu até a fome acordá-lo de novo. Cleo e Phanor deitaram-se na cama, afastados um do outro.

Depois do cantar do galo, o açougueiro abriu seu estabelecimento. Phanor vestiu-se e saiu.

Ela acordou no meio da manhã, comeu pão e fitou a rua pela janela minúscula. Apressadas, as pessoas ignoravam umas às outras. No meio de tanta gente, seria difícil alguém encontrá-la.

Na hora do almoço Phanor chegou carregando um colchão nas costas.

— Por acaso eu dei cotoveladas, puxei as cobertas ou ronquei? — Cleo caçoou.

— As três coisas. — Phanor sorriu, envergonhado. — Somos bons amigos, Cleo. Não quero mudar isso.

— Obrigada, Phanor. Por tudo.

— Vamos comer uma sopa.

— Então eu pago. — Cleo tirou as últimas moedas do bolso.

— De maneira nenhuma. Tenho dinheiro para ficar com você e com Gabriel por um tempo.

A mulher que indicara o paradeiro de Phanor saudou-os com o sorriso.

— Esse casal bonito vai querer gombô?

— Duas tigelas, Flora. E broas de milho. Sentaram-se dentro da barraca de Flora. A sopa era rica.

Arroz, camarão, frango, milho e quiabo. Eles limparam as cumbucas e comeram até o último pedaço de broa.

Cleo notou a azáfama de Flora que fazia comida, lavava louça e ainda chamava os transeuntes para comer.

— Venham tomar uma tigela de sopa! Está deliciosa! Sintam o cheiro!

— Flora?

— O que é, filha?

— Não precisa de uma ajudante? Eu poderia lavar a louça, cortar o milho...

A risada de Flora sacudiu-lhe a barriga.

— O meu lucro mal dá para eu me manter. — Flora enxugou o suor da testa com um pano sujo. — Nesta época há pouco trabalho. Quando voltar o frio, as pessoas ricas tornarão a empregar moças para ajudar. O único lugar onde talvez haja vagas é o hospital que trata das epidemias.

— Lá é muito perigoso, Cleo — Phanor sacudiu a cabeça. — Não tenha pressa. Encontraremos alguma coisa para você fazer.

Cleo não pretendia abusar da generosidade do amigo, mas nada disse. Acompanhou-o de volta ao quarto.

— Hoje à noite terei um compromisso, Cleo. Procurarei não acordá-la quando voltar.

Na manhã seguinte, comeram uvas muscadíneas e broa de milho.

— Cleo, voltarei depois do almoço. Esteja pronta para sair.

— Aonde iremos?

Phanor fez suspense antes de responder.

— Convenci meu amigo Jean Paul para ouvi-la cantar. Ele está no Lês Trois Frères, um restaurante. Se ele gostar, poderá contratá-la para cantar às noites. O que acha?

Cleo levou a mão à garganta.

— Cantar para estranhos? Phanor, eu...

— Esqueça os temores. Iremos falar com Jean Paul às duas horas.

Após a saída de Phanor, Cleo apavorou-se, certa de que nenhum som sairia de sua garganta. Deixou Gabriel dormindo e foi buscar água no poço do pátio. Voltou para o quarto, lavou-se e limpou a roupa da melhor maneira que pôde. Penteou os cabelos sem ver o resultado, pois não havia espelho.

Escutou Phanor subir os degraus e limpou os dentes com a barra do vestido. O traje, um antigo de Josie, ainda estava em bom estado. Com um xale de renda branca, achou que ficaria ao menos apresentável. Não lembrava uma fugitiva.

Com Gabriel nos braços, caminhou atrás de Phanor, como uma escrava de verdade. Quando chegaram ao clube imenso e muito ornamentado, hesitou. Phanor teve de conduzi-la pelo braço.

— O nome dele é Jean Paul Rouquier. Cante para ele como se apenas eu estivesse presente. Ele é um bom camarada. É creole e precisa muito de uma cantora. Não esqueça disso. Vamos?

Eles entraram no recinto pouco claro e frio. Jean Paul estava nos fundos.

— Mon ami — ele cumprimentou. — Ela é a nossa cantora? Phanor ofereceu-se para segurar Gabriel que estava inquieto.

— Tenho de dar-lhe razão, Phanor. Ela é muito bonita. — Ele virou o queixo de Cleo para a janela. — Se o canto desta jovem fizer jus à sua aparência, negócio fechado. Venha, Cleo. A sala de jantar está vazia a essa hora. Poderá cantar só para mim.

Ela seguiu Jean Paul até o salão principal. Castiçais de prata iluminavam as mesas cobertas com toalhas alvas. Presos no forro, lustres brilhavam. Nos sofás, almofadas de veludo negro.

— Venha até aqui — Jean Paul indicou o pequeno palco onde se encontravam o piano e algumas cadeiras para os músicos. Ele ficou no meio do salão. — Comece.

No início, Cleo iniciou com receio, em tom baixo. Jean Paul, impaciente, incitou-a para soltar a voz. Ela entoou uma música sacra e imaginou que Phanor ou Bertrand estivesse no fundo da sala.

— É o suficiente.

Jean Paul levantou-se e Cleo seguiu-o até onde Phanor tentava acalmar a criança irada.

— Será que ele já está com fome? — Phanor entregou Gabriel para a mãe.

— Acordado, ele sempre está faminto.

— Vamos conversar, meu amigo. — Jean Paul apontou o escritório para Phanor.

Cleo amamentou o filho, pensando no que os dois homens estariam conversando.

Phanor voltou e deu uma piscada.

— Faremos o seguinte — Jean Paul falou. — Tentaremos na quinta-feira à noite quando o salão não costuma lotar. Assim Cleo poderá adquirir confiança. Você tem um vestido de noite?

— Claro que sim — Phanor respondeu por ela. Eles se despediram de Jean Paul e saíram.

— Phanor, não tenho roupas adequadas. Tem idéia de quanto pode custar um traje de gala?

— Conheço uma pessoa que poderá dar uma jeito na situação.

— Uma costureira?

— Não, não. — Phanor deu risada. — Ela é russa. Imagine só, uma russa em New Orleans.

A loja de madame Kirasov ficava a uma boa distância do Lês Trois Frères. A rua era muito esburacada e suja. Na frente da loja, limpeza e promessa de conforto. Na parte superior da porta, uma grande rosa esmaltada acima da aldrava de bronze. Um vidro bisotado com filigranas de ouro permitia visão de dentro para fora. Um menino negro vestido de púrpura com faixa de cetim vermelho atendeu à batida de Phanor e sorriu, feliz.

— Monsieur.

— Bonjour, Narcisse. — Phanor pôs a mão no ombro do garoto. — Por favor, informe madame que estou aqui.

O garoto deixou-os em uma sala inteiramente decorada em púrpura e vermelho. Inclusive o carpete, as cortinas e luminárias. Cleo sentou-se com Gabriel em um sofá escarlate e achou aquilo extravagante e de gosto duvidoso. Embora não se pudesse negar o luxo.

Madame Kirasov veio ao encontro deles, vestida de vermelho, com muitos babados e exalando perfume caro. Uma mulher que, apesar da estatura baixa, tomou conta do ambiente.

— Phanor, querido. — Ela estendeu os braços.

Phanor abaixou-se para beijá-la no rosto, mas ela concedeu-lhe um estrondoso beijo na boca. Sem jeito, Phanor apresentou-a a Cleo e Natasha fingiu surpresa.

Cleo supôs o tipo de negócio de Natasha e a russa imaginou o grau de amizade de Cleo com Phanor. Também reparou na familiaridade com que o amigo tratava a dona da casa.

— Sua amiga precisa de trabalho? — Natasha analisou Cleo com ar entendido. — Creio que ela se daria bem aqui.

— Na verdade, ela já tem um trabalho e por isso viemos procurá-la. Gostaria de saber se uma de suas meninas não poderia emprestar ou alugar um vestido para Cleo.

Phanor explicou o caso.

— Você é alforriada?

— Sou — Cleo respondeu depressa e com convicção.

— Tem documentos para provar?

Phanor conseguiria a carta como fizera com Remy.

— Certamente.

As duas se encararam e Natasha sorriu.

— Não precisa mostrar nada.

Mulher inteligente. Ela sabe muito bem a verdade.

— Ah, Phanor — Natasha fitou-o com esperteza. — Eu preciso muito de mais umas doze caixas de Chenin Blanc... Mas esse vinho é tão caro, mon chér.

Phanor sorriu e fitou Cleo de esguelha.

— Talvez possamos arrumar um desconto.

— Que ótimo, querido. Um dólar a menos por caixa do que foi pago no último pedido.

— Posso entregar-lhe o que deseja com desconto de meio dólar.

Natasha sorriu, coquete, e pestanejou.

— Você é um tesouro. Vamos ver o que temos para uma jovem tão linda. Phanor poderia ficar com o bebê?

Meia hora mais tarde, Cleo voltou com um embrulho e um par de sapatos de cetim preto.

— É maravilhoso, Phanor — Cleo sussurrou. — Natasha disse que posso ficar com

ele. Está com algumas manchas e tem a barra puída. O que não representa nenhum problema. O vestido é longo para mim.

— Púrpura ou vermelho? — Phanor caçoou.

— É de veludo vermelho.

Capítulo XIV

Toulouse

Madame Emmeline empurrou a mão de Laurie e espalhou o mingau no vestido limpo da menina.

— Veja o que fez, sua velha impertinente.

— Laurie! — Josie puxou as trancinhas de Laurie. — Eu deveria dar-lhe uma surra por causa disso! Vá para a cozinha ajudar Louella.

Sentou-se ao lado da avó e misturou a papa de farinha de milho.

— Vovó, se não quer isto, trarei torradas com geléia. O que acha?

A avó tentou falar, mas Josie não conseguiu entender. Irritada, a matriarca resmungou mais um pouco. Desde a fuga de Cleo, Emmeline tornara-se cada vez mais impaciente.

Josie sentia-se cansada. Passava as manhãs no campo e as tardes debruçada sobre os livros de registros de Toulouse desde a época de seus bisavós. Inteirava-se das épocas do ano em que os campos tinham sido fertilizados e quanto fora gasto.

Além de outros detalhes importantes como a distribuição dos trabalhadores por tipo de serviço e a quantidade de carvão usado nos invernos sucessivos. Se contasse com mais vinte escravos, não teria de preocupar-se com a divisão de mão-de-obra.

Sentia muita falta de Cleo e do bebê. A culpa, o remorso, a vergonha, a solidão e a fadiga, além do mau humor da avó, a desanimavam. Gostaria de pedir conselhos para a avó, mas pouco entendia os balbucios da velha senhora.

Chamou Laurie de volta, ordenou-lhe que servisse respeitosamente para madame torradas com geléia e retornou para as contas do escritório.

Trazia os óculos amarrados no pescoço por meio de uma fita. Ultimamente precisava muito deles e os esquecia com frequência em qualquer lugar.

Preciso tomar uma atitude drástica. Não adianta fazer pagamentos e dever cada vez mais. Tenho de pensar com maior largueza.

Escutou o rangido de uma carroça e o grito de boas-vindas de Elbow John. Largou o lápis em cima da escrivaninha e foi até o terraço da frente.

O sr. Gale descia do veículo carregado. Seus dois filhos estavam sentados em cima de alguma coisa coberta com lona. Havia crescido bastante. Mas onde estavam os outros?

Josie foi até a escada.

— Entre, sr. Gale. Estou muito contente em vê-lo.

O capataz, empoeirado, amarrotava a aba do chapéu nas mãos. Não aceitou sentar-se por estar sujo. Josie insistiu. Ela pediu limonada para Laurie e disse para levar os meninos até a cozinha.

— Eles devem estar com fome. Cuide deles, Laurie. Josie sentou-se.

— O que tem para contar-me do Texas, sr. Gale?

— Não é uma terra fértil, mademoiselle. O sol a deixa esturricada. A primeira plantação murchou antes de crescer.

Ela percebeu que o sr. Gale estava emocionado.

— Perdi minha esposa e a pequena Roseanne. Disseram que foi de difteria.

— Sinto muito, sr. Gale.

O sr. Gale passou a mão no queixo barbado.

— Minha esposa era uma boa mulher.

— Eu sei. Ela sempre fazia biscoitos de gengibre para Cleo e para mim. Fazia questão de descascar nozes para comermos. — Josie não sabia o que dizer nem como confortar o pobre homem. — Roseanne era uma menina linda.

— Era.

Laurie trouxe uma bandeja com limonada já nos copos. Josie apontou para o sr. Gale ser servido antes.

— O senhor pode descansar aqui, se quiser. Está voltando para o Alabama? Sua família é de lá, não é?

— Não tenho mais família. Só meus filhos. — Ele bebeu o refresco e deixou o copo sobre a mesa lateral. — Por isso vim falar com mademoiselle. Em Donaldsonville disseram-me que despediu LeBrec. Vim ver se eu poderia retomar meu emprego.

— Sr. Gale, nem sei o que lhe dizer. Estamos em uma situação difícil por causa da crise. O senhor soube de minha avó?

Contou tudo o que acontecera em Toulouse. Encerrou dizendo que sua maior vontade seria tornar a contratá-lo, mas que não dispunha de verba para tanto.

O capataz pensou um pouco.

— Mademoiselle precisa de um feitor e meus meninos estão sem lar. Se me permitir, ocuparei minha antiga casa. Os mantimentos e o combustível ficarão por sua conta. Eu esquecerei o salário até Toulouse recomeçar a dar lucro. Josie teve vontade de abraçar e beijar o sr. Gale.

— O senhor não sabe o que sua proposta significa para mim. Prometo que não se arrependerá. Quero mostrar-lhe o que o velho Sam tem feito e o que construímos depois de que o senhor foi para o Texas.

O sr. Gale levantou-se.

— Gostaria de cumprimentar madame Tassin. Ela e eu percorremos um longo trajeto juntos.

— Claro. Enquanto isso pedirei a Louella para preparar seu almoço. Elbow John o ajudará a descarregar a bagagem.

— Obrigado, mademoiselle. Amanhã cedo começaremos a tratar de negócios.

— A contabilidade está em ordem. Depois do café da manhã, inspecionaremos a fazenda. — Apertou a mão rude do feitor. — Muito obrigada, sr. Gale.

— Eu é quem tenho de agradecer. Estou muito feliz por estar em Toulouse.

Com a volta do sr. Gale, Josie não precisou mais se levantar ao amanhecer. Seu humor melhorou. Tinha alguém com quem dividir as responsabilidades de administração. Começou a pensar em um plano drástico para salvar as finanças de Toulouse. Abriu a caixa de jóias da mãe e calculara o valor de cada peça. Um broche incrustado de pérolas. Um pingente de safiras. Anéis com pedras semipreciosas. Um diamante de tamanho regular. Achou insuficiente para o pagamento da parcela trimestral do empréstimo. Não custava ver o que valeriam em New Orleans.

Josie levou a caixa para a avó, quando a velha senhora acordou de um de seus muitos cochilos diurnos. Mesmo sem falar nem escrever, não perdera a capacidade de raciocinar. Poderia avaliar cada uma das peças.

Josie dava um preço e esperava um aceno da avó, concordando ou não. Depois de mostrar todas as jóias para Emmeline, Josie teve uma idéia mais precisa de quanto pedir por elas. Guardou as peças de novo na caixa e notou a agitação da avó. A dama apontou o próprio quarto, tentando dizer algo.

— Está bem, vovó. Vamos até lá.

Josie conduziu a cadeira. Assim que entraram, a avó apontou uma caixa preta laqueada que estava na prateleira de cima do guarda-roupa. Josie apanhou-a, deixou-a

no colo da avó e ajudou-a a abrir a tampa. Dentro, anéis e colares também valiosos. Mas o interesse da avó estava em outra coisa. No fundo da caixa, um compartimento secreto. Dentro do forro de veludo, um pingente magnífico. Um diamante enorme circundado por uma carreira de outros menores.

— Vovó — Josie ficou abismada —, nunca vi coisa mais linda. Por que nunca o usou?

Sem resposta, Josie procurou entender as intenções da avó.

— A senhora quer que eu venda isso também?

A matriarca ficou agitada. Quanto mais nervosa, menos Josie a entendia.

— Calma, vovó.

Muito devagar, letra por letra, a avó finalmente se fez compreender. Aquilo não era para pagar dívidas. Com mais um grande esforço, Josie percebeu que a avó sugeria um investimento. Teria de encontrar uma maneira de ganhar dinheiro para saldar os débitos.

A avó ficou exausta. Josie chamou Laurie para ajudar a deitá-la. Resolveu sair para um passeio. Precisava refletir. Os diamantes significavam uma oportunidade. Mas fazer o quê? Em New Orleans se vendia de tudo. Até água no calor.

Não poderia sair pelas ruas vendendo coisas, mas poderia montar uma loja. Imaginou-se vendendo mercadorias para estrangeiros. Não gostaria de ser vista por conhecidos

Beau, sem o comando de Josie, fora até a divisa com Cherleu. Josie deteve o cavalo ao ver a antiga casa remodelada. Fora pintada de branco e as telhas novas brilhavam. Os jardins estavam cuidados. O lugar tinha o aspecto de prosperidade.

Abigail Johnston, isto é, Abigail Chamará ficaria horrorizada se soubesse que pretendo abrir uma loja. No mundo de Abigail, mulheres não sujam as mãos com trabalho de nenhuma espécie. Mas eu jamais pertencerei ao mundo dela. Nunca serei um bibelô de enfeite. Muito menos depois de entender do que sou capaz.

Josie voltou para Toulouse com um plano em mente. Iria para New Orleans com Louella. Alugariam um galpão, montariam uma cozinha e fariam tortas de todos os tipos. Doces e salgadas. De amoras e de maçãs. De galinha e de carne de porco. Deixou Beau com o cavaliário e foi fazer contas. Precisava saber quais os custos envolvidos no preparo de tortas. Farinha, frutas, carnes, gordura, sal, açúcar. Até mesmo os gastos com um fogão.

Transformaria diamantes em tortas. Poderia estar em New Orleans dentro de um mês. Imaginou se Cleo teria ido para New Orleans à procura de Phanor, como Remy fizera. Não adiantava pensar nisso. Depois do que fizera, ninguém a receberia.

Não lhe saía da lembrança o rosto marcado e assustado de Cleo.

Tenho de parar de pensar nisso. Não posso passar a vida lamentando o que fiz para ela. Tenho de salvar Toulouse.

E assim foi feito. Josie foi para New Orleans, acompanhada de Louella. Naquele amanhecer de inverno de 1839, o vento do rio congelava até os ossos de Josie. Ela se apressava para voltar ao barracão de madeira que alugara não muito longe da Jackson Square. A vizinhança mudava bastante entre a catedral e sua pequena cozinha. Porém Josie vira localizações bem piores quando fora procurar um lugar para montar o negócio. Ali pelo menos os lojistas pagavam aos desempregados para recolher a sujeira e a carcaça dos animais mortos.

Josie lutou contra o vento para abrir a porta e entrar. Louella já acendera o fogão a lenha.

— Está muito frio, chérie. Venha aquecer-se antes de tirar o casaco.

A cozinha media três metros de comprimento. Tinha janela grande e um balcão de frente para a rua. O vento entrava pelas frestas. Até abrir a janela, ficaria escuro e enfumaçado ali dentro. Em vista do outros lugares, aquele era bem melhor. Pelo menos

tinha piso de madeira e uma chaminé que funcionava. Josie esfregou as mãos e tomou uma xícara de café quente. A testa de Louella já estava coberta de suor. Logo mais, ficaria satisfeita com o ar frio que soprava debaixo da porta.

Os fregueses matutinos preferiam tortas de frutas e Josie apressou-se a descascar as maçãs. Na hora do almoço, as tortas de carne tinham maior saída. Em um espeto, dois pernis de porco eram assados.

Josie e Louella haviam desenvolvido uma rotina eficiente. Todas as manhãs, ela fazia contas à luz de velas no quarto que haviam alugado. Gastos e lucros. Enquanto isso, Louella caminhava sozinha pelas ruas escuras até o barracão e acendia o forno. Preparava a massa e forrava pequenas formas individuais. Um pouco mais tarde se encarregava do recheio. Frutas com açúcar, sal, canela e açúcar. Por cima uma camada mais fina de massa e uma fatia de maçã por cima. Quando o aroma de torta de maçã recendia no pequeno estabelecimento, Os primeiros fregueses assomavam do lado de fora da janela.

Não demorou muito para os trabalhadores descobrirem a loja. Uns recomendavam aos outros uma xícara de café quente e uma daquelas tortas deliciosas. E tudo por um preço razoável. O pagamento era feito em moedas diversas. Josie aprendeu o valor dos xelins e dos pences ingleses, das moedas americanas de dez centavos e as de cobre, das pesetas e de outras moedas espanholas.

A estratégia logo começou a dar resultados lucrativos. Elas assavam tortas doces e salgadas até o meio da tarde, quando apagavam o fogo. Louella levava para a praça o restante das tortas e vendia todas. Enquanto isso Josie limpava a mesa de trabalho, as grelhas e o chão. Anotava os itens necessários para o próximo dia e saía para as compras. Na Butcher Lane procurava os melhores preços para a carne de porco e de vaca. Por causa do mau cheiro dos açougues comprava carne apenas duas ou três vezes por semana.

Josie gostava de voltar para o quarto alugado ao pôr-do-sol. Apesar de estar mais bem situado de que o barracão, era sempre mais seguro recolher-se antes do escurecer, ainda mais naquela época de frio.

Vinha sempre cansada e com os pés doendo. Não lhe faziam falta os copos de cristal, as louças finas ou as poltronas estofadas de Toulouse. Precisava apenas de um lugar para dormir e de uma mesa para fazer as contas. As duas estavam tão cansadas que adormeciam ao deitar a cabeça no travesseiro, indiferente às paredes nuas e à mobília escassa.

Naquela tarde Josie se dirigia para as compras na Butcher Lane. Por causa do vento frio, agasalhou-se com a estola de lã. Vinha de cabeça baixa para certificar-se de que não pisaria em excrementos de animais. Colidiu com uma jovem que trazia um bebê embrulhado em um cobertor,

— Excusez-moi. — Josie levantou a cabeça.

Era Cleo. Um misto de afeição, culpa, desconfiança, ressentimento e surpresa passou pela fisionomia das duas. Por alguns instantes, nada disseram. Tentaram aceitar o encontro surpreendente em uma rua infecta de New Orleans.

— Ele é Gabriel — Josie afirmou o óbvio, olhando a criança embrulhada na manta.

Cleo recuou e apertou Gabriel de encontro ao peito. Uma carroça passou por elas, chocalhando, conduzida por um tanoeiro.

— Não tentarei pegá-lo. — Josie sentiu um aperto no coração por causa da suspeita de Cleo. — Nem mesmo lhe pedirei para segurá-lo.

Cleo retrocedeu mais um pouco..

— Cleo, por favor, perdoe-me. Por favor.

Os olhos de Cleo marejaram lágrimas, mas ela não cedeu, receosa.

— Até logo, Josie. — virou-se e sumiu no meio da multidão. Josie encostou-se na

fachada de um açougue, escondeu o rosto na echarpe e chorou. Quando se acalmou, limpou os olhos com as costas da mão e entrou no estabelecimento. Comprou dois pernis de porco e apressou-se com o pacote pesado até sua loja.

A cesta de Louella estava sobre a mesa. Na certa a bondosa' cozinheira já descansava no quarto alugado. Guardou a carne em uma caixa de estanho para evitar os ratos e trancou a cozinha.

Agasalhou-se com o xale e caminhou pelas ruas escuras. Exausta e preocupada, nem pensou em ter receio. Passou pela praça onde Phanor, aos domingos, tocava violino para o mesmo público que comprava as tortas. Lembrou-se de Cleo e ocorreu-lhe que ela estava bem vestida! Na certa ela encontrara Phanor e o mesmo apoio que Remy recebera.

Ah, como gostaria de ter visto o rosto de Gabriel!

Louella ressonava. Josie tirou a roupa e deitou-se na cama gelada. Levantou-se, calçou um par de meias e voltou a deitar-se. Apesar de tudo, sentia-se mais aliviada. Pedira perdão a Cleo.

Enquanto Josie dormia, Cleo cantava no Lês Trois Frères. Usava um vestido novo de cetim azul enfeitado com renda preta. Os freqüentadores pararam de comer e de conversar quando ela começou a cantar com sua voz intimista e baixa. As damas e os cavalheiros das mesas dos fundos sentiam a mesma carícia da garganta aveludada como os admiradores que se sentavam na frente.

Bertrand Chamard vinha sozinho, tomava conhaque e não a desfilava. Depois do show, ele a levava até a pequena casa em Vieux Carré onde Gabriel dormia com a babá. Ficavam juntos uma hora ou duas, no máximo. Bertrand se levantava, vestia as roupas, beijava Cleo e o filho no berço, e voltava para a esposa.

Chamard descobrira Cleo quando viera para a cidade no outono. Ele, Abigail, Albany e a esposa Violette haviam jantado no Lês Trois Frères em uma noite comemorativa.

Cleo o vira de imediato e tremera de emoção. Eles se entreolharam e logo Chamard começou a conversar com Albany. Ao término do espetáculo daquela noite, Bertrand a esperara com a carruagem.

Cleo refletiu se deveria dizer a ele que encontrara Josie. Ela lhe parecera abatida e cansada. Emagrecera bastante. Os cabelos desalinhados sob o toucado e presença inexplicável na Butcher Lane. A menos que desconfiasse da proximidade de Phanor. O que não seria difícil descobrir.

Aconchegou-se em Chamard sob o acolchoado. Reconheceu ter agido com rudeza desnecessária. E fora pelo temor de Josie levá-la de volta para Toulouse. Bastaria um grito e a fugitiva seria agarrada. Mas não havia como duvidar da sinceridade das lágrimas de Josie.

— Hoje encontrei Josie — Finalmente confessou.

— É mesmo?

— Na Butcher Lane. Eu havia deixado um saco de limões para Phanor e voltava para cá. Quase colidimos.

— E o que ela fazia na Butcher Lane?

— No início pensei que estivesse à minha procura. Mas a surpresa dela foi genuína. Achei-a magra e abatida.

— Verei o que se pode fazer.

Cleo beijou-o e os dois esqueceram o assunto.

Marguerite não convidara Chamard para suas festas desde o casamento dele com Abigail. Bertrand não a culpava.

Em uma soirée de amigos comuns, ele ensaiou uma aproximação.

— Gostaria de dançar, madame?

Marguerite fitou-o com a coqueteria habitual e abanou-se com o leque de rendas.

— Eu adoraria, monsieur.

Os dois dançaram a valsa com a habilidade de mestres. Chamard notou que Abigail, sentada ao lado da mãe, fitava-os com o cenho franzido. Não deu importância ao fato. Dançaria quando tivesse vontade e com quem escolhesse. Por que Abigail não dançava com outros cavalheiros?

A orquestra fez uma pausa e Chamard escoltou Marguerite até o bufê.

— Soube que sua sobrinha está na cidade — ele comentou, enquanto se serviam de ostras.

— Josephine? — Ela evitou encará-lo. — Tenho certeza de que está em Toulouse com a avó.

— Como está Emmeline?

— No mesmo, segundo ouvi dizer. Josephine está administrando Toulouse.

— As duas são mulheres fortes.

Marguerite fez sinal para Achille. Bertrand fez uma cortesia e foi dançar com uma dama elegante vestida de seda creme. Se Abigail continuasse com o semblante carregado, ele a mandaria para casa com os pais e iria encontrar-se com Cleo depois do show.

Na manhã seguinte, Chamard encarregou Valentin de descobrir o paradeiro de Josie. Marguerite o evitara na noite passada. Algo não estava certo. Precisava descobrir do que se tratava. Além do mais queria agradar Cleo.

Valentin foi procurar Liza, a cozinheira de Marguerite. A mulher recebeu-o com um sorriso e um beijo amoroso.

— Por onde tem andado, meu encanto? Faz um mês que não o vejo.

Valentin fingiu tentar seduzir Liza e ela fingiu que aceitava a sedução. E logo ela o brindou com as novidades do alojamento dos escravos conseguidas por intermédio da família.

— Você estava certo. Há rumores sobre mademoiselle Josephine. Parece que ela está em dificuldades financeiras.

— Sabe onde ela está alojada?

— Não exatamente, mas disseram que não é longe da praça. Valentin passou algumas horas percorrendo a margem do rio à procura de uma dama que destoasse do ambiente. Ficara desapontado quando seu senhor se casara com a américane. Mademoiselle Josephine não atormentaria monsieur Chamard como madame Abigail fazia.

Comprou uma torta de uma escrava na Jackson Square e caminhou pela rue Charters. Deixou as ruas movimentadas e prosseguiu na busca pelas alamedas. Teve sorte. Encontrou mademoiselle trancando a porta de uma casa de madeira pequena e de mau aspecto. Em seguida ela se afastou carregando uma cesta. Valentin seguiu-a de longe. Ela fez as compras e voltou para a casinhola. Ela tornou a sair e foi até uma construção velha. Valentin ficou na rua até ver a luz de uma vela acima da porta.

Na tarde seguinte, Josie chegou a seu quarto na hora do pôr-do-sol. Louella ainda não chegara. Fazia frio. Acendeu a vela e tirou os sapatos de sola furada. Quando chegasse a época das chuvas, compraria o calçado grosseiro e pesado que vira as trabalhadoras usarem. Perdera completamente o orgulho em assuntos triviais. As jovens que conhecera na temporada jamais cruzariam seu caminho e nunca viriam até sua loja. De qualquer maneira, a quem importaria se ela ganhava a vida usando sapatões e touca? Tinha de manter os cabelos presos para cozinhar e as botinhas delicadas não serviam para caminhar pelas ruas esburacadas e sujas.

Bateram na porta. Louella entrava sem bater.

— Quem é?

A porta foi aberta.

—Bertrand?—Sentada na cama, Josie assustou-se e deixou cair um dos sapatos. — O que está fazendo aqui?

— Posso entrar?

— O que deseja? — Josie levantou-se.

— Ouvi falar que estava na cidade e mesmo assim não foi a nenhuma das destas de seus amigos. Queria ter certeza de que tudo estava bem.

— Estou ótima. Não precisa preocupar-se.

— Josephine, por favor. Tem todo o direito de odiar-me, mas quero saber se está necessitando de alguma coisa.

— Não preciso de nada.

Chamard olhou ao redor. Dois catres, duas cadeiras, uma mesa. Nenhum tapete. Uma cortina velha. Na grelha, um pouco de carvão.

— Quem mora aqui com você?

— Isso não faz diferença.

— Por favor, Josephine. O que está fazendo aqui?

— Ganhando dinheiro — respondeu, de queixo erguido. — Não é isso o que importa? Dinheiro?

Chamard ignorou a farpa.

— Como está ganhando seu sustento?

— Com meu trabalho. Tenho uma cozinha. Fazemos e vendemos tortas.

Chamard sentou-se em uma das cadeiras duras, com o chapéu entre os joelhos.

— E está tendo lucro?

— Mais do que eu poderia esperar. Como vê, não precisa preocupar-se. Deixe sua consciência em paz.

Chamard analisou-a sob a luz da vela. O vestido de Josie tinha manchas de farinha no busto e os cabelos estavam amassados, na certa por causa da touca branca que fora jogada na mesa.

— Você é uma mulher bonita, Josie. Em todos os sentidos. E forte, como sua avó.

Josie, altiva, segurou a porta aberta.

— Não o quero aqui, Bertrand. Não preciso de você.

Ele diria que sentia muito por ter-lhe arrebatado o coração? Por ter dado mais valor ao dinheiro de que a ela? Bertrand levantou-se e pôs o chapéu.

— Fiz um péssimo negócio, Josephine. Fiquei mais pobre por tê-la perdido.

Josie fechou a porta.

Eu disse a verdade. Não preciso dele nem de ninguém.

Quando o inverno passou, Josie refletiu sobre a ironia do mundo. Enquanto os ricos se desesperavam com a crise, Josephine Tassin, a jovem delicada, ganhava dinheiro em uma cozinha pobre assando tortas. Os trabalhadores se aglomeravam em seu balcão. Louella tinha de intervir na algazarra, impondo ordem. Contratara uma jovem irlandesa para ajudar e já sentiam necessidade de mais um forno.

Visitou Moncrieff no banco. Pagou os juros trimestrais e implorou paciência para receber o principal. Usaria o lucro acumulado para abrir outra cozinha mais perto das docas. No próximo ano, nessa época, estaria em condições de fazer uma redução regular da dívida.

Josie mostrou a ele o caderno de contabilidade e respondeu a todas as questões. Moncrieff concordou com a solicitação.

— Confesso-me impressionado com seu sucesso, mademoiselle Josephine. Seguirei seu empreendimento com interesse. Sinta-se à vontade para vir consultar-me sempre que desejar.

— Muito obrigada, monsieur — ela disse com o mais doce dos sorrisos falsos.

Não precisava de conselhos de quem não sabia o preço da gordura nem quanto os

fregueses pagavam por um lanche. Ele era mesmo um asno pomposo.

Josie abriu outra cozinha e contratou mais uma moça irlandesa, pois a outra ficara para ajudar Louella. Assim que o negócio se mostrou rentável, começou a pensar em um terceiro negócio para vender artigos mais finos de confeitaria nos restaurantes de Vieux Carré. Louella era especialista em bolos com creme. Mas seria preciso contratar e treinar mais ajudantes. Uma coisa por vez.

Comprou um vestido novo para Louella e um par de sapatos pesados semelhantes aos que ela mesma usava. O que a criada mais precisava, no entanto, era descansar. Ela não era mais nenhuma jovem. Molly, a primeira jovem irlandesa contratada, passou a levar a cesta com tortas para vender na praça. Ruiva e sorridente, Molly vendia tudo e voltava para buscar mais encomendas.

Em um domingo chuvoso, Josie e Louella chapinhavam pelas ruas sujas, rumo à cozinha. Domingo elas não trabalhavam, mas aquele era um dia especial. Louella faria bolos e tortas para degustação. Josie as levaria aos restaurantes mais finos da Vieux Carré. Planejou usar o melhor vestido para falar com os empresários. Se um deles resolvesse fazer encomendas, com certeza outros o imitariam.

Assim que a chuva passou, Josie saiu com a cesta de amostras bem coberta. No primeiro estabelecimento, L^e Petit Jardin, o dono, um grandalhão com o colete manchado, devorou os bolos, mas garantiu que não precisava de seus serviços de confeitaria. O gerente encarregado do LaPêche d'Or comeu o bolo de creme e lambeu os dedos.

— Excelente, mademoiselle. Porém minha freguesia logo deixará New Orleans. Quem pode, fugirá antes do calor e do miasma venenoso nos atingir.

— Ora, mas deve haver pessoas que vem para cá a negócios nos meses de verão.

— Mas não é o suficiente para dar lucro. Creio que fecharemos as portas até o outono. Se quiser procurar-me em setembro, poderemos conversar.

Recomeçava a chover. Josie ainda tinha uma terceira camada de amostras na cesta. Tentaria mais um restaurante antes de voltar para casa.

Entrou pela porta lateral do L^es Trois Frères e escutou conversas. Prosseguiu pelo corredor. De costas, um homem alto, elegante e de cabelos negros. Um homem mais baixo, de colete e em mangas de camisa, segurava uma garrafa de vinho contra a luz.

—Concordo, mon ami, que tem uma bela tonalidade. Parece a cor dos cabelos de uma sueca. — O de pequena estatura viu Josie entrar. — Pois não, mademoiselle!

— Monsieur é o proprietário?

O homem alto virou-se e Josephine ficou aturdida. Phanor DeBlieux mostrou-se tão surpreso quanto ela.

— Josephine?

Da última vez em que o vira, ela fora arrogante e dura. Por que ele ajudara Remy a escapar e por que beijara Marguerite. Mas ela agira de modo muito pior. Ele saberia o que ela fizera a Cleo?

—Bonjour, Phanor.—Ela não conseguiu disfarçar o tremor da voz. —Fico feliz por vê-lo bem disposto.

—Cleo me disse que você estava na cidade. Ele sabia! E deveria desprezá-la por todos os erros cometidos. Fitou os sapatos e as manchas de lama no piso brilhante.

— Se está procurando o dono, apresento-lhe mon ami, Jean Paul Roquier. Jean Paul, mademoiselle Josephine Tassin.

Josie desejou fugir, mas os pés estavam colados no chão.

— Em que posso ajudá-la, mademoiselle!

Josie engoliu em seco e levantou o guardanapo que cobria os quitutes.

— Monsieur gostaria de experimentar um bolo de coco?

— Avec plaisir. — Jean Paul degustou o doce com meneios positivos de cabeça. — Delicioso. Mademoiselle foi quem o fez?

— Não, mas são de minha cozinha. Se quiser, poderemos fazer todas as sobremesas de seu restaurante.

Jean Paul era esperto e notou a perturbação do amigo e da jovem. Lambeu os dedos e imaginou quais laços ligariam os dois jovens.

— Então mademoiselle é amiga de mon ami!

— Monsieur DeBlieux e eu... somos da mesma região.

— Ah, então não se trata mais daquela adorável irlandesa. Phanor, você nunca me falou a respeito de mademoiselle Josephine.

— Não é o que está imaginando, Jean Paul.

— Então devo fazer negócios com ela? Mademoiselle conta com sua recomendação?

Phanor demorou em responder.

— Ela é uma boa pessoa.

— Merci, Phanor — ela sussurrou. Phanor pegou o chapéu.

— Preciso ir, tenho um compromisso. — Fitou Josie, fez um aceno e saiu.

Ela não se importou com a saída brusca. Estava feliz. Phanor soubera do ocorrido e a perdoara. Sorriu através das lágrimas. Jean Paul ofereceu-lhe uma cadeira.

— Sente-se, chérie. Vamos tomar uma taça de vinho. Este é um delicioso Sauvignon, como promete o matiz dourado.

Jean Paul deixou-a à vontade e inteirou-se das duas cozinhas e da terceira em projeto.

— Mademoiselle é uma verdadeira mulher de negócios. Estou disposto a acreditar que o seu lado do rio produz mentes atiladas. Phanor irá longe e agora me aparece uma bela jovem tão determinada quanto ele. — Ergueu a taça. — A seu sucesso,

— Vai comparar os bolos de mim?

— Vou fazer-lhe uma proposta. Se ficar com a terceira confeitaria pronta em setembro, serei seu primeiro cliente. O bolo de coco será o mais pedido.

Josie deixou o restaurante sob uma chuva fina. Levantou a cabeça e deixou a garoa lavar-lhe as lágrimas. Ela passara tanto tempo desprezando a si mesma e Phanor a perdoara. Dissera que ela era uma boa pessoa.

Com o coração renovado, passou a enfrentar os dias com vigor ainda mais elevado. Dirigia as duas cozinhas e planejava a terceira. Escrevia cartas para a avó contando detalhes de suas atividades comerciais. Não esquecia dos trechos divertidos. Os pretensos conselhos absurdos de Moncrieff e cenas de New Orleans que damas como a avó jamais veriam. Contou que vira Phanor e que ele estava prosperando.

Não irei para o verão. Mas não se preocupe, vovó. Nós, creole, temos grande resistência ao miasma. Os americanos é que estão em risco. Tenho de ficar aqui. As pessoas que compram minhas tonas não saem da cidade no verão. O trabalho prossegue normalmente e elas continuarão a gastar na minha confeitaria.

Lamentou não ter resposta da avó. Naquela altura, somente o sr. Gale sabia escrever em Toulouse. E ele certamente não a entenderia. Tratou de abafar as saudades de casa e escreveu outra carta. Dessa vez para o capataz. Eles se correspondiam com regularidade. O sr. Gale fazia relatórios animadores a respeito de Toulouse. Era uma grande bênção contar com um homem tão fiel para cuidar da propriedade.

Nas semanas que se seguiram ao último encontro com Phanor, pensou em encontrá-lo em cada esquina e até mesmo em seu balcão. Na missa, olhava para os lados e para trás, à procura dele. Mantinha conversas imaginárias com o amigo. Phanor sumira. Dizia para si mesma que o perdão dele fora suficiente, mas continuava a ansiar por sua presença.

A Páscoa ficou para trás e o calor aumentou. Os privilegiados que podiam permitir-se procuravam lugares mais agradáveis, como por exemplo os balneários nos lagos.

Entretanto, a suposição de Josie fora correta. Os homens e as mulheres que trabalhavam nas regiões mais modestas da cidade, a sua clientela, não tinham para onde ir. O carregamento e o desembarque de mercadorias continuava. Josie, Louella, Molly e Kathleen mantinham as duas cozinhas funcionando, apesar do grande número de moscas e do mau cheiro exacerbado do rio.

Josie abriu mais janelas nas laterais das cozinhas para amenizar o calor. Louella forrou-as com gaze grosseira de algodão. Pelo menos as moscas não viriam atormentá-las nem se banquetear. As quatro cozinheiras, assim como a maioria das pessoas que haviam ficado em New Orleans, terminavam o trabalho antes do entardecer. iam para casa e se escondiam do perigoso miasma da noite.

Depois de sofrer por noites abafadas dentro do quarto sem ventilação, decidiram arriscar-se a tomar um pouco de ar. Abriram a veneziana e cobriram a janela com uma camada dupla de gaze. Tentaram dormir na cama ensopada de suor. Acordaram suadas e irritadas.

— Acho que vou dormir na beira do rio, mademoiselle — Louella declarou. — Muitas pessoas fazem isso para se refrescar com a brisa. Vou me enrolar em um mosqueteiro para tentar dormir.

— Vai se arriscar a pegar a febre amarela se dormir toda a noite fora.

— Acho isso uma bobagem. A gente respira o mesmo ar dentro de casa ou fora dela.

— Por favor, Louella. É muito perigoso.

A criada teve de concordar e continuou a virar-se de um lado a outro durante a noite.

Todos os anos, New Orleans pagava seu tributo à febre amarela. Clamava-se por maior limpeza, melhor inspeção dos navios vindos das Índias Ocidentais, quarentenas rigorosas. Mesmo assim, a febre misteriosa continuava a fazer vítimas. Os novos habitantes do rio — americanos, irlandeses e os recém-vindos franceses eram os mais atingidos. O fato deixava Josie mais tranqüila quanto a si mesma e a Louella. Mesmo assim, a população da parte alta do rio acusava os barcos a vapor de trazer a doença para eles. As propriedades não eram totalmente imunes.

Naquele amanhecer na ida para a confeitaria, Josie viu um corpo estendido na sarjeta. O rosto amarelado do homem estava sujo de sangue e vômito negro manchava-lhe a camisa. Josie fez o sinal da cruz e correu no restante do trajeto. A febre amarela chegara. Preocupou-se com Molly e Kathleen. Ela as avisara a respeito do perigo do ar noturno, mas sabia que elas trabalhavam nas tavernas para ganhar mais alguns trocados servindo mesas. Contou-lhes sobre o morto da sarjeta e insistiu para elas ficarem em casa depois do entardecer.

A carroça dos defuntos começou a chocalhar pelas ruas logo depois do incidente.

— Tragam seus mortos! — o coveiro gritava.

As famílias abriam suas portas e entregavam os seres amados envoltos em lençóis sujos. O carroceiro, sem dentes, imundo e bêbado, jogava os defuntos na carreta sobre o monturo e prosseguia viagem. Depois de ver mais uma vítima inchada na sarjeta, Josie foi para a igreja antes de ir para o trabalho. Comprou algumas velas para acender diante da estátua da Virgem Maria. Ajoelhou-se e rezou.

Na cozinha, Josie arregaçou as mangas e começou a descascar maçãs. Um mosquito entrou com a brisa e pousou em sua mão. Ela o afastou. Mas o inseto picou o braço de Kathleen que não pôde livrar-se dele por que segurava uma assadeira quente com pernil assado.

Três dias mais tarde, Kathleen não veio trabalhar. Dois dias depois, morreu.

Capítulo XV

- Cleo, mas que tolice — Chamard repreendeu-a. — Você e Gabriel ficarão muito mais seguros no lago de que em New Orleans.

— Somos nativos, Temos proteção natural. Também não posso abandonar Jean Paul agora. Sou a única cantora que ficou para o verão.

Aquela discussão era antiga. Por mais que ansiasse por Chamard, Cleo recusava-se a ser sustentada por ele. Pagava o aluguel de sua pequena casa onde vivia com Gabriel e a babá.

— Ficarei no Hotel Milneburgh o mês inteiro. Se mudar de idéia, virei buscá-la de carruagem. — Bertrand acariciou-lhe a nuca. — Prometa-me que pensará nisso.

Mesmo naquele calor pesado e úmido, Cleo estremeceu ao ser tocada por Chamard. Os últimos meses ao lado dele tinham sido alegres e serenos. Perguntou a si mesma se o amava. Os sentimentos por ele eram diferentes dos que dedicava a Remy. Remy fora doce, orgulhoso, vulnerável e precisava dela. Ansiara por cuidar dele até o fim da vida. Com Chamard era o inverso. Ele queria tomar conta de Cleo. Mas ela não se convencia de que precisassem um do outro.

Tornaram á fazer amor. Somente depois de uma hora ele se vestiu para regressar ao lago Pontchartrain.

— Voltarei em uma semana — ele disse. — Não poderei ficar afastado de você mais do que isso.

Cleo arrumou o colarinho de Bertrand.

— Gabriel está acordado. Escutou o barulho? Chamard abriu a porta do quarto do filho e espiou. O garoto estava com um pé sobre a grade de proteção do berço, sem deixar dúvida quanto às suas intenções de escape.

— Ah, então o rapazinho pretendia fugir, não é? Gabriel sorriu e tirou o pé. Esticou os braços para cima e fitou o pai.

— Cima... cima.

— Escutou, Cleo? Ele disse cima. Venha, meu garoto. Papai o salvará.

Passou mais meia hora brincando com Gabriel. Beijou Cleo e insistiu.

— Não esqueça dos mosqueteiros. E use o véu quando sair à rua de noite.

— Prometo fazer tudo direitinho. — Ela estava na porta com Gabriel no colo. Apontou o garanhão de Bertrand. — Viu o cavalo grande do papai?

Chamard pulou na sela e perturbou uma nuvem de mosquitos que aproveitava a sombra. Assustou-os batendo o chapéu. Acenou um adeus para Cleo e o filho.

Cleo entrou e matou um mosquito na nuca.

As ruas de New Orleans estavam quase desertas ao meio-dia quando Phanor atravessou a cidade para ir até o chalé de Cleo. Jean Paul pedira-lhe para avisá-la de que o restaurante ficaria fechado até passar a epidemia de febre amarela.

Phanor passou pelo hospital. Corpos enfileirados à espera da carroça funerária, gemidos de pacientes febris e enlouquecidos, cheiro de morte. Cobriu o nariz com o lenço e esporeou o cavalo.

Escutou os gritos de Gabriel a uma quadra de distância da casa de Cleo.

Coitado de Gabriel. Cleo deve estar querendo que ele durma sem vontade. Se ela me permitir, levarei o garoto para um passeio.

Phanor amarrou o cavalo e achou estranho o choro desesperado de Gabriel. Bateu

na porta e não esperou resposta. Abriu-a. Cleo jazia na cama, quase inconsciente, ardia em febre. Phanor foi até o outro quarto. Gabriel encontrava-se em pé no berço, vermelho de tanto chorar.

— Pronto, Gabe. Psiu. Tudo dará certo. — Afastou o mosquiteiro e levantou Gabriel.

A roupa do garoto estava molhada e suja. Ele chorara tanto que estava sem lágrimas. Phanor acariciou-lhe as costas.

— Quietinho, meu menino. Tudo dará certo.

Assim que Gabriel se acalmou, Phanor tirou-lhe as roupas sujas, levou-o até o poço e lavou-o com um balde. Deu-lhe água para beber. Achou um pêssego e um côdea de pão.

— Veja, garotão. Coma tudo, enquanto vou ver sua mãe. Deixou Gabriel no chão com a caneca de água e o pêssego e foi até o outro quarto. Cleo o espiava através do olhar semi-cerrado, sem reconhecê-lo. Olhos vermelhos, pele amarela, quente e seca. Phanor tirou-lhe a blusa e a fez tomar água. Lavou-a com um esponja e voltou a forçá-la a beber.

Ele amaldiçoou a babá. Na certa fugira ao ver os primeiros sintomas da febre em Cleo. Como pudera ter abandonado uma criança naquelas condições?

Se eu a encontrar de novo...

Gabriel entrou no quarto engatinhando, com a barriga suja de sumo de pêssego. Parou diante de Phanor e olhou para Cleo.

— Mamãe — balbuciou e foi até a cama. Phanor levantou-o no ombro.

— Viu só? Mamãe está dormindo. Quer outro pêssego? Deve estar com fome, não é?

Depois de Gabriel comer, foram para o quintal. Phanor encontrou uma bola de pano e deu-a para o menino brincar.

Nesse intervalo, Cleo vomitara com a cabeça pendurada para fora da cama e os cabelos escondendo o rosto amarelo. Phanor deitou-a e recuou ao ver os fios de sangue escorrendo de cada olho e do nariz.

— Phanor?

Ele engoliu em seco. O mau cheiro e a visão do sangue quase o fizeram perder os sentidos.

— Estou aqui.

— Graças a Deus. — Cleo fechou os olhos.

Seria sensato chamar um médico para fazer uma sangria ou usar ampolas vesicantes. Alguns diziam que os clisteres tiravam todo veneno do corpo. Phanor limpou a sujeira e lavou Cleo novamente.

— Escute, Cleo. Vou buscar um médico e levarei Gabriel comigo. Não demorarei.

Ela olhava sem ver. Phanor embrulhou o garoto em um cueiro improvisado, saiu e montou com Gabriel no colo.

Não pretendia levar o menino ao hospital. Teria de deixá-lo com Josie. Ao contrário de Cleo, não temia nenhuma atitude intempestiva de Josie. O menino seria bem cuidado.

Prosseguiu pelas ruas lamacentas, segurando Gabriel em um braço. O sol inclemente o fez lamentar o chapéu que esquecera na casa de Cleo. Impaciente, Gabriel se contorcia. Phanor cobriu a cabeça do menino com um lenço. Mas, ele tanto fez que acabou perdendo o pano.

Phanor conhecia as duas confeitarias de Josie. Ela dera a localização para Jean Paul. Passara duas vezes em frente, mas não tivera coragem de entrar. Na primeira vez, antes da febre chegar à cidade, nem pudera ver se Josie estava dentro, tamanha a aglomeração de fregueses nos dois balcões.

Na segunda, a viu perfeitamente. As pessoas, temerosas da febre, quase não saíam de casa. No balcão, apenas um homem.

Escondido atrás de um carvalho, a observara durante algum tempo. Os cabelos mal cabiam na touca branca. Mechas desgrenhadas colavam-se nas faces coradas por causa do calor. Apesar de bem mais magra, estava com ótima aparência.

Phanor conduziu o cavalo para a cozinha mais próxima das docas. Não havia ninguém nas ruas. A janela do balcão e a porta estavam abertas. Apeou, segurando Gabriel e espiou.

— Josie?

Ela estava sentada junto à mesa de trabalho.

— Phanor! — Josie levantou-se e pegou o menino nos braços. — É Gabriel?

— Preciso tirá-lo do sol. Podemos entrar?

Josie apontou o banco para Phanor e ofereceu-lhes água. Gabriel quis pegar o copo, molhou-se e deu risada.

Ela não conseguia desfrutar o garoto. Crescido, lindo, segurando o copo nas mãos. Quanto tempo se passara...

— Cleo está com febre — Phanor explicou.

Josie deu um grito sufocado. Conhecia os efeitos da febre amarela que levava Molly logo depois de Kathleen. Ela cuidara da pobre Molly até os últimos momentos. Fora terrível.

— Josie, nem todo mundo morre por causa da febre. Cleo poderá curar-se. Mas será preciso que você tome conta de Gabriel.

— Phanor, Cleo não quer...

— Estou lhe pedindo, não Cleo.

— Está bem. Cuidarei do menino. — Gabriel puxou-lhe o polegar e enfiou-o na boca.

— Será que ele não está com fome?

— Então estamos no lugar certo. — Josie deu uma pequena torta de pêssegos para o garoto.

Enquanto Gabriel se entrelinha com o petisco, Phanor levantou-se.

— Verei se encontro um médico. Voltarei assim que Cleo estiver melhor.

— Onde ela mora?

— Na rue Noisette, no final da Dauphine. É um chalé que tem um caquizeiro na frente. Será melhor não ir lá. Cuidarei dela, confie em mim.

Phanor montou e lamentou novamente a falta do chapéu. Percorreu as ruas desertas envoltas em atmosfera quente e estagnada. Aqui e ali, fogueiras onde se viam ossos, peles, cascos e chifres.

Amarrou a égua em uma sombra diante do hospital e passou pelo portão. Estremeceu diante da quantidade de corpos estendidos no pátio para serem embrulhados. Moscas e ratos abundavam. Deu a volta e entrou pelos fundos.

Dentro, um verdadeiro caos. Lícitos toscos lotados de homens e mulheres. No piso de tábuas, mais doentes agonizantes.

Apenas três enfermeiras, com esgotamento visível, atendiam a multidão de enfermos. Em uma das enfermarias, um homem mal era contido em meio a uma crise febril. Outros gritavam e olhos amarelos pareciam saltar das órbitas.

Phanor virou o rosto e aproximou-se de uma enfermeira branca que lavava uma criança com água e vinagre. A mulher olhou-o com profundo desânimo.

— Preciso de um médico — ele disse. Ela se espantou.

— O senhor não...

— Minha amiga está com a febre. E tem urgência em ser atendida.

— Para que se faça uma sangria ou se use ampolas nas costas?

— Não sei. Ela está doente e precisa de um médico.

— Faça o mesmo que estou fazendo com essa pobre criança. Mantenha-a limpa e procure abaixar a temperatura com panos molhados frios. Dê-lhe água para beber e reze.

Phanor olhou ao redor e não viu nenhum médico. Os dois únicos homens saudáveis era os que levavam os corpos para o pátio. As três enfermeiras abnegadas lutavam sozinhas.

— Onde estão os médicos?

— Atendendo os pacientes ricos que não têm maiores chances de sobreviver de que esta infeliz criança. Vi homens finos serem sangrados até a morte. Médicos não resolvem nada. — Ela tirou um pequeno embrulho com cheiro de cânfora semelhante ao que usava preso no corpete. — Para o cuidador, não para a doente. Use-o no pescoço. — Esquecida de Phanor, deu água para o garoto.

Ele saiu. No pátio, um mulato alto gritava para que tirassem os gatos e os cachorros do local. Um serviçal resmungou mas atendeu às ordens. O outro devia ser um médico. Ouvira contar que havia médicos negros na cidade.

— S'il vous plait, monsieur é médico?

— Oui.

— Minha amiga adoeceu. O senhor poderia vir comigo? Ela mora a poucos minutos daqui.

— Ela está com a febre amarela?

— Sim.

— Monsieur viu aqueles doentes todos lá dentro. Não poderei ausentar-me.

— Mas o senhor poderia sangrá-la... O médico sacudiu a cabeça.

— Não farei mais sangria em pacientes com a febre. De nada adiantará. — Pôs a mão no braço de Phanor. — Experimente uma bacia com cebolas cortadas perto da cama. Mantenha-a limpa e dê-lhe muita água. A vida dela está nas mãos de Deus.

Josie fez uma fralda para Gabriel com um pano limpo de pratos. Sentada no banco com ele no colo, acalentou-o até ele dormir. Era lindo, parecido com a mãe e o pai. Por mais que gostasse dele, não era seu filho. Orou para a Virgem conceder-lhe um filho, mas antes um marido.

Deitou Gabriel em um catre feito com aventais empilhados. Limpou a cinza das grelhas, embrulhou as tortas restantes e fechou as venezianas. Vestiu uma touca na cabeça de Gabriel, trancou a loja, pegou a cesta e saiu no sol. Em poucos minutos, sentiu-se exausta por causa do calor e do peso. Embora a outra cozinha distasse menos de oitocentos metros da primeira, imaginou que não chegaria.

Louella estava com as janelas e a porta abertas. Cochilava perto do balcão, perto das tortas cobertas com um pano. Nenhum freguês, apesar do cheiro convidativo de maçã e canela.

Josie deitou Gabriel e desatou a touca enorme para ele. Cobriu-o com um pedaço de gaze de algodão e limpou-lhe a testa com um pano úmido. Ele continuou a dormir. Louella acordou e espreguiçou-se.

— O que foi que houve, mademoiselle!

— Veja. — saiu da frente. — É Gabriel.

— Santo Deus! Onde está Cleo?

Josie contou o que acontecera e explicou a Louella que fechariam a segunda cozinha durante o verão. A febre grassava e muitos navios estavam de quarentena no rio. Diante do movimento pequeno seria um desperdício acender dois fornos.

— Louella, vou para a casa de Cleo. Phanor não poderá fazer tudo sozinho.

— Pode ir. Eu e Gabriel ficaremos bem.

Antes de sair, bebeu dois copos com água. Embalou algumas frutas e água fresca. Umedeceu a gola e as mangas do vestido. Saiu com destino a rue Noisette.

Caminhou muito até encontrar a casa. Apesar de ter bebido a garrafa toda de água, sentia a garganta seca.

O cavalo de Phanor abanava a cauda sob a sombra da árvore onde fora amarrado.

Antes de entrar, Josie tirou a touca e procurou o poço. Puxou o balde, molhou o lenço e passou-o no rosto, na nuca e entre os seios.

Aliviada, levantou a cabeça. Phanor a observava em pé na porta dos fundos. O olhar intenso deixou-a novamente com calor.

Para disfarçar o embaraço, apanhou a touca do chão, surpresa com a própria ansiedade e com a expressão de Phanor. Virou-se de costas. Abotoou o corpete e arrumou o tecido molhado. Foi até a porta.

— Gabriel está com Louella.

Phanor anuiu e deu-lhe passagem. As janelas da pequena casa estavam abertas e a casa fora ventilada. Na sala, um sofá e uma poltrona amarelo-limão. Uma mesa de mogno que conhecera melhores dias. No quarto menor, um berço de carvalho entalhado e um cortinado de gaze. A pintura era clara. No chão, brinquedos e um caroço de pêssago.

— Venha. Ela se acalmou um pouco.

Eles entraram no quarto. Apesar de ter cuidado de Molly, a tez amarelada de Cleo deixou-a chocada. Apalpou a testa. Quente mas, não suada.

— Ela precisa beber muita água.

— Não sei se conseguiremos acordá-la.

— Não importa.

Phanor sentou-se na cama e segurou a cabeça de Cleo, enquanto Josie deitava água às colheradas na boca da enferma. Josie tirou o travesseiro que aumentava o calor. Banhou a testa e o pescoço de Cleo com a água envinagrada que Phanor preparara. Lavou-lhe os braços e o colo.

— Não achei que você viesse — Phanor declarou, encostado no batente da porta.

— Ela é minha irmã — Josie fitou-o e deu um suspiro profundo. — Acha que ela me perdoou?

— Chamard tem vindo aqui. Você pode perdoá-la?

— Ele vem aqui? — Josie ficou-se imóvel.

— Creio que ele a ama. E também ao filho.

Josie sofrerá muito ao pensar nos beijos de Bertrand e nas traições dele. Mas a nova notícia lhe trouxe um impacto menos doloroso. A vida se encarregara de modificá-la. Já não era a mesma mulher de dois anos atrás. Lamentava o que fizera naquele dia horrível e a ansiedade por Bertrand amainara. Ou melhor, sumira.

Cleo segue os passos da mãe. Ama um homem branco que jamais lhe pertencerá. Ainda bem que não estou fazendo o papel de minha mãe. Pobre Abigail.

Josie reparou em três vestidos pendurados em cabides na parede. Um era de veludo vermelho, outro de seda azul e o terceiro de cetim cor-de-bronze e rendas. Vestidos finos, caros e elegantes.

Phanor seguiu-lhe o olhar.

— Cleo canta para se sustentar. No Lês Trois Frères, onde nós nos encontramos naquele domingo. Esta casa é dela. Cleo paga o aluguel com o próprio dinheiro.

— Então ela é livre de verdade.

Durante dois dias, Cleo gemeu e suou, delirando de febre. Josie e Phanor se desvelaram. Faziam-na beber água. Faziam compressas frias na cabeça quente. Banhavam seu corpo com água e vinagre. Queimaram as cebolas velhas e puseram novas. E, sobretudo, rezaram.

Na madrugada do terceiro dia, Josie foi ajudar Louella. Teria de voltar na hora do almoço para Phanor ir trabalhar.

A cem metros da confeitaria, escutou os gritos de Gabriel. Correu e entrou. Louella ajustava o assado junto da fôrnia. Gabriel, sentado no chão, estava preso na perna da mesa pelo camisão.

— Louella! — Josie correu para soltar Gabriel e segurou-o no colo. — Pronto,

coração. Tudo bem, tudo bem.

— Mademoiselle, vai acabar estragando o garoto com tantos mimos. Se ele não ficar preso, vai tropeçar, machucar-se ou mesmo queimar-se.

— Ficarei com ele no colo.

— Acha que poderá cortar pêssegos sem que uma criança mexa em tudo?

Josie partiu as metades dos frutos e fatiou-as. Misturou açúcar e canela, sem permitir a Gabriel brincar com a faca. Ele comeu pêssegos e sujou-se. Quando o recheio das tortas ficou pronto, Josie e Gabriel estavam imundos.

Enquanto trabalhavam, descreveu o que se passava com Cleo e suas reações. Contou o que estavam fazendo por ela e o que o médico dissera para Phanor.

— Bem, com ou sem sangria, Cleo está nas mãos de Deus. Gabriel queria andar. Josie deu-lhe dois dedos para segurar e levou-o a um passeio pela cozinha. Afinal ele se soltou. E com um sorriso, foi do banco para a cadeira e de novo para os braços de Josie.

— Isso mesmo — Louella aprovou a brincadeira. — Ele ficará cansado e dormirá logo. Assim poderei terminar as tortas.

Josie despediu-se de Gabriel com um beijo e amarrou o toucado. Lamentou pela enésima vez não ter trazido a sombrinha para New Orleans. O sol era terrível e a chuva da noite anterior servira apenas para aumentar o mormaço. Resolveu pegar um atalho para chegar mais depressa à casa de Cleo.

O trajeto passava pelo cemitério dos pobres. Não havia criptas. Apenas lama e água mal-cheirosa. Os mortos trazidos pelas carroças vinham embrulhados em lençóis. Não eram raros os caixões que flutuavam nas covas e às vezes ultrapassavam as beiras. Escutava-se ao longe o zumbido das moscas que sobrevoavam o local. Um espetáculo dantesco. Josie tampou o nariz com o lenço e apressou-se.

Quando chegou à casa de Cleo, o cheiro e a visão da morte deixaram-na apavorada. Irrompeu porta adentro e assustou Phanor que se abanava com uma folha de palmeira. Correu para o quarto.

Ajoelhado, Bertrand Chamard abraçava a cintura de Cleo e apoiava a cabeça de seu lado.

Phanor aproximou-se por trás e pôs a mão no ombro de Josie.

— Ela morreu — Josie murmurou.

— Não. Seu estado continua inalterado. Venha comigo. Phanor sentou-a no sofá amarelo e segurou-lhe a mão.

— Você está bem?

— Sim. Apenas um pouco assustada. — Limpou as lágrimas. — Há quanto tempo ele está aqui?

— Chegou há quinze minutos.

— Quando o médico voltará? — Chamard apareceu na porta, pálido e com os olhos vermelhos.

— Não há médicos disponíveis. Estamos fazendo o que um deles me aconselhou.

— Phanor me disse que você está com meu filho, Josephine. Obrigado. — Pôs o chapéu. — Vou buscar um médico.

Josie continuou a vigília ao lado de Cleo. Depois de uma hora, Bertrand voltou com um clínico de semblante cansado e aspecto confiável.

Ele se inclinou para examinar a doente. Ela abriu os olhos e gritou, agitada.

— Cleo, querida, fique quieta — Chamard acalmou-a. — Ele é um médico.

O clínico afastou o cesto com cebolas com mau humor.

— Que absurdo é esse? — Pediu uma bacia, tirou um bisturi da maleta, limpou-o com o lenço de bolso e fez uma pequena incisão na veia azul da parte interna do cotovelo.

Os três homens e Josie fitaram, hipnotizados, o filete vermelho que escorria na

bacia. Quando o volume atingiu meio litro, o médico apertou a ponta do polegar no ferimento para estancar a sangradura. Fez um curativo e guardou seus pertences.

— Por enquanto é só, Chamard. Se ela piorar, aplicarei as ventosas. — Fitou Josie. — Faça compressas frias para não deixar a febre subir com demasia. — Despediu-se e saiu.

Cleo gemeu e tentou levantar-se. Chamard sentou-se na cama e segurou-a nos braços. Afastou-lhe os cabelos e beijou-lhe a nuca.

— Meu amor — ele murmurou.

Cleo recostou a cabeça em seu peito e fechou os olhos.

Em meados de outubro, o tempo quente despediu-se. O vento frio secou as poças de lama e afastou os mosquitos. O mau cheiro foi esquecido. Os fazendeiros do alto Mississippi voltavam para New Orleans.

A febre amarela causara estragos e fora embora. Estavam livres dela pelo menos até o próximo verão. Os navios de quarentena puderam atracar. Homens musculosos e suados descarregavam cetins e sedas chineses, vinhos e pianos da França. O aroma de café torrado chegava às confeitarias de Josie onde mais uma vez os homens se aglomeravam logo cedo para fazer o desjejum.

Louella ficou na primeira cozinha e Josie, na filial. Treinaram quatro jovens para tomar conta das duas lojas e mais uma para ajudar Louella na nova confeitaria. Josie esperava entregar em uma semana a primeira fornada de bolos de creme para Lês Trois Frères. Phanor lhe apresentara aos responsáveis por outros restaurantes. Ela esperava uma temporada lucrativa.

Depois do burburinho do horário de almoço, pendurou o avental em um gancho e preparou um cesto com provisões.

— Maria — falou com a nova contratada —, quando for ao mercado, compre cebolas.

— Si, senhorita. Pode deixar por minha conta. Josie despediu-se e foi para a casa de Cleo.

Do outro lado da cidade, Cleo mirava-se em um espelho, recostada em travesseiros. Ainda apresentava pele amarelada e admirava-se como Bertrand continuava interessado nela. Ele não se cansava de cavalgar de Cherleu até a cidade só para vê-la.

Escutou a porta dos fundos ser aberta e a voz de Thérèse, a jovem que Bertrand insistira em contratar.

— Que cesta enorme, mademoiselle. Permita-me segurá-la.

Cleo pensou que Josie conseguira superar os maus momentos, até mesmo a traição de Bertrand. E parecia mais feliz, com o assédio constante de Phanor.

— Quero ver esse novo dente, Gabriel. Mas que homenzinho! Ele fez muitas artes hoje?

— Está irritado. O dente que está nascendo o deixa amuado. Passei um pouco de terebintina, mas ele não gosta.

— E a mãe dele?

— Ficou um pouco aqui fora e voltou para a cama. Creio que deve estar dormindo.

— Estou acordada — Cleo chamou e deitou-se em um dos cotovelos.

Josie entrou, com Gabriel apoiado no quadril.

— Como está se sentindo?

— Bem, exceto que estou parecendo um espantalho amarelo e esquelético.

— Thérèse fará com que engorde.

— E quanto tempo ainda ficarei com essa cor horrível? Já estou doente a dezoito dias.

— Bobagem, Cleo. Já está com aspecto bem melhor.

— Obrigada.

Josie deixou Gabriel no chão e ele cambaleou atrás da bola. Cleo ofereceu um travesseiro para ela encostar-se na cabeceira.

— Conte-me tudo sobre a nova confeitaria, Josie.

Ela relatou os últimos acontecimentos. A mais nova filial ficaria pronta no final da semana.

— Você e Phanor são dois empresários surpreendentes. Cada um gerindo seu próprio negócio.

— Lembra-se da primeira vez que vimos Phanor? Descalço e com chapéu de palha?

— Acho que nós não nos incomodamos muito com os pés dele.

— Suponho que não. — Josie riu..

— Já o viu hoje?

— Não, por quê?

— Por nada.

— Cleo.

— O que é?

— Pode sentar-se? — Josie levantou-se e Cleo pôs as pernas para fora da cama.

Tirou uma folha de papel dobrado do bolso e entregou-o a

Cleo.

— Do que se trata?

— Leia.

Cleo desdobrou o pergaminho. No alto da página, a estampa oficial do estado da Louisiana. No final a assinatura de Josephine Marie Louise Celine Tassin. O documento atestava que Cleo Tassin, nascida na Fazenda Toulouse no distrito de St. James e seu filho Gabriel tinham sido alforriados.

— Ah, Josie. — ela apertou o documento de encontro ao peito. — Ah, Josie. — Segurou-lhe a mão, comovida.

Josie entregou um lenço para Cleo.

— É para não manchar o pergaminho.

Gabriel voltou para o quarto e subiu no colo da mãe.

—Você é um menino livre, meu filho — Cleo sussurrou-lhe ao ouvido.

Josie levantou-se e enxugou as lágrimas.

— Tenho de voltar. Que tal comer alguma coisa? Eu trouxe uma torta salgada e algumas maçãs.

— Será melhor eu fazer isso. — Cleo assuou o nariz e secou os olhos. — Ninguém vai gostar de uma cantora esquelética que parece um cabide dentro da roupa.

Josie pôs novamente Gabriel no quadril. Estourando de felicidade, Cleo seguiu a família até a cozinha.

Depois do lanche, Josie atravessou a cidade rumo ao seu mais novo empreendimento, a Boulangerie Toulouse. Os dois fornos tinham sido cobertos de argila, as paredes e o piso escovados, e as janelas tinham recebido vidros novos. A nova ajudante, uma irlandesa recém-chegada, cortava coco em tiras. Louella, perto da luz, embainhava toalhas de cozinha feitas de saco de farinha. Josie amarrou o avental na cintura e pegou a bacia com maçãs. Viu uma garrafa de vinho coberta por uma toalha xadrez.

— O que é isso?

— Ah, mademoiselle. — Louella pôs-se na frente da mesa e escondeu a cesta no chão. — Por favor, esqueça que viu isto ou estarei metida em encrenca.

Josie continuou a descascar maçãs, sorrindo. Passou a tarde ajudando Louella. Após algum tempo, abraçou-a pelas costas.

— Louella, eu a amo.

— Sei disso, filha.

Josie endireitou a gola de renda do vestido novo de Louella.

— Esses sapatos são confortáveis?

— Os melhores que uma cozinheira poderia almejar. Você está querendo elogios e tenho muito trabalho pela frente.

Josie abraçou-a e fitou a porta mais uma vez. Continuou a embrulhar os bolos prontos para guardá-los na lata. Nisso Phanor assomou na entrada.

Finalmente.

Josie passou a mão nos cabelos e esperava não estar com o rosto manchado de farinha.

— Monsieur DeBlieüx — cumprimentou-o com voz melíflua e o sorriso afetado das damas da sociedade. — Que agradável surpresa.

— Mademoiselle Tassin. — Phanor fez uma mesura até o chão e entregou-lhe um ramalhete de flores do campo que trazia escondido às costas.

— Adoro flores do campo. — Josie pestanejou, coquete. — Deixe que vou pô-las em um vaso — Louella ofereceu-se. Phanor pegou o cesto que Louella escondera, ofereceu o braço para Josie e levou-a para a rua.

— Vamos fazer um piquenique?

— Talvez.

Atravessaram a Vieux Carré e chegaram a uma rua tranqüila sombreada por carvalhos. Ele abriu o portão de uma casa azul com terraços dos três lados. Um caminho forrado de cascas de ostras conduzia à lateral da casa. Sem largar da mão de Josie, levou-a ao segundo andar.

O sol da tarde de outono iluminava o pequeno apartamento. Na lareira, um pouco de lenha. No chão, um tapete persa. Nenhuma mobília. Apenas o violino no consolo da lareira.

Phanor ajoelhou-se e acendeu a lenha da grelha. Parada no centro da sala, Josie inalava a essência do ambiente. Olhou as janelas de guilhotina. Foi até os outros quartos e voltou para a sala.

— Tudo isso para você? — Josie perguntou.

Phanor inclinou a cabeça e beijou-lhe os lábios com ternura.

— Não necessariamente. Ela abraçou-o pela cintura.

— O que quer dizer com isso?

— Que poderei ser persuadido a repartir o meu canto. Josie ergueu o rosto para ser beijada e Phanor apertou-a | entre os braços.

— Que tipo de persuasão monsieur prefere?, Ele afastou o corpo e tirou do bolso uma pequena caixa de veludo.

— A promessa de usar este anel. Para sempre.

Josie abriu a tampa, admirou a esmeralda e pôs o anel no dedo.

— Prometo.

Phanor segurou-lhe o rosto com as duas mãos e beijou-a com intensidade. Josie sentiu as pernas amolecerem e ele deitou-a no tapete.

— Conheço um padre na outra rua. Levará apenas uma hora. Josie puxou-o pela nuca.

— Não posso esperar uma hora.

Epílogo

Toulouse, Primavera de 1840

Josie teve vontade de beijar Phanor ali mesmo no convés do navio a vapor.

— Você está tão feliz como eu, Phanor?

O sorriso luminoso de Phanor foi a melhor resposta para Josie.

Gabriel andava de um lado a outro, sem se importar com o balanço do grande barco. Cleo seguia-o, com uma correia amarrada na cintura do filho, por medo de ele se soltar de sua mão e correr.

Cansado, o menino levantou os braços para que o erguessem. Josie apressou-se a pegar o sobrinho no colo.

— Não se preocupe. Cleo — Josie ajeitou-o no quadril. — Eu o segurarei com firmeza.

— Como se sente ao voltar para casa, Cleo? — Phanor perguntou.

— Estou muito feliz com a perspectiva de ver o velho Sam, Elbow John e os outros. Não sei como madame Emmeline me receberá.

— Você fugiu por minha culpa — Josie lembrou-a.

— Mesmo assim, ela poderá não querer me ver.

Josie viu o olhar marejado de Cleo e segurou-lhe o braço.

O perfume das magnólias da propriedade à direita do rio chegou a bordo. O gramado fronteiro estendia-se entre as árvores até uma mansão palaciana branca com um terraço curvo sustentado por dois pilares. A residência dos Johnston, onde há muito tempo Josie se apaixonara por Bertrand.

Mais acima, uma nova casa era construída em grande estilo. Na certa era um presente de Albany para a esposa. Josie desejou que sua prima Violette fosse feliz.

Josie escrevera para a avó anunciando a volta, sem mencionar seu casamento. Queria ela mesma ser portadora da notícia e não o sr. Gale, encarregado de ler as cartas para Emmeline. Queria explicar a ela por que se casara com um pobre cajun e não com o rico Albany Johnston.

Com certeza a avó entenderia, pois antecipara a ambição e o potencial de Phanor. Celine, se estivesse viva, ficaria horrorizada.

— Veja. — Phanor cobriu as orelhas de Gabriel por causa do apito forte do barco. Apontou a alameda de carvalhos e a casa amarela com venezianas verdes. — Chegamos, meu rapaz.

Elbow John e Thibault acenavam nas docas de Toulouse, prontos para ajudar no desembarque e para levar a bagagem.

— Thibault! — Cleo gritou. — Vejam como ele cresceu! Cleo foi a primeira a descer. Correu com Gabriel nos braços e agarrou-se ao irmão, chorando.

Thibault desvencilhou-se e sorriu para Gabriel. O menino não titubeou. Atirou-se nos braços do tio Thibault.

Elbow John retraiu-se. Cleo não se parecia com a menina que ele conhecera. Usava um vestido de musselina azul bordado em branco e um toucado azul. Ela se postou na frente do querido e velho amigo e sorriu, comovida.

— Sou eu, John.

— Acho que é mesmo — John abriu os braços para ela. Phanor encarregou-se da bagagem e Josie seguiu Cleo.

— Você Josie — Thibault afirmou, feliz.

— E onde está o beijo para a sua irmã?

— Tenho um montão de beijos para você. Esse menino também é meu?

Josie deu risada.

— Creio que terá de dividi-lo conosco, Thibault. Vamos, Cleo?

Cleo pegou novamente o filho no colo e as duas caminharam em direção à casa-grande. A avó aguardava no terraço, na cadeira de rodas. Ao vê-las, tentou levantar-se e

a custo foi contida por Laurie. Josie correu para ampará-la.

— Estou aqui, vovó. — Segurou-lhe as mãos trêmulas. — Não se levante.

A avó olhou-a, incrédula.

— Sou eu mesma, Josie.

Josie afastou-se e cedeu lugar para Cleo. Emmeline, com o cenho franzido, fitou Gabriel, procurando reconhecê-lo. O menino, desconfiado, encostou-se na mãe e espiou a mulher de face encarquilhada.

— Mile! Mile!

— Ela está dizendo que é Emile — Laurie traduziu.

— Eu sei — Josie afirmou.

Cleo ajoelhou-se ao lado de Emmeline.

— Gabriel, diga como vai, vovó?

O menino murmurou as palavras e permitiu quê a bisavó lhe acariciasse os cabelos negros.

— Mile...

— Vovó, a senhora não cumprimentou Cleo — lembrou-a Josie.

A avó fitou Cleo por alguns instantes. Finalmente reconheceu-a e passou a mão no rosto da neta. Tocou-lhe o alto da cabeça como se a abençoasse. As lágrimas de Cleo molharam a saia da avó.

Cleo levantou-se e limpou os olhos com um lenço. Phanor chegou ao terraço, aproximou-se, sorriu e curvou-se sobre a mão de Emmeline.

A avó pareceu confusa e não o reconheceu.

— Sou Phanor DeBlieux, vovó.

Ela o fitou por alguns minutos. Só então sorriu com a metade do rosto que não estava paralisada.

— Tenho algo para lhe dizer, vovó. — Josie segurou a mão de Phanor.—Phanor e eu estamos casados. Agora sou madame Phanor DeBlieux.

Todos esperaram até Emmeline absorver a notícia.

— Bom — ela balbuciou. — Bom.

Josie e Phanor estavam deitados, escutando o cricrilar dos grilos e o coaxar dos sapos.

— Gosto desta cama. — Phanor enrolou nos dedos uma mecha dos cabelos de Josie.

— É melhor de que a nossa?

— Nesta cama um homem de meu tamanho pode esticar as pernas.

— É nisso que está pensando? Em esticar as pernas?

— E você, no que pensava?

— Se nosso primeiro filho se chamará Phanor Emile Antoine ou Phanor Antoine Emile. Qual a sua opinião?

— Creio que devemos pôr mãos à obra, antes de pensar em um nome.

— Concordo inteiramente.